



CASEI COM UMA FERA

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CASEI COM UMA FERA

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Title Page](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Contents](#)
5. [Casei Com Uma Fera](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Capítulo 14](#)
21. [Capítulo 15](#)
22. [Capítulo 16](#)
23. [Capítulo 17](#)
24. [Capítulo 18](#)
25. [Epílogo](#)
26. [Bayron](#)
27. [Grummoll](#)
28. [Stone Wolf](#)
29. [Vorea](#)
30. [Nharmyth](#)
31. [Atreall](#)
32. [Outros livros de Regine Abel](#)
33. [Sobre o Autor](#)

Casei Com Uma Fera

Agência Prime

Regine Abel

CAPA
Regine Abel

ILUSTRAÇÕES
Vvevelur
Muns
Niklas Cloister

Direitos Autorais © 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução ou distribuição não autorizada deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal e punível por lei. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.

Todo o conteúdo deste livro, a capa do livro e as ilustrações nele contidas foram criadas exclusivamente por um ser humano, sem qualquer assistência de inteligência artificial generativa.

A autora proíbe expressamente qualquer entidade de usar esta publicação ou as ilustrações aqui contidas para fins de treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) para gerar texto ou imagens, incluindo, sem limitação, tecnologias que sejam capazes de gerar obras no mesmo estilo ou gênero desta publicação. A autora reserva todos os direitos de licenciar o uso deste trabalho para treinamento generativo de IA e desenvolvimento de modelos de linguagem de aprendizado de máquina.

Este livro usa linguagem madura e conteúdo sexual explícito. Não se destina a menores de 18 anos.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Epílogo

Outros livros de Regine Abel
Sobre o Autor

Ele é a Fera dos seus sonhos.

Belle rezou pelo dia em que conheceria sua Fera. Como uma orgulhosa amante de monstros, ela se inscreveu na Agência Prime para ter a chance de ser pareada com um alienígena exótico. Aquele com quem ela combinou excedeu suas fantasias mais loucas. Com quatro olhos para vê-la melhor, quatro braços para segurá-la melhor e uma voz estrondosa que enrola os dedos de seus pés, Bayron é a mistura perfeita de personalidade doce polvilhada com uma boa dose de mal humor para fazê-la se derreter.

Bayron não estava procurando uma companheira quando um agente da AP o convenceu a se casar, e ainda por cima com uma humana. Ele ainda está perplexo sobre por que concordou com isso. Comparada a uma mulher Zamoriana, Belle é delicada, perturbadoramente ansiosa e nada parecida com a mulher submissa que ele sempre achou que queria. E, no entanto, sua ousadia, franqueza e entusiasmo eterno despertam nele uma possessividade que não pode ser negada.

Mas à medida que os acontecimentos do seu passado se chocam com o seu futuro, serão eles capazes de superar as suas diferenças culturais ou será que a adversidade os separará?



Dedicatória

Para aqueles que reconhecem que há sempre dois lados da moeda e que abordam os conflitos com a mente aberta. Por mais válida que seja a sua verdade, ela pode não ser a de outra pessoa. Somente se nos comunicarmos honestamente e ouvirmos ativamente poderemos entender de onde vem o outro e encontrar um terreno comum. Se simplesmente dermos uma segunda olhada em uma situação através da visão da outra pessoa, muitas vezes perceberemos o quão erradas estavam nossas suposições.

Para aqueles que não julgam um livro pela capa.



Capítulo 1

Annabelle

Eu me mexi na cadeira confortável e acolchoada da área de espera, pondo fim à minha inquietação. Se não fosse pelos olhares irritados das outras candidatas que dividiam o espaço comigo, eu nem perceberia que estava fazendo isso. Como eu acabei com esses irritantes tiques nervosos? Não faço ideia. Entre bater o pé distraidamente, balançar a perna ou coçar o braço da cadeira, eu praticamente irritei todo mundo.

Deus sabia que não era de propósito. Mas nenhuma palavra poderia descrever o nível insano da minha empolgação atual. O fundador e principal agente da Agência Prime finalmente voltou à Terra. Dizer que eu era fã de Kayog Voln seria um grande eufemismo. Eu vinha acompanhando o trabalho de sua agência de forma ainda mais religiosa do que o crente mais devoto – se não fanático.

Na Terra, você não conseguiria andar dois metros sem esbarrar em alguma agência intergaláctica de encontros. No entanto, havia apenas uma AP. Todas as outras se gabavam de como conseguiam encontrar para nós o companheiro alienígena mais bonito, mais rico e mais adorável. Além disso ser chato, metade dos pareamentos acabava em divórcio. Enquanto isso, a AP não só tinha uma pontuação perfeita para garantir que o casal viveria feliz para sempre, mas também se especializou em emparelhamentos com alienígenas primitivos e muitas vezes “monstruosos”.

E eu era uma orgulhosa amante de monstros.

Os humanos e os outros alienígenas que normalmente visitavam a Terra eram bons o suficiente, mas nem de longe tão exóticos para satisfazer meus gostos incomuns. Francamente, a falta de entusiasmo demonstrada pelas outras mulheres e pelo par de homens na sala não só foi ofensiva para mim, mas também começou a me irritar seriamente. Em suas mentes, eles estavam se *contentando* com um conjunto menor de parceiros por desespero. Os tolos não percebiam o quão incríveis eram os alienígenas primitivos. Quem precisava de um alienígena pomposo e avançado?

Quando a porta do consultório se abriu, meu coração quase saltou

do peito. Eu prendi a respiração, esperando. No entanto, a voz de Kayog ressoou, chamando o nome de uma pessoa diferente. Meus ombros caíram e eu me chutei pelo lugar que escolhi para me sentar, que me impedia de dar uma boa olhada no meu herói. Claro, eu já o tinha visto muitas vezes em fotos, mas ver em carne e osso tinha uma magia única. Se não fosse pelo fato dele já ter um casamento feliz e ter pelo menos o dobro da minha idade, eu não me importaria de flertar com ele.

Embora homens-pássaros não estivessem no topo da minha lista de preferências, eu não os rejeitaria. Temerns como Kayog eram uma espécie bastante atraente. Eles me lembravam uma versão humanoide das aves do paraíso da Terra – não confundir com a flor de mesmo nome – especialmente no caso dele, já que ele tinha as penas douradas combinando, asas marrons e a longa e fofa cauda branca daqueles pássaros. Os outros Temerns vinham em várias cores, sua companheira deslumbrante tinha as mesmas penas brancas com manchas escuras de uma coruja da neve.

Eu ainda não conseguia acreditar que estava a poucos minutos de conhecer Kayog. Com sorte, eu não começaria a gritar como uma estudante, irritando ainda mais os outros candidatos. Os membros de sua espécie eram empatas extremamente poderosos que trabalhavam como moderadores para vários governos planetários e para a maioria das maiores corporações, especialmente a Organização dos Planetas Unidos. Você não poderia enganá-los. Eles sentiriam o momento em que você tivesse más intenções ou que estivesse sendo enganador. Isso também lhes permitia saber sem sombra de dúvida quando duas pessoas eram almas gêmeas.

Uma bufada exasperada me fez perceber que meu pé miserável havia começado a bater novamente. Eu parei, lançando um olhar tímido para a mulher, que não pareceu de forma alguma apaziguada pelo meu sincero pedido de desculpas. Eu dei de ombros e deixei minha mente vagar um pouco mais.

Eu precisava manter minhas expectativas sob controle. Embora os pareamentos de Kayog sempre tenham sido perfeitos, eles não aconteciam necessariamente da noite para o dia. Alguns candidatos esperaram meses, até anos, antes que ele encontrasse a sua alma gêmea. Eu não queria contemplar essa possibilidade.

Eu já perdi duas vezes a visita de Kayog à Terra. Na primeira vez, eu estava fazendo o exame final para obter meu diploma em artes. Apesar dos meus melhores esforços, quando eu finalmente cheguei, ele já havia partido. Na segunda vez, eu me machuquei no wakeboard. Desta vez, eu praticamente me enrolei em plástico bolha e me prendi em casa para ter certeza de que nada me impediria de estar aqui hoje.

Eu me animei quando a porta se abriu novamente, mas desta vez

ampla o suficiente para eu finalmente ter um vislumbre do meu herói assim que a candidata anterior saiu. Seu olhar prateado se concentrou em mim. Meus olhos se arregalaram e meu queixo caiu de descrença quando ele assentiu e gesticulou para que eu fosse.

Eu gritei.

Ele riu enquanto eu quase corri em direção a ele sob os olhares críticos das outras pessoas que esperavam. Eu não poderia me importar menos com elas. Neste exato instante, eu não tinha nada a dizer sobre quem tinha problemas com meu entusiasmo. Eu mal conseguia respirar quando parei na frente dele. Droga, aquele Temern era mais alto do que eu esperava, pelo menos 1,90 contra meus 1,70. Com os olhos arregalados como pires, eu passei por ele quando ele acenou para mim, ainda rindo.

Eu mal prestei atenção à sala bastante árida do escritório da OPU que havia sido colocada à disposição da AP para esta visita. Eu fui direto para a cadeira do outro lado da mesa que servia de escrivaninha e quase me deixei cair nela para me livrar das pernas bambas. Minha reação foi um pouco absurda e bastante embaraçosa, considerando que o Temern podia sentir cada uma das minhas emoções.

Kayog passou pela grande janela à nossa direita enquanto circulava em torno da mesa larga para se sentar à minha frente.

— Olá, Srta....?

— Parker — eu respondi instintivamente — Annabelle Parker.

Mas mesmo enquanto eu falava essas palavras, uma carranca confusa surgiu em minha testa.

Apesar da rigidez de seu bico, eu pude notar visivelmente seu sorriso se ampliar.

— Ainda não era a sua vez, mas a profundidade do seu entusiasmo era forte demais para ser ignorada. Eu mal consegui me concentrar nos outros candidatos. E minha curiosidade tomou conta de mim.

Minhas bochechas estavam à beira de queimar de vergonha — Eu sinto muito! — eu disse, mortificada.

Ele riu e balançou a cabeça — Por favor não fique assim. É muito revigorante ter alguém tão feliz em me ver. Os candidatos muitas vezes ficam deprimidos, abatidos e precisam de muito convencimento.

— Oh, não é necessário convencimento aqui. Você é meu maldito herói! — mais uma vez, eu estremeci quando ele começou a rir, embora não tenha perdido a expressão de timidez em seu rosto — Ugh, como você pode ver, eu tenho poucos filtros e minha boca miserável tende a falar demais.

— Você é absolutamente adorável, Srta. Parker. Mas, por favor, diga-me que posso chamá-la pelo seu primeiro nome. Seria uma honra para mim se você fizesse o mesmo comigo.

— Pode apostar! Kayog... — eu acrescentei com uma risadinha nervosa.

Linhas de sorriso apareceram nas bordas de seus olhos prateados enquanto ele olhava para mim com algo semelhante a diversão paternal. Ele era tão incrível quanto eu esperava que fosse.

— Então, minha querida Annabelle, o que eu posso fazer por você? — ele perguntou, seus dedos voando sobre o teclado à sua frente, sem dúvida para exibir meu arquivo no monitor holográfico levemente à sua direita.

Eu coloquei uma mecha de cabelo nervosamente atrás da orelha antes de colocar as mãos no colo — Bem, eu li tudo sobre você e seus pares perfeitos. E estou orando para que você possa realizar o mesmo milagre por mim.

— Esse é sempre meu objetivo — Kayog disse gentilmente — O que você está procurando?

— Eu gostaria de ter um companheiro feroz: o maior e mais estranho alienígena que você possa encontrar — eu disse, o tom da minha voz aumentando um pouco conforme a empolgação tomava conta — Eu estou falando de escamas, pelagem, até mesmo penas — eu acrescentei, acenando para ele.

Suas sobrancelhas se ergueram em uma mistura de diversão e descrença — Até penas? — ele repetiu.

Eu me encolhi, me sentindo corar mais uma vez — Eu sinto muito, eu não quis dizer isso de forma depreciativa — eu disse timidamente.

— Eu sei — ele disse suavemente — Eu posso sentir suas emoções. Mas continue. Isso é fascinante.

Eu sorri e balancei a cabeça — Tentáculos são legais. Chifres, cauda, garras, o que for. Presas seriam ótimas, especialmente se ele mordesse. Ah, e mal humorado!! Mal humorado é sexy como o inferno. *MAS* ele precisa ser fofinho.

Ele me lançou um olhar ilegível — Mal humorado, mas fofinho? — O tom de sua voz sugeria o fato de que ele me achava bizarra.

E eu era mesmo...

Eu balancei a cabeça — Hum, hum. Super intimidante seria maravilhoso, embora ele deva ser um ursinho de pelúcia comigo. Eu gostaria que ele fosse gentil, mas está tudo bem se ele for um babaca com todos os outros. Ele não precisa ser rico, ter tecnologia avançada ou qualquer coisa material. Contanto que tenhamos um teto sem goteiras sobre nossas cabeças, não morramos de fome e não vivamos em terror, ficaremos bem.

Kayog moveu as asas antes de se recostar no assento, com uma expressão espantada no rosto — Uau, eu gostaria que todos os meus candidatos fossem como você! Você torna tudo muito mais fácil. As mulheres humanas geralmente solicitam exatamente o oposto. O que

me obriga a perguntar: por que você quer um alienígena *estranho*?

— Porque eu sou uma orgulhosa fo... errr amante de monstros — eu disse descaradamente.

— Uma *amante de monstros*?! — ele perguntou, atordoado — Essa é a primeira vez.

Eu sorri — Parece um pouco grosseiro e talvez até pejorativo, mas não foi essa a intenção. Mulheres como eu simplesmente amam o incomum... pelos padrões humanos.

— Eu apoio totalmente as pessoas com mente aberta. Se você quiser ‘*estranho* para os padrões humanos’, eu posso mais do que atender às suas necessidades — Kayog disse com um brilho estranho em seus olhos prateados, colocando instantaneamente todos os meus sentidos em alerta máximo.

Eu estreitei os olhos para ele enquanto seus dedos longos e finos voavam sobre o teclado.

— Você já ouviu falar de um Ogron? — Kayog perguntou, seu olhar colado em seu monitor holográfico enquanto continuava digitando.

— Não — eu respondi, me inclinando para frente com curiosidade.

— Eles definitivamente se enquadram na categoria *incomum*. Eles são pacíficos, muito sociáveis, embora não sejam muito falantes.

Eu fiz uma careta, surpresa com aquele comentário — Social, mas não falante? Isso parece contraditório.

Ele sorriu — Ogrons gostam de estar na presença de outras pessoas, mas não necessariamente para bater papo. Eles têm múltiplas habitações, o que pode ser considerado estranho, pois eles têm poucos descendentes. Eles amam a natureza, boa comida e brincar na água. Eles também têm uma libido muito acentuada.

Meu rosto esquentou e eu me contorci no assento ao ver o sorriso conhecedor que o Temern lançou em minha direção enquanto pronunciava essas palavras. Eu não era uma maníaca sedenta por sexo, mas com o parceiro certo, eu não teria vergonha de saciar meu apetite.

Eu dei de ombros, tentando parecer indiferente, embora minha postura não conseguisse enganar suas habilidades empáticas — Tenho certeza que posso lidar com isso. Mas como eles se parecem? Eu nunca ouvi falar deles.

— Você ficará feliz em saber que eles não se enquadram nos padrões de beleza humanos. Ogrons não têm membros no sentido tradicional, mas eles crescem ou retraem tentáculos instantaneamente conforme necessário.”

Eu me animei ainda mais, um sorriso animado esticando meus lábios — Tentáculos? O que mais?

— Aqui, deixe-me mostrar.

Ele empurrou um projetor holográfico 3D no centro da mesa entre nós e apertou uma tecla no teclado. A imagem de um híbrido profano de um peixe-bolha e de um escargot gigante sem casca se materializou no projetor. Meu queixo caiu de completo horror.

— UMA GOSMA?! — eu exclamei.

Ele inclinou a cabeça para o lado, estudando minhas feições com uma expressão impassível — Embora eu possa ver como você poderia traçar esse paralelo, eles ficariam muito ofendidos se fossem chamados assim. Embora não pareça provável, eles são perfeitamente compatíveis com os humanos. Para o acoplamento, eles desenvolvem apêndices conforme necessário. Eles comem seus alimentos crus por meio de digestão lenta, portanto, seriam necessários arranjos especiais para acomodar suas necessidades nutricionais. A única grande desvantagem – embora temporária – é o odor corporal extremamente forte. Ele é bastante nojento, na verdade. Mas dentro de algumas semanas, seu olfato praticamente desaparecerá, então isso não será mais um problema.

Eu pisquei, incapaz de acreditar no que acabei de ouvir — Isso vai ser uma grande não para mim. Eu... uh... Isso está um pouco além do espectro estranho.

— Certo. Ogrons são realmente difíceis de parear. Vejamos alguém menos extremo em termos de diferenças físicas. Hmm, que tal um Drapus? — ele perguntou, digitando algumas instruções em seu teclado para exibir o novo ser.

Embora aquela nova espécie exótica desconhecida para mim constituísse uma melhoria notável em relação ao Ogron, ainda assim ela era qualificada como um grande não! Desta vez, eu poderia jurar que uma toupeira de nariz estrelado teve um bebê com um canguru roxo com esteroides. Seu peito musculoso era bastante impressionante, mas eu não conseguia me imaginar beijando aquele rosto esquisito.

— Não responda — Kayog disse, digitando mais um pouco — Julgando pela enxurrada de emoções que emanam de você, este pobre Drapus não recebeu sua aprovação. Vamos com algo um pouco mais humanoide na aparência. E esse Xigov?

O Xigov em questão parecia um rato-toupeira bípede com pele amarelada e doente. Eu olhei para seu holograma 3D, sem palavras. Como diabos Kayog estava entendendo tão errado? Eu olhei para ele, incrédula, procurando uma maneira gentil de perguntar se ele fumou algo questionável esta manhã. Mas minha angústia deu lugar ao choque quando eu finalmente percebi o brilho provocador em seus olhos.

— Oh meu Deus! Você está tirando sarro de mim!

— Eu? Eu nunca faria uma coisa dessas! — seu olhar exageradamente inocente o delatou.

— Seu pirralho! Você me convenceu totalmente! — eu disse, sem saber se queria rir ou ficar indignada.

Seus ombros emplumados tremiam com sua risada silenciosa enquanto ele me lançava um olhar meio envergonhado — Ok, talvez eu estivesse brincando com você um pouco. Mas ei, você disse que queria um companheiro o mais estranho possível.

Eu franzi o rosto para ele, o que só o fez rir mais — Certo. Mas dentro do razoável — eu emendei.

— Isso é melhor. Muitas vezes, quando as pessoas expressam os seus desejos, elas dizem o que pensam que querem, mas a realidade não poderia estar mais longe disso. Você deve entender o que realmente deseja. Então me diga, Annabelle, o que você realmente está procurando?

Eu endireitei os ombros, respirei fundo e desta vez pensei seriamente, além da fantasia de amante de monstros. Me envergonhava admitir que, apesar de toda a minha fanfarronice sobre ser fascinada por monstros, no fundo eu ainda queria que ele fosse qualificado como atraente em sua alteridade.

— Eu realmente gostaria de alguém com uma aparência exótica, mas sim, não muito radical. Eu quero um alfa durão, que seja bastante intimidador, e ainda assim que me faça sentir segura e protegida. Eu quero ser a Bela para minha Fera.

— A-há! Agora estamos chegando a algum lugar — Kayog disse com aprovação — Annabelle... aposto que você já foi chamada de Belle ou Bella algumas vezes.

Eu sorri timidamente e balancei a cabeça — Belle é meu apelido.

— Você gosta de ler?

— Sim, mas não tanto quanto ela. Eu sou uma artista. Eu gosto de desenhar e pintar coisas e pessoas incomuns.

Ele inclinou a cabeça para o lado, daquele jeito estranho que os pássaros costumam fazer — Como você se sente em relação ao perigo?

— Depende do que você chama de perigo. Eu adoro coisas emocionantes e pratico vários esportes radicais, embora não os mais insanos. Eu gosto de esportes ‘mais leves’ como zorbing, mergulho, wakeboard, surf, asa delta, paraquedismo e base jumping, e ocasionalmente eu salto de penhascos.

Ele olhou para mim, parecendo genuinamente impressionado — Eu não esperava isso. Mas nada de snowboard ou escalada livre?

Eu balancei a cabeça veementemente — Não! Por mais que eu goste de wakeboard, eu tenho tolerância zero ao frio. Portanto, nada de snowboard ou esqui para mim. A escalada livre sempre me tentou, mas isso destruiria minhas mãos e dedos. Eu preciso que eles sejam totalmente funcionais como artista.

— Justo. Isso significa nada de elementais de gelo ou yetis para

você.

— Existem alienígenas assim? — eu perguntei, genuinamente curiosa.

— Há absolutamente tudo por aí, minha querida.

Eu balancei a cabeça lentamente. Embora eu não me importasse com um yeti fofo para abraçar, eu realmente não queria congelar meu traseiro.

— Mas voltando à sua pergunta, se com perigo você quer dizer coisas como me colocar em uma situação perigosa que exija que eu lute ou algo assim, eu passo, a menos que eu tenha alguém lá para me proteger.

— Tudo bem. Você se casaria com um criminoso?

Eu recuei com aquela mudança repentina — Err... Isso realmente depende do crime que ele cometeu, se ele se reconciliou e se está realmente arrependido.

Ele assentiu, mas não fez mais comentários — Você disse que queria um macho alfa. Você se considera submissa?

Eu pisquei, recebendo a chicotada de mais um golpe — Na verdade não, mas eu gosto de homens dominantes.”

— Você exige muita manutenção?

Eu estreitei meus olhos para ele, mas continuei — Não. Eu nunca fui rica, então nunca desenvolvi gosto pelo luxo. Contanto que eu tenha um lugar quente para chamar de lar, comida suficiente para não passar fome e confortos básicos, eu ficarei bem.

— Que tal viajar para lugares estranhos e afastados?

Desta vez, minha crescente suspeita se enraizou adequadamente — Eu estou bem com isso. Eu sou uma artista. Eu encontrarei inspiração em qualquer lugar. Lugares estranhos só farão os dedos dos pés da minha musa se curvarem. Por que essas perguntas tão específicas? Você tem alguém em mente?

— Na verdade eu tenho!

— Sério?! — Eu exclamei, me endireitando na cadeira antes de lançar-lhe um olhar desconfiado — Você está brincando comigo de novo?

Ele riu e balançou a cabeça — Sem provocações desta vez. Ele não tem escamas, nem chifres, nem pelagem, nem dentes afiados, nem cauda.

Cada uma de suas palavras apagou cada vez mais meu entusiasmo — Ele pelo menos tem penas? — eu perguntei, me agarrando à esperança.

Ele me lançou um olhar de desculpas — Sem penas também — Meus ombros caíram e ele bufou com diversão — No entanto, ele tem 2,10 de altura, músculos abundantes e a força de vinte homens. Ele é bastante mal humorado e super dominante.

— Tudo bem — eu disse com cautela, meu interesse reacendendo timidamente.

— Ele também tem presas, quatro olhos e quatro braços.

— Legal! Agora estamos falando a minha língua! Por que você deixou o melhor para o final? Estou começando a achar que você gosta de me torturar!

Kayog riu e balançou a cabeça, uma expressão travessa se instalando em seu rosto emplumado — Não, minha querida Belle. Só você pode me dizer se o que guardei para o final é o melhor ou não.

Minhas costas enrijeceram enquanto eu olhava para ele com cautela — O quê? Por favor, não me diga que ele é gosmento.

O Temern começou a rir — Não. Não há nenhum lodo ou muco nele. Mas os homens de sua espécie são duplamente dotados.

Ele deixou as palavras pairarem entre nós enquanto o significado delas percorria meu cérebro. Meu queixo caiu e seus ombros tremeram novamente com a hilaridade não reprimida.

— Ele tem dois pênis? — eu exclamei.

Kayog assentiu lentamente, sem fazer nenhum esforço para esconder sua diversão — Isso é um problema para você?

Eu engoli em seco. Passado o choque inicial, a ideia em si não me traumatizava realmente. Mas minha mente suja imediatamente ponderou sobre o tamanho do pênis daquele homem quando Kayog mencionou que ele era uma montanha de músculos de 2,10 de altura. Minhas preocupações sobre como lidar com seu provável pau enorme acabaram de duplicar.

Ainda assim, quando Kayog abriu sua imagem 3D, eu imediatamente comecei a babar com a fera magnífica que ela exibia.

— Droga, isso foi inesperado. Mas tenho certeza de que vamos dar um jeito — eu disse, erguendo o queixo em desafio — Quando eu poderei conhecê-lo?

Kayog ergueu as palmas das mãos em um gesto cativante enquanto ria — Uau! Não tão rápido. Eu ainda tenho que falar com ele sobre você.

Uma onda de preocupação tomou conta de mim. Claro, Kayog precisava convencê-lo a se casar com uma humana. E se ele não gostasse do meu tipo?

— Nós combinamos?

O sorriso tranquilizador de Kayog aliviou um pouco do peso que de repente caiu sobre meus ombros — Sim. Eu acredito fortemente que sim. Uma conversa com ele irá confirmar isso. Só para você saber, eu nunca parei um Zamoriano. Eles não são primitivos segundo os padrões da Primeira Diretriz. Eles realizaram viagens interestelares por conta própria, mas nós ainda consideramos a sua cultura bastante bárbara. A OPU apoia a sua espécie no programa, pois espera que os

casamentos com pessoas de fora do mundo ajudem a mudar as suas mentalidades.

A preocupação voltou — Então por que você nunca emparelhou um Zamoriano antes? É por causa da mentalidade deles?

Ele sorriu e abanou a cabeça — Não. É simplesmente porque nenhum deles jamais se inscreveu no programa.

Eu recuei — O que você está dizendo? — Eu olhei para o holograma do homem magnífico que eu adoraria reivindicar como meu e fiz um gesto para ele — *Ele* não se inscreveu para ser pareado? Ele já poderia estar casado?

— Ele não se inscreveu, mas sei que não está casado. Não se preocupe, Belle. Meu trabalho é convencer as pessoas em pares improváveis de que elas foram feitas uma para a outra. Quanto à mentalidade dos Zamorianos, eles podem ser bastante cruéis, adoram brigar, são extremamente dominantes, super possessivos e sempre precisam vencer a todo custo.

—Tudo o que eu ouço é ‘sexy, sexy, sexy, super sexy, e posso curá-lo disso.’

Kayog começou a rir — Você é adorável, Belle. Muito bem. Deixe isso comigo. Eu vou conseguir sua Fera para você.”



Capítulo 2

Bayron

Uma humana... eu fui emparelhado com uma humana. Ainda lutando para aceitar esse fato, eu olhei mais uma vez para Kayog. Assim como em todas as vezes anteriores, o meu descontentamento apenas o fez sorrir, se divertindo com o meu aborrecimento. A qualquer momento, a nave de transporte da mulher iria atracar na estação espacial onde estávamos esperando por ela.

Por que, em nome de Khivolt, eu consenti com isso?!

Exceto que o Deus Caçador não teve nada a ver com minha decisão. Eu apenas permiti que o Temern me influenciasse com sua voz suave, argumentos eloquentes e histórico impecável. E era realmente impecável. Embora eu não estivesse procurando ativamente por uma companheira, eu não podia negar que poderia ser bom ter alguém com quem compartilhar minha vida.

Mas uma humana?

Eles eram uma espécie bastante capaz e, a julgar pelo holograma que Kayog me enviou de Annabelle, minha futura companheira era bastante atraente. No entanto, as mulheres humanas tendem a ser bastante obstinadas, com línguas afiadas e atitudes desagradáveis.

Eu sempre esperei que minha alma gêmea fosse uma mulher quieta, recatada, submissa e obediente, disposta a me seguir aonde quer que minhas caçadas me levassem. Quando eu disse isso a Kayog, ele sorriu com uma presunção irritante e disse que, assim como Annabelle, o que eu achava que queria e o que realmente queria eram coisas completamente diferentes. Como se ele soubesse melhor do que eu o que eu realmente queria.

A última vez que eu bati cabeça com uma mulher humana quase me fez ser executado em Trangor. Claro, eu não estava totalmente livre de culpa naquele drama, mas apesar do que os outros disseram, eu não tinha trapaceado. Foi uma competição em que eu apenas estiquei as regras de maneira inteligente. Afinal, o segundo lugar era o primeiro a perder.

A mesma mistura desagradável de vergonha, raiva e remorso surgiu em mim quando o pensamento de como minhas ações durante

a primeira Grande Caçada de Trangor haviam atrapalhado totalmente a vida de Serena Bello inundou minha mente. Ela também quase foi executada por tentar limpar a bagunça que eu criei involuntariamente. Eu não queria pensar em que tipo de tragédia poderia ter ocorrido sem o sacrifício dela. Por mais que meu povo se orgulhasse de nossa crueldade, ter o sangue de mulheres e crianças em minhas mãos não era algo que eu aspirasse.

O som estridente das grandes portas da doca se abrindo para permitir a entrada da nave que transportava Annabelle me salvou de me debruçar ainda mais sobre essas reflexões desagradáveis. Uma grande nave voou através do campo de energia protegendo a integridade da estação espacial antes de pousar na plataforma de pouso número quatro, próxima à qual Kayog e eu estávamos esperando.

— Nervoso? — Kayog perguntou provocativamente quando a rampa do ônibus desceu e suas portas se abriram.

Eu emiti um grunhido indignado antes de lançar-lhe um olhar sombrio de lado — Nervoso por conhecer uma mulher? Dificilmente. Eu sou um caçador Zamoriano!

Seus olhos prateados brilharam com diversão — Você é um homem prestes a encontrar sua alma gêmea pela primeira vez. Não há problema em ficar nervoso. Mas eu vou fingir que não está.

Eu mostrei meus dentes para ele enquanto um milhão de maneiras pelas quais eu poderia arrancar dolorosamente suas penas brilhantes para derrubá-lo encheram meus pensamentos. Embora ele não pudesse ler mentes, suas habilidades empáticas traíram meus desejos pouco caridosos dirigidos a ele. Longe de se sentir intimidado, o Temern riu.

Ele era insuportável e, ainda assim, tinha meu maior respeito. Eu ainda o depenaria, mesmo que apenas para ver a expressão em seu rosto.

Um enxame interminável de pessoas de todas as espécies desceu da nave. Algumas outras pessoas, que também estavam de pé – ou sentadas – conosco na sala de espera, acenaram para alguns recém-chegados.

Apesar de toda a minha arrogância, e embora eu não pudesse qualificá-la como nervosismo, uma antecipação inquieta misturada com uma lasca de preocupação crescia constantemente dentro de mim. E então, eu finalmente a vi. Simultaneamente, Kayog acenou com a mão para ela. Ela respondeu da mesma forma, um enorme sorriso iluminando seu rosto.

Para minha agradável surpresa, ela parecia ainda mais atraente pessoalmente. Não eram tanto suas características. Embora fossem boas o suficiente, ela não possuía o que poderia ser considerado a beleza humana tradicional. E ainda assim, havia uma aura inegável

nela. Seus longos cabelos loiros dourados caíam em ondas ao redor de seu rosto de fada. Grandes e impressionantes olhos azuis me espiaram com flagrante curiosidade por trás de uma mecha indisciplinada de seu cabelo. Ela tinha um nariz pequeno e arrebitado e lábios bastante finos em comparação com os meus. Seu rosto não estava muito pintado, como acontece com algumas mulheres humanas. A única maquiagem em seu rosto parecia ser cílios escurecidos e um pouco de gloss de cor natural nos lábios.

Eu olhei com aprovação para as curvas agradáveis de seu corpo. Eu temia que ela fosse o saco de ossos que algumas mulheres humanas tendiam a ser. Isso era uma coisa boa também, pois ela parecia bastante pequena e frágil. Minhas mãos precisavam de muito mais do que palitos para segurar. O vestido branco com babados que ela usava balançava em torno de suas longas pernas. Eu não conhecia o estilo daquela roupa, mas ela evocava uma sensação de paz, natureza e liberdade que eu gostei bastante.

Annabelle desceu a rampa com um entusiasmo que eu não soube interpretar. Embora eu aprovasse sua ausência de nervosismo, tal determinação ousada não combinava com a personalidade submissa que eu esperava.

No entanto, um humano trabalhando na doca desviou minha atenção da minha futura companheira. Musculoso e razoavelmente bonito, o homem de trinta e poucos anos estava nivelando seus olhos cinzentos com muito interesse pela minha mulher. Isso me desagradou o suficiente, mas ele teve que forçar ainda mais quando ela não conseguiu notá-lo. Ele bateu deliberadamente com uma ferramenta na estrutura de metal de um dos contêineres do carrinho flutuante à sua frente. Como ele esperava, o barulho chegou aos ouvidos de Annabelle. Ela olhou em sua direção e ele imediatamente lançou-lhe um sorriso sedutor inconfundível.

Minha mulher piscou, aparentemente surpresa a princípio com seu comportamento sedutor. Para meu alívio, o choque dela deu lugar ao constrangimento, em vez do interesse recíproco. Eu percebi que tinha mostrado os dentes e estava rosnando ameaçadoramente para o homem quando os dois se viraram para olhar para mim com expressões atordoadas. O homem empalideceu e ergueu as mãos em um gesto de apaziguamento quando eu dei um passo ameaçador em sua direção. O tempo todo, eu contraí os músculos dos meus quatro braços e estufei o peito para parecer ainda maior.

— Me desculpe, cara — disse o humano — Eu não sabia que essa era sua garota. Eu não quis desrespeitar.

Sem esperar pela minha resposta, o homem colocou seu carrinho em movimento e fugiu sem lançar outro olhar para Annabelle. Mas mesmo quando eu tive prazer em vê-lo sair correndo, uma ponta de

preocupação passou pela minha mente. Se ela fosse como as poucas mulheres humanas com quem eu interagi, a maioria delas Caçadoras, ela começaria a me falar sobre como ela mesma poderia ter lidado com isso, como ela poderia travar suas próprias batalhas e não precisava de mim para tomar conta dela.

Como se um homem de verdade como eu fosse ficar parado enquanto um pretendente tentasse usurpar o que é meu!

Eu lancei um olhar para Annabelle, me preparando para os lábios apertados e um comportamento indignado em resposta às minhas ações. Para minha surpresa, ela olhou para mim com os olhos arregalados; seus lábios pressionados falhando miseravelmente em esconder seu sorriso, e um ar de admiração em suas feições delicadas.

A risada de Kayog me fez olhar para ele — Eu disse que ela era seu par perfeito.

O pássaro chato estava sentindo muito prazer em me provocar. E, como um idiota, eu continuava mordendo a isca. Mas não desta vez. Eu voltei meu olhar para Annabelle enquanto ela diminuía a distância entre nós.

Ela parou a menos de um metro de mim, com as mãos cruzadas na alça da pequena bolsa que segurava diante dela. Com a cabeça inclinada para trás, ela olhou para mim com um ar de puro espanto que me perturbou profundamente. Com base em sua aparência delicada, eu esperava o medo e a preocupação que normalmente inspirava nos outros. Não o fascínio ansioso que ela demonstrava.

— Olá, Mestre Voln — Annabelle disse com uma voz surpreendentemente agradável. Levemente gutural e sensual, ela continha alguns tons melódicos.

Eu pisquei, me perguntando por um segundo se ela pensava que eu era Kayog Voln, já que ela havia falado essas palavras com os olhos fixos em mim.

— Olá, Belle — respondeu o Temern — Você está linda neste vestido boêmio. Você não concorda, Bayron?

Minha cabeça girou entre eles, meu cérebro tentando acompanhar o que estava acontecendo.

— Belle? — eu perguntei, me chutando assim que a palavra saiu da minha boca. Eu deveria ter concordado primeiro com o elogio e questionado outras coisas depois.

— É meu apelido — Annabelle respondeu em seu lugar, com uma voz suave — É como meus amigos e entes queridos me chamam.

— Você quer que eu a chame de Belle, então? — eu resmunguei, me sentindo inexplicavelmente nervoso perto dela.

— Claro! Belle ou qualquer outra coisa que você ache que me serviria bem — ela acrescentou.

— Belle... Belle combina com você — eu respondi, minha voz mais

áspera do que eu pretendia – um reflexo que muitas vezes surgia para esconder meu constrangimento ou desconforto.

— Obrigada! E obrigada por mandar aquele homem chato embora — ela respondeu.

Eu grunhi, sem saber mais como responder. Para meu alívio, meu mau humor não parecia desagradá-la, muito pelo contrário. Ela sorriu para mim e continuou a olhar para meu rosto com aquela ansiedade que estava começando a me desestabilizar seriamente.

— Bem, já que vocês se apresentaram informalmente, deixe-me fazer as apresentações formais. Annabelle, conheça seu noivo, Bayrohnziyiek Skortheatis. Bayron, conheça sua noiva, Annabelle Parker.

Eu balancei a cabeça com outro grunhido e o sorriso dela se alargou em resposta. Ele iluminou todo o seu rosto e fez seus olhos azuis brilharem encantadoramente.

— É um prazer conhecê-lo, Bayron.

— Digo o mesmo — eu disse, me sentindo um pouco tenso. Eu estendi a mão para ela — Eu carregarei sua bolsa. Isso é tudo que você possui?

Ela balançou a cabeça, com preocupação passando por seus olhos enquanto ela entregava sua bolsa para mim — Não, eles disseram que transfeririam meus pertences para a sua nave.

— Sim — Kayog confirmou — Quando concluirmos sua cerimônia de casamento, os pertences dela deverão estar bem ao lado de sua nave, prontos para serem carregados a bordo.

— Muito bem. Então vamos prosseguir — eu respondi.

Minha rigidez me incomodava. Eu deveria mostrar mais entusiasmo e carinho pela mulher. Toda a situação parecia me roubar qualquer pensamento ou comportamento racional. Eu só podia esperar que ela não percebesse isso como desrespeito ou falta de interesse.

Parecendo alheio à minha agitação interna – embora eu soubesse que ele estava profundamente consciente disso – Kayog acenou alegremente para que o seguissemos.

— Por aqui. A sacerdotisa está nos esperando na pequena capela do lado de fora do hangar — o Temern disse, assumindo a liderança.

Nós o seguimos, a bolsa de Belle segurada em minha mão direita enquanto ela corria ao meu lado. A maneira como ela ficava olhando para mim com admiração realmente me enervava. Eu queria dizer a ela para olhar para frente para evitar tropeçar em vez de me olhar. Mas eu não consegui descobrir uma maneira de dizer isso que não revelasse o fato de que seu olhar insistente havia abalado minha confiança inabalável – para não dizer excesso de confiança.

Ela olhava para frente por uma fração de segundo para ver para onde estava indo antes de seu olhar se voltar para mim. Cada vez que

fazíamos contato visual, ela sorria para mim. Pelo sangue de Khivolt, o que diabos havia de errado com aquela mulher?

— Espero que você tenha tido uma viagem confortável até aqui — eu disse, tentando preencher o pesado silêncio entre nós.

Ela assentiu vigorosamente — Foi excepcional. A comida era ótima, as acomodações eram super confortáveis e tinham todo tipo de atividades para manter os convidados entretidos.

Em vez de expandir ainda mais, ela parou de falar e voltou a me encarar com aquela expressão intensa. Dois passos à nossa frente, Kayog caminhava silenciosamente, os ombros tremendo de tanto rir que eu sabia, sem sombra de dúvida, que era às minhas custas.

O desgraçado...

Felizmente, foi uma curta caminhada até a capela que atendia a todas as denominações religiosas existentes. Com um simples comando vocal, as paredes áridas assumiriam uma aparência holográfica combinando com o estilo de capela da fé escolhida. Um grande corredor separava uma série de bancos de cada lado da sala. Eles poderiam ser baixados no chão, sua superfície almofadada permanecendo no nível do chão para servir como tapetes confortáveis, se necessário.

Uma mulher humana esperava por nós no altar na frente da sala. Ela me olhou com o nível adequado de cautela, restaurando minha fé em minha aparência intimidadora, que minha futura companheira conseguiu abalar com seus olhares admirados.

— Bayron, Belle, por favor conheçam Isobel Biondi, a sacerdotisa que presidirá seu casamento — Kayog disse com entusiasmo, enquanto acenava com a mão emplumada para a mulher.

Ela sorriu educadamente, ao que respondi com um aceno de cabeça. Belle acenou de volta com um largo sorriso. Eu estava começando a pensar que minha mulher demonstrava entusiasmo excessivo para tudo.

— Se vocês dois estão prontos para prosseguir, por favor, aproximem-se do altar — disse a sacerdotisa. Nós obedecemos, parando a um metro dela — Ótimo! Agora, por favor, fiquem cara a cara e segurem as mãos um do outro.

Eu coloquei a bolsa de Belle no altar. Então, mais uma vez, nós obedecemos, apenas para perceber que faltava à minha noiva um par de mãos para segurar todas as minhas. Annabelle me lançou um olhar de desculpas acompanhado por uma risada nervosa – o primeiro sinal de incerteza dela desde sua chegada. Eu não sabia muito bem como interpretar isso. Eu lancei um olhar de lado para a sacerdotisa, que parecia divertida com a situação.

— Você pode colocar seu segundo par de mãos em cima das dela ou segurar sua cintura — a sacerdotisa disse com uma voz gentil.

Como as mãos sobre as mãos pareciam estranhas, eu dei um passo mais perto e coloquei as mãos na cintura de Annabelle. Ela era macia sob meu toque e bem curvada para dentro. Os lábios da minha mulher se separaram e seu corpo ficou levemente tenso, mas não de uma forma negativa.

— Estamos reunidos aqui para celebrar a união desta mulher, Annabelle Parker, e deste homem Zamoriano, Bayrohnziyiek Skortheatis, no sagrado vínculo do casamento. Essa união deve ser celebrada livremente, com intenções honestas, um compromisso genuíno, e não para ganhos financeiros ou fins enganosos — disse a sacerdotisa — Annabelle Parker, você aceita livre e voluntariamente este homem Zamoriano, Bayrohnziyiek Skortheatis, como seu marido legalmente casado, para o bem ou para o mal, nos bons momentos e nas dificuldades, na doença e na saúde, até que a morte os separe?

— Eu aceito — Belle disse com a mesma empolgação exagerada que vinha demonstrando desde sua chegada.

— Bayrohnziyiek Skortheatis, você aceita livremente esta mulher, Annabelle Parker, como sua esposa legítima, para o bem ou para o mal, nos momentos bons nas dificuldades, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

— Eu aceito — eu respondi, ainda um pouco perplexo sobre por que eu deixei o Temern me convencer a entrar em uma união que na verdade não estava procurando.

— Kayog Voln, você confirma que testemunhou esta mulher humana, Annabelle Parker, e este homem Zamoriano, Bayrohnziyiek Skortheatis, comprometendo-se livremente a serem legalmente casados um com o outro de acordo com as leis humanas e galácticas?

— Sim — Kayog disse.

— Pelo poder que me foi conferido pelo Colégio Clerical da Terra e pela Organização dos Planetas Unidos, eu os declaro marido e mulher. Bayrohnziyiek Skortheatis, você pode beijar a noiva — disse a Sacerdotisa Biondi.

Minha companheira respirou fundo, e ela pareceu segurar a respiração. Seus olhos azuis se arregalaram, suas mãos tremeram levemente em meu aperto, e eu quase pude sentir todo o seu ser vibrando de antecipação. Por mais bizarro que seu comportamento parecesse para mim, eu não podia negar que sua aparente felicidade de ser minha e de ser beijada por mim lisonjeava meu ego considerável.

Assim que eu abaixei minha cabeça, Belle ergueu o rosto em direção ao meu e ficou na ponta dos pés. Pelos padrões humanos, ela tinha uma altura média. Mas diante de um Zamoriano sangue puro como eu, ela era pequena. Nossos lábios se encontraram suavemente. Eu fiquei decepcionado com seu comportamento restritivo.

Considerando a ansiedade inquieta que ela demonstrou desde que desembarcou, eu esperava que ela praticamente devorasse meu rosto. Esse beijo bastante casto me fez sentir enganado... até mesmo iludido.

Eu interrompi o beijo para olhar para ela com uma leve carranca. Ela lambeu os lábios nervosamente, parecendo incerta pela primeira vez. Seus olhos piscaram entre os meus. Em circunstâncias diferentes, eu teria me divertido se ela não soubesse para qual dos meus quatro olhos olhar – uma ocorrência comum entre estrangeiros.

Eu não soube dizer o que ela viu no meu olhar ou leu no meu rosto, mas ela assumiu uma expressão determinada. Puxando as mãos das minhas, ela gentilmente segurou meu rosto e puxou meu rosto mais uma vez para o dela. Enquanto meu lado dominante gritava para que eu me rebelasse diante de tal ousadia, eu não resisti e deixei que ela reivindicasse minha boca. Dessa vez ela me beijou com convicção, pressionando seu corpo flexível contra o meu. Minha mão direita principal foi até sua nuca e gentilmente agarrou seu cabelo enquanto a esquerda envolvia suas costas. Simultaneamente, meu conjunto secundário de mãos a levantou.

Minha língua invadindo sua boca silenciou seu suspiro de surpresa. Ela não lutou nem hesitou, em vez disso ela passou os braços em volta do meu pescoço e inclinou a cabeça para o lado enquanto eu aprofundava o beijo.

Pelos dentes de Kromor! Ela tinha um sabor divino e era tão macia em meu abraço! Uma chama inesperada agitou-se profundamente em minha virilha, me forçando a pôr fim a este beijo antes que eu assustasse minha nova companheira com uma protuberância dupla em minhas calças. Embora Kayog tivesse me garantido que ela sabia o que os Zamorianos traziam, eu suspeitei que nossa noite de núpcias seria um pouco traumática para ela quando me visse nu. Eu a pouparia desse choque por mais algum tempo.

Eu a segurei por mais alguns segundos, estudando suas feições enquanto ela olhava para mim com admiração misturada com desejo. Isso me agradou muito. Eu a coloquei de pé sob os aplausos de parabéns de Kayog e da sacerdotisa.

Naturalmente, o miserável Temern me deu um sorriso presunçoso quando nos viramos para encará-los. A sacerdotisa nos fez pressionar os polegares nas caixas de assinatura do contrato de casamento antes de nos despedir. Kayog demorou mais um momento.

— Antes de deixá-los para se conhecerem melhor, eu vou lembrá-los brevemente das regras com as quais vocês dois se comprometeram. Assim como acontece com todos os casamentos contratados através da Agência Prime, a sua união será consumada esta noite. Normalmente, também seria esperado que vocês realizassem o casamento Zamoriano hoje, mas entendo que sua cultura exige que isso aconteça em seu

mundo natal.

— De fato — eu confirmei — Nós iremos direto para lá assim que nos separarmos de você. Deveremos levar dois dias para chegar a Xoccoris para que ela possa ser apresentada ao meu clã.

— Excelente — Kayog disse com aprovação — Como sempre, vocês devem dar uma chance justa a esta união pelos próximos seis meses. Se isso realmente falhar, então você só precisa me procurar, Belle, e eu encontrarei um novo companheiro para você e cobrirei as despesas de sua mudança. Por esta razão, Bayron, você não é obrigado a passar por uma reivindicação completa durante o seu casamento Zamoriano. Um vínculo será suficiente até que ambos estejam convencidos de que realmente são almas gêmeas.

— Isso não será necessário — eu disse entre os dentes, deslizando um braço possessivo ao redor da cintura de Annabelle e puxando-a para o meu lado — Eu não falho. Portanto, esta união também não falhará.

A expressão no rosto emplumado do Temern me irritou profundamente. Pelo menos, ele me poupou de qualquer comentário espertinho. Eu não amava minha companheira. Eu não sabia quase nada sobre ela, além do fato de que ela parecia ter uma obsessão assustadora em me encarar. Mas ela era minha agora. E eu despedaçaria qualquer homem que ousasse cobiçar ou tentar roubar o que era meu.

— Tenho certeza de que não falharemos — Belle repetiu, sua voz quase tímida enquanto se pressionava contra mim.

A reação dela instantaneamente apagou meu temperamento explosivo. Ela não apenas não recusou minha afirmação possessiva, como também isso pareceu agradá-la.

Esta mulher estava crescendo em mim.

— Bem, considerando que eu nunca falho em meus pareamentos, não tenho dúvidas de que seu casamento será um sucesso retumbante — Kayog disse, seus olhos prateados assumindo um tom de provocação quando ele olhou em minha direção, antes de piscar para minha companheira, que riu — Você encontrará uma coisinha que eu coloquei em sua bagagem como presente de casamento. Espero que lhe seja útil, minha querida Belle. Se algum de vocês precisar de alguma coisa, não hesitem em entrar em contato comigo.

— Nós iremos — Belle disse, sua voz repentinamente trêmula, como se estivesse dominada pela emoção — Muito obrigada, Kayog. Eu sabia que no dia em que vim até você, que você realizaria meu sonho impossível. Você é o melhor!

Seu sonho se tornou realidade? 'Eu' era o sonho dela?

O rosto de Kayog se transformou em uma expressão muito terna enquanto ele olhava para minha companheira. Ele estendeu a mão e

acariciou suavemente sua bochecha. Se ele fosse qualquer outro homem, eu provavelmente teria quebrado seu braço por ousar tocar o que era meu. Mas esse gesto foi paternal demais para despertar minha possessividade instintiva e ciumenta.

— Sou eu quem lhe agradeço, minha criança, por me lembrar por que eu tenho a melhor carreira do mundo. Nunca perca seu ousado entusiasmo e fome de viver. Nunca deixe ninguém diminuir sua luz com a escuridão. Você é um farol brilhante de alegria, esperança e amor, algo que raramente encontramos. Eu lhe desejo toda a felicidade do mundo.

— Obrigada, Kayog — ela sussurrou, com os olhos brilhando com lágrimas reprimidas.

O Temern inclinou a cabeça em despedida antes de partir.



Capítulo 3

Bayron

Eu franzi levemente a testa enquanto o observava se afastar, me perguntando o que poderia ter motivado tais palavras dele, por mais lisonjeiras que fossem. Minha companheira não me parecia do tipo que sofria de problemas de confiança que exigiriam tal incentivo. Ele temia que eu diminuísse a luz dela? Ou ele estava se referindo a alguém ou algo específico?

Confuso, eu me virei para minha mulher, que continuou olhando para o Temern até ele sair da capela. Ela então voltou a se concentrar em mim, com um olhar de expectativa, desta vez misturado com uma pitada de timidez.

— Deixe-me levá-la à minha nave. É uma longa jornada até meu mundo natal — eu disse, minha voz mais uma vez assumindo aquele tom mal-humorado.

Eu não estava chateado ou irritado. Eu simplesmente falava assim. Em breve, ela entenderia isso. Pelo menos, isso não parecia incomodá-la ou preocupá-la. Ela sorriu e assentiu. Eu soltei sua cintura, peguei sua bolsa no altar e gesticulei com a mão para ela prosseguir. Para minha surpresa, ela agarrou minha mão e a segurou. Pela maneira como ela olhou para mim e sorriu, eu percebi que ela pretendia que caminhássemos de mãos dadas pela estação até a minha nave.

Os Caçadores Zamorianos não andam de mãos dadas com suas companheiras!

Eu abri a boca para dizer isso, mas não consegui pronunciar as palavras. Isso, sem dúvida, apagaria de seu rosto aquela expressão de admiração com a qual ela continuava a me encarar. Eu não entendia por que eu a fascinava tanto. Mas por mais enervante que às vezes parecesse, eu também gostava. Ninguém jamais olhou para mim como se eu fosse a maior maravilha que já haviam visto. Esmagar seu espírito por causa de uma coisa tão trivial não valia a pena.

Eu grunhi, fechei minha mão muito maior sobre a mão delicada dela e comecei a andar. Eu tive que controlar meus passos para manter um ritmo confortável para ela. Caso contrário, ela teria que correr para me acompanhar.

Nós fizemos apenas uma curta caminhada desta seção da estação espacial até o hangar das naves, onde minha nave nos esperava. Mas observar minha companheira enquanto caminhávamos foi bastante revelador. Belle possuía uma mente curiosa. Seus olhos continuavam se movendo em todas as direções enquanto ela observava nosso ambiente colorido. Era uma área de lazer repleta de casas noturnas, cassinos, arenas de batalha e, naturalmente, muitos bordéis e clubes pervertidos. Nós não podíamos ver estes últimos daqui, mas muitos sinais holográficos competiam pela atenção dos clientes.

Embora alguns locais aqui fossem qualificados como respeitáveis, esse não era o tipo de lugar onde eu queria que minha companheira frequentasse. Para meu alívio, apesar de sua flagrante curiosidade, Belle não parecia querer adiar nossa partida para poder explorar a estação.

— Você vem aqui com frequência? — ela perguntou de repente quando nos aproximamos das grandes portas reforçadas do hangar das naves.

Eu balancei minha cabeça — Não. Foi apenas um ponto de encontro conveniente, a meio caminho de onde você estava e da minha última caçada. Esses lugares só tendem a causar problemas e fazer com que você se desfaça de seus créditos de maneira estúpida.

Ela riu e assentiu — Concordo. Mas ocasionalmente podem ser bastante divertidos.

— Podem ser — eu admiti, satisfeito por ela não parecer viciada em clubes noturnos.

Eu tinha muitos talentos, mas a dança certamente não estava no topo dessa lista. Embora eu gostasse de ouvir certos tipos de música, balançar meu corpo enorme no ritmo sempre parecia estranho. Os Zamorianos não participavam de danças tradicionais. A coisa mais próxima que eu vi na cultura humana que se assemelhava às nossas versões de dança foi o que eles chamavam de Haka. Mas a nossa era, obviamente, muito mais impressionante.

As portas do hangar das naves se abriram diante de nós. Como sempre, estava movimentado com a atividade dos clientes da estação espacial que chegavam, partiam, carregavam cargas ou descarregavam as mercadorias que desejavam vender ou comercializar. Muitos visitantes também simplesmente dormiam em suas naves para economizar nos custos muitas vezes proibitivos de hospedagem dentro da estação.

Mais uma vez, minha companheira não parecia ter olhos suficientes para observar o que nos rodeava enquanto olhava boquiaberta para as várias naves no hangar. Um bom terço delas parecia estar nas últimas. Provavelmente naves de jogadores, montadas em um ferro-velho depois de terem perdido as economias de

suas vidas em jogos de azar, ou mercenários viajando incógnitos. A maioria das outras naves parecia decente, com um punhado de naves sofisticadas e de última geração com clientes VIP. Estas tinham vagas reservadas na área mais protegida do hangar.

Mas os próprios clientes também prenderam a atenção da minha companheira. Ela os observava discretamente, com uma expressão encantada. Embora eu preferisse que o foco dela permanecesse em mim, eu não senti nenhum ciúme. A maneira como ela olhava para eles não tinha qualquer traço de cobiça... nada parecido com a maneira possessiva como ela olhou para mim. Neste instante, Belle me lembrou de nossas crianças quando elas participavam de sua primeira caçada.

De repente, eu percebi que minha mulher provavelmente não tinha viajado muito para fora de seu planeta. Embora muitos estrangeiros tenham visitado a Terra, as viagens interestelares permaneciam muito caras, a menos que você possuísse uma nave. E o preço para adquirir uma boa nave poderia facilmente atingir entre três e dez vezes o custo de uma casa padrão. Com base nas informações que Kayog me deu sobre Belle, ela não tinha nenhuma riqueza real digna de nota.

Eu farei com que você visite mais mundos do que você possa imaginar ou contar.

Esse pensamento – para não dizer promessa silenciosa – me agradou. Por mais estranha que minha mulher me parecesse, eu gostei daquele olhar de admiração em seu rosto. Eu daria a ela muitas ocasiões para se sentir assim novamente, como era meu dever como seu companheiro.

— Esta é a minha nave — eu disse, apontando para ela enquanto a conduzia naquela direção.

Os olhos de Belle se arregalaram e seus lábios se abriram com uma expressão maravilhada que me fez estufar o peito de orgulho.

— Oh meu Deus! Ela é fodona! — ela exclamou, andando um pouco mais rápido na pressa de alcançá-la — Isso me lembra um Predador Cylon.

— Cylon? Nunca ouvi falar dessa espécie — eu disse franzindo a testa.

Ela riu — Não é nenhuma surpresa. Ela não existe. Eles eram uma raça ciborgue fictícia em um clássico programa de ficção científica na Terra. Ela parece quase uma fênix nascendo. Eu amo isso!

— Eu a chamei de Ostros, em homenagem a uma das aves de rapina mais perigosas do meu mundo natal — eu expliquei, agora ansioso para mostrar a ela minha nave. Considerando que ela seria a nossa casa durante grande parte do ano, a reação dela foi encorajadora.

Como Kayog nos informou, três estivadores estavam parados ao

lado da minha nave com um número impressionante de caixotes.

Belle me deu um sorriso tímido — Espero que você tenha espaço suficiente para minhas coisas — ela disse em um tom de desculpas — São principalmente meus materiais e equipamentos de arte.

— Haverá espaço — eu grunhi — Eu já liberei um quarto para você usar como estúdio.

Belle parou no meio do caminho e olhou para mim com uma expressão atordoada.

Eu parei de andar também para dar a ela um olhar curioso — O que foi? Você não queria um?

— Claro que sim! Mas... você realmente fez isso por mim?

Eu pisquei, perplexo com tal pergunta — Claro — eu disse, repetindo suas palavras — Por que eu não faria isso? Você é uma artista e minha companheira. É meu dever antecipar suas necessidades e atendê-las.

De todas as reações que ela poderia ter tido, eu nunca esperava que ela parecesse tão emocionada de repente.

— O que há de errado, minha companheira? — eu perguntei, sem saber o que eu tinha dito para aborrecê-la.

Ela balançou a cabeça e me deu um sorriso trêmulo — Nada está errado. Muito pelo contrário. Você é tão perfeito. Eu fico pensando que vou acordar a qualquer minuto e perceber que nada disso é real. Que é bom demais para ser verdade.

Pela primeira vez na minha vida, eu fiquei sem palavras. Eu sempre tinha um comentário sarcástico ou irreverente na ponta da língua para qualquer situação. As pessoas geralmente se dirigiam a mim com medo, ressentimento ou submissão. Os modos abrasivos dos Zamorianos – e ainda mais os meus – não tendiam a nos tornar queridos pelos outros. Mas isso? O que você responderia à sua nova companheira, que estava te elevando a um pedestal de onde você cairia quando ela realmente o conhecesse?

Por que ela estava tão impressionada, afinal? Pelos padrões humanos, minha aparência era estranha e meus modos eram rudes e bárbaros. Por que eu cuidar de suas necessidades comoveria Belle tanto assim? Ela tinha sido tão negligenciada em sua vida que a atenção mais básica a comovia?

— Senhor. Skorteatis? — gritou um dos estivadores, me salvando dessa situação embaraçosa.

— Sim — eu respondi, gesticulando para Belle continuar andando enquanto eu me dirigia ao homem — Eu vou abrir a nave para vocês carregarem os pertences da minha companheira a bordo.

— Obrigado, senhor — o homem humano disse com gratidão.

Eles fizeram um trabalho rápido para trazer tudo para o meu porão de carga vazio, enquanto minha companheira borbulhava de

curiosidade para explorar o resto da nave.

— Eu vou te mostrar a nave primeiro, depois você pode me dizer onde deseja que eu coloque seus vários contêineres — eu disse a Belle assim que os trabalhadores saíram.

— Parece um bom plano — ela disse com um sorriso radiante.

Eu não pude evitar um sorriso. Eu nunca conheci alguém que estivesse sempre tão feliz e entusiasmada. Era surpreendentemente contagioso.

— É uma nave Xurgen — eu disse presunçosamente.

— Eles não são uma das espécies mais avançadas da galáxia? — Belle exclamou.

— Eles são. Ostros é uma das cinco naves exclusivas deste modelo — eu expliquei, estufando o peito.

— Deve ter custado uma fortuna!

Eu balancei a cabeça quando as portas do porão de carga se abriram para o corredor principal da nave. Sua largura impressionante e tetos altos, com elegantes placas de metal de asterium, gritavam alta qualidade e luxo.

— No mercado, custaria de fato um preço exorbitante. Mas na verdade eu não paguei por ela. Eles a deram para mim.

— Oh? — Belle perguntou, inclinando a cabeça para trás para olhar para mim.

— Foi o grande prêmio para o vencedor do primeiro lugar da segunda Caça aos Grunux dos Xurgens — eu respondi.

— Uau. Você é realmente fodão!

— Obrigado, minha companheira — eu disse com um sorriso antes de acenar para uma porta à nossa esquerda — Esta é a sala holográfica. Embora a nave possua uma sala de treinamento real, eu geralmente uso a sala holográfica, por causa dos programas avançados de simulador de feras. Eu adicionei uma série de programas de entretenimento para você. Mas se não forem do seu agrado, me diga o que você prefere e eu os carregarei.

— Você é tão gentil! Eu adoro salas holográficas. Infelizmente, eu não conseguia usá-las com a frequência que gostaria na Terra. Se você não conseguir me encontrar no futuro, é provável que eu esteja aí.

Gentil?

Embora eu apreciasse o sentimento por trás do epíteto, a palavra em si doeu. Eu era muitas coisas, mas certamente não era gentil. Atencioso, carinhoso e zeloso seriam adjetivos aceitáveis para qualificar minhas ações. Mas gentil?

No entanto, Belle já estava avançando em direção à próxima porta.

— Este é o arsenal — eu disse, desta vez a levando para dentro.

Eu simplesmente não pude resistir de exibir meu equipamento. Finalmente, minha pequena humana exibiu a expressão intimidada

que eu havia começado a acreditar que ela não possuía. Ela circulou pela grande sala, olhando tudo com o nível adequado de medo e admiração. Minha mulher parou em frente às vitrines ao longo da parede direita com inúmeras lâminas, adagas e armas de arremesso. Ela então ficou boquiaberta com minha impressionante coleção de espadas penduradas na parede acima das adagas.

A parede central tinha todos os tipos possíveis de armas e pistolas laser. Na parede esquerda, atrás de um vidro protetor, meus vários trajes de batalha estavam pendurados cuidadosamente ao lado de prateleiras onde estavam meus acessórios e anexos. No centro da sala, quatro grandes prateleiras guardavam meus bastões de batalha, lanças e arpões.

Eu peguei algumas lâminas de foice e um par de cajados laminados – um em cada uma das minhas quatro mãos – fazendo uma série de golpes acrobáticos; os cajados fluíam sem esforço ao meu redor, sem nunca se chocarem.

A expressão hipnotizada de Belle acariciou meu ego avassalador em todos os lugares certos. Eu poderia ficar viciado nisso.

— Mal posso esperar para te ver caçar — Belle disse.

— Em breve, minha companheira. Em breve — eu respondi enquanto colocava as armas de volta no lugar.

— Você caça com frequência? — ela perguntou, enquanto eu a deixava sair para mostrar o refeitório.

— O tempo todo. Eu apenas faço uma pausa enquanto espero que o próximo evento digno aconteça. Geralmente eu aproveito essa oportunidade para retornar ao meu mundo natal.

— Então, o que isso significa? Quero dizer, quantas caçadas você faz por ano?

— Depende. Algumas caçadas duram apenas alguns dias, então eu posso voar para a próxima imediatamente e fazer cinco ou seis caçadas em um único mês. Mas aí tem caçadas em grande escala que podem durar até um mês ou mais.

Eu a conduzi pelo imponente refeitório, que continha três grandes mesas retangulares com capacidade para dez pessoas cada. Eu circulei ao redor da ilha no fundo da sala com uma placa de cozimento embutida e parei no longo balcão atrás dela. Com um aceno de mão, eu mostrei a ela o replicador de alimentos, assim como os estoques de alimentos frescos e congelados.

— Você encontrará aqui tudo o que precisa para saciar sua fome. O replicador possui receitas premium. Eu adicionei uma variedade de iguarias humanas a ele. Me avise se houver mais alguma coisa que você gostaria de adicionar. No entanto, eu raramente o uso. Eu prefiro comer refeições artesanais com carne que eu mesmo capturei.

Pela segunda vez, Belle pareceu intimidada. Embora isso tenha me

agradado da primeira vez, esta me surpreendeu.

— Eu posso fazer um ótimo bife com purê de batata — ela disse com uma risada nervosa — Mas eu não sou exatamente uma cozinheira gourmet, especialmente com carnes alienígenas com as quais nunca trabalhei.

Eu recuei, sem saber se deveria ficar chocado ou ofendido — As mulheres não cozinham — eu disse indignado.

Para minha surpresa, foi a vez de Belle parecer ofendida — As mulheres sabem cozinhar muito bem. Acontece que eu não sou a melhor nisso.

Eu acenei com duas mãos em desdém — É claro que uma mulher pode aprender a cozinhar. Mas não é porque você pode fazer algo que *deveria* fazer. A cozinha não é lugar para mulheres. É dever do homem fornecer e alimentar sua mulher e sua prole. Você não vai me envergonhar tentando assumir meu papel! De qualquer forma, você não tem mãos suficientes para ser eficiente na cozinha.

Assim que eu terminei de dizer estas palavras, eu me preparei para o que seria, sem dúvida, a nossa primeira discussão. Ela ia fechar as mãos ao lado do corpo, assumir uma expressão teimosa e começar a me contar todas as maneiras pelas quais ‘eu não era o chefe dela’ e ‘eu não podia dizer a ela o que fazer’ e especialmente que ‘ela poderia cuidar de si mesma muito bem e não precisava de um homem para fazer isso por ela.’

Belle olhou para mim com olhos redondos, os lábios entreabertos em descrença. O silêncio se estendeu por alguns segundos – que, no entanto, pareceu interminável – e então ela deu de ombros.

— Bem, quando você coloca dessa maneira, quem sou eu para discutir? Eu não ousaria me apropriar de seus deveres. A cozinha é *toda* sua. Eu me submeto de bom grado a ser alimentada por meu marido — minha companheira disse com um sorriso e um brilho estranho nos olhos.

Eu não conseguia decidir se o alívio por sua concessão ou a suspeita de que ela estava potencialmente zombando de mim dominava dentro de mim. No final, o alívio venceu.

Eu grunhi em aprovação — Ótimo. Você descobrirá que eu sou um excelente cozinheiro. Mas venha, deixe-me mostrar o resto da nave.

— Ok — ela respondeu, agarrando uma das minhas mãos novamente enquanto eu caminhava ao lado dela.

A necessidade de contato físico de Belle estava me confundindo. Os Zamorianos não demonstravam afeto ou seu status de relacionamento em público dessa forma. Nossas mulheres mostraram sua propriedade e orgulho em voz alta ou adornando nossa trança com um símbolo.

Ela está ciente disso?

Como artista, minha mulher poderia me tornar a inveja de meu

clã.

Eu dei a ela um olhar de lado enquanto saíamos do refeitório. Eu olhei seu portfólio online. Embora eu não entendesse nada de arte, eu achei que ela possuía um talento inegável. E ainda assim, algo estava faltando. A anatomia dos personagens ou criaturas parecia sólida, suas perspectivas perfeitas, mas faltava uma centelha de emoção, como se ela os tivesse desenhado por dever e não por paixão.

Esperançosamente, nossas viagens forneceriam a ela modelos que acenderiam essa centelha. Nada me deixava mais vivo do que a emoção antecipada antes de uma caçada e de enfrentar o perigo enquanto lutava contra os predadores mais cruéis da galáxia. Eu queria que minha companheira experimentasse o mesmo tipo de entusiasmo com seu trabalho... mas em um ambiente muito mais seguro que o meu.

Nós passamos rapidamente pelos aposentos de hóspedes e ainda mais rápido pela sala de máquinas. Minha companheira não entendia absolutamente nada de engenharia. Ela bajulou a enorme ponte, embora tenha ficado estrábica ao olhar para todos os controles no painel de navegação.

— Você pilota esta nave sozinho? — ela perguntou, atordoada.

— Claro. Porém, ela também possui uma inteligência artificial extremamente avançada, que me permite dormir, treinar, cozinhar e relaxar enquanto ela está no piloto automático — eu expliquei — Caso surja algum problema, os módulos de autodefesa e manobra evasiva entrarão em ação enquanto disparam o alarme para que eu possa assumir o controle ou ajudar.

Belle estremeceu.

— Problema? Isso acontece com frequência? — ela perguntou cautelosamente.

Eu ri — Ocasionalmente, mas é raro. As caçadas que eu participo geralmente acontecem em setores mais seguros da galáxia, fortemente patrulhados pelos Executores da Organização dos Planetas Unidos. Embora Ostros esteja equipada com armas letais e sistemas de defesa, nas raras ocasiões em que eu fui atacado, eu brinquei com o inimigo por tempo suficiente para que os Executores viessem lidar com eles. Minutos depois de eu enviar um sinal de socorro, eles apareceram e fizeram os piratas fugir.

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Belle.

— O quê? — eu perguntei, curioso — Que pensamento passou pela sua cabeça?

— Eu... hmm... Honestamente, eu não esperava essa resposta sua. Achei que você iria me contar todas as maneiras como você os espancou, destruiu suas naves e os fez fugir enquanto imploravam por misericórdia — ela disse, parecendo envergonhada — Mas eu não

estou dizendo que discordo de sua atitude — ela acrescentou rapidamente, como se estivesse preocupada por ter me ofendido — Acho que sua abordagem é sábia. Eu só...”

Eu ri enquanto sua voz sumia — Eu sou um excelente piloto e um caça estelar competente, mas não sou um ás. Em uma arena de batalha ou em uma trilha de caça, não há luta que eu não consiga superar. Mas aqui no espaço, eu não tenho problema em me submeter aos profissionais. Um bom guerreiro sabe escolher suas batalhas. Eu não ganho nada lutando contra piratas, mas arrisco muito. Eu posso ser cruel e bárbaro, mas não sou tolo.

Belle sorriu para mim — Fico muito feliz em ouvir isso.

Eu me peguei retribuindo o sorriso dela. Seu comportamento alegre era contagiante.

— Venha. Vamos ver seu estúdio — eu resmunguei.

Para minha surpresa, eu me vi instintivamente estendendo a mão para ela. Minha companheira imediatamente aceitou, seu sorriso se alargando enquanto ela me deixava levá-la até os alojamentos da tripulação, que eu havia esvaziado para ela. Eu não conseguia entender o que me levou a pegar a mão dela. Não era exatamente o tipo de comportamento que eu queria encorajar. E, no entanto, a maneira como ela sorriu provavelmente me incentivaria a fazer isso de novo.

Ela vai me deixar fraco.

Uma noção inaceitável que eu rapidamente deixei de lado enquanto acenava com a mão na frente do detector de movimento da fechadura digital da porta.

— Este é o seu estúdio — eu disse enquanto a porta se abria com um ruído discreto — Você pode configurar o painel para que a porta trave, abra automaticamente ao se aproximar ou exija um gesto ou comando vocal para abrir. A maioria das portas da nave atualmente abrem na aproximação se você estiver de frente para elas.

— Eu não tenho nada a esconder. Abrir ao se aproximar está bom — Belle disse, com a voz borbulhando de entusiasmo enquanto entrávamos.

Apenas dois passos depois, minha companheira congelou, seus olhos se arregalando e seus lábios se abrindo em choque enquanto ela observava o amplo espaço. A sala em forma de losango tinha uma grande área central rodeada por um estrado elevado que revestia as paredes, com imensas janelas que davam vista para o espaço. Eu a deixei vazia, exceto por três armários altos para ela guardar as coisas, assim como algumas mesas.

De repente me sentindo constrangido, eu cocei a nuca enquanto resmungava uma justificativa quanto ao seu atual estado vazio — Eu esvaziei a sala e repintei as paredes de branco, pois li que é uma cor

excelente para ateliês de arte. Eles também falavam sobre cores de valor médio e baixo croma, mas isso englobava muitas cores. Se preferir uma tonalidade diferente, basta pedir e eu mudarei para você. Com relação aos móveis, eu coloquei apenas o mínimo para que você tivesse algum espaço de armazenamento para guardar suas coisas até decidir como deseja arrumar tudo.

Por um segundo, eu pensei que Belle não tivesse me ouvido enquanto continuava olhando para o lugar. Eu odiava o quão nervoso tudo isso me deixava. Eu não me sentia assim desde os primeiros dias do meu treinamento como caçador, quando procurava desesperadamente a aprovação do meu pai.

Belle deu alguns passos hesitantes para dentro da sala, olhando para ela como se estivesse em estado de choque. Eu queria acreditar que era um choque agradável, mas não consegui ler a expressão dela.

— Isto é para mim? — Annabelle sussurrou, de costas para mim.

— Sim, minha companheira. Cabe a você fazer o que quiser.

Ela se virou e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas. Meus corações afundaram enquanto minha mente disparava. O que eu poderia ter feito de tão errado a ponto de fazê-la querer chorar?

— O que foi, Belle? — eu perguntei, preocupação enchendo minha voz — Isso é inadequado? Por favor não chore. Eu irei consertar isso. Apenas me diga o que você precisa.

Para minha surpresa, ela balançou a cabeça, sorrindo enquanto uma lágrima rolava pelo seu rosto — É mais do que adequado. É perfeito. Você é perfeito. Não acredito que você fez tudo isso por mim. Ninguém nunca se esforçou por mim assim. E você nem me conhece ainda.

O alívio me inundou e a tensão que enrijecia minha coluna evaporou. Lágrimas de alegria... uma resposta humana completamente irracional da qual eu havia esquecido. Os humanos com quem eu geralmente interagia – homens e mulheres – não eram do tipo que chora, exceto em um funeral. E mesmo assim...

— Eu não preciso conhecê-la para fazer o que é certo com você, Belle — eu disse, um pouco perplexo com essa discussão, e ainda assim lisonjeado por ela me considerar perfeito — Você é minha companheira. No dia em que eu consenti com esta união, se tornou meu dever cuidar sempre das suas necessidades. Eu não pretendo falhar nesse quesito.

Ela riu enquanto enxugava o rosto com as costas da mão — Pelo que me lembro, meu marido nunca falha.

Eu estufei meu peito e bati nele com ambas as mãos primárias fechadas em punhos — Isso eu não faço — eu rosnei com orgulho, divertido ao ouvi-la repetir minhas palavras ao Mestre Voln.

Ela riu novamente, o som melódico bastante agradável aos meus

ouvidos.

— Mas quando você teve tempo para fazer isso? — ela perguntou, surpresa — Você conheceu Kayog há apenas duas semanas e entendo que você estava no meio de uma caçada.

— Eu sou eficiente — eu disse presunçosamente.

Belle bufou e balançou a cabeça — Claramente, você é. Então, obrigada. Não acredito que você me deu uma sala tão grande e com uma vista tão incrível do espaço. Eu amei!

— Eu fico satisfeito com isso. Agora venha, deixe-me mostrar nossos aposentos. Então você pode me dizer quais caixotes levar, para que você possa começar a se instalar enquanto eu traço o rumo para Xoccoris. É uma longa jornada para casa.

— Ok — Belle disse, pegando minha mão novamente.

Durante nossa curta caminhada até nosso quarto, eu pude ver as engrenagens da minha mulher girando. Um milhão de perguntas dispararam em minha mente enquanto eu me perguntava quais pensamentos estavam atravessando os dela. Com uma convicção profunda, eu acreditei que eram pensamentos sobre minha nave. Ela parecia impressionada com ela, mas eu podia dizer que algo a incomodava.

— Minha nossa! — Belle exclamou quando as portas dos nossos aposentos privados se abriram diante de nós — Isso é maior do que todo o meu apartamento na Terra! Só está faltando uma cozinha!

Eu bufei — Um quarto não é lugar para cozinhar. Mas há um replicador e uma pequena unidade de refrigeração perto do frigobar na sala de estar — eu disse, apontando para este último.

Mas Belle mal olhou para ele, ocupada demais olhando para minha... *nossa* cama imponente. Ela excedia os tamanhos humanos padrão. Suas camas king-size eram curtas demais e não eram largas o suficiente para o conforto adequado de um Zamoriano adulto, especialmente um que gostasse de se espalhar enquanto descansa.

— Nossa, você precisa de um carro para atravessar isso — ela murmurou para si mesma.

Eu ri — Espere até ver uma cama Zamoriana adequada em casa.

— Elas são ainda maiores?!

Eu balancei a cabeça com uma expressão provocadora — Mm hmm.

— Uau...

Belle disse essa palavra com a mão acariciando suavemente o tecido marrom escuro dos lençóis enquanto caminhava em direção à sala de estar à esquerda. Ela tinha um grande sofá de três almofadas de costas para a cama, um enorme apoio para os pés na frente e uma tela gigante pendurada na parede em frente a ele. À sua direita, o replicador estava embutido na parede acima do frigobar. Embora a

unidade de resfriamento embutida sempre contivesse algumas bebidas geladas, eu raramente as consumia. Normalmente, eu me deliciava com um copo da minha coleção de bebidas alcoólicas de alta qualidade. Em frente à sala de estar, a mesa do café da manhã servia mais como mesa de trabalho do que como local para comer.

— Eu adicionei uma grande quantidade de programas e filmes de entretenimento humano à biblioteca de vídeos, assim como o conteúdo galáctico mais popular. Nosso sistema de comunicação também é capaz de se conectar a sistemas de longo alcance para transmitir programas adicionais que podem não estar disponíveis na biblioteca — eu expliquei.

— Você realmente pensa em tudo — Belle disse com um sorriso.

— Sim — eu respondi com naturalidade, o que a fez rir. Eu voltei para o lado oposto da cama e aponte para uma das duas grandes portas que ocupavam aquela parede — Essa porta da esquerda é a sala de higiene. A da direita é o closet — eu disse, abrindo — O lado esquerdo é meu. As caixas e gavetas centrais, assim como todas as paredes traseira e direita são suas.

— Uau! Cabides, sapateiras, gavetas, vitrines! — Belle exclamou enquanto caminhava pelo grande espaço retangular — Eu não tenho roupas e sapatos suficientes para preencher tudo isso.

Eu fiz uma careta — Eu pensei que as mulheres humanas sempre reclamassem que nunca havia espaço suficiente em seus armários para todos os seus trajes?

A vermelhidão mais adorável subiu por suas bochechas e ela assumiu uma expressão envergonhada — Isso é verdade para muitas mulheres. Mas, além do fato de eu nunca ter sido uma louca por compras, minhas finanças realmente não me permitiam gastar muito em roupas. Eu costumo economizar para meu material de arte — ela confessou.

Minha carranca se aprofundou enquanto eu grunhia em compreensão — Bem, isso será corrigido. Eu não permitirei que minha companheira fique sem roupas e sapatos. Eu irei adquirir tudo o que você precisa.

— Ah! Eu realmente não preciso de nada. Eu não sou muito fã de... — a voz de Belle foi sumindo enquanto eu olhava para ela. Ela franziu o rosto, minha expressão sem dúvida deixou claro que isso não estava aberto para debate — Certo. Acho que podemos ir às compras.

— Nós iremos — eu corrigi, minha voz suavizando levemente com contentamento por ela não ter discutido mais — Créditos não são um problema. Afinal, eu sou um caçador de alto escalão.

Como se eu fosse permitir que minha companheira tivesse menos que a elite de sua espécie!

Depois de mostrar rapidamente a ela a sala de higiene – que mais

uma vez pareceu impressioná-la – eu pedi que ela me mostrasse quais caixas levar para nossos aposentos e quais levar para o estúdio. Enquanto voltávamos para o nosso quarto, o carrinho carregado com seus contêineres nos seguindo, eu não pude resistir a me perguntar quais pensamentos ainda estavam filtrando no fundo de sua mente e que ela parecia relutante em expressar.

A forma como sua pele pálida esquentou novamente confirmou que minhas intuições estavam certas.

— Diga o que pensa, minha companheira. Minha nave a desagrada? — eu perguntei, forçando minha voz naturalmente rouca a soar um pouco mais suave.

— Oh não! De jeito nenhum! Eu acho que é uma nave absolutamente fantástico. Com alta tecnologia e bem projetada. Ela é puro luxo! — ela respondeu, sua sinceridade inegável.

— E, no entanto, algo nela a desagrada — eu insisti.

Ela hesitou e mordeu o lábio inferior, como se estivesse pensando em como responder.

— Você pode falar livremente comigo. Eu não ficarei chateado — eu disse no que esperava que parecesse um tom tranquilizador.

— Não é que isso me desagrada — ela disse cautelosamente — Mas... hmm... todo o lugar é meio marrom.

Eu recuei, parando tão de repente que o carrinho quase colidiu comigo. Eu olhei ao redor dos grandes corredores, me perguntando como ela poderia culpar sua encantadora cor marrom.

— O que há de errado com o marrom? — eu perguntei em tom defensivo — Esta é uma cor quente, forte, natural e bonita.

Sim, eu adorava marrom. Tudo nesta nave era em tons de marrom, do bege claro ao expresso escuro. O que havia de errado com isso? Muitas naves tinham cores metálicas desbotadas por toda parte, e um número maior ainda era toda em cinza escuro.

— Não há nada de errado com o marrom — Belle respondeu com uma voz suave — Mas você poderia torná-la mais animada com alguns toques de vermelho, laranja, verde, azul e até mesmo alguns amarelos brilhantes.

O horror que eu senti por dentro, sem dúvida, apareceu em meu rosto quando minha companheira começou a rir antes de dar um tapinha no meu braço de forma tranquilizadora.

— Não é tão assustador quanto você provavelmente está imaginando — Belle disse em um tom divertido — Eu poderia esboçar o que tenho em mente para te mostrar. E se você gostar, talvez me deixe fazer alguns ajustes?

Eu fiz uma careta, odiando a ideia de todas as maneiras pelas quais ela poderia desfigurar minha nave viril e transformá-la em uma nave delicada e excessivamente colorida. Infelizmente, se fosse o desejo

dela, eu não poderia desafiá-la. As mulheres governavam a residência e, em todos os aspectos que importassem, minha nave constituiria nossa residência principal.

— Muito bem — eu concedi, sem fazer nenhum esforço para esconder minha relutância.

Ela riu e esfregou meu braço de uma forma calmante — Não se preocupe, querido marido. Eu prometo que você vai adorar.

Eu grunhi de forma evasiva e voltei a caminhar em direção aos nossos aposentos para levar suas caixas.



Capítulo 4

Annabelle

Após Bayron sair, eu olhei para a porta sem vê-la, sem saber como me sentia naquele momento. Meu marido era uma fera deliciosamente sexy. Gostoso e apetitoso não eram o suficiente para descrevê-lo. E quão deliciosamente mal-humorado ele era?

Apesar de tudo isso, eu realmente não senti a química instantânea entre nós que esperava. Claro, meus dedos dos pés se curvaram durante nosso segundo beijo, depois que trocamos nossos votos. No entanto, por mais que eu quisesse uma tensão sexual extraordinária entre nós, um vínculo genuíno de afeto tinha ainda mais importância para mim. Eu queria o conto de fadas completo, com minha fera perdidamente apaixonada por mim. Mas eu estava sendo exagerada de novo?

Suspirando, eu comecei a desempacotar minhas roupas, enquanto minha mente continuava correndo solta com especulações e pensamentos sobre meu marido.

Eu adorei sua exibição possessiva e neandertal quando aquele cara me olhou na doca. Porém, desde então, Bayron parecia mais perturbado do que encantado por mim. Minha maldita franqueza, entusiasmo excessivo e obstinação muitas vezes irritavam algumas pessoas. Ele estava sentindo o mesmo por mim?

Eu não pude deixar de olhar para ele. Ele era tão lindo. Aqueles músculos, aquelas veias salientes, seu rosto assustadoramente bonito... Eu queria lambê-lo todo. Mas isso claramente o estava deixando desconfortável. Ele provavelmente pensou que eu era alguma psicopata. Eu devo fazer algum esforço consciente para me controlar e evitar assustá-lo ainda mais?

Mas aí eu não serei eu mesma.

Fingir ser alguém mais restringida do que eu só funcionaria por um certo tempo. Para que essa união tivesse uma chance, Bayron precisava se apaixonar por mim do jeito que eu era, em todos os meus modos excessivos. Eu só precisava me lembrar que Kayog nunca esteve errado. Ele considerou Bayron e eu almas gêmeas. Isso não equivalia a amor instantâneo. Como todo casal, nós enfrentaríamos

alguns desafios à medida que nos conhecêssemos.

Paciência, Belle. Você tem a vida inteira para domar sua Fera.

Se ao menos eu pudesse ler emoções como um Temern. Eu mataria para saber o que Bayron pensava de mim. Ele sentia alguma atração por mim? Ele não parecia desapontado com minha aparência quando eu desci na nave. Ele também parecia bastante inflexível de que nossa união teria sucesso e que Kayog não precisaria encontrar um marido substituto para mim. Isso era um sinal positivo, certo?

Eu suspirei novamente, irritada comigo mesma por pensar demais nas coisas e permitir que minhas inseguranças habituais me causassem mais estresse do que o necessário. Nós estávamos casados há menos de uma hora e Bayron parecia determinado a ser o marido perfeito para mim. Eu precisava tomar um remédio para relaxar e passar os próximos seis meses mostrando a ele que eu também era a esposa perfeita para ele.

Eu terminei rapidamente de desempacotar minhas roupas e meus poucos pares de sapatos, usando menos de um quarto do espaço que Bayron havia me alocado no enorme walk-in. No entanto, as gavetas da ilha central estavam transbordando de lingerie e camisolas sexy e com babados que eu comprei assim que Kayog confirmou que Bayron havia concordado em se casar comigo.

A ideia de nossa noite de núpcias me deixou com calor e frio ao mesmo tempo. Eu não queria pensar nisso agora, ou poderia começar a entrar em pânico. Em vez disso, eu saí do nosso quarto e fui para o meu fabuloso estúdio.

Eu não conseguia acreditar que ele havia liberado um espaço tão grande para mim e pintado na cor perfeita. Depois de ler sobre ele, especialmente sobre o incidente em Trangor durante a primeira Grande Caçada dos Ordosianos, eu não esperava que ele fosse tão atento. Eu não exigia muita manutenção, mas ter alguém que realmente se importasse comigo e quisesse me fazer feliz era um sonho que se tornou realidade.

Eu montei alguns cavaletes e telas, coloquei meu material de desenho e pintura em uma das mesas e, em seguida, coloquei minha prancheta de desenho e meu projetor de pose holográfica na outra. Ultimamente, eu tenho feito principalmente ilustrações digitais porque era mais barato do que a pintura tradicional em tela. No entanto, eu já sabia que não faria apenas uma pintura a óleo de Bayron, mas provavelmente também faria uma escultura dele em altura real. Eu teria muito espaço aqui para fazer tudo isso. Eu não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão animada com a ideia de pintar um modelo.

Ao pegar a última caixa – uma caixa chique que claramente não pertencia a mim e que eu presumi ser o presente a que Kayog se

referiu – eu borbulhei de curiosidade. Sendo um pouco masoquista, eu deliberadamente a deixei para o final. De certa forma, essa seria minha recompensa por ter concluído primeiro minhas outras tarefas.

Meu queixo caiu assim que o recipiente prateado se abriu com um silvo suave. O grito que me escapou quando eu reconheci o logotipo na caixa superior, quase me ensurdeceu. Uma Zafell! Kayog me presenteou com uma maldita câmera Zafell! Essa empresa produzia equipamentos artísticos luxuosos e de alta tecnologia.

O preço desta câmera por si só excedia facilmente o aluguel de um ano inteiro do meu antigo apartamento caro. Não só ela capturava imagens de alta precisão, até mesmo a grandes distâncias, como também as digitalizava em 3D. A melhor parte é que uma seção da câmera podia ser removida e funcionar como um drone que você poderia configurar para seguir ou controlar remotamente. Isso era perfeito para fotos em close de locais de difícil acesso ou de criaturas perigosas. Além de ser super silenciosa, ela possuía até um escudo furtivo para que o alvo não fosse alertado de sua presença.

Isso me permitiria tirar fotos incríveis do meu marido durante suas caçadas. Eu já conseguia imaginar o tipo de desenhos épicos que poderia fazer a partir disso. Cheia de entusiasmo, eu verifiquei o que mais meu herói Temern havia incluído na caixa de presente.

Eu senti os joelhos fracos ao ver o conjunto Zafell completo. Isso incluía o tablet de desenho mais sofisticado com tantas funções que provavelmente precisaria de mais de uma vida inteira para poder explorar todas elas, e a mãe de todas as malhas de projetores de escultores 3D. Ela permitia esculpir fisicamente uma malha holográfica. Você poderia atribuir a textura desejada à malha, seja madeira, argila, pedra ou qualquer outro material que você gostasse, e isso lhe proporcionaria uma resistência semelhante à real. A diferença? Por ser tudo digital, se você errasse, poderia desfazer e continuar ajustando até que ficasse exatamente como você queria. Você poderia experimentar cores e, apenas depois de fazer isso, se comprometer e cortar a laser o material que você escolheu para combinar perfeitamente com seu design.

Ela incluía até mesmo um conjunto completo de ferramentas de escultura, desde entalhe, raspagem, modelagem, texturização e polimento. Normalmente eu trabalhava apenas com madeira e argila, pois sempre achei a pedra muito dura para as mãos. Mas isso estava me abrindo para um mundo totalmente novo de possibilidades. Se Kayog estivesse perto de mim, eu daria um abraço esmagador em seu corpo emplumado.

Depois de separar e guardar cuidadosamente meus presentes, eu fui procurar meu marido e o encontrei no convés. Embora ele tivesse me avisado que queria nos levar rapidamente a caminho de seu

mundo natal, ainda me surpreendeu nos ver já nas profundezas do espaço. A decolagem foi tão suave e silenciosa que eu não senti nada.

Bayron olhou para mim por cima do ombro assim que as portas se abriram para me deixar entrar. Era estranho vê-lo olhando para mim com quatro olhos. Eu nunca sabia qual deles olhar, embora tendesse a me concentrar no par maior e mais baixo. Eu lhe dei um sorriso tímido, que ele não retribuiu. Em vez disso, ele me observou aproximar com uma expressão ilegível que me fez sentir super constrangida. Mais uma vez, eu desejei poder ler sua mente ou – pelo menos – suas emoções para ter uma noção de quais pensamentos minha chegada havia desencadeado dentro dele.

— Minha companheira? Você precisa de ajuda? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça, me perguntando se essa era sua maneira sutil de me dizer que não eu tinha nada a ver com o convés, a menos que precisasse de sua ajuda em alguma coisa.

— Não. Eu... hmmm... terminei de guardar minhas coisas e montar meu estúdio. Eu pensei em me juntar a você aqui e talvez passar algum tempo na sua companhia — eu acrescentei com uma risada nervosa.

Uma emoção estranha passou por suas feições alienígenas, tão brevemente que eu não consegui nem começar a interpretá-la. Eu me preparei para ele me dizer que agora não era um bom momento e deixá-lo em paz. Em vez disso, ele apontou para a cadeira do copiloto perto dele.

— Claro. Sente-se — ele respondeu.

Apesar do alívio que me inundou, eu corri para a cadeira, me sentindo ainda mais nervosa. Eu me acomodei sob seu olhar intenso, coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e coloquei as mãos nos joelhos para evitar que tremessem.

Quando nervosa, eu tendia a sofrer um caso agudo de diarreia verbal. Nesse caso, meu cérebro decidiu romper com a tradição e tirar uma licença improvisada. Eu olhei para Bayron, minha mente completamente vazia e minha língua virando chumbo.

Uma leve carranca apareceu na testa de Bayron enquanto ele observava meu comportamento rígido. Meu Deus, ele devia pensar que tinha se casado com uma grande aberração.

— Toda vez que estamos juntos, você fica olhando para mim — Bayron resmungou — Por quê? Alguma coisa na minha aparência a incomoda?

Meus olhos quase saltaram das órbitas, minhas bochechas pareciam prestes a explodir em chamas e então as comportas se abriram.

— Oh Deus não! De jeito nenhum. Me desculpe. Não é minha intenção ficar olhando. É só que... eu não consigo evitar. Eu te acho

deslumbrante. Eu te achei bonito no holograma que Kayog me mostrou, mas você é ainda mais perfeito pessoalmente. Você parece tão temível e forte. Você excede tudo que eu sempre quis e simplesmente não consigo acreditar que você é realmente meu. Eu estou pasma. Eu temo que se eu desviar o olhar por um segundo, você simplesmente desaparecerá. Cada vez que estou perto de você, eu tenho que lutar contra a vontade de tocá-lo para ter certeza de que você realmente está aí. E eu... ah, cara, estou balbuciando.

Eu pressionei minhas mãos em meu rosto, que estava queimando com o constrangimento que sentia. Eu só queria tranquilizá-lo sobre minha percepção positiva dele, mas agora eu parecia uma fã enlouquecida, quase se jogando nele.

Bayron se mexeu na cadeira. Por uma fração de segundo, ele quase pareceu tímido, como se não soubesse lidar com tais elogios. Mas foi muito breve para eu ter certeza.

— Eu sou seu companheiro e não vou a lugar nenhum. Dito isto, fico... satisfeito que você se sinta assim em relação à minha aparência. Sua espécie geralmente acha a minha feia e assustadora — ele disse naquele tom rosnado que eu adorava, mas que também traía a timidez que eu percebi com precisão momentos atrás.

— Eu não sou como o resto da minha espécie — eu disse com um gesto de desprezo, minha própria timidez também transparecendo — Eu realmente te acho lindo. Eu adoraria desenhá-lo, se você me deixar.

Eu odiei como voltei a ter aquela voz incerta e suplicante que eu sempre assumia quando criança, sempre que eu pedia permissão ao meu pai para fazer algo, eu tinha certeza de que ele me negaria. Eu era uma mulher adulta que vinha trabalhando constantemente para aumentar sua autoconfiança. Eu já não desmoronava quando rejeitada ou negada.

Ele pareceu surpreso com esse pedido, seu rosto transmitindo que ele não entendia por que eu iria querer desenhá-lo. Claramente, ele não tinha ideia de como eu o via. Mas meus desenhos corrigiriam isso.

Bayron grunhiu e depois deu de ombros — Claro. Você pode me desenhar, se quiser. Afinal, eu sou seu.

Uma onda de calor tomou conta de mim ao ouvir essas palavras. Não foi tanto o fato de ele ter me dado sua permissão, mas a confirmação de que ele era realmente meu. Todo meu... Levaria algum tempo para eu parar de me beliscar por causa disso.

— Hmm... Você está com fome? Cansada? Precisa de alguma coisa? — Bayron perguntou, aparentemente ansioso para desviar o assunto de sua aparência e da minha vontade de desenhá-lo.

Eu balancei minha cabeça — Não, obrigada. Nós tivemos uma grande refeição pouco antes de nossa chegada à estação espacial. De

qualquer forma, estou muito animada agora para pensar em comida. Mal posso esperar para ver seu planeta. Eu nunca estive fora do meu planeta antes. Esta é a maior aventura da minha vida.

A expressão de Bayron se suavizou da maneira mais fascinante. Seus olhos azuis pareceram ficar ainda mais pálidos quando ele lançou um olhar gentil sobre mim — Xoccoris é apenas um dos incontáveis mundos que eu lhe mostrarei durante nossas viagens.

— Eu mal posso esperar — eu disse com um sorriso animado — Nós vamos passar nossa lua de mel no seu planeta?

Bayron franziu a testa — Lua de mel? O que é isso?

— Na Terra, é o momento de união entre os recém-casados, logo após o casamento — eu expliquei — Pode durar de alguns dias a algumas semanas. Casais mais ricos podem ficar por um mês ou mais.

Sua carranca se aprofundou, dando a impressão de que a parte superior de seus olhos estava se estreitando enquanto assumia um tom maligno.

— Tempo de união fazendo o quê? — ele perguntou.

— Só fazendo várias coisas juntos. Conversar, visitar lugares legais, fazer atividades românticas como jantares à luz de velas, passeios na praia, visitas guiadas, muitos abraços e... — eu me contive bem a tempo antes de dizer ‘fazer muito sexo’ e dei de ombros — Você sabe, coisas de recém-casados para consolidar o novo vínculo.

Bayron fez uma careta como se tivesse acabado de morder algo amargo ou cheirar algo desagradável. Em circunstâncias diferentes, eu poderia ter começado a rir. Ele parecia tão horrorizado.

— Isso parece uma enorme perda de tempo — ele resmungou — Como é que qualquer uma dessas atividades inúteis fortalece o vínculo entre os parceiros?

— Ah... vejo que você é um verdadeiro romântico! — eu disse provocativamente.

— Isso, certamente eu não sou — ele disse, quase parecendo ofendido — Isso é algo que você exige?

Eu não pude deixar de rir com o toque de pânico que percebi no que de outra forma seria considerado um tom mal-humorado. Por uma fração de segundo, eu considerei dizer sim, apenas para ver como ele responderia. Embora eu gostaria de fazer tais atividades com ele, na verdade eu não precisava delas.

— Exigir? Não — eu respondi honestamente, rindo novamente de seu óbvio alívio — Mas fique avisado que eu sou carinhosa. Então prepare-se mentalmente para o fato de que eu vou querer sentar no seu colo e me aconchegar com você com frequência.

Eu não conseguia acreditar na ousadia com que eu disse isso, sendo que momentos antes eu estava me afogando em timidez e constrangimento. Bayron olhou para mim como se eu fosse um inseto

bizarro que desafiasse qualquer lógica, e como se estivesse se perguntando por que diabos ele consentiu com essa união. Apesar disso, eu não senti a sensação habitual de rejeição que esse tipo de olhar normalmente me causava. Por uma razão que não consigo explicar, eu senti fortemente que se tratava apenas dele expressar o quanto eu o deixava perplexo, e não uma demonstração de arrependimento por ele ter se casado comigo.

Bayron grunhiu e me deu um aceno rígido em concessão. Deus, como eu amava um rabugento! Foi necessária toda a minha força de vontade para não me levantar da cadeira, beijá-lo e depois me jogar em seu colo para me aconchegar com ele.

Aparentemente, meu cérebro finalmente recebeu o memorando de que deveria cooperar para que eu estabelecesse algum tipo de conversa agradável com meu novo marido. As palavras finalmente fluíam naturalmente.

— Então, já que não estamos indo para o seu mundo natal para a nossa lua de mel, o que eu devo esperar quando chegarmos lá? O que nós vamos fazer? — eu perguntei.

— Nós vamos incluí-la no clã e familiarizá-la com sua nova casa antes de partirmos para a próxima caçada — Bayron disse com naturalidade.

— Me incluir no clã? — eu perguntei, minha curiosidade despertada.

— Qualquer pessoa que não nasceu dentro de um clã precisa conquistar o direito de ingressar e ser aceita para se tornar uma de nós — ele respondeu calmamente.

Meu estômago revirou — Conquistar o direito e ser aceita? — eu repeti, a preocupação surgindo novamente — Isso significa que eu posso ser rejeitada?

— É claro — Bayron disse, como se isso fosse evidente — Os fracos não são bem-vindos.

— Mas... Mas eu não sou forte como você! Pelo que eu li, suas mulheres são muito altas e fisicamente mais fortes do que a média dos homens humanos. Não há como comparar com isso! — eu exclamei, o pânico firmemente se enraizando na boca do meu estômago.

Bayron bufou e acenou com a mão em desdém — Você é uma mulher. Força física não é exigida de você.

— Então, é uma coisa mental? — eu perguntei, me recusando a ceder ao alívio ainda.

— Sim.

— Como o quê? — eu pressionei quando ele não parecia disposto a explicar mais.

Ele olhou para mim por alguns segundos, então um sorriso estranho apareceu em seus lábios macios — Você descobrirá em breve.

Eu franzi o rosto, não gostando nem um pouco daquela resposta — Ou eu poderia descobrir agora, se você me contar. Por que você não conta? Quão ruim é isso? Provavelmente eu preciso me preparar. E se eu falhar?

— Se você falhar, isso significará que Kayog estava errado — ele brincou.

Eu bufei, me sentindo quase tão ofendida como se ele tivesse me insultado pessoalmente — Kayog nunca está errado. Ele disse que você e eu somos almas gêmeas, então isso significa que nós somos. O que também significa que eu passarei no seu teste — eu disse, erguendo o queixo em desafio, meu pânico crescente dando lugar a uma sensação de certeza — Eu posso não corresponder ao que você *acha* que gostaria em uma companheira, mas sou o que você precisa. Como? Eu não sei. Mas o tempo irá provar isso.

Bayron bufou, seu olhar vagando por mim com uma expressão divertida diante do meu pequeno discurso — Tudo que eu *preciso* é de um bom desafio e bestas ferozes para caçar — ele rebateu.

Eu dei de ombros, nem um pouco desanimada com seu comentário — Então você está prestes a ser servido. Todo mundo sempre diz que eu sou desafiadora. Então aí está! Você vai precisar de todas as suas quatro mãos grandes para me controlar.

Bayron se recostou na cadeira, rindo e nada impressionado com minha fanfarronice. Ele estava me lançando aquele olhar irritante que os cães maiores lançam aos cachorrinhos que latem com vontade, como se representassem algum tipo de ameaça. Isso deveria me irritar, mas minha mente estava muito focada em quão gostoso ele parecia com uma expressão sarcástica em seu rosto bonito.

— Bem, você certamente é espirituosa... e otimista. Você pode passar, afinal. Seu tom permaneceu provocador, mas eu não perdi o brilho de aprovação em seus olhos azuis.

— É melhor você acreditar — eu disse presunçosamente — Você não vai se livrar de mim tão facilmente.

— Eu não pretendo.

Isso me surpreendeu, mas também fez com que todo tipo de calor me envolvesse. Não foram apenas as palavras que me afetaram, mas também a maneira como a voz dele ficou mais profunda enquanto o estrondo aumentava. Seu tom possessivo fazia coisas engraçadas comigo.

Eu me mexi na cadeira, mordendo a língua para não perguntar o que ele realmente pensava de mim e do nosso casal. Em vez disso, eu passei para outro tópico sobre o qual estava pensando.

— Kayog mencionou que você não se inscreveu na AP — eu disse.

— Está correto. Eu já havia pensado nisso algumas vezes, mas nunca senti um forte desejo de prosseguir — ele respondeu.

— Então por que você aceitou? — eu perguntei, genuinamente curiosa.

Ele deu de ombros — Kayog me contatou e me contou sobre você. Como você disse muito bem, ele nunca está errado – ou pelo menos, ele nunca esteve até agora. Encontrar uma companheira é um desafio quando você vive uma vida um tanto nômade como a minha. Eu ainda sou jovem e não sou o herdeiro do nosso clã. Portanto, não havia pressa para eu me casar e ter filhos.

Meus ombros caíram — Oh. Isso significa que você só concordou porque Kayog disse que deveria, mas você realmente não queria uma companheira agora?

Bayron riu e balançou a cabeça — Não. Eu nunca faço nada que não queira. Alma gêmea ou não, eu não teria consentido em me casar com você se não achasse que era o momento certo ou se a ideia me desagradasse. Eu estou feliz por estar acasalado.

Meu coração deu um pulo — Você... você está? Eu não... o decepção?

Ele recuou, atordoado com a minha pergunta — Me decepção? Por que você faria isso? Você não é o que eu esperava, mas eu gosto de uma surpresa. Você é atraente e possui uma personalidade interessante. E embora seu comportamento às vezes me pareça confuso, eu a acho intrigante. Estou ansioso para descobrir cada uma de suas nuances.

Minhas bochechas esquentaram de prazer por finalmente ouvir seus pensamentos sobre mim e descobrir que eram tão positivos. Eu lhe dei um sorriso tímido e me mexi um pouco mais na cadeira, o que pareceu diverti-lo.

— Sim, eu posso ser um pouco entusiasmada demais e às vezes muito atrevida — eu confessei com um sorriso tímido — Não há problema em me dizer se eu o incomodar ou me mandar calar a boca se eu balbuciar demais. Isso pode ser irritante – se não opressor – para algumas pessoas.

— Eu não fico sobrecarregado — Bayron retrucou, parecendo um pouco ofendido — Apenas os fracos não conseguem lidar com a ousadia. Espero que você fale o que pensa. Eu prefiro uma mulher excessivamente entusiasmada a uma tímida, medrosa e chata.

— Fico feliz em ouvir isso — eu disse, sorrindo para ele — Só para você saber, eu vou fazê-lo gostar de mim, Bayrohnziyiek Skortheatis. Eu vou deixá-lo perdido por mim.

Ele bufou — Desafio aceito, minha companheira.

Eu sorri e inclinei a cabeça para o lado, ponderando — Se você não se inscreveu na AP, como conheceu Kayog? Assim que ele e eu conversamos, lá na Terra, ele percebeu que você seria o par perfeito para mim. Isso significa que ele deve ter te conhecido muito bem.

Vocês são amigos?

Bayron bufou — Amigos definitivamente não é o termo que me vem à mente quando penso naquele Temern. Ele sente muito prazer em me provocar — ele disse com um grunhido na voz.

Seu tom imediatamente despertou meus instintos protetores em relação a Kayog — Você não tem permissão para odiá-lo! Kayog é fabuloso!

— Eu não o odeio. Eu tenho o maior respeito pelo homem. Mas eu ainda adoraria depená-lo.

— EI! — eu exclamei, indignada.

Ele começou a rir — Acalme-se, pequena humana. Eu nunca tocarei em uma única pena de sua cabeça. Afinal, eu devo a ele.

— Como assim? — eu perguntei, me inclinando para frente enquanto a indignação superprotetora dava lugar à curiosidade.

— Depois de um incidente desagradável em Trangor, ele foi chamado para mediar a situação com a Federação e a população local — Bayron explicou — Eu usei um método inteligente para acumular mais mortes do que meus concorrentes — um método que na verdade não infringiu as regras. Mas isso ainda fez com que algumas pessoas pedissem que eu fosse expulso do evento. A avaliação de Kayog provou que não havia fundamento para isso. Foi em grande parte graças a ele que eu consegui completar a Caçada.

Eu mordi o lábio inferior, pensando em como queria explorar essa abertura para me aprofundar no assunto — Não foi esse o incidente que levou Serena Bello a ser presa pelos Ordosianos?

Seu rosto imediatamente se fechou — Você já ouviu falar dela?

— Todo mundo ouviu. A família dela é muito influente. Eles provocaram um grande alvoroço quando houve rumores de que sua filha seria executada por salvar vidas — eu disse cautelosamente.

— Eu não atraí as feras para perto da área onde as mulheres e crianças Ordosianas estavam localizadas — Bayron disse em tom defensivo — Supondo que essas criaturas fossem aquelas com quem eu estava lidando antes, elas teriam viajado uma distância muito grande de onde eu interagi com elas. Depois que Serena e eu nos separamos, eu mudei para sudoeste. Ela viajou para o norte por pelo menos algumas horas antes de encontrar os Flayers que ameaçavam os habitantes locais.

Pela tensão em sua voz e pela forma como seus músculos se inchavam, esse ainda era claramente um assunto delicado para ele. Será que os Flayers que atacaram os habitantes locais poderiam ter sido realmente diferentes daqueles que ele estava atraindo para a fronteira para os caçadores Ordosianos matarem e para ele colher a recompensa?

Isso realmente importa?

Eu não tinha dúvidas de que ele nunca teve a intenção de prejudicar os habitantes locais e que não foi uma negligência deliberada de sua parte que causou o incidente. No entanto, eu fiquei preocupada que ele não parecesse considerar antiéticas suas táticas para avançar na competição.

Minha língua ardeu com o desejo de desafiá-lo, mas agora não parecia o momento certo. Eu não queria que passássemos nossa noite de núpcias discutindo sobre um incidente do passado dele.

— Bem, seja como for que esses monstros chegaram lá, estou feliz que, no final, deu tudo certo. Dizem que Serena está extremamente feliz com o marido, e a família dele adora ela e os filhos — eu disse em um tom suave.

Para meu alívio, Bayron relaxou instantaneamente. Eu percebi então que ele esperava que eu o condenasse, como a maioria dos humanos — e provavelmente outros — também fizeram.

— Ela está — ele confirmou em um tom mal-humorado.

— Você a viu de novo?

Ele assentiu — Eu participei de mais algumas Grandes Caçadas em Trangor nos três anos desde aquele incidente. Serena geralmente vem cumprimentar seus amigos caçadores no acampamento base. Da última vez, ela trouxe os filhos.

— Oh, uau! Isso é incrível! Eu me pergunto se poderei vê-la na próxima vez que você caçar lá — eu disse, melancolicamente.

— Isso pode acontecer mais cedo do que você pensa. Afinal, nós iremos para Trangor logo depois de deixarmos meu mundo natal.

Eu me animei e olhei para ele com os olhos arregalados — Sério?! Sua próxima caçada será em Trangor?

— Sim.

Eu não queria deixar escapar o grito estridente que me escapou. Bayron congelou, sua expressão chocada quase me fazendo explodir em gargalhadas, mas o constrangimento tomou conta quando eu lancei a ele um olhar de desculpas.

— Me desculpe. Como eu disse, eu posso ficar um pouco entusiasmada demais.

Ele bufou e balançou a cabeça — Você realmente é uma mulher estranha. Felizmente, isso não me incomoda.

— Espero que seus pais achem o mesmo — eu murmurei, temendo como minha personalidade colorida seria percebida lá — Presumo que os encontrarei quando chegarmos a Xoccoris?

— Sim. Você conhecerá minha mãe, meu pai e meu irmão mais velho.

Meu estômago deu um nó de apreensão — O quanto eles sabem sobre mim e nosso casamento? Eles estão cientes de que estamos em um período experimental de seis meses?

Toda diversão desapareceu do rosto de Bayron. Uma carranca profunda apareceu em sua testa enquanto ele olhava para mim com uma expressão severa — Por que você pergunta? Você já está planejando me deixar?

— Nossa, não! Eu disse que pretendo te deixar louco por mim. Mas...

— Mas? — ele repetiu quando minha voz sumiu.

— E se sua família achar que não sou digna e pedir para você me largar? — eu perguntei com uma voz fraca.

A expressão selvagem que se instalou em seu rosto e o grunhido furioso que saiu de sua garganta deveriam ter me aterrorizado. Em vez disso, eles ressoaram diretamente na minha região inferior e fizeram meus dedos se curvarem instantaneamente. Droga, minha Fera era magnífica!

Meus ovários explodiram. Eu fechei as pernas com mais força para silenciar o latejar surdo causado pela maneira possessiva com que ele acabou de me reivindicar.

— Ok — eu sussurrei com uma voz submissa que pareceu agradá-lo — Então... Seu pai e seu irmão são caçadores como você?

Bayron balançou a cabeça — Não. Embora todo homem Zamoriano seja um caçador treinado, nós somos antes de tudo guerreiros. Meu pai é o líder do nosso clã e meu irmão é seu herdeiro. Eles lideram nosso exército guerreiro, impõem a paz e lidam com todos os assuntos diplomáticos com os outros clãs e fora do planeta.

— Mas você seguiu um caminho completamente diferente — eu disse, com naturalidade.

Ele sorriu. Eu adorava a maneira como isso suavizava suas feições, ao mesmo tempo que lhe dava uma intenção perigosa. Claro, parecia contraditório, mas era assim mesmo. Por outro lado, meu marido mantinha uma aura constante de força letal e perigo que era sexy como o inferno.

— Sim — ele disse, parecendo bastante satisfeito com isso — A melhor parte de ser o segundo filho é a liberdade total. O futuro de Varkuth foi decidido no momento do seu nascimento.

— Esse é o seu irmão mais velho?

Bayron assentiu — É verdade que Varkuth poderia ter renunciado à sua herança, mas isso não é realmente feito entre os Zamorianos. Felizmente, meu irmão é um líder natural e adora ser o herdeiro. Eu não tenho paciência para liderar pessoas, especialmente idiotas. No minuto em que eles se tornassem um incômodo, eu quebraria suas cabeças e seguiria em frente. Verdade seja dita, eu sou um pouco solitário. Eu gosto de poder ir aonde o vento me levar, sem amarras.

— Exceto que agora você está algemado a uma companheira — eu disse em tom de desculpas.

Ele sorriu, seu rosto assumindo aquela expressão mais suave novamente — Uma companheira é diferente. Se nós somos de fato almas gêmeas, como afirma Kayog, então você é exatamente quem eu preciso ao meu lado.

Eu devolvi seu sorriso, me sentindo derreter por dentro.

No momento em que eu estava abrindo a boca para fazer outra pergunta, um sinal sonoro vindo de seu painel de navegação me interrompeu. Bayron voltou sua atenção para o console e digitou algumas coisas na interface.

Eu não entendia nada sobre pilotar uma nave. Considerando que eu não consegui aprender a pilotar um carro voador, não era surpresa que naves com sistemas ainda mais complexos me assustassem.

— Algo errado? — eu perguntei.

Bayron balançou a cabeça — Scanners de longo alcance detectaram outra nave vindo em nossa direção geral, mas não está em rota de colisão. Sua trajetória de voo indica que ela não está em perseguição e não é uma ameaça.

— Você está preocupado com piratas? — eu perguntei cautelosamente.

— Preocupado é uma palavra muito forte. Mas nunca se deve baixar a guarda neste setor — ele disse em um tom tranquilizador.

— Então, você vai pilotar a noite toda? — eu perguntei, sem saber se me sentia chateada ou aliviada, embora o sentimento anterior dominasse.

Mais uma vez, ele balançou a cabeça — Não. Eu vou deixar a IA da nave assumir o controle em cerca de meia hora, assim que entrarmos em uma área mais segura. Então você e eu podemos nos limpar juntos e depois acasalar.

Meu estômago deu uma série de cambalhotas, enquanto meu queixo caiu com sua franqueza. É verdade que, de acordo com as regras da AP, nós tínhamos que consumir a nossa união esta noite, mas eu não esperava que ele expressasse isso de forma tão crua. Apesar de tudo isso, o latejar entre minhas coxas — que havia desaparecido desde seu último rosnado — surgiu com força total. Eu ansiava por me encontrar indefesa debaixo dele tanto quanto eu repreendia isso.

A julgar pelo sorriso selvagem que esticou seus lábios, eu acreditei que Bayron havia adivinhado quais pensamentos conflitantes suas palavras despertaram dentro de mim.

— Você tem um sigilo, um emblema ou um sinal que a represente? — ele perguntou.

Eu recuei, a mudança completa de assunto quase me dando uma chicotada — Não. Por quê?

— Você precisa de um para nossa união Zamoriana. Você precisa

me fornecer isso amanhã. Pode ser o que você quiser, mas precisa caber em um medalhão.

Meus olhos se arregalaram enquanto a excitação borbulhava dentro de mim — Eu posso desenhar um. Estamos falando do brasão da família ou apenas de um símbolo que resume quem eu sou?

— Uma mistura de ambos. Deve ser algo que diga quem você é, o que você aspira ou como gostaria de ser conhecida. Algo que as pessoas reconhecerão automaticamente como Belle sempre que o virem.

— Ok. Eu posso fazer isso” — eu disse com entusiasmo — Suponho que isso é outra coisa sobre a qual você não vai me dar mais detalhes?

Ele bufou — Você supôs certo, minha companheira.

— Você é impossível — eu murmurei com raiva falsa, fazendo-o rir.

Nós passamos mais vinte minutos conversando levemente até chegarmos no que Bayron considerava uma região segura. Tudo parecia igual para mim. Mas então ele ativou a inteligência artificial da nave, a colocou no piloto automático e ligou o escudo furtivo antes de voltar sua atenção para mim.

Sem dizer uma palavra, ele se levantou e estendeu a mão para mim. Eu engoli em seco, peguei sua mão e deixei que ele me levasse de volta aos nossos aposentos.



Capítulo 5

Bayron

Quando entramos no cômodo, minha companheira parecia não conseguir decidir se queria acasalar comigo ou fugir para salvar sua vida. Essa dualidade na minha mulher, de momentos de incrível ousadia seguidos de uma tímida fragilidade, mexia comigo de todas as maneiras certas. Eu não precisava de uma fracote, mas não havia nada mais atraente do que uma mulher bonita que precisava da minha proteção e que eu a tratasse com delicadeza.

E com certeza eu seria gentil.

— Você está com medo, minha companheira? — eu perguntei com minha voz mais suave.

Belle engoliu em seco, os olhos redondos como pires, e ainda assim balançou a cabeça — Eu não estou com medo. Estou muito nervosa. Eu... eu não quero te desapontar, e...

— Você não vai — eu interrompi, vigorosamente — Não se preocupe em tentar me agradar. Esta noite, nossos corpos se conhecerão. Trata-se de abandonar quaisquer medos ou mal-entendidos que possam existir. E trata-se também de estabelecer as bases de um vínculo de confiança e de afeto entre nós. Nós somos muito diferentes anatomicamente. É vital que comuniquemos claramente nossas expectativas, gostos e limites.

Belle sorriu, parte da tensão que enrijecia seus ombros diminuiu — Obrigada. Sim, eu gostaria que pudéssemos discutir as coisas abertamente. Você é enorme — ela acrescentou com uma risada nervosa.

Eu sorri e comecei a tirar minhas roupas, começando pela camiseta preta colante que eu vestia para atrasar um pouco mais o momento em que ela encararia meus paus. Os lábios da minha companheira se separaram com uma mistura de cautela e admiração. Pelos dentes de Kromor, eu adorava a maneira lasciva com que ela olhava para o meu corpo. As mulheres humanas eram frequentemente atraídas por homens muito musculosos. Nesse quesito, certamente eu não tinha problemas. Mas os dois conjuntos de braços não agradavam tanto a muitos deles. Mas minha mulher parecia estar mais feliz por eu possuí-

los.

Saindo de seu aparente transe, Belle alcançou a bainha da saia de seu vestido boêmio — como Kayog o chamou — e o levantou sobre a cabeça com as mãos trêmulas. Eu não pude evitar um sorriso ao ver a lingerie branca com babados, transparente e quase imperceptível que ela usava. Não havia dúvidas em minha mente de que ela a vestiu para me seduzir.

A maneira como minha companheira enrolou o vestido na frente da barriga — cobrindo a gordura da barriga que às vezes eu ouvia os humanos chamarem de pochete — expressava em voz alta o quão constrangida ela se sentia.

— Você é bem feita, minha Belle. Não seja tímida, nem esconda sua beleza de mim. Tudo que eu vejo me agrada muito. E com quatro olhos, eu a vejo muito bem.

Annabelle riu nervosamente, um lindo rubor se instalou em suas bochechas enquanto ela abaixava os braços. Então, como eu fiz com minha camisa, ela jogou o vestido na cômoda.

— Obrigada. Você também é muito gostoso — ela disse em voz baixa.

Ela estendeu a mão para pegar os fechos magnéticos do sutiã ao mesmo tempo em que eu comecei a desfazer os da calça. Com os olhos colados na minha virilha, Belle congelou no meio do caminho para abaixar a alça esquerda do sutiã quando a cintura da minha calça revelou meus pênis.

Como eu nunca usava roupa íntima, os dois ficaram à mostra. Mesmo flácidos, sua circunferência e comprimento excediam os de um homem humano padrão totalmente ereto. Eu odiei o medo que finalmente se instalou no rosto da minha companheira quando eu terminei de tirar as calças.

— Não tenha medo, Belle — eu disse com uma voz suave.

— Você... você é enorme. *Ambos* são enormes. Eu...

Ela não terminou seu pensamento, as palavras aparentemente falharam.

— De acordo com Kayog, nós somos almas gêmeas — eu disse suavemente, dando um passo cuidadoso em direção a ela — O que significa que, apesar de nossas diferenças óbvias, nós fomos feitos um para o outro em todos os aspectos que importam. Eu nunca vou te machucar e nunca vou exigir de você nada que você não esteja pronta para fazer ou com o qual não esteja confortável. Termine de tirar suas roupas e junte-se a mim.

Ainda parecendo um pouco abalada, Belle obedeceu. Ela pareceu confusa quando me viu sentar na beira da cama em vez de me deitar nela. Nós tomaríamos banho juntos antes de passarmos para o acasalamento. Mas tínhamos outra coisa para fazer primeiro.

Ela se sentou ao meu lado, e então emitii um suspiro suave quando passei meus dois braços esquerdos em torno dela para puxá-la para meu colo. Eu esperava que minha mulher tentasse mover a perna direita o mais para a esquerda possível para minimizar o contato com meus pênis, mas ela não prestou atenção neles. Em vez disso, Belle olhou para mim como um pássaro em pânico, sua respiração difícil enquanto tentava controlar sua cautela.

Eu peguei minha longa trança com a mão direita e a estendi para ela. Como esperado, a surpresa e a confusão substituíram o medo da minha companheira quando ela instintivamente pegou a trança nas mãos. Ela ficou boquiaberta por um segundo antes de me lançar um olhar questionador.

Eu sorri e acariciei suavemente sua bochecha — Além de minha mãe, você é a única mulher que já tocou minha trança, e que o fará até o dia em que eu der meu último suspiro.

— O quê? — Belle sussurrou, surpresa enquanto olhava para minha trança com um ar de confusão.

— Nossas mulheres gostam de se referir arrogantemente à trança de um homem Zamoriano como sua coleira — eu disse com uma voz divertida — Em muitos aspectos, é verdade. A partir do dia em que iniciamos nosso treinamento de guerreiro, nós não cortamos mais o cabelo, apenas aparamos um pouco para mantê-lo saudável. Nossa trança é um sinal de status e uma fonte de orgulho.

Eu quase ronronei quando Belle acariciou minha trança com uma expressão fascinada, enquanto ela ouvia cada palavra minha, todas as preocupações temporariamente esquecidas, como eu esperava.

— Existem apenas três motivos para cortar o cabelo de um homem Zamoriano. O primeiro é o dia em que ele se envergonha tanto como guerreiro que deve ser despojado de todas as suas posições e títulos, e para que todos testemunhem sua desonra. O segundo é se ele cometer um crime tão grande que seja banido do clã. Nesse caso, não é apenas a trança que é cortada, mas toda a cabeça é raspada e um óleo especial é aplicado no couro cabeludo para evitar que o cabelo volte a crescer durante pelo menos seis meses.

— Ai! Brutal — Belle disse com um ar de simpatia.

— Guarde sua compaixão, minha companheira. Para alguém ser expulso de um clã, seu crime tem que ser tão maligno que até a morte seria uma bondade que eles não merecem. Xoccoris é um mundo tão belo quanto cruel. Ninguém se sai bem lá sozinho.

— Certo — ela disse, baixando o olhar de volta para minha trança enquanto a acariciava suavemente novamente.

— E o terceiro é quando uma mulher repudia seu companheiro. Isso é basicamente romper o vínculo que os une — eu expliquei.

— Uau! Considerando os outros dois motivos extremos para cortar

a trança de um Zamoriano, este parece excessivamente duro simplesmente porque uma mulher quer terminar a sua união com o marido — Belle exclamou.

— O casamento é um assunto muito sério em Xoccoris. Os Zamorianos se casam para o resto da vida. Se você se lembra, Kayog mencionou que você e eu poderíamos nos contentar com um vínculo e não com uma reivindicação, já que temos um período de experiência. O vínculo pode ser rompido com cada membro do casal simplesmente se separando. Esse é um relacionamento de compromisso, mas não um compromisso para a vida toda. Você também poderia chamar isso de período de teste. Somente uma ofensa grave e imperdoável levaria uma mulher a repudiar seu companheiro.

— Um homem poderia repudiar sua esposa?

— Ele poderia, mas eu não consigo pensar em nenhum caso em que isso realmente tenha ocorrido — eu disse. Eu aponte para minha trança entre as mãos dela — Este é o nosso vínculo. Desfaça a trança.

Mais uma vez, Belle obedeceu.

— Ela é sua para fazer o que quiser. De acordo com nossas tradições, nossas mulheres arrumam o cabelo de seus maridos da maneira que acharem melhor, adornando-o com enfeites que elas mesmas criam ou mandando nossos artesãos fazerem de acordo com suas especificações.

— Sério? Que tipo de penteado? — ela perguntou, seu entusiasmo lendário retornando à sua voz.

— O que você quiser, desde que seja trançado. Assim que chegarmos em casa, você verá os outros membros do clã, o que deverá lhe dar uma ideia melhor do que nossas mulheres fazem.

— Mal posso esperar para ver! Você vai ter o melhor cabelo que qualquer Zamoriano já teve — ela se vangloriou ao terminar de desfazer a trança.

Eu ri — Estou contando com isso, minha companheira. Agora venha, vamos nos limpar.

Para minha alegria, Belle não parecia mais tensa. Embora isso fosse voltar assim que fôssemos para a cama, eu esperava que tomar banho juntos ajudasse ainda mais a diminuir o quão intimidante ela achava meu corpo.

Apesar disso, sua timidez voltou quando entramos na sala de higiene e eu fiz com que ela ficasse diante de mim. Eu não conseguia entender por que ela queria esconder a barriga e os quadris generosos cruzando as mãos na frente do corpo. Mulher boba. Eu *amei* suas curvas. As mulheres não foram feitas para serem sacos de ossos ou magras como uma guerreira. As mãos de um homem precisavam de um pouco de carne macia para segurar, acariciar e adorar.

Eu reprimi esses pensamentos enquanto sentia o sangue correndo

para minha virilha. Agora não era hora de ter meus paus apontados para ela como espadas furiosas.

Eu peguei suas mãos e gentilmente as separei. Esticando os braços bem abertos, lentamente eu deixei meu olhar percorrer sua nudez. O rosto de Belle esquentou enquanto ela lutava visivelmente para não virar o corpo.

— Você tem alguma ideia de quão desejável você é para mim, Belle? Seu corpo é lindo.

Ela corou e me deu um sorriso tímido, mas agradecido — Você é muito gentil. Rechonchudo provavelmente seria um adjetivo mais preciso.

— Do jeito que eu gosto — eu respondi com força — Eu gosto de carne na minha mulher.

— Isso está mais para gordura — ela disse com escárnio.

— Mas todo o sabor da carne vem da gordura — eu retruquei provocativamente — Isso só a deixa ainda mais deliciosa.

Belle começou a rir, sua timidez diminuindo e seus lindos olhos azuis brilhando enquanto ela olhava para mim — Sabe, para um rabugento intimidador, você com certeza sabe como fazer uma mulher se sentir bem consigo mesma.

— Só a minha companheira — eu resmunguei, me forçando a parecer ainda mais mal-humorado, fazendo-a rir novamente.

Seu som musical encantava meus ouvidos. Eu não tinha muito senso de humor e certamente não era do tipo artista, mas me esforçaria para fazê-la rir sempre que pudesse... mesmo que apenas por motivos egoístas.

Eu liguei a água, deixando-a chover sobre nós, um pouco mais quente do que morna. Depois de aproximar minha companheira, eu comecei a lavá-la, mantendo meu toque clínico enquanto cobria cada centímetro de seu corpo com sabonete. A respiração de Belle ficou presa na garganta quando minhas mãos primárias esfregaram seus seios enquanto as secundárias trabalhavam em seus quadris e desciam em direção à pélvis. Mas eu não parei ali, indo mais para o sul. Meu objetivo não era despertá-la, mesmo que ela mostrasse todos os sinais disso, mas deixá-la confortável com meu toque, por mais íntimo que fosse.

Eu tive que beliscar meus lábios para reprimir um sorriso triunfante quando um gemido rapidamente reprimido escapou de Belle quando minha mão pousou rapidamente em seu sexo, apenas o tempo suficiente para aplicar o sabonete antes de prosseguir.

No momento em que a enxaguei, minha mulher estava vibrando com desejo frustrado. Em pouco tempo, eu ficaria feliz em saciar sua necessidade. Por enquanto, eu a afastei de mim e comecei a lavar seu cabelo, com minhas mãos principais fazendo uma massagem suave em

seu couro cabeludo, enquanto meu par secundário afrouxava os nós em seus ombros e músculos das costas.

Quando eu terminei, Belle parecia completamente lânguida e relaxada, exatamente como eu pretendia. Com minha altura de 2,10 e a dela de 1,70 eu estava muito acima dela. Portanto, eu me ajoelhei diante dela para que ela pudesse retribuir. Embora eu tenha lavado o cabelo da minha mulher por último, eu indiquei que ela comesse pelo meu e depois lavasse meu corpo. Eu a pouparia o máximo possível no momento em que ela tivesse que tocar meus paus.

Embora pequenas e delicadas, as mãos de Belle me deram o melhor cafuné, o que me fez ronronar alto. Ela riu de alegria, o que só me fez ronronar mais alto. Quando ela começou a lavar meus ombros e peito, ela me tocou com uma admiração e uma reverência que me causaram coisas estranhas. Se minha companheira reagisse assim comigo, quando mal nos conhecíamos, quão maravilhoso seria depois que ela se apaixonasse por mim?

Eu me levantei enquanto suas mãos se moviam para baixo para lavar minha região pélvica. Embora a circunferência de ambos os meus apêndices ainda a intimidasse, minha mulher não deixou que isso a detivesse. Uma onda de orgulho cresceu dentro de mim quando Belle convocou esse lado ousado e destemido dela. Ela não se esquivou dos meus paus, olhando-os de frente principalmente com uma curiosidade fascinada.

Ela fez espuma e depois alcançou meu pau principal, que era um pouco maior e mais longo que o de baixo. Belle fechou a mão direita em torno de sua base mais estreita. Seus dedos não conseguiam tocá-lo, mas à medida que a palma da mão subia em meu comprimento, onde a circunferência se alargava, a lacuna aumentava significativamente antes de estreitar novamente perto da minha ponta. Eu o mexi, fazendo-a ofegar de surpresa.

— A cabeça do seu pênis acabou de se mover? — ela exclamou, perplexa.

Eu ri — Sim. Eu posso movê-lo para cima e para baixo, mas apenas levemente para a esquerda e para a direita.

— Oh meu Deus! Para quê?!

Sua expressão chocada me fez rir — Para que eu possa mirar no segundo colo do útero de uma mulher Zamoriana. Assim como nós temos dois paus, elas têm duas vaginas. Mas o colo do útero da segunda leva à área de armazenamento.

— Armazenamento? — Belle perguntou, seus olhos quase saltando das órbitas.

— Armazenamento de esperma. Quando nossas mulheres já tiverem acasalado, o colo do útero principal se fechará para reter o esperma dentro do útero. Se elas fizerem sexo novamente antes que a

tentativa de concepção seja resolvida, elas poderão manter a semente de seu amante dentro dos tratos reprodutivos de sua antecâmara – o que seria uma versão menor do útero. Se o casal não conseguir conceber, a mulher pode transferir o sêmen armazenado para o seu útero, mesmo que o seu companheiro tenha saído para caçar ou para a guerra por longos períodos.

— Ah, uau! Isso é incrível! Acho que algumas cobras na Terra também funcionam assim. Mas... mas por que você tem que mirar nele? Seu segundo pênis não deveria disparar direto para o segundo colo do útero?

Eu sorri — Na teoria, sim. Mas raramente o usamos para fins reprodutivos. Nosso pênis principal libera nossa semente, a menos que tenha se machucado. Nós usamos o menor para urinar. No entanto, ambos proporcionam prazer sexual à nossa parceira – e a nós mesmos. O bulbo – a parte alargada no meio – também pode inchar como um nó para prender nossa semente dentro da mulher e aumentar as chances de concepção.

— Isso é tão legal! Então, acho que você nunca tem o problema que os homens humanos têm quando precisam fazer xixi, mas não conseguem, porque seu tesão bloqueia sua capacidade de fazer isso — ela disse, ao mesmo tempo divertida e admirada.

Eu ri. Embora eu não estivesse familiarizado com o termo ‘tesão’, no contexto, pude adivinhar o significado dele.

— Você está certa. Normalmente isso não é um problema para nós. No entanto, se nosso pênis principal for ferido ou amputado, nosso pênis inferior assumirá o controle e servirá a ambos os propósitos. Nesse caso, uma ereção tornaria muito difícil aliviar a bexiga.

— Uau. Mas e a mulher? A antecâmara dela se torna um útero se o dela for danificado?

— Sim. Os Zamorianos possuem órgãos de apoio para quase tudo, exceto pernas — eu disse presunçosamente.

— Isso é realmente incrível — Belle disse melancolicamente.

Seus dedos traçaram cuidadosamente o ‘colar’ na lateral do meu pau. Nós nos referíamos a ele dessa forma porque ele lembrava um colar de pérolas, o que aumentava muito o prazer de nossas mulheres.

— Sem testículos — ela sussurrou, como se fosse para si mesma.

— Dentro de nossos corpos. Por que expor uma coisa tão vulnerável ao abuso? Eu já vi homens humanos se dobrando de dor com um simples toque em suas bolas — eu disse com desdém.

Belle riu enquanto balançava a cabeça. Ela então levantou a cabeça para me lançar um olhar estranho, cheio de gratidão e algo mais que eu não conseguia definir.

— Obrigada — ela sussurrou, sem explicar mais nada.

Eu não precisava que ela fizesse isso. Meu objetivo era dar a Belle

a chance de se sentir confortável com meu corpo e acabar com seus medos. Missão cumprida. Eu apenas sorri. Ela retribuiu e então começou a terminar de me lavar.

Depois de devidamente enxaguados, nós ficamos embaixo da secadora – ou melhor, eu me agachei enquanto ela ficava de pé – para que ela pudesse escovar meu cabelo. Minha companheira estava levando muito a sério seu papel de ‘dona’ da minha trança. Embora seu medo tivesse diminuído, Belle começou a apresentar níveis saudáveis de nervosismo.

Terminada a tarefa, nós voltamos para o quarto. Eu parei ao lado da cama e a puxei para meu abraço. Minha mulher veio de boa vontade, passando os braços em volta do meu pescoço. Eu adorei o calor suave do seu corpo nu contra o meu. Eu a levantei, minhas mãos secundárias segurando a parte de trás de suas coxas enquanto ela envolvia as pernas em volta da minha cintura. Minha mão direita acariciava suavemente suas costas enquanto a esquerda segurava sua nuca. Eu senti sua barriga tremer contra a minha quando ela sentiu meus paus endurecendo entre nós.

— Lembre-se, minha companheira, esta noite é uma questão de prazer e de nos conhecermos — eu disse em um tom suave e tranquilizador — Não se preocupe com a AP ou com quaisquer expectativas percebidas. Só há você e eu aqui. Nós faremos o quanto você se sentir confortável. E não se preocupe, se chegarmos a esse ponto, eu usarei apenas um dos meus paus.

Eu não pude deixar de rir do tom vermelho que suas bochechas assumiram ao ouvir essas últimas palavras, assim como de seu alívio quase palpável. Embora alguns humanos, tanto homens quanto mulheres, desfrutassem da penetração pela abertura posterior, eu suspeitava fortemente que minha companheira nunca havia feito isso antes. Embora eu não me opusesse à ideia, Belle não estava preparada para isso, e talvez nunca estivesse. De qualquer forma, eu ficaria bem com a decisão dela.

Eu capturei seus lábios em um beijo gentil. Ela respondeu imediatamente, pressionando seu peito no meu. Assim que minha língua provocou a costura de sua boca, minha mulher abriu os lábios de uma forma acolhedora. Por Khivolt, eu nunca me cansaria do gosto dela e da textura macia de sua língua ao redor da minha. Uma chama abrasadora acendeu na boca do meu estômago enquanto mais sangue corria para minhas entranhas.

Eu não esperava que Belle fosse atizar meu fogo com tanta força, tão cedo. Eu tive que reprimir isso com medo de liberar minha paixão nela. Esta noite era para seu prazer, provando a ela que eu era um companheiro digno e um verdadeiro protetor.

Inclinando-a para trás, minha mão esquerda ainda segurando sua

nuca, eu interrompi o beijo para acariciar seu rosto e pescoço com meus lábios. Simultaneamente, minha mão direita percorreu suas costas antes de deslizar para sua frente para segurar um de seus seios. Belle gemeu, sua respiração engatou quando minhas mãos secundárias segurando suas coxas pressionaram seu núcleo ainda mais firmemente contra meus pênis eretos.

Empurrando suavemente para cima, eu esfreguei meu comprimento contra ela para estimular seu clitóris e começar a molhá-la. Para minha alegria, ela empurrou a pélvis para frente para aumentar a fricção enquanto suas mãos exploravam meu peito. Do jeito que eu a inclinei para trás, muitas mulheres teriam se agarrado aos meus ombros ou braços, com medo de cair. Mas não minha companheira. Essa demonstração implícita de confiança me comoveu profundamente.

Depois de morder o lóbulo da orelha e chupar a carne macia na curva do seu pescoço, eu continuei minha jornada descendo. Belle afundou os dedos em meu cabelo quando meus lábios alcançaram seu seio esquerdo. Enquanto minha língua provocava sua aréola, a sensação maravilhosa de seu mamilo endurecendo em resposta aos meus cuidados enviou outra onda de luxúria direto para meus paus. Eu lambi e chupe a pequena protuberância, me deleitando com o sabor delicadamente salgado de sua pele e o som musical de seus gemidos em meus ouvidos.

Por um segundo, eu considerei finalmente deitá-la na cama antes de me juntar a ela para continuar a lhe dar prazer. No entanto, eu decidi não fazer isso, querendo aumentar ainda mais o nível de confiança que ela já estava disposta a me conceder.

Depois de esfregar meus pênis mais algumas vezes contra seu núcleo, de repente eu levantei minha companheira, colocando suas pernas em meus ombros enquanto enterrava meu rosto entre suas coxas. Belle gritou, suas mãos agarrando meu cabelo com força suficiente para dar uma bela ferroada em meu couro cabeludo. Ela inclinou a cabeça para trás, sua respiração saindo mais alta e em rajadas mais curtas intercaladas com suspiros de leite.

Minha mulher não entrou em pânico nem se agarrou a mim com a energia do desespero. Em vez disso, ela afrouxou o aperto, acariciando minha cabeça com uma mão e levantando a outra para acariciar seu próprio seio. Meus corações se encheram de orgulho possessivo ao ver como ela se entregou ao prazer que eu lhe proporcionava, confiante de que eu não a machucaria.

Mas seu sabor divino em minha língua e o cheiro inebriante de seu almíscar logo deixaram meu cérebro confuso demais com a luxúria para pensar direito. Eu devorei Belle com um frenesi quase enlouquecido, os dedos da minha mão direita primária deslizando em

sua abertura. Pelos dentes de Kromor! Ela estava quente, escorregadia de desejo e extremamente apertada. Se eu não fosse Zamoriano, teria me preocupado com a capacidade dela de me aguentar. Ainda assim, seria necessário cuidado e paciência para que ela se ajustasse à minha circunferência. No entanto, meu lubrificante natural – que também atuava como relaxante muscular – tornaria mais fácil para ela se esticar e me receber com o mínimo de desconforto.

Eu estava tão bêbado de desejo, festejando com minha mulher, que nem vi seu clímax chegando. Belle gritou, seu corpo quase desmoronou enquanto espasmos de felicidade a percorriam. Se eu não a segurasse com firmeza, ela teria caído no chão.

Um grunhido profundo subiu da minha garganta enquanto meus músculos abdominais se contraíam dolorosamente com a necessidade de jogar minha mulher na cama, subir em cima dela e liberar o desejo ardente que clamava para que eu a devastasse. Em vez disso, com minha língua ainda lambendo seu sexo palpitante, eu fechei a curta distância até a cama e cuidadosamente a deitei no colchão.

Eu relutantemente parei de devorá-la, meus lábios se movendo para cima para beijar a almofada macia de sua barriga e provocar seu umbigo com minha língua. Enquanto Belle estava começando a descer do orgasmo, eu deslizei dois dedos dentro dela, fazendo uma tesoura enquanto eles entravam e saíam. Depois que minha mulher se soltou um pouco, eu inseri um terceiro dedo para prepará-la ainda mais para me receber.

Subindo em direção ao seu peito, minha boca recuperou um dos mamilos rígidos da minha companheira, enquanto minhas mãos principais acariciavam seu corpo e seu outro seio. Belle arqueou as costas, levantando o peito em direção ao meu rosto para maior contato. Eu ri quando ela abriu mais as pernas para facilitar o acesso da minha mão secundária fazendo amor com ela.

Ela emitiu um suspiro estrangulado seguido por um gemido profundo quando eu cruzei meus dedos dentro dela para esfregar o feixe sensível de nervos que eu tinha lido que as mulheres humanas possuíam. Emocionado com sua resposta, eu acelerei meus movimentos, me deleitando com os sons do prazer crescente de Belle quando ela mais uma vez começou a subir.

Minha mulher gritou novamente. Suas mãos – que acariciavam meu cabelo, ombros e parte superior das costas – enrijeceram, suas unhas se cravando em minha carne da maneira mais maravilhosa enquanto ela subia. Mesmo que acariciasse meu ego descobrir que minha companheira respondia tão bem ao meu toque, isso também me torturava com um desejo abrasador. Meus pênis latejavam e doíam com a necessidade de reivindicá-la.

Com os olhos fixos no rosto de Belle, ainda dissolvido em um ar de

pura felicidade, eu tirei minha mão dela. Lambendo o suco delicioso da minha mulher em meus dedos, eu me acomodei entre suas coxas, abrindo-as bem para mim. Ainda meio atordoada, ela tentou se concentrar novamente em mim. Eu sorri e me inclinei para capturar seus lábios em um beijo apaixonado. Apesar do fogo que ardia em minhas entranhas, exigindo que eu reivindicasse minha mulher, eu me contive. Eu fiz com que meus lubrificantes naturais exalassem dos poros dos meus paus quando comecei a esfregá-los contra a sua fenda.

Ela engasgou, a surpresa tomando conta de suas feições, sem dúvida em reação aos efeitos do meu lubrificante se manifestando. As mulheres Zamorianas frequentemente relatavam uma sensação levemente fria, seguida de um pequeno formigamento, que rapidamente evoluía para um efeito afrodisíaco que as fazia sentir vontade de serem possuídas. Aparentemente, Belle sentiu o mesmo. Ela ergueu a pélvis para pressioná-la contra a minha, sua resposta ao meu beijo se tornou mais faminta e suas mãos em mim mais febris.

Eu me esfreguei contra ela mais algumas vezes antes de pressionar a ponta do meu pau inferior e menor contra a sua abertura. Apesar de sua excitação, do quão molhada ela estava para mim e da suavidade extra proporcionada pelo meu lubrificante natural, o corpo de Belle resistiu à minha intrusão no início. Silenciando a vontade de forçar minha entrada, eu balancei suavemente para dentro e para fora, me inserindo centímetro por centímetro, enquanto a cobria com mais do meu lubrificante.

Para meu alívio, suas paredes internas se renderam com relativa rapidez, me acolhendo finalmente em seu abraço apertado. Um profundo grunhido de prazer retumbou em meu peito com o calor ardente de sua bainha envolta em meu pau. Me movendo lentamente no início, eu aumentei gradualmente a velocidade e a força dos meus impulsos enquanto Belle implorava por mais. Com meu pau principal esfregando contra seu clitóris a cada movimento, minha mulher rapidamente se aproximou do êxtase novamente.

Um inferno se alastrou na boca do meu estômago, cada movimento enviando gavinhas elétricas subindo pela minha espinha e descendo pelas minhas pernas. Minha pele estava em chamas, a sensação era exacerbada pelo calor da pele sedosa da minha mulher contra a minha. Deslizando uma mão entre nós, eu a fechei em torno da ponta do meu pau principal, apertando-o com força e acariciando-o rudemente, mesmo enquanto continuava a empurrar para dentro e para fora da minha companheira. Entre dois beijos, eu sussurrava palavras de encorajamento para Belle até que ela desmoronou novamente debaixo de mim.

Suas paredes internas apertando meu pau inferior me fizeram cerrar os dentes com um rosnado alto, pois isso quase forçou meu

orgasmo de mim. Mas eu iria chegar ao clímax com meu pau dentro dela, enchê-la com minha semente e marcá-la como minha repetidamente até que ela fosse devidamente reivindicada.

Eu soltei meu pau e esfreguei seu clitóris para mantê-la voando alto enquanto eu puxava para fora. Sem diminuir o movimento da minha mão, eu a virei e a coloquei de quatro. Segurando-a, eu comecei a inserir meu pau principal em sua fenda. Belle gemeu, sem demonstrar sinais de dor, apesar de seu tamanho maior.

Me inclinando para frente, eu acariciei seus seios com minhas mãos principais enquanto continuava massageando seu clitóris. Eu beijei suas costas e nuca, inundando-a com sensações de prazer para abafar qualquer desconforto por tê-la penetrado. Mas logo eu me vi tentando controlá-la. Eu não sabia se Belle estava agindo sob as propriedades afrodisíacas do meu lubrificante, mas ela estava balançando para frente e para trás, tentando se empalar em meu comprimento. Por mais que eu quisesse ir com tudo, eu a forcei a seguir meu ritmo cuidadoso.

De modo algum eu vou machucar minha companheira em nossa primeira noite.

Demorou mais alguns momentos para que seu corpo finalmente me aceitasse. Quando isso aconteceu, eu pensei que morreria de prazer. Meu pau principal era muito mais sensível. Em pouco tempo, meus quase dolorosos grunhidos de felicidade se misturaram aos suspiros sensuais da minha mulher. Eu pude me sentir perder o controle à medida que comecei a penetrá-la mais fundo e com mais força. Seu traseiro rechonchudo e redondo parecia divino em minhas mãos enquanto o som dos tapas de nossa carne se encontrando marcava o ritmo cada vez mais desenfreado de nosso acasalamento.

Pela maneira como ela tremia, Belle logo seria tomada por outro orgasmo. Por mais que eu temesse que isso também me arrebatasse, a necessidade de lhe dar prazer excedia qualquer outro pensamento. Mesmo enquanto eu metia nela, comecei a inclinar a ponta do meu pau cada vez que puxava para fora, a fim de roçar seu ponto sensível ao mesmo tempo.

Minha esposa disparou como um foguete.

Eu gritei, o aperto de suas paredes internas ao redor do meu pau arrancando um pouco de sêmen de mim. Eu cerrei os dentes com força, me recusando a ceder ao meu clímax ainda, e continuei a bombear para dentro e para fora da minha mulher com um desejo selvagem.

Por Khivolt, ela é tão incrivelmente boa!

O fogo abrasador de mil dragões estava me consumindo por dentro. Minha pele parecia à beira de entrar em combustão enquanto onda após onda de prazer quase intolerável surgia de minhas

entranhas e caía sobre mim a cada movimento. Eu arqueei Belle para mais perto de mim, precisando da sensação de sua pele contra a minha. Eu a pressionei de volta contra meu peito. Meus braços principais a envolveram possessivamente enquanto eu me preparava para finalmente me render à felicidade.

Eu raspei minhas presas contra a carne macia de seu pescoço, lutando contra o desejo primitivo de mordê-la, de marcá-la. Minha respiração ofegante se misturou à dela e à maneira rouca com que ela cantou meu nome enquanto se preparava para voar alto novamente. Entre a ponta do meu pau esfregando seu ponto sensível e meus dedos trabalhando em seu clitóris, Belle mais uma vez desmoronou em meus braços. Desta vez, eu a acompanhei.

Minha coluna se contraiu, como se tivesse sido atingida por um raio. Minha visão ficou turva e minha cabeça girou enquanto o êxtase me varria. Eu emití um rugido selvagem quando minha semente disparou para fora de mim, preenchendo minha companheira em jorros de felicidade.

Eu caí de costas, meu pau ainda enterrado profundamente dentro da minha mulher. Segurando-a firmemente em meus braços, eu cobri a lateral de seu rosto e pescoço de beijos, enquanto esperava o quarto parar de girar. Eu desejei que ela estivesse me encarando. Relutante em sair dela ainda, eu continuei segurando minha companheira por mais algum tempo, até amolecer completamente. Quando eu finalmente me retirei, eu virei Belle, apenas para apertá-la ainda mais em meus braços.

Ela levantou o rosto para olhar para mim com um ar de adoração que quase me destruiu. Naquele instante, eu sabia que queimaria civilizações inteiras se necessário, para que ela sempre me olhasse assim. Eu recuperei sua boca em um beijo carinhoso, ainda assim carregado com a onda de possessividade que surgiu em mim.

— Você é minha — eu rosnei, quase com raiva.

Belle sorriu e gentilmente acariciou minha bochecha — E você é meu.... *Minha Fera*.

Essa palavra deveria ter sido ofensiva, mas o modo como ela a disse e o orgulho possessivo em sua voz de alguma forma fizeram com que soasse como uma medalha de honra. Antes que eu pudesse questionar mais, minha mulher se aconchegou profundamente contra mim, com o rosto enterrado em meu pescoço. Ignorando o pensamento, eu fechei os olhos com um sorriso satisfeito.

Eu fui reivindicado.



Capítulo 6

Bayron

Eu não conseguia parar de olhar para minha mulher. Ela parecia tão delicada e frágil durante o sono. Eu puxei o cobertor para baixo para deleitar meus olhos com as curvas deliciosas que me proporcionaram um prazer tão intenso. Belle nem se mexeu quando fechei a mão no monte redondo de seu seio direito. Eu queria apertar seu mamilo para vê-lo endurecer, como tinha feito tantas vezes na noite passada.

Pelos dentes de Kromor! Eu queria acordar minha companheira e reivindicá-la novamente. Eu já tinha tomado Belle três vezes, tendo egoisticamente interrompido seu sono para saciar a fome irracional que ela despertou em mim. Embora ela tivesse sido uma participante mais do que disposta, eu não queria incomodá-la com minhas constantes atenções. Eu também suspeitei que ela logo ficaria ferida – presumindo que já não estivesse – depois do ataque implacável que eu havia desencadeado nela.

Mas a maneira como suas paredes internas seguravam meus paus...

Engolindo um grunhido frustrado, eu me inclinei e dei um beijo suave em sua testa antes de rolar cuidadosamente para fora da cama. Eu puxei a coberta sobre ela, meu olhar demorando mais um segundo em seu rosto antes de ir me vestir.

Belle dormia profundamente. Ela estava praticamente enrolada em mim quando eu acordei. O fato de eu ter conseguido me desembaraçar, apalpar seus seios e sair da cama sem ela notar mostrava sua completa falta de instintos de sobrevivência adequados. Não me surpreenderia se ela tivesse uma consciência situacional terrível. Felizmente, eu não planejava levá-la comigo quando fosse caçar. Tê-la em segurança em nosso acampamento base faria maravilhas para minha saúde mental.

Eu fui até o convés e revisei a trajetória da nave e os registros de voo para ter certeza de que tudo estava em ordem. Na ausência de quaisquer avisos ou relatórios de ataque nos canais de navegação do setor, eu deixei a pilotagem para a I.A. e fui até a sala de hologramas.

O treinamento constituía uma parte intrínseca da minha vida.

Quase se poderia dizer que eu precisava disso para viver, assim como de água, sono e sustento geral. A partir do momento em que conseguimos andar, os homens Zamorianos aprendem a lutar e a caçar. Embora muitos tenham feito isso por dever, a verdadeira paixão me motivou.

Nada – ou melhor, poucas coisas – se comparava à emoção da caça. Eu ansiava pela adrenalina de saber que um único movimento mal calculado, ou o menor momento de distração, poderia resultar em ferimentos graves ou morte.

Eu comecei com alguns exercícios de aquecimento, com a intenção de invocar um grummoll. Esta era sem dúvida uma das feras mais cruéis de Xoccoris. Embora eu tenha enfrentado essas feras enormes mais vezes do que poderia contar, lembrar a luta contra elas fazia sentido. Afinal, um desafio importante me aguardava no nosso retorno ao meu mundo natal.

Apesar da minha altura de 2,10, essas criaturas facilmente se elevavam sobre mim por pelo menos algumas cabeças. Ambos os meus braços principais mal conseguiam envolver completamente uma de suas patas dianteiras. Mas, não era uma boa ideia chegar muito perto, a menos que você quisesse um encontro desagradável com a lança de sua língua extensível.

Depois de fazer alongamento, uma corrida de vinte minutos e cem barras – vinte e cinco por mão – eu iniciei o programa de torneio. Essa era a beleza do treinamento na sala de hologramas.

O layout aberto com uma série de postes discretos espalhados pelo terreno plano era enganoso. Cada um desses postes lançaria inesperadamente várias armas brancas em alturas aleatórias, na tentativa de me partir ao meio. Outros teriam correntes com espinhos balançando, mecanismos semelhantes a guilhotinas ou buracos assassinos para atirar dardos envenenados em mim.

Embora o treinamento na sala de hologramas fosse completamente seguro, ele não era isento de dor. O estimulador neural na base da minha nuca registraria qualquer contato que as armadilhas fizessem comigo e infligiria dor correspondente ao tipo de lesão recebida. Isso poderia rapidamente se tornar debilitante para um lutador não qualificado. Graças à randomização, embora eu tivesse treinado um bilhão de vezes com esse programa, eu nunca sabia o que aconteceria comigo, o que me mantinha alerta.

E isso me atingiu com vingança.

Eu vinha aumentando constantemente o nível de dificuldade, mas esta manhã o programa se mostrou particularmente diabólico. Armado com uma lâmina ou lança para cada mão, exceto a esquerda principal que segurava meu escudo, eu desviei, redirecionei, bloqueei e ataquei os vários instrumentos de dor que tentavam me matar.

A adrenalina bombeou em minhas veias quando duas correntes pontiagudas vieram em minha direção de ângulos diferentes, enquanto os buracos assassinos de um terceiro poste disparavam uma saraivada de dardos envenenados. Eu pulei a primeira corrente, rebati a segunda com uma de minhas lanças e, ao mesmo tempo, bloqueei os dardos com meu escudo. Assim que aterrissei do salto, um quarto poste surgiu do chão bem no meu caminho. Eu mal tive tempo de cair no chão antes que uma grande lâmina saísse dele na velocidade da luz, girando como o mais mortal dos ventiladores.

Mas esta não era hora de descansar.

Uma fração de segundo depois que minhas costas tocaram o chão, lanças com lâminas serrilhadas dispararam dos dois postes que anteriormente haviam me atacado com correntes. Eu rolei de lado para fora do caminho da primeira, ficando de joelhos meio segundo antes que a segunda lança me empalasse. A ponta cruelmente afiada bateu no chão a menos de dois centímetros à minha frente.

O barulho suave da abertura da porta da sala de holograma me distraiu por tempo suficiente para quase ser decapitado por outra lâmina giratória vindo furiosamente em meu rosto. Eu me abaixei, sentindo seu lado achatado roçar no topo da minha cabeça. Me levantando rapidamente, eu fugi daquela seção particularmente selvagem do desafio. As palavras que se formaram em minha língua para alertar minha companheira para não avançar morreram assim que eu vi seu rosto.

— Incrível! — Belle sussurrou com uma expressão maravilhada.

Ela tirou um pequeno dispositivo do bolso fundo do vestido azul largo que usava. Mesmo evitando os ataques mais mortais da simulação, minha mulher jogou uma pequena esfera no ar, que desapareceu quase instantaneamente.

Manto furtivo...

Belle então tirou fotos minhas. Eu percebi então que ela estava usando a câmera furtiva que Kayog lhe deu para gravar minha performance ao mesmo tempo.

Eu pretendia interromper o cenário no minuto em que a vi entrar, mas não queria mais. Uma parte de mim queria parar – embora eu odiasse treinamentos incompletos. No entanto, a maneira como minha mulher mal reprimia pequenos gritos e suspiros de admiração enquanto me observava estava acariciando meu ego da maneira mais deliciosa. A necessidade de me exibir e impressioná-la tomou conta e eu fiz isso.

Meu pai sempre me alertou contra essas coisas. Se eu fosse destruído na frente da minha nova esposa, seria difícil superar a humilhação. Pelo menos três vezes, eu cheguei muito perto de morrer. Embora anos de experiência me permitissem manter a calma, Belle

não se conteve, gritando de medo por mim e gritando mais um pouco quando eu prevalecia.

Quando a simulação terminou, eu caminhei em direção à minha companheira enquanto os postes desapareciam. Com o peito estufado, eu contraí meus bíceps para parecer mais impressionante.

— Você é tão incrível! — Belle exclamou, batendo palmas.

— Obrigado, minha companheira — eu respondi com uma voz rouca, meus corações explodindo de orgulho.

A maneira como ela sempre olhava para mim com tanto espanto era bastante inebriante. Seria um vício perigoso. Eu fui um pouco imprudente durante meu treinamento devido à minha necessidade irracional de mostrar meu talento para ela. Pelo menos, eu fiz isso em um ambiente seguro.

Como filho mais novo, eu sempre tive que fazer mais para chamar a atenção. Sendo o primogênito e herdeiro da liderança do clã, Varkuth foi abençoado e amaldiçoado por ter todos focados nele. Entre aqueles que se certificavam de que ele se destacasse em todas as coisas para se tornar o líder do clã perfeito, e aqueles que espionavam em busca do menor sinal de fraqueza que pudessem explorar, meu irmão sempre tinha que estar alerta.

Às vezes, eu o invejava. Hoje, eu louvei os deuses por ter sido poupado desse escrutínio constante. Mas isso não me fez desejar menos admiração e atenção. E minha companheira estava naturalmente preenchendo essa necessidade... além das minhas maiores esperanças.

No entanto, além de gostar de como ela acariciava meu ego, eu fiquei feliz com a reação de Belle ao me ver em ação. Eu queria acreditar que isso prenunciava uma resposta positiva dela ao ritual de reivindicação.

— É sério! — ela exclamou — Eu não entendo como alguém tão grande e musculoso pode se mover tão rápido e com movimentos tão fluidos. Você parecia estar realizando uma dança acrobática... embora do tipo letal. A cada dois segundos, eu desejava poder ter te congelado a tempo de esboçá-lo em ação.

Um calor maravilhoso se espalhou pelo meu peito enquanto ela continuava a me elogiar.

Eu dei de ombros, tentando parecer indiferente para esconder meu leve constrangimento diante de tamanho entusiasmo — É apenas treinamento. E acredito que suas câmeras lhe darão todas as fotos que você precisa — eu disse em um tom resmungão.

— Elas vão! Embora não seja o mesmo que desenhar um modelo ao vivo — ela disse — À propósito, seus olhos estavam laranja enquanto você lutava. Por quê?

— É uma reação fisiológica natural dos homens Zamorianos — eu

expliquei — Um combate feroz ou uma grande raiva irá ativar isso automaticamente. No entanto, nós podemos ativar deliberadamente para parecermos mais temíveis ao tentar intimidar um oponente.

— Isso é realmente incrível — ela disse pensativamente, seu olhar vagando por mim de forma avaliativa — Você vai ter que treinar para mim totalmente nu.

Eu recuei, meu queixo caindo em estado de choque — Por que, em nome de Khivolt, você quer que eu treine pelado?

— Para que eu possa ver como seus músculos se movem sob a pele — Belle disse com naturalidade antes de apontar para minha virilha com o queixo — Você pode usar cuecas justas para manter os gêmeos imóveis. Algum tipo de suporte atlético funcionaria bem para evitar que eles ficassem pendurados por todo lado e atrapalhassem. O quê? Por que você está olhando assim para mim?

Eu não precisava de um espelho para saber que tipo de expressão de horror estava estampada em meu rosto — Eu não uso *cueca* e especialmente não uso *suportes atléticos* — eu rosnei, minha voz cheia de indignação.

— Eu percebi — ela brincou enquanto chamava a câmera furtiva de volta para ela — Eu simplesmente sugeri isso para tornar as coisas mais confortáveis para você. Mas ei, se você quiser que os gêmeos se agitem ao vento e passem rente de todas aquelas lâminas giratórias malucas, é com você. De qualquer forma, eu vou aproveitar o show.

— Eles não são gêmeos. Caso você não tenha notado, meu pau inferior é um pouco menor, mas o colar é maior — eu resmunguei.

Belle não respondeu. Eu grunhi de aborrecimento quando ela simplesmente olhou para mim com uma expressão desagradável que parecia implicar “Sim, e o que você quer dizer?”

Isso apenas a fez sorrir.

— De qualquer forma, você está presumindo que eu vou treinar nu, o que não vou — eu continuei, querendo dar a última palavra.

— Sério? — ela respondeu, nem um pouco perturbada — Parece que me lembro que ainda ontem, ao me mostrar o ateliê, você disse que, como meu marido, é seu dever antecipar e atender às minhas necessidades. Aqui estou eu declarando quais são minhas necessidades. Você está se retratando dessa promessa?

Eu fiz uma careta e olhei para minha mulher. Belle sustentou meu olhar com firmeza, uma expressão irritantemente presunçosa em seu rosto.

— Você vai ver, um suporte atlético não é tão ruim. Como você provavelmente não possui nenhum, eu farei um perfeito para você — ela disse com uma voz alegre, me poupando da ignomínia de ter que admitir a derrota.

— Eu preciso tomar banho — eu disse entre os dentes, muito

irritado — Estou encharcado de suor.

— Quer que eu lave suas costas? — Belle perguntou.

Eu congelei, sem saber se ela estava zombando de mim ou realmente oferecendo. Certamente, ela não me achava incapaz de lavar as próprias costas? Mas todas as provocações desapareceram de seu rosto, sendo substituídas pelo que parecia ser um brilho de esperança.

— Se você quiser — eu murmurei.

A maneira como ela sorriu para mim e o olhar acalorado que ela me deu — por mais breve que tenha sido — apagou qualquer pensamento de zombaria. O fogo que ardia dentro de mim enquanto eu a observava dormindo acendeu novamente na boca do meu estômago. Eu não discuti quando ela pegou minha mão e me puxou para fora da sala de hologramas.

Não sendo do tipo que é conduzido, eu assumi o controle com meus passos mais longos, embora não andando tão rápido a ponto de fazê-la se esforçar para me acompanhar. A cada passo, meu pau enrijecia enquanto as lembranças de quão quente e apertada ela era por dentro me deixavam dolorido de necessidade.

Assim que estávamos sob a água do chuveiro, minhas mãos estavam por toda a minha companheira. Em pouco tempo, eu prendi Belle contra a parede enquanto empurrava apaixonadamente para dentro e para fora dela. E pensar que eu estava preocupado que o acasalamento entre nós pudesse ser um desafio por algumas semanas. Minha mulher estava se adaptando rapidamente à minha circunferência — em grande parte auxiliada pelo relaxante muscular do meu lubrificante natural. Mas o mais importante é que a libido dela parecia corresponder à minha — uma coisa boa, considerando o quão faminto eu estava por ela.

Na segunda vez que ela chegou ao clímax, eu juntei minha voz à dela e cedi à felicidade. Eu poderia ter continuado por mais algum tempo, mas me forcei a conter meu ardor enquanto nos lavávamos. De qualquer forma, eu precisava alimentar minha mulher.

Depois de nos vestirmos, eu a levei para o refeitório.

— O que você gostaria de comer? — eu perguntei enquanto ela se acomodava em um dos bancos da ilha.

— Oh, você não precisa sair da sua rotina por minha causa. Eu ficarei bem com uma torrada e um pouco de geleia ou uma tigela de cereal...

A voz de Belle sumiu quando eu franzi a testa profundamente para ela, minha expressão carrancuda deixando claro que esta não era uma resposta aceitável. Como se a primeira refeição que eu fosse servir à minha companheira fosse pão e geleia. Ela me achava incapaz de fazer algo mais elaborado?

— Mas se você insiste, estou aberta a tudo o que você estiver com vontade de preparar. Eu não sou difícil e gosto de experimentar coisas novas — Belle disse em um tom submisso que me excitou.

— Boa resposta — eu disse com uma voz estrondosa — Eu sei que os humanos costumam comer um bife com batatas salteadas, ovos e um acompanhamento de frutas ou vegetais no café da manhã.

— Sim, isso é quando você quer um café da manhã farto — ela respondeu cuidadosamente.

— E é isso que você terá — eu disse em um tom que não admitia discussão — Você gosta de todas essas coisas, certo?

— Bem, sim, mas...

— Então está resolvido — eu disse, a interrompendo.

Eu estava começando a suspeitar que, por mais que ela quisesse ser cuidada, minha companheira mostraria relutância em solicitar abertamente coisas que ela considerava não essenciais. Que contraste com a maneira ousada com que ela praticamente impôs sua vontade de me deixar lutar nu. Mas, como Belle citou com precisão, era meu dever antecipar e satisfazer suas necessidades. Se ela pensasse que não merecia ser mimada, eu teria que corrigi-la.

Eu havia abastecido a cozinha com todas as carnes e produtos que minha pesquisa afirmava constituir a dieta favorita dos humanos, incluindo temperos. Eu trouxe três bifes, uma pilha de batatas, meia dúzia de ovos de galinha e algumas frutas. A maneira como Belle ficou boquiaberta com a quantidade de ingredientes diante de mim me fez rir. Ela logo descobriria que apetites impressionantes os homens Zamorianos possuíam.

Eu lavei rapidamente as batatas antes de começar a prepará-las, descascando com as mãos principais enquanto as secundárias as cortavam em cubos.

— Puta merda! Como você faz isso?! — Belle exclamou, seu olhar fixo em minhas mãos — Eu mal consigo descascar uma cebola sem me cortar. Como seu cérebro lida com duas tarefas completamente diferentes simultaneamente?

Diversão e orgulho cresceram dentro de mim. Outras espécies muitas vezes tinham reações semelhantes ao nos verem realizar coisas em paralelo com facilidade.

— É um talento adquirido — eu admiti — Nossos jovens se atrapalham com isso nos primeiros anos. À medida que seus cérebros se desenvolvem, aumenta também a independência dos dois pares de mãos. Você pode caminhar enquanto procura uma bolsa ou desamarra algo sem ter que pensar nisso. Seu cérebro gerencia dois conjuntos de membros – suas pernas e suas mãos. Da mesma forma que você aprendeu a fazer isso, nós aprendemos como lidar com uma terceira série.

— Bem, eu realmente não conto com essa habilidade. Quer dizer, é um milagre eu poder falar e andar ao mesmo tempo sem ficar com o rosto plantado!

Uma risada estrondosa saiu da minha garganta — Você se sai muito bem, minha companheira.

— Quase — ela disse, parecendo divertidamente desanimada.

— E esta é uma das razões pelas quais sou *eu* quem cozinha neste casal — eu disse presunçosamente, mostrando ainda mais minha destreza ao apimentar a carne enquanto cortava as batatas em cubos — Quando chegarmos a Xoccoris, eu prepararei carnes frescas que caçarei para você. Você vai *adorar* a culinária Zamoriana.

— Estou ansiosa por isso — Belle respondeu com entusiasmo — Vocês têm alguma sobremesa?

— Na verdade não temos muitos doces. Nossa comida é principalmente salgada. Mas eu farei bolos e doces para você, se você quiser. Você também deve apreciar nossa versão de chocolate — eu disse, revendo mentalmente todas as receitas Zamorianas que poderiam ser qualificadas como sobremesas. Na pior das hipóteses, havia muitos livros de receitas disponíveis online, humanos ou não — Você diz que não é uma boa cozinheira. Então quem cozinhas para você?

— Restaurantes... — ela disse com uma expressão tímida — Quando eu queria uma refeição adequada, eu pedia alguma coisa. Caso contrário, quando cozinhas para mim mesma, geralmente eu seguia o caminho de menor resistência. Refeições congeladas, sanduíches, saladas e sopas enlatadas eram minha preferência. Eu não tinha dinheiro para comprar um replicador, mas usava aquele que estava na casa do meu pai sempre que fosse ficar com ele por um tempo.

— Isso não parece hábitos alimentares muito saudáveis. Seu pai não cozinhas para você?

Ela riu, seu rosto assumindo uma expressão melancólica — Papai é um carnívoro. Para ele, cozinhar se resume a polvilhar alguns temperos de bife em um grande pedaço de carne, colocá-lo em uma panela por meio segundo de um lado, um quarto de segundo do outro lado, e ele diz que está bom. Essa é a refeição dele, sem acompanhamentos nem nada.

— Essa é uma receita para sofrer de grave deficiência nutricional — eu resmunguei, sem fazer nenhum esforço para esconder minha desaprovação.

Belle sorriu — Ah, eu concordo. Eu disse isso a ele muitas vezes, mas papai sempre dá de ombros. Realmente não importa, porque ele geralmente é cuidado enquanto está no exército. Quando ele é convocado, os cozinheiros preparam a maior parte de suas refeições

com os nutrientes certos. O mesmo acontece quando ele está estacionado em alguma base entre as atribuições. Mas o jantar, ele tem que cuidar.

Ela se inclinou para frente, inalando profundamente o aroma das batatas com uma expressão gananciosa. Claramente, minha companheira gostava de boa comida. Portanto, eu fiquei perplexo com o pouco esforço que eles investiram na culinária.

— E a sua mãe? — eu perguntei.

Minha companheira deu de ombros, seu rosto se fechando apesar de sua tentativa de parecer indiferente — Minha mãe nos deixou quando eu era bebê. Eu só a vi quatro vezes na vida e falei com ela ao telefone quase o mesmo número de vezes. Então não, ela nunca cozinhou para mim.

— Entendo — eu respondi, me sentindo péssimo por ter levantado um assunto delicado para ela. Ignorando as milhões de perguntas disparando em minha mente, eu segurei minha língua. Belle se abriria comigo em seu próprio tempo — Bem, seus dias de refeições congeladas e sopas enlatadas acabaram.

Eu ‘joguei’ os bifes na frigideira quente com rapidez, fazendo-a rir. O som crepitante rapidamente encheu a sala. Enquanto cozinhava, eu quebrei todos os seis ovos, depois cortei habilmente as frutas, colocando-as em uma tigela nos pratos.

— Oh meu Deus! Isso cheira tão bem — Belle disse enquanto eu começava a colocar uma porção generosa de batatas em cada prato, depois os ovos e finalmente os bifes.

Nós nos sentamos à mesa perto da janela com vista para o espaço. Minha companheira não precisou me ouvir duas vezes para começar. O gemido que escapou dela após a primeira mordida ressoou direto em meus paus.

— Da próxima vez que eu disser algo tão estúpido como torradas e geleia, fique à vontade para me dizer para calar a boca e aceitar qualquer refeição que você considerar apropriada. Isso é divino! — Belle disse antes de enfiar outro grande pedaço de bife na boca.

Eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. Eu sempre me perguntei como seria ser o fornecedor oficial da minha casa. Nunca em um milhão de anos eu teria imaginado que seria tão maravilhoso.

Apesar de comer com um apetite saudável, Belle desistiu no meio, cheia demais para continuar. Sua expressão arrasada ao olhar para a grande quantidade de comida restante me fez rir novamente, tanto com orgulho quanto com diversão.

— Não fique tão triste, minha companheira. Eu terei outros ótimos pratos para você mais tarde — eu disse em um tom simpático.

E então eu comecei a engolir meus dois bifes e uma montanha de acompanhamentos antes de limpar as sobras. Eu tinha um apetite

saudável... em todas as frentes.

Assim que terminamos, Belle me ajudou a limpar o refeitório. Nós fizemos um pequeno desvio até o estúdio para ela pegar seu bloco de desenho e então ela me seguiu até o convés.

Eu tinha algumas pesquisas para fazer em preparação para minha próxima caçada. Como eu nunca gostava de deixar a nave no piloto automático por muito tempo, muitas vezes eu trabalhava na cadeira do piloto. Minha mulher se manteve ocupada folheando a gravação do meu treinamento anterior para selecionar as fotos que ela queria desenhar. Por mais solitário que eu fosse, a ideia de tê-la trabalhando ao meu lado tinha um certo encanto.

Eu me acomodei em meu assento habitual, esperando que Belle se sentasse na cadeira do copiloto. Para minha surpresa, ela empurrou meu ombro quando me inclinei em direção ao console para acessar a tela holográfica do meu computador. Meu olhar curioso se transformou em choque quando ela se sentou no meu colo.

— O que você está fazendo? — eu perguntei, perplexo.

— Me aconchegando — ela respondeu, como se fosse evidente.

— Aconchegando? — eu perguntei, horrorizado.

— Sim. Você sabe, aquilo que os casais fazem quando querem compartilhar um momento íntimo juntos.

— Oh! Você deseja acasalar novamente? — eu perguntei. Embora eu quisesse trabalhar, eu não me oporia a outra rodada com minha companheira, se ela precisasse de mim.

— Não, bobo, não é sexo! Eu só quero sentar em você e sentir você perto de mim — ela rebateu, olhando para mim como se estivesse começando a questionar minha inteligência.

— Mas isso é inútil e torna o trabalho inconveniente — eu argumentei, mais perplexo do que nunca.

— Não é inútil, bobalhão. Isso é agradável e carinhoso.

— Eu não sou um bobalhão! Eu pareço um para você? — eu me opus com uma carranca.

— Definitivamente não, mas você está agindo como um — ela disse com um sorriso malcriado.

— Eu não estou agindo como um bobo. E meu povo não se abraça — eu retruquei, na esperança de pôr fim a essa discussão absurda.

— Bem, o meu sim. Você disse que seu corpo era meu. O que significa que eu posso usá-lo para me aconchegar sempre que sentir necessidade — ela brincou.

Eu olhei para ela — Mulher, você realmente precisa parar de usar minhas palavras contra mim.

— Pare de rosar — ela disse com uma voz cantante — Eu não estou usando suas palavras *contra* você. Estou usando-as *para nós* e apenas o lembrando de sua própria sabedoria. Além disso, esposa

feliz, vida feliz. Seu corpo é perfeito demais para não ser abraçado sempre que possível. Dê um tempo a isso. Em breve, será você quem pedirá aconchego.

Sem esperar pela minha resposta, Belle deu um beijo retumbante na minha bochecha e se recostou no meu peito com um ronronar de satisfação. Ela enfiou a chave da câmera furtiva em seu tablet e começou a assistir a gravação.

Eu olhei para ela por mais algum tempo, irritado por sua falta de submissão, lisonjeado por sua necessidade de contato comigo e irritado por quão agradável ela realmente se sentia comigo. A infeliz mulher estava realmente tentando me suavizar.

Engolindo um grunhido, eu carreguei os arquivos de informações fornecidos pela Federação dos Caçadores Galácticos sobre a criatura cruel que caçaríamos em Trangor. Quando eu comecei a ler, meu braço direito envolveu possessivamente minha companheira com vontade própria. Belle acariciou as costas da minha mão antes de me olhar de lado por cima do ombro. Ela sorriu com um ar cheio de tanta esperança, carinho e felicidade que me virou de cabeça para baixo.

Pelos dentes de Kromor... incapaz de resistir, eu sorri de volta.



Capítulo 7

Annabelle

Os dois dias que levamos para chegar a Xoccoris passaram rápido demais. Bayron e eu estávamos apenas começando a nos conhecer. Algumas semanas, pelo menos, com só nós dois, teriam permitido uma ligação mais forte.

Depois de um começo um tanto difícil – graças à minha estranheza – algo doce estava florescendo entre nós. Não é novidade que meu marido não me entendia direito. Caramba, eu mal me entendia. No entanto, eu adorei que, por mais que ele reclamasse do meu jeito grudento e melindroso, ele ainda cedeu para me fazer feliz.

Eu não sabia dizer com certeza se a relutância em relação a demonstrações de afeto era uma coisa cultural ou apenas a personalidade da minha fera mal-humorada. Mas eu suspeitava fortemente que fosse uma mistura de ambos. Embora não fosse minha intenção, eu estava ultrapassando seus limites. De certa forma, nós precisávamos disso para nos conhecermos. Ele tinha sido um bom esportista até agora. Agora que estaríamos colocando sua família e seu clã na mistura, como ele reagiria se eu desafiasse seus métodos? E o mais importante, como eles reagiriam a mim e à minha peculiaridade?

Com os nervos dando um nó em meu interior e pensamentos sobre todas as maneiras pelas quais eu poderia fazer um espetáculo preenchendo minha mente, eu não consegui sequer apreciar a paisagem alienígena quando começamos nossa descida em direção ao complexo de seu clã. Meu cérebro apenas registrou que parecia uma cidade gigantesca e fortificada. No entanto, em vez da rede de ruas ladeadas por habitações individuais, ela continha alguns edifícios grandes, que presumi que funcionavam como complexos de apartamentos.

Mais uma vez demonstrando sua destreza, Bayron pousou perfeitamente nossa nave dentro do enorme hangar. Para minha surpresa, nenhuma festa de boas-vindas nos esperava. Na verdade, você quase podia ouvir grilos devido à completa ausência de qualquer alma viva, além de nós dois. Eu lancei um olhar preocupado para Bayron, que parecia totalmente incomodado com isso. Percebendo

meu olhar, ele me lançou um olhar questionador. Eu sorri e balancei a cabeça, insinuando que não havia nada.

Será que era o jeito do seu povo?

Como era de costume, Bayron pegou a pequena mala que eu havia preparado para nossa estadia aqui. Segundo ele, nós passaríamos apenas uma semana. Portanto, não fazia muito sentido descarregarmos tudo da nave.

Quando saímos do hangar, minha mão coçou com a necessidade de estender a mão para pegar uma das dele para me confortar. As grandes portas reforçadas na parede lateral davam para um corredor curto, mas imponente, com outro conjunto de portas reforçadas no final. Este último abriu-se diante de nós, revelando a cidade em todo o seu esplendor.

A obsessão de Bayron pelo marrom finalmente fez sentido. Embora eu não descrevesse a cidade como tendo um estilo bastante industrial, ela ostentava características semelhantes. Entre a madeira escura exposta e as vigas de metal escuro, pedras e tijolos marrons, janelas enormes e as linhas limpas e nítidas da arquitetura, todo o lugar gritava ordem e disciplina. As ruas largas e a vegetação, perfeitamente incorporadas em locais estratégicos, evitavam que o local parecesse estéril e sombrio.

Enquanto o hangar de naves era uma cidade fantasma, as ruas da cidade fervilhavam de atividade. Eu estava quase quebrando o pescoço, me virando em todas as direções para olhar todos os gigantes se movendo. As mulheres eram igualmente imponentes, embora fossem uma versão esbelta de seus homens. Todos eles se elevavam sobre mim, com uma altura média de 1,95. A julgar pelos seus músculos bem definidos, as mulheres poderiam quebrar minha mandíbula com um único tapa. E ainda assim, eles permaneciam bastante femininas, como um atleta de fitness, em vez de volumosas como uma fisiculturista.

Seus trajes sensuais – principalmente tops curtos que expunham seus umbigos e saias de comprimentos variados, desde muito curtas até abaixo do tornozelo – me fizeram sentir desmazelada. Eu coloquei um dos meus vestidos boho favoritos, levemente ajustado na cintura para me dar uma figura mais lisonjeira, e com mangas compridas e bufantes. Agora, eu quase senti como se estivesse usando um saco de batatas, quando comparado com as roupas justas que as outras mulheres usavam.

O fato de cada habitante local fixar seus quatro olhos em mim enquanto passávamos por eles só me deixou ainda mais constrangida. Eu lancei um olhar nervoso para Bayron, que mais uma vez pareceu imperturbável. Pelo contrário, ele parecia se exibir como um pavão.

Eu me chutei por não questioná-lo mais sobre seu povo. Pelo que

entendi, ele estava ausente há alguns meses. Como seus companheiros de clã, e sendo ele filho do líder do clã, todos eles não deveriam cumprimentá-lo calorosamente, em vez desses olhares indiferentes para ele e curiosos para mim? A ausência de raiva ou aborrecimento por parte de meu marido me tranquilizou um pouco. Talvez seu pessoal realmente não gostasse de demonstrações de afeto de qualquer tipo – um conceito difícil para alguém que abraça como eu.

Ninguém falou conosco. Eles simplesmente não fizeram nenhum esforço para serem discretos ao nos encarar. Bayron quebrando o silêncio me salvou parcialmente de surtar completamente.

— Normalmente é uma caminhada de cinco minutos até o forte da minha família, mas com seus passos mais curtos, deve levar cerca de dez minutos — Bayron explicou com uma voz gentil — Ainda não é tarde para usarmos um passeio, seja um carro flutuante ou uma montaria. Achei que você gostaria de dar uma olhada no complexo primeiro.

— Caminhar é bom — eu disse rápido demais, sem dúvida revelando como eu gostava de adiar o máximo possível o momento em que estaria sob o escrutínio de sua família.

Seu sorriso conhecedor confirmou que ele não foi enganado. Ele apontou para alguns dos edifícios enormes que eu notei durante a descida.

— Estas são as fortalezas das principais linhagens que formam nosso clã. Cada fortaleza contém inúmeras moradias individuais para as diversas famílias dentro dela. O chefe da família é um chefe do clã e também um dos generais do meu pai — ele continuou, antes de apontar para outra estrutura enorme. Ela me lembrava vagamente a carapaça de uma tartaruga, com espinhos no topo e enormes janelas ao redor — Este é o Salão Principal. Embora cada fortaleza possua sua própria versão menor para reuniões de linhagem, esta é onde o clã como um todo se reúne, seja para fins sociais ou políticos.

— É lá que nós vamos realizar nosso casamento Zamoriano? — eu perguntei, me perguntando como seria por dentro.

Ele riu e me deu um olhar estranho — Não. Definitivamente *não* é onde isso vai acontecer.

Eu fiz uma careta, preocupada com o que minha aceitação no clã envolveria. Nós não poderíamos nos casar de acordo com o costume dele até que eu fosse recebida no clã. Bayron deu a entender que minha força mental seria colocada à prova. Mas como? Eu gostava de filmes de terror, então podia lidar com um pouco de estresse. Eu não tinha nenhum problema em comer coisas nojentas – meu pai cuidou disso quando me deu treinamento básico de sobrevivência. Poderia ser baseado em moral e valores? Eu me considerava uma pessoa bastante decente, mas o que essa espécie alienígena consideraria certo e

adequado?

Antes que eu pudesse tentar investigar mais, Bayron apontou para outra estrutura impressionante. O formato dessa me trouxe à mente uma coroa de espinhos colocada no topo de um anel feito de madeira escura e metal escovado.

— Esta é a arena e o lugar favorito de todo Zamoriano para se divertir — ele disse com um sorriso presunçoso — Você irá visitá-la muito em breve.

Minha carranca se aprofundou, assim como minha preocupação — Por que você diz isso assim?

— Porque é emocionante — ele disse com uma cara inocente demais.

Meu marido estava tramando alguma coisa, mas mais uma vez eu não tive a oportunidade de interrogá-lo sobre isso — não que ele fosse responder. Nos últimos dias, ficou bastante claro que Bayron não poderia ser coagido ou persuadido a revelar algo que não quisesse.

— E esta é a Fortaleza Skortheatis — ele disse, gesticulando para ela com as duas mãos principais, o orgulho enchendo sua voz — Minha linhagem liderou este clã por gerações. Minha morada aí dentro... *nossa morada*... já pertenceu ao meu tataravô, Breiziksanyiek. Apesar de ser o primogênito, ele cedeu a honra de ser Líder do Clã em favor de seu irmão mais novo. Ele não queria governar, ele queria lutar. E ele foi provavelmente o maior guerreiro da nossa história.

— Uau! — eu disse, genuinamente impressionada, antes que outro pensamento perturbador passasse pela minha cabeça — Então, quando você fala em morada, estamos falando de apartamentos individuais ou você tem um quarto na casa dos seus pais?

Eu estremeci assim que as palavras saíram da minha boca. Eu não queria fazer parecer que ele ainda estava na casa dos pais. Para meu alívio, ele não pareceu ofendido.

— Não, eu não moro na casa dos meus pais, do jeito que você está pensando — Bayron respondeu com um tom divertido — Cada habitação é independente e autossuficiente. Você poderia compará-la a uma casa humana, a maioria delas com quintal próprio. Embora existam áreas comuns para as famílias se misturarem, você pode fazer o que quiser com sua companheira e seus filhos e ignorar todos os outros, se desejar.

— Legal — eu disse, me sentindo aliviada. Embora eu gostasse da ideia de uma família extensa e unida, eu não queria terceiros constantemente em meus assuntos.

No entanto, esse alívio durou pouco quando nos aproximamos das portas maciças da fortaleza. Quase parecia entrar na versão cyberpunk de um castelo industrial. Um grande salão nos recebeu, com paredes brancas e grossas vigas de madeira expostas. Como o resto da cidade,

o grande corredor além do vestíbulo tinha linhas limpas e nítidas e uma decoração minimalista. Aqui, estátuas em tamanho real de temíveis guerreiros Zamorianos alinhavam-se nas paredes em intervalos regulares. Eu só poderia presumir que eram ex-líderes de clã ou grandes guerreiros da linhagem de Bayron.

Em vez dessas estátuas, eu quase esperava encontrar guerreiros em trajes futuristas de gladiadores, com suas lanças relâmpago guardando cada lado da entrada. Mas mais uma vez ninguém nos esperava. Eu estava começando a pensar que estávamos sendo evitados.

Será que eles desaprovam o casamento de Bayron com uma humana?

Esse medo me atormentou desde o momento em que Kayog mencionou que nenhum Zamoriano havia se casado com um humano antes. E a contínua indiferença que o regresso do “Filho Pródigo” suscitou estava me afetando seriamente. Eu ainda não estava apaixonada por meu marido, mas apesar de alguns momentos estranhos, eu senti genuinamente que começamos bem. A possibilidade da família dele atrapalhar o futuro que estávamos construindo juntos me apavorava. Eu queria ficar com minha fera.

Como se tivesse lido os pensamentos que passavam pela minha cabeça, Bayron me olhou de lado e respondeu à minha pergunta silenciosa.

— Minha família nos espera no salão de reuniões — ele apontou com o queixo para um enorme conjunto de portas cerca de vinte metros à frente — Os corredores laterais à nossa esquerda e à direita levam às habitações. Você verá a nossa em breve.

— Ok — eu disse em voz baixa, meu pulso acelerando.

De repente, o eco de nossos passos no amplo espaço soou ensurdecedor, competindo com o rugido do meu sangue correndo em meus ouvidos. Reunindo toda a minha força de vontade, eu tentei controlar minha respiração e forçar uma expressão confiante em meu rosto.

Isso durou apenas o tempo que levou para as portas do salão de reunião se abrirem.

Eu não sabia se alguém lá dentro as havia aberto para nós ou se um sensor de movimento as havia ativado. Mas meu cérebro tinha coisas mais importantes para lidar – ou seja, os mais de cem Zamorianos reunidos no que parecia ser uma mistura de sala do trono, refeitório, anfiteatro e salão de baile.

A sala vagamente octogonal tinha mesas de jantar alinhadas nas paredes, todas vazias. Uma série de escadas curtas levava à parte central da sala, que me lembrava uma pista de dança. No entanto, entre as escadas, a maioria dos membros do clã presentes se sentavam em uma mini versão de arquibancadas almofadadas. E bem à nossa frente, no lado oposto da sala, elevado sobre um estrado, um temível

Zamoriano estava sentado ao lado de sua companheira.

Eu não precisei que Bayron me dissesse que eles eram seus pais. Seu pai era sua imagem, com os mesmos longos cabelos negros e olhos azuis, embora com uma impressionante coleção de cicatrizes. Porém, sua mãe não poderia ser mais diferente, com cabelos brancos prateados e olhos dourados. À esquerda do pai, outro homem Zamoriano estava sentado em uma cadeira um pouco menor. Sua semelhança com meu marido deixava claro que ele era seu irmão mais velho. Mas a longa cicatriz na bochecha esquerda o tornava ainda mais assustador.

Eles se sentavam em ‘tronos’ despretensiosos feitos de madeira entalhada, com bordas de metal e almofada cor de vinho. Claramente, eles não precisavam de todo o brilho e das coisas sofisticadas de que outros monarcas ou chefes de estado se cercavam. A mera presença deles gritava sua autoridade e poder.

E o olhar intimidador de todos estava voltado para mim.

Eu percebi que havia estendido a mão para pegar a mão de Bayron quando todos os pares de olhos se voltaram para nossas mãos unidas. Eu engoli em seco e lancei um olhar nervoso de lado para meu marido, temendo que ele ficasse irritado comigo. Para meu total alívio, ele olhou para seus companheiros de clã com uma expressão presunçosa antes de voltar sua atenção para seus pais. Simultaneamente, ele deu um aperto suave e encorajador em minha mão. Isso, mais do que qualquer outra coisa, me deu o impulso de coragem de que eu precisava.

Bayron concordou livremente em se casar comigo. Ele me disse mais de uma vez que eu era dele e que ninguém se intrometeria em seus assuntos conjugais. Eu precisava dizer às minhas inseguranças para caírem fora. Ele era *meu* marido, *minha* fera e, de acordo com Kayog, *minha* alma gêmea. Por mais intimidante que seus companheiros de clã e sua família possam ser, eu não seria intimidada por ninguém.

Nós descemos os cinco degraus até o chão e depois seguimos em direção ao trono. Eu não conseguia acreditar que consegui chegar lá com um andar um tanto gracioso, e sem tropeçar ou cair de cara. Não me fode... Eu me senti uma raridade em um show de horrores.

— Mãe. Pai. Irmão — Bayron disse em Universal, como única saudação quando paramos alguns metros em frente ao estrado do trono.

— Filho, você voltou — respondeu a mãe com voz neutra, também em Universal.

— E acompanhado, ainda por cima — acrescentou seu pai.

— Bye — disse seu irmão.

Eu levei um segundo para perceber que ele não tinha dito “bye”

como se fosse dizer tchau, mas “Bay” como uma versão ainda mais curta de Bayrohnziyiek.

— Sim — ele disse, acenando para a mãe antes de se virar para o pai — e estou, de fato. Por favor, conheçam minha companheira, Annabelle Parker. Belle, conheça nossa Matriarca, minha mãe, Feidinsaya. Feidin, para abreviar. Nosso líder do clã, meu pai Ugrulsayiek, comumente chamado de Ugrul. E meu irmão, Varkuthsenyiek, ou Varkuth.

— Estou honrada em conhecer todos vocês — eu disse, irritada por minha voz não parecer mais confiante, mas pelo menos aliviada por não tremer.

Meu coração afundou quando nenhum deles respondeu. Ugrul me deu uma olhada lenta, como se tentasse descobrir o que seu filho poderia achar atraente em mim. Feidin inclinou a cabeça para o lado e franziu os lábios como alguém tentando decidir como eles realmente se sentiam sobre algo que lhes foi apresentado. Varkuth parecia mais interessado em olhar para o irmão com um sorriso de Mona Lisa.

— Annabelle Parker, você está diante de nós para ser vinculada ao meu filho? — Ugrul perguntou finalmente.

Sua voz era tão profunda e o estrondo tão poderoso que eu poderia jurar que o chão de pedra sob meus pés tremeu.

— Sim, senhor — eu respondi.

— Ugrul — ele corrigiu com uma leve carranca.

Eu abri a boca para pedir desculpas, mas Bayron me interrompeu.

— Não, ela não está — ele disse severamente.

Eu virei minha cabeça em direção a ele, chocada. O que ele quis dizer com isso? Afinal, ele havia decidido que não queria se casar comigo de acordo com os hábitos de seu povo? Nós devíamos fazer uma tentativa justa por seis meses. As coisas estavam indo bem entre nós – pelo menos eu pensava assim. Será que ele...?

— Oh? — sua mãe perguntou.

— Nós não estamos aqui para um vínculo, mas para uma reivindicação — Bayron respondeu, erguendo o queixo desafiadoramente.

O rosto de Feidin se fechou. A sobrelha de Varkuth ergueu-se de surpresa, enquanto Ugrul franziu a testa.

— Você não é *obrigado* a fazer isso tão cedo — advertiu seu pai.

— Eu *escolho* fazer isso — Bayron retrucou em um tom que não admitia discussões.

Atrás de nós, o clã sussurrou, aparentemente igualmente atordoado. Eu me lembrei então que Kayog havia mencionado que Bayron não teria que me reivindicar totalmente até que os seis meses terminassem. Embora eu não soubesse nada sobre como acontecia qualquer um de seus rituais, pelo menos eu entendi que o vínculo era

um casamento não permanente do qual você poderia abandonar se as coisas não dessem certo. Mas uma reivindicação era para toda a vida.

Eu não entendia por que meu marido parecia tão determinado em tornar nossa união permanente desde o início, mas eu estava totalmente de acordo com isso. Além do fato de que a bênção de Kayog tornou isso um sucesso garantido para mim, eu adorei a determinação de Bayron em nos fazer funcionar, em querer me manter para sempre, mesmo que ele ainda não estivesse apaixonado por mim.

Eu nunca tinha percebido o quão desesperadamente eu queria pertencer a alguém que realmente me quisesse. Até hoje, eu ainda lutava com problemas de abandono, causados principalmente pelas ações de minha mãe, mas também, de certa forma, por meu pai.

— E você, Annabelle Parker? Você também escolhe uma reivindicação em vez de um vínculo? — Feidin perguntou, com uma expressão ilegível no rosto.

— Bayron e eu somos almas gêmeas — eu disse, atordoada pela firmeza e força da minha voz quando meus joelhos estavam quase bambos — Nós não precisamos de um vínculo. De acordo com meus votos, eu me casei com ele para o bem ou para o mal, até que a morte nos separe. Ele é meu e eu sou dele. Eu quero uma reivindicação. Ah, e você pode me chamar de Belle.

Em circunstâncias diferentes, a maneira como seus pais e seu irmão ergueram simultaneamente a sobrançelha esquerda em surpresa teria sido hilário – se não um pouco assustador. Mas foi o brilho de aprovação nos olhos amarelos de Feidin que me fez sentir aquecida por dentro. A expressão de Ugrul permaneceu ilegível.

— Você sabe o que envolve uma reivindicação, Belle? — Varkuth perguntou com uma expressão meio provocadora e meio divertida.

Eu me mexi nervosamente e lancei um olhar incerto para Bayron. Mas ele estava olhando de forma um tanto desafiadora para seu irmão mais velho.

— Não — eu admiti timidamente.

A explosão de risadas na sala me assustou, me fazendo quase pular fora de mim. Eu balancei a cabeça para um lado e para outro, tentando descobrir por que eles achavam isso tão divertido. Os sorrisos de merda lançados em minha direção pareciam inferir que eu odiaria o que quer que me esperasse.

— Diga-me, pequena humana... — Ugrul disse, colocando as palmas das mãos secundárias nos braços do trono e os cotovelos dos braços primários sobre os joelhos enquanto se inclinava para frente para olhar atentamente para mim — Você gosta do perigo?

Meu estômago embrulhou ao ouvir suas palavras, que ecoavam a pergunta que Kayog me fez durante nosso primeiro encontro.

Eu franzi o rosto e dei de ombros — Perigo sobre o qual eu tenho

algum controle, sim. Eu gosto de coisas assustadoras, mas não gosto de estar no meio delas.

Todos riram de novo, inclusive Ugrul e Varkuth. Eu estava me sentindo estúpida, embora não achasse que eles estavam zombando de mim. A risada deles estava misturada com descrença e um pouco de pena, do jeito que você sente pena de alguém sem noção que acabou de se meter em confusão. Ainda assim, minha raiva aumentou, especialmente quando Bayron não disse nada, contente em cruzar os braços grossos sobre o peito enorme.

— Fico feliz por estar provocando toda essa hilaridade. Mas que tal vocês me dizerem do que se trata essa afirmação? — eu respondi.

Longe de ficar ofendido, Ugrul bufou – aparentemente divertido com meu temperamento – e repetiu as palavras que Bayron havia falado comigo anteriormente — Você descobrirá em breve — Ele então se concentrou novamente em seu filho — Você tem certeza de que quer...?

— Sim, nós temos — Bayron disse, interrompendo seu pai, seu tom quase o desafiando a desafiar sua vontade novamente.

— Muito bem, então. Se é uma reivindicação que você quer, uma reivindicação você terá... — Ugrul disse, do jeito que alguém desiste de um caso sem esperança, antes de lançar um olhar para sua esposa.

Ele não falou uma palavra. Feidin simplesmente se levantou. Para minha surpresa, ela pegou a trança do marido, elegantemente adornada com anéis enfeitados com joias ao longo de todo o comprimento, deixando-a deslizar por entre os dedos em uma carícia suave. A maneira como o rosto de Ugrul se derreteu quando ele olhou para sua companheira enquanto um ronronar ressoava em seu peito largo me deixou totalmente impressionada. Havia algo incrivelmente possessivo e sexy no gesto. Por alguma razão, isso me lembrou de uma criatura selvagem marcando seu território... e esse território gostando de ser reivindicado.

Varkuth também se levantou, indo em direção a Bayron enquanto Feidin parou diante de mim. Droga, ela era alta! Eu me senti magra diante dela. A expressão neutra em seu rosto a tornava seriamente intimidante.

— Venha então, Belle. Devemos prepará-la para sua reivindicação — Feidin disse.

Sem esperar pela minha resposta, ela começou a caminhar em direção à saída. A longa saia preta, com uma fenda até o meio da coxa esquerda, dava um vislumbre de sua perna infinita e sexy a cada passo. Sua cabeleira prateada, até a base das costas, balançava em conjunto.

Eu lancei um olhar quase em pânico para Bayron. Ele acenou para mim de uma forma encorajadora. Depois de um último aperto na

minha mão, ele a soltou. Engolindo em seco, eu corri para alcançar sua mãe.

Mas depois de apenas alguns passos, um homem sentado na “arquibancada” esquerda de repente rosnou para mim de forma ameaçadora, me fazendo gritar e quase perder o equilíbrio. Eu fiquei boquiaberta para ele, minha palma pressionada sobre meu coração enquanto eu lhe lançava um olhar de ‘Que porra é essa?’. Algumas das mulheres sentadas perto dele riram, uma delas revirou os olhos.

Assim que eu estava recuperando o rumo e voltando a caminhar em direção a Feidin – que estava olhando para mim com uma expressão nada impressionada – um homem diferente à minha direita começou a rosnar. Ele falou mais alto e parecia ainda mais cruel, e então ele bateu com os punhos principais no peito.

Com meus passos vacilantes, eu lancei um olhar preocupado para Bayron por cima do ombro. Com os dentes à mostra, ele estava olhando para o homem que tinha acabado de rosnar, parecendo querer quebrar seu crânio. Ao lado dele, Varkuth pressionava a mão no peito do irmão, claramente para impedi-lo de intervir.

Eles têm o direito de fazer isso e Bayron não tem permissão para impedi-los!

Esse era o teste? Certamente tentar me assustar não poderia ser o desafio de aceitação no clã? Seja lá o que fosse, eles aparentemente esperavam que eu simplesmente aceitasse. Eu poderia fazer isso, e então Bayron teria algumas explicações a dar. Erguendo o queixo, eu me forcei a dar um passo à frente do outro. Enquanto eu me dirigia para Feidin, mais quatro homens rosnaram e emitiram sons ameaçadores para mim, dois deles se levantando para contrair os músculos e fazer caretas aterrorizantes para mim.

Por uma fração de segundo, eu pensei que eles iriam me atacar, mas eles ficaram bem na frente de seus assentos. E então um maldito gigante se levantou de seu assento e parou perto das portas. O rugido que saiu de sua garganta quase me ensurdeceu. Mas eu estava petrificada demais para sequer estremecer com isso. Com uma altura de pelo menos 2,5 metros e quase o dobro da largura de Bayron, ele devia pesar no mínimo 200 quilos – tudo isso de puro músculo.

Se eu não tivesse esvaziado a bexiga antes de descer de Ostros, eu teria me molhado toda. Eu congelei no lugar, boquiaberta, enquanto olhava para a pessoa mais assustadora que já conheci. Seus olhos ficaram laranja, uma característica comum com Zamorianos quando eles estavam com raiva ou entrando em modo de combate. Com aabeça inclinada para trás para olhar o gigante, eu quase esqueci de respirar.

Ele bateu brutalmente no peito com os dois punhos principais, abrindo as mãos secundárias como se quisesse estender a mão e me

agarrar enquanto rugia selvagememente e me tirava do meu estado petrificado. Eu gritei, dando alguns passos involuntários para trás enquanto tremia como uma folha. Por uma fração de segundo, eu pensei que ele iria me pegar com uma mão e me jogar no chão como uma boneca esfarrapada, quebrando todos os ossos do meu corpo.

Eu não conseguia pensar direito enquanto ele continuava a emitir sons selvagens, batendo os pés, contraindo os músculos e gesticulando como uma fera faria para afugentar um possível invasor em seu território.

— Bayron! — a voz de Ugrul exclamou severamente atrás de nós.

Eu olhei para eles por cima do ombro. Para minha surpresa, desta vez tanto o irmão quanto o pai do meu marido o estavam impedindo. Exceto que, em vez de parecer furioso com o gigante que estava me ameaçando, Bayron estava olhando para *mim*.

Que porra é essa?!

Eu percebi então que ele também estava rosnando. Mas outro rugido alto do gigante me fez gritar, meu corpo inteiro estremecendo de medo quando me virei para olhar para ele.

— Chega, Krogal. Você deixou claro seu ponto de vista — Feidin disse, parecendo ao mesmo tempo irritada e impressionada.

Ela agarrou meu pulso e me puxou atrás dela enquanto a terrível montanha de músculos se endireitava, toda a raiva aparentemente desapareceu quando ele me viu passar por ele com um sorriso maroto no rosto.

Traumatizada demais para falar, eu deixei minha sogra me levar até o elevador no corredor direito que levava às moradias.

— O que diabos foi isso? — eu perguntei, finalmente recuperando a voz enquanto ela apertava o botão do que parecia ser a cobertura — Por que eles estavam me ameaçando? Esse é o teste mental que Bayron sugeriu?

Feidin bufou e balançou a cabeça — Eu posso ver por que você interpretou o comportamento deles dessa maneira. Mas não, Belle, eles não estavam ameaçando você. Eles estavam se apresentando para você.

— Apresentando? — eu perguntei, perplexa.

— Mostrando seus atributos, sua força, como são intimidadores — ela respondeu, parecendo divertida.

Eu pisquei, ainda mais confusa — Para quê? Por que fazer isso tentando me assustar profundamente? E por que Bayron parecia bravo comigo em vez de com aqueles homens que me intimidavam?

O elevador parando evitou que Feidin respondesse. Ela me acenou assim que as portas se abriram. Eu obedeci, determinada a não deixá-la escapar se ela tentasse se esquivar.

Um grande conjunto de portas de madeira fechava a pequena

antecâmara em que nos encontrávamos. Como eu suspeitava que elas se abririam para o espaço habitacional, eu apreciei a privacidade que proporcionavam, em vez de deixar a família exposta assim que alguém saísse do elevador.

Para meu alívio, Feidin saiu do elevador e parou para me encarar — Não estavam te intimidando, estavam cortejando. Esses homens estavam expressando seu interesse por você e mostrando que grandes protetores seriam com sua força e capacidade de aterrorizar os inimigos. E sua resposta a Krogal foi bastante lisonjeira para ele.

— O QUÊ?! Espera aí! Espere um maldito minuto! Em primeiro lugar, eu já sou casada. Eles não têm nada a ver comigo! — eu exclamei, me sentindo ofendida por esse flagrante desrespeito por meu marido — Em segundo lugar, eu estava com muito medo. Não fui eu que respondi positivamente àquele gigante. Eu achei que ele fosse bater na minha cabeça!

Feidin inclinou a cabeça para o lado, estudando minhas feições por alguns segundos, como se quisesse ter certeza de que eu estava falando a verdade.

— Pelo bem do meu filho, fico feliz em ouvir isso. Mas não, Belle, você ainda não está casada. Seu casamento humano não tem valor legal aqui — ela acrescentou rapidamente quando eu abri a boca para discutir — Até que você seja reivindicada ou vinculada de acordo com nossos costumes, você será considerada como disponível. Se Bayron falhar em sua tentativa de reivindicá-la, ou se você decidir não reivindicá-lo, esses homens disputarão sua atenção, especialmente Krogal. E posso ver por que...

A maneira misteriosa como ela pronunciou a última frase me pareceu estranha. Mas muitas perguntas estavam pressionando minha língua.

Feidin se virou para as grandes portas, as abrindo. Meu queixo quase caiu diante da sala deslumbrante revelada. Era como entrar em um luxuoso loft de cobertura, inundado pela luz das enormes janelas do chão ao teto. Mais uma vez, a decoração privilegiou o estilo industrial, mas desta vez também com toques rústicos. Olhando além do excesso de marrom e bege, eu já conseguia imaginar as maravilhas que poderia realizar com uma tela tão magnífica.

— Bayron é bastante possessivo com você — Feidin continuou enquanto me conduzia para uma grande sala nos fundos — Sua reação ao primo dele o magoou.

— Mas eu não estava excitada nem flertando — eu retruquei, sentindo que tudo era injusto.

Ela abriu a porta do quarto mais insano que eu já vi. Bayron não estava brincando quando disse que uma cama Zamoriana era ainda maior do que aquela que dividíamos em sua nave. Ela era grande o

suficiente para colocar dois Krogals lado a lado, de braços abertos. Embora escassas, cada peça de mobiliário era de um artesanato requintado, mais uma vez feita de madeira e metal. Junto a uma enorme área de estar, altas portas de pátio davam lugar a um imponente terraço com uma vista deslumbrante sobre a cidade.

— Não, mas você estava com medo — Feidin disse com naturalidade enquanto pegava uma roupa branca na cama — Nós, mulheres Zamorianas, não nos assustamos facilmente. Um homem que consegue provocar uma reação como a que você demonstrou é definitivamente um guardião para nós. Meu Ugrul me fez desmaiar de terror.

Ela segurou o vestido branco na minha frente para medi-lo, depois caiu na gargalhada ao perceber minha expressão horrorizada.

— Então fico feliz que Bayron não tenha me atacado dessa forma. Eu gosto de ficar com medo ao assistir filmes, mas não na vida real — eu murmurei, reprimindo um arrepio ao pensar em Krogal, depois gesticulei para a roupa com o queixo — Isso é um vestido de noiva Zamoriano?

Para minha surpresa, o rosto de Feidin não mostrou qualquer sinal de diversão. Ela franziu a testa para mim com um leve ar de preocupação enquanto balançava a cabeça — Não exatamente. É um vestido de sacrifício.

— O QUÊ? — eu exclamei, dando um passo involuntário para trás — Que tipo de afirmação é essa?

Ela abaixou as mãos segurando o vestido e depois dobrou a peça sobre o antebraço — Durante uma reivindicação, um homem tem que provar que é um protetor digno para a mulher que cobiça.

— Provar como? — eu insisti.

Lutando para silenciar meu pânico crescente, eu lembrei a mim mesma que Kayog sabia o vínculo e a reivindicação envolvidos. Ele nunca teria me enviado para algum lugar estranho para ser massacrada.

— Bayron deve provar seu valor a salvando. E você deve provar sua confiança nele permitindo que ele faça isso — Feidin disse, seu olhar intenso estudando minhas feições como se quisesse ler se eu tinha isso em mim.

— Especificamente, o que isso significa? — eu perguntei, ficando irritada com as respostas vagas — Você quer me colocar em um vestido de ‘sacrifício’. Eu devo ser sacrificada se ele falhar?

Feidin bufou e balançou a cabeça — Se ele falhar, você não será sacrificada. No entanto, você será algemada na arena como oferta de sacrifício. Um grummoll, um dos predadores mais cruéis de Xoccoris, será solto na arena. Bayron deve evitar que ele chegue perto o suficiente para machucá-la e derrotá-lo.

— É sério? — eu perguntei, incrédula.

— Sério — Feidin confirmou — Embora meu companheiro e meu filho primogênito sempre estejam de prontidão para salvar a noiva caso o aspirante a noivo fique sobrecarregado, todos os homens que rosnaram para você antes estarão de prontidão. Eles irão protegê-la ou entrar na batalha se você pedir ajuda porque acredita que Bayron irá falhar.

— Então, o que você está dizendo é que você quer que eu concorde em ser algemada em uma arena onde vocês vão jogar a fera mais louca que existe em seu planeta, e então esperar que Bayron venha e me resgate sozinho?

— Basicamente, sim.

— Isso é tão legal! Eu adorei a parte em que Bela é resgatada pela Fera quando um bando de criaturas raivosas tentaram matá-la. Agora eu realmente posso ser a donzela em perigo salva por seu príncipe!

— Perdão? — Feidin perguntou, parecendo totalmente perdida.

Eu ri e acenei com a mão em desdém — Deixa para lá. É apenas um conto de fadas humano que eu adoro. Mas sim, eu estou totalmente bem com tudo isso.

Ela olhou para mim, parecendo não conseguir decidir se minha resposta a emocionou ou a deixou perplexa — Você concorda? Achei que você tinha dito que não queria estar no meio do perigo?

— Certo, mas Bayron vai me manter segura — eu disse dando de ombros — Ele é super foda e já caçou os monstros mais selvagens que existem. Ele vai arrebentar essa sua criatura, qualquer que seja o nome, sem suar a camisa. Vai ser épico! Eu adoro vê-lo lutar.

Eu sorri, já zumbindo de excitação.

Feidin pareceu sem palavras por um momento, então toda a tensão desapareceu dela enquanto ela me dava um sorriso lento.

— Você é uma humana estranha — ela disse pensativa.

Eu bufei e dei a ela um sorriso provocador — Todo mundo que me conhece concordaria com você.

Ela parecia divertida — Sabe, acho que gosto de você. Pode haver mais fogo dentro de você do que essa aparência mansa deixa transparecer — ela disse em tom de aprovação — Seu exterior frágil é muito atraente para nossos homens. Francamente, você desperta meus próprios instintos protetores.

— Isso é legal... eu acho. Mas sem ofensa para os outros homens, eu não estou interessada. Eu tenho o Bayron — eu disse cautelosamente, examinando suas feições para ver como ela responderia às minhas palavras.

— Fico feliz em ouvir isso. Se você tivesse se recusado a participar da reivindicação, isso implicaria que você considera Bayron inadequado para protegê-la. Ele ficaria envergonhado publicamente e

sua união seria anulada — Feidin explicou.

— Uau! Por que ele correria um risco tão grande sem primeiro ter certeza de que eu estava de acordo com isso? — eu perguntei, perplexa — Quer dizer, claro, Kayog diz que somos almas gêmeas, mas nós ainda precisamos nos conhecer.

— Ele fez isso para protegê-la. Ele provavelmente não queria que você passasse toda a sua viagem até aqui em pânico com o que estava prestes a acontecer — Feidin respondeu dando de ombros — Verdade seja dita, sem a garantia do Temern de que vocês são de fato almas gêmeas, eu teria me oposto a essa afirmação.

Eu enrijeci, dando-lhe um olhar chocado — Se oporia? Você poderia fazer isso?

— Claro — ela respondeu, como se a resposta fosse óbvia — Eu sou a Matriarca deste clã. Nossos homens podem ser barulhentos e intimidadores, e meu companheiro pode ser o líder do clã. Os Zamorianos são antes de tudo um matriarcado. Eu não poderia evitar um vínculo, mas poderia impedir uma reivindicação, se não acreditasse que o casal fosse realmente durar. Os divórcios são uma coisa horrível e uma mancha tanto para a Matriarca que permitiu aquele casamento, quanto para o clã como um todo.

Eu fiz uma careta, me sentindo desconfortável com aquele comentário — Não acho que alguém entre em uma união com a intenção de se divorciar. Mas não é melhor que as pessoas que deixam de se amar se divorciem em vez de permanecerem presas em um casamento miserável e sem amor?

— É para isso que servem os vínculos – um período experimental de longo prazo que permite aos casais determinar se eles foram realmente feitos um para o outro ou não.

Eu mordi a língua para não discutir com ela. Brigar com minha sogra logo antes do meu casamento não parecia uma atitude sábia. A princípio, eu concordei com a afirmação dela. Hoje em dia, muitas vezes parecia que as pessoas desistiam dos seus votos ao primeiro obstáculo. Mas eu também não acreditava em condenar alguém a uma vida inteira de miséria se as coisas realmente não funcionassem depois de ambas as partes terem feito todos os esforços genuínos possíveis para salvar sua união.

— Então, você quer que eu coloque esse vestido? — eu perguntei, mudando o assunto para um terreno mais seguro.

— Sim — Feidin disse com um aceno firme — Se você quiser, pode se trocar aqui. No entanto, eu entendo que os humanos tendem a querer privacidade. Nesse caso, você pode ir para a sala de higiene — ela acrescentou, acenando para um grande conjunto de portas no lado esquerdo da cama.

Por uma fração de segundo, eu considerei ir ao banheiro. Além dos

meus pequenos problemas de imagem corporal, tirar a roupa na frente de uma estranha, nada menos que minha nova sogra, que por acaso também tinha um corpo de morrer de inveja, me deixou bastante constrangida. No entanto, a maneira excessivamente indiferente com que ela ofereceu parecia tanto um desafio quanto um teste.

Engolindo em seco, eu levantei a batinha do meu vestido de saco de batatas para levantá-lo pela cabeça. Assim que eu comecei a removê-lo, os lábios de Feidin se esticaram em um sorriso discreto, um brilho de aprovação passando por seus olhos amarelos. Ela mal me lançou um olhar, virando-se para a cômoda perto da porta.

Uma parte de mim suspeitava que ela tivesse feito isso tanto para ir buscar alguma coisa na gaveta quanto para me garantir um pouco de privacidade. A quantidade de tempo que ela mexeu no conteúdo da gaveta antes de recuperar uma pequena caixa apenas pareceu confirmar isso. Mesmo de onde eu estava, eu pude ver que tudo naquela gaveta estava bem organizado. Eu apreciei essa consideração discreta.

Quando ela voltou com a caixa, eu já tinha terminado de colocar o vestido. Ele tinha um estilo grego e me lembrava os trajes da Roma antiga. Embora ele abraçasse minhas curvas um pouco mais do que eu normalmente me sentia confortável, na verdade ele era ótimo para mim. A julgar pelo olhar que Feidin me deu, ela também pareceu aprovar.

Ela abriu a caixa e a apresentou a mim. Eu fiquei boquiaberta com o impressionante medalhão dentro. Eu não sabia de que metal ele era feito (embora lembrasse vagamente algum tipo de ouro claro), mas representava perfeitamente a árvore da vida estilizada que eu havia desenhado como meu símbolo, a pedido de Bayron.

— Oh meu Deus! Isso é excelente! — eu disse, aceitando isso com reverência. Eu notei então a corrente presa a ele, formando um colar — Não acredito que você transformou meu projeto nisso tão rapidamente. Eu adorei!

Feidin sorriu presunçosamente, satisfeita com minha reação — Bem, você não pode reivindicar sem isso.

— Sério? Por quê? Como isso funciona exatamente? — eu perguntei, meu olhar fixo no medalhão, que parecia ter pequenas reentrâncias na parte de trás, como se fosse algum mecanismo de travamento.

— Você descobrirá em breve.

Minha cabeça se ergueu e eu fiz uma careta para minha sogra — Qual é a de vocês e essa frase? Por que vocês não apenas me contam?

— Porque ver o seu aborrecimento é muito divertido — ela disse com uma voz provocante — Afinal, o que esse símbolo significa? — Feidin perguntou antes que eu pudesse pensar em uma resposta

inteligente.

— É a minha versão de uma Árvore da Vida estilizada — eu disse, me sentindo subitamente nervosa por expor as razões muito pessoais por trás dessa escolha — A Árvore da Vida representa nosso desenvolvimento pessoal, nossa singularidade e beleza individual. Ela começa como uma muda fraca e luta contra as adversidades para expandir suas raízes e espalhar seus membros em direção ao infinito. Durante muito tempo, eu dediquei minha energia me espalhando, superando meus desafios e abraçando o mundo, porque eu realmente não tinha raízes. Na verdade, eu não sabia onde plantá-las ou a que lugar pertencia. Mas agora eu finalmente sei. Tudo o que eu estava buscando só pode se tornar mais forte graças à base que Bayron e eu estamos estabelecendo juntos.

Enquanto eu me preparava para ela zombar de meu balbucio romântico, o olhar gentil e quase maternal que ela lançou para mim me destruiu. Minha mãe era essencialmente uma estranha para mim.

— Família é tudo — Feidin disse com uma voz suave — Se o que você quer são raízes, então você não poderia ter escolhido um companheiro melhor. Não importa quão violentos sejam os ventos, não importa quão poderosas sejam as inundações, meu Bayron sempre a manterá de pé até que as raízes que a prendem sejam tão fortes e profundas que nada jamais será uma ameaça para você.

Minha garganta apertou quando eu balancei a cabeça com suas palavras — Eu quero muito isso.

— Então vamos reivindicá-la — Feidin disse com entusiasmo, enquanto pegava um pequeno frasco da mesma gaveta da cômoda de onde ela havia pego o medalhão.

Parecia um frasco de perfume. Ela o levantou na minha frente e borrifou um pouco sobre mim. Tinha um cheiro bastante delicado, tão sutil – pelo menos para o meu nariz humano – que eu realmente não entendi seu propósito.

— Ei! O que é isso? — eu perguntei, instantaneamente preocupada com o sorriso quase maligno em seu rosto enquanto ela fazia isso.

— É suor de brumar. Um feromônio potente que atrai grummolls. Vamos, é hora de colocá-la para sacrifício.



Capítulo 8

Bayron

Parado no meio da arena, com todos os homens solteiros em idade de casar divididos em dois grupos de cada lado de mim, eu observei minha Belle se aproximar, liderada por minha mãe. Nossas mulheres solteiras formaram um caminho, ficando de cada lado da entrada da arena. Elas cantavam enquanto jogavam pétalas de shabira em minha companheira, para dar sorte e fertilidade.

Belle estava deslumbrante no vestido de sacrifício que abraçava as deliciosas curvas de seu corpo. Embora eu achasse os vestidos boho que ela gostava de usar muito bonitos, eu odiava como eles escondiam seu formato. Não importa quantas vezes eu tivesse que repetir isso, eu faria minha companheira perceber que ela era perfeita do jeito que era, com barriguinha e tudo.

Foi ousado – para não dizer imprudente – da minha parte não avisá-la sobre o que a reivindicação implicava. Mas em um nível visceral, eu sabia que ela consentiria. Belle me queria... nos queria. A reação dela às minhas sessões de treinamento sugeria fortemente que ela ficaria bem me observando em uma batalha real. É verdade que desta vez ela também estaria em relativo perigo. No entanto, nos últimos dias, minha mulher demonstrou que confiava implicitamente em mim para mantê-la segura.

No estrado com vista para a arena, meu pai e meu irmão estavam lado a lado em frente às suas respectivas cadeiras. Minha mãe se juntaria a eles depois de conter minha companheira. Meu pai emituiu um poderoso grito de guerra que ressoou por todo o espaço. A multidão de pessoas acasaladas e aquelas muito jovens ou muito velhas para participar de uma reivindicação responderam com gritos de encorajamento e entusiasmo.

Eu ecoei o grito do meu pai, abrindo meus quatro braços, cada um segurando uma arma branca letal. Os homens solteiros ao meu redor grunhiram ameaçadoramente, semi-agachados enquanto começavam a dança de acasalamento. Eles ficaram com os olhos laranja, assim como eu, o que nos deixou ainda mais temíveis. Os estrangeiros não conseguiam entender como era uma dança de sedução. Cada homem

se movia selvagememente durante a dança, seus movimentos sincronizados enquanto seguiam a coreografia ancestral. E, no entanto, era isso que permitia que os mais temíveis se destacassem, realizando os mesmos gestos que todos os outros, mas de forma mais ameaçadora.

Batendo os pés, batendo no peito, gritando, fazendo caretas e imitando uma série de movimentos de ataque poderosos, eles mostravam que oponentes formidáveis seriam. E eles eram formidáveis.

Como noivo, eu podia carregar minhas armas enquanto executava a mesma coreografia. Não poderia haver vergonha maior do que ser superado por homens desarmados. Julgando pela intensidade com que Krogal dançou, ele foi realmente conquistado pela minha companheira.

Lembrar como Belle reagiu quando ele se apresentou para ela ainda doía. Eu tive que me lembrar que, como humana, ela provavelmente não achava isso atraente. No entanto, ela não fazia mistério: ela amava um bruto temível com um lado fofinho. E Krogal sem dúvida se qualificava como ambos. Ninguém poderia rivalizar com sua força e selvageria na batalha, nem mesmo meu pai. Mas fora do campo de batalha, ele era o veterinário mais gentil. Depois que ela o conhecesse, eu não duvidava que Belle iria gostar muito dele. Todo mundo gosta...

Então eu dancei como se minha vida dependesse disso.

Enquanto seus olhos brilhavam de admiração enquanto ela observava as cinco dúzias de homens se apresentando para ela, o olhar da minha companheira só se desviava por um segundo antes de se concentrar novamente em mim. Seu sorriso irradiava orgulho enquanto minha mãe a conduzia por nós até os pilares de sacrifício.

Embutidos na plataforma de pedra no centro da arena, eles emolduravam um altar retangular onde a noiva poderia se sentar se assim o desejasse. Como a batalha às vezes se estendia um pouco, ela poderia muito bem se sentir confortável para aproveitar o show. Minha mãe prendeu as correntes das algemas nos pulsos de Belle a um pilar de cada lado dela. Seu comprimento permitia que a mulher se levantasse e se movesse alguns metros em qualquer direção ao redor do altar. Em cada canto da plataforma, uma chama azul ardia em um grande braseiro.

Nós continuamos dançando até que minha mulher estivesse devidamente algemada.

Eu emití um último grito de guerra, ecoado pelos outros homens quando paramos de dançar simultaneamente. Como sempre, realizar um Thasnak fez com que a adrenalina inundasse minhas veias e meu sangue fervesse. Ver minha companheira tão indefesa e contida

também o fez ferver com um tipo diferente de desejo. Mas agora não era hora de deixar meu lado dominante me distrair da tarefa em questão.

Um rugido cruel à esquerda pareceu concordar com esse pensamento.

Minha mãe saiu da arena, seguida pelas mulheres. Os homens solteiros saíram atrás delas, subindo para a área segura em frente ao camarote do meu pai. Ele era elevado o suficiente para mantê-los fora do alcance da fera, mas perto o suficiente para que pudessem pular rapidamente na arena para intervir e proteger Belle caso as coisas dessem errado.

Como se eu fosse permitir que isso acontecesse.

Embora meu lado protetor apreciasse aquela camada extra de segurança para minha companheira, ofendia meu ego que meu fracasso fosse considerado uma possibilidade remota.

As mulheres solteiras se dividiram entre dois conjuntos de varandas de cada lado do camarote do meu pai, enquanto a minha mãe subiu um nível mais alto para se sentar ao lado dele. O grummoll rugiu novamente como se em resposta ao som sinistro de nossos gigantescos tambores bumar ressoando na arena.

Eu lancei um olhar possessivo para Belle. Embora ela estivesse sentada no altar, todo o seu corpo vibrava de excitação. A expressão emocionada em seu rosto levou minha sede de sangue ao frenesi.

Com um som alto e estridente – destinado a garantir que os lutadores na arena não fossem pegos de surpresa quando as feras fossem soltas – a barreira de metal da área de contenção lentamente se abriu para liberar o grummoll.

— Oh meu Deus! — Belle sussurrou, uma ponta de medo entrando em sua voz quando ela finalmente viu a criatura.

Com quase três metros de altura e dois metros de largura, o grummoll não ganharia nenhum concurso de beleza. Para minha companheira, seu corpo pareceria um cruzamento entre um gorila gigante e um Pitbull com pele e escamas coriáceas. A cabeça não tinha nariz visível, apenas um olho gigante no meio cercado por vários olhos menores. Sua cor esbranquiçada e desprovida de pupila os tornava ainda mais assustadores. Abaixo, uma boca gigante se abria em um terrível túnel de morte cheio de dentes afiados até o fundo da garganta. Seis ganchos cruéis projetavam-se de seus lábios, prontos para agarrar a presa e impedi-la de escapar enquanto ele começava a mastigar sua vítima.

Mas a sua língua, e não a sua boca, constituía a maior ameaça. A maldita coisa podia se estender por quase dois metros, e a ponta afiada funcionava como um arpão. Depois de penetrar no alvo, a ponta se abria para dentro, transformando-se em um gancho que

causaria danos horríveis se a língua fosse arrancada. Pior ainda, mesmo fora de alcance, o grummoll podia abrir a ponta da língua como uma flor desabrochando para atirar dardos ácidos a mais de dez metros.

A cor azul-esbranquiçada doentia de seu ventre indicava as áreas vulneráveis. Placas ósseas grossas atrás de seus olhos menores protegiam o cérebro de lesões fatais. As outras maneiras de despachar rapidamente a criatura eram um golpe perfeito em seu olho central ou no ponto frágil logo atrás dele. Exceto que um monte de espinhos longos revestidos com o mesmo ácido paralítico de seus dardos cobria suas costas.

Eu dei um sorriso tranquilizador para Belle antes de atacar a fera.

Para uma reivindicação, eu não poderia usar uma pistola ou qualquer outro tipo de arma de longo alcance. Isso não importava. Eu me sairia bem com minhas armas brancas. Ao diminuir a distância até o Grummoll, eu ativei o escudo de energia da braçadeira da minha mão esquerda principal.

O verdadeiro desafio seria manter a fera fora do alcance de tiro da minha companheira. Se o grummoll chegasse perto o suficiente dela, ele cuspiria um dardo nela. Caso isso ocorresse, um campo de energia seria acionado ao redor da borda da plataforma em que ela estava acorrentada. No entanto, isso seria considerado um fracasso da minha parte.

Não é nenhuma surpresa eu adorar caçar sozinho: sem mais ninguém com quem me preocupar em manter seguro. No momento, eu tinha que evitar ser estripado pela fera enquanto bloqueava qualquer dardo que ela pudesse disparar na direção de Belle. Com a quantidade de feromônios que minha mãe pulverizou em minha mulher, o grummoll parecia determinado a chegar até ela o mais rápido possível.

Suas enormes patas batiam no chão, o som ressoando acima dos tambores, então suas garras de adaga cravaram na terra compactada para ajudar a impulsioná-lo ainda mais adiante. Para uma criatura tão grande, ela se movia na velocidade da luz. Mesmo que eu tenha ido direto até ele, o Grummoll me ignorou e se deslocou levemente para a esquerda para continuar correndo em direção ao altar.

Eu bati na lateral de sua perna dianteira direita. Meu cérebro chacoalhou em meu crânio com a força do impacto. Embora o grummoll tenha tropeçado para a esquerda, ele se recuperou em um piscar de olhos e virou a cabeça em minha direção. Eu mal tive tempo de dar um passo para trás e erguer meu escudo para evitar ser arpoado por sua língua que disparou direto em meu rosto.

Simultaneamente, ele bateu a pata em mim. Eu esperava isso, sabendo que não haveria como evitar. O golpe não doeu menos, me

fazendo voar alguns metros para trás. Eu rolei assim que aterrissei – suavizando assim minha queda – e voltei a ficar de pé. Com braços e pernas balançando, eu persegui minha presa, que havia voltado a correr em direção a Belle. Eu não olhei para ela, me recusando a me distrair.

Apesar de sua altura, a inclinação das costas do grummoll facilitava a escalada, auxiliada ainda por sua cauda curta que atuava quase como um degrau. Usando meu impulso, eu corri até o meio de seus ombros, tomando cuidado para não ser perfurado pelas pontas dobradas em forma de pena em suas costas. Ele imediatamente se levantou para me derrubar. Eu rapidamente o perfurei com as lanças com ambas as mãos secundárias para baixo.

Lutando para manter o equilíbrio, eu errei o olho principal, mas tirei pelo menos dois menores. As pontas das minhas lanças atingiram a placa óssea protetora atrás deles, e a criatura recuou enquanto abria a boca em um rugido ensurdecedor. Se eu não tivesse começado a escorregar, teria tentado esfaquear mais seu rosto e garganta. Além disso, o ácido estava começando a escorrer das agulhas em suas costas e destruiria minhas botas se eu permanecesse ali por muito mais tempo.

Embora o grummoll tenha mostrado a língua novamente, ele não conseguiu recurvá-la sobre a cabeça para me atingir. Eu derrubei meu escudo e pulei para o lado esquerdo da criatura segundos antes dela cair de volta sobre as patas dianteiras na tentativa de me afastar. Se eu tivesse caído atrás da fera, ela teria me chutado, provavelmente quebrando alguns dos meus ossos no processo.

Como eu esperava, ele tentou me atacar com a pata dianteira esquerda. Eu mergulhei embaixo dele, raspando sua barriga com as adagas de ambas as mãos principais enquanto rolava para o outro lado. O grummoll gritou, suas patas dianteiras cedendo temporariamente de dor enquanto sangue arroxeadado jorrava das feridas.

A multidão gritou em aprovação enquanto a fera tentava recuar, com o torso abaixado para proteger a barriga. Mas mesmo recuando temporariamente, ela continuou o ataque, lançando repetidamente sua língua de arpão contra mim enquanto eu ainda estava deitado no chão. Eu rolei para a direita, bem a tempo da ponta do gancho atingir a terra atrás de mim com um som de trovão. Eu reativei meu escudo enquanto me virava de costas, levantando-o meio segundo antes que a língua me apunhalasse novamente.

Belle gritou em pânico quando o grummoll me atacou, claramente com a intenção de me pisotear. Empurrando minhas costas, eu pulei de pé, meu escudo ainda levantado para desviar os dardos que ele estava disparando contra mim. Eu não tentei fugir – não teria havido

tempo suficiente. Embora parecesse que a criatura se movia em câmera lenta, ela chegou até mim em segundos.

Esperando até o último minuto, eu girei para fora do caminho, girando com minhas lâminas estendidas em um ângulo baixo para cortar a carne vulnerável na base de seu flanco. A fera rugiu de dor. Para minha surpresa, em vez de se afastar de mim como havia feito anteriormente, ela começou a cair para o lado. Por instinto, eu me agarrei aos ganchos em forma de garras que emolduravam sua boca, usando-os para me ajudar a subir em sua cabeça antes que ela caísse em cima de mim.

Eu nunca tinha testemunhado tal comportamento de um grummoll antes e não sabia se ele havia desmoronado em reação ao ferimento que eu acabei de infligir ou se ele havia deliberadamente tentado me esmagar com seu peso. Mas a velocidade com que ele se recuperou me fez acreditar que tinha sido a última opção.

A fera balançou violentamente a cabeça para se livrar de mim. Eu consegui cortar mais alguns olhos antes que ela batesse brutalmente com a lateral do rosto no chão. Isso me fez bater com força minhas costas na terra compactada, quase me tirando o fôlego. Eu perdi o controle dos dois ganchos em volta da boca nos quais eu estava pendurado. O grummoll ergueu a cabeça apenas o suficiente para atirar a língua em mim novamente.

Desta vez, eu não tentei evitá-lo. Me movendo na velocidade da luz, eu peguei a língua logo abaixo da ponta afiada e enrolei seu comprimento em volta do meu antebraço. O rugido da fera se transformou em um grito gorgolejante quando eu enfiei minha lança direita em sua boca. O grummoll recuou, me colocando de pé no processo.

Eu fluí com o movimento, segurando firmemente sua língua para evitar que ele a puxasse de volta. Sem perder o ritmo, eu enfiei minha segunda lança ainda mais fundo em sua boca aberta. Seu corpo se contraiu antes de ser sacudido por um violento espasmo. Eu empurrei as duas lanças ainda mais para dentro e acabei com um golpe fatal da minha adaga no seu olho principal.

O grummoll ficou mole, caindo de bruços com um resmungo baixo.

A multidão explodiu em um rugido ensurdecedor enquanto os tambores silenciavam.

— Uau! — Belle gritou, sua voz era a música mais doce para meus ouvidos.

Depois de arrancar minhas armas da fera, eu me virei para olhar a multidão. Eu abri bem os braços, minhas armas ensanguentadas erguidas em um gesto vitorioso. Eu lentamente girei para olhar as centenas de companheiros de clã reunidos na arena, me deleitando com sua aclamação enquanto eles se levantavam e gritavam meu

nome.

Então eu me virei para encarar minha companheira. Belle também se levantou, com o rosto radiante de alegria, admiração e orgulho. Ela se moveu em minha direção até onde a corrente permitia, seus braços puxando involuntariamente suas restrições. Me sentindo como um deus, eu marchei em direção à minha mulher, parando alguns metros na frente dela.

Sua confusão rapidamente desapareceu quando ela viu meus pais entrarem na arena, seguidos pelas mulheres não acasaladas e pelo punhado de homens que rosnaram para Belle. Mesmo que ela tivesse apenas lançado um olhar curioso para eles, eu odiei o nervosismo que se instalou na boca do meu estômago, especialmente ao ver Krogal olhando para ela.

Minha mulher superou minhas expectativas. Embora ela temesse por mim quando as coisas esquentaram, ela foi muito veemente ao torcer por mim. Nem uma vez eu percebi qualquer expressão de medo por ela mesma. Belle podia não ser uma mulher Zamoriana, mas certamente tinha o coração de uma.

Meus pais pararam diante de Belle. Como nossa Matriarca e Líder do Clã, eles sempre presidiram qualquer reivindicação ou vínculo. O fato de eu ser filho deles só tornou esse momento mais especial. E o orgulho em seus olhos quando me olharam encheu meus corações a ponto de explodir.

— Bayrohnziyiek Skortheatis, você venceu seu desafio — meu pai disse com voz estrondosa — Você conquistou, portanto, o direito de libertar a Vaika.

Estufando o peito, eu peguei a chave que ele me entregou e me pavoneei em direção à minha Vaika – a noiva do sacrifício. Mais uma vez, Belle quase vibrou de excitação. Mas foi o jeito que ela olhou para mim como se eu fosse a maior maravilha da galáxia que mexeu comigo. Por um momento, eu temi que ela se jogasse em meus braços no minuto em que eu a libertasse. Eu não sabia se minha mãe a havia avisado que isso seria altamente inapropriado. Felizmente, embora suas mãos literalmente se contraíssem com a aparente necessidade de me tocar, ela manteve distância quando eu removi as algemas dela.

— Annabelle Parker — minha mãe disse com voz solene — meu filho Bayrohnziyiek enfrentou um grande perigo para provar ser um protetor digno para a família que deseja construir com você. Ele atende a sua aprovação? Você o terá como seu companheiro?

— Claro que sim!! Ele é incrível! Ele é perfeito! Quero dizer, sim, eu o terei como meu companheiro — ela disse, sua voz aumentando de empolgação.

Algumas das mulheres que nos cercavam riram, enquanto um sorriso divertido se espalhava pelos lábios dos meus pais. Sua

ansiedade fez meu peito inchar ainda mais de orgulho. Eu ainda não entendia por que ela me queria tão intensamente, mas não poderia estar mais satisfeito com isso.

— Então eu vou entregá-lo a você — minha mãe disse.

Meu pai se aproximou do grande altar de pedra onde Belle estava inicialmente sentada e ativou o mecanismo oculto. Minha companheira engasgou quando ele subiu do chão quase um metro para formar um altar perfeito, apenas para o topo se abrir.

— Oh, uau... — Belle sussurrou quando revelou uma pequena bacia cheia de água purificadora à esquerda e uma caixa com um bastão curto e um pano limpo à direita.

Minha mãe pegou uma tigela e alguns panos, que entregou à minha prima Noca, que também era uma das mulheres solteiras. Eu tirei minha camisa ensanguentada e entreguei a Krogal, junto com minhas armas. Quando minha mãe começou a limpar meu rosto, peito e braços, meu pai se virou para Belle.

— Posso? — ele perguntou, apontando para o colar dela.

Ela enrijeceu, fechando a mão protetoramente sobre o medalhão. Foi uma reação instintiva, mas mesmo assim interessante. Saindo dessa, ela removeu o colar e cautelosamente o entregou ao meu pai.

Os lábios de Belle se abriram de surpresa quando ele removeu o medalhão da corrente e o fixou na ponta do bastão curto.

— Para que serve isso? — ela perguntou ao meu pai, apontando para o cajado com o queixo.

Como era de costume, meu pai lhe lançou um olhar misterioso e sua resposta irritante favorita — Você descobrirá em breve.

Belle fez uma careta e olhou para ele com indisfarçável aborrecimento — Você é impossível.

— Você não tem ideia — minha mãe retrucou, ainda de costas para eles enquanto colocava o pano sujo na tigela que Noca segurava.

Usando um segundo pano limpo, ela o molhou na água purificadora e depois pegou minha trança para esfregar o pano sobre ela. Belle engasgou, uma expressão ao mesmo tempo indignada e perplexa, fixando-se em suas feições. Minha mãe lançou um olhar para minha companheira por cima do ombro e sorriu.

— Minha Feidin é que deveria estar indignada — meu pai disse com uma risada — Sua trança é dela até que ele esteja acasalado.

Belle recuou — Mas ele...

— Ainda *não* está acasalado — meu pai interrompeu com uma voz suave, mas firme — Pelo menos não de acordo com nossas leis. E só elas contam para nós. Feidin lhe deu permissão porque você se casou primeiro de acordo com seus costumes. Caso contrário, ela teria o direito de desafiá-la para um duelo por causa dessa transgressão.

Desta vez, Belle empalideceu. Eu olhei para meu pai, que não

percebeu. Tecnicamente, suas palavras eram precisas, mas como nunca tivemos um casamento com alguém de outro mundo antes, isso nunca foi um problema. Obviamente, eu sabia que minha mãe não desafiaria minha companheira por aquela aparente desconsideração, mas eu odiava que eles estivessem causando angústia a ela por causa disso.

E, no entanto, como governantes do nosso clã, eu pude compreender a necessidade deles de definir limites e lembrá-la de que agora ela vivia sob regras culturais muito diferentes. Um lembrete severo para mim também, para garantir que eu forneceria a Belle todas as informações e orientações necessárias para evitar que ela ofenda alguém sem saber, o que inevitavelmente ocorreria. Você não aprende e assimila uma cultura totalmente nova da noite para o dia.

— E eu teria feito isso, se você fosse Zamoriana — minha mãe disse enquanto lançava um olhar zombeteiro para Belle — Mas isso teria sido depois de eu ter espancado meu segundo filho por permitir que outra tocasse sua trança sem minha bênção — ela acrescentou, sua expressão severa deixando claro que ela não estava mais brincando.

Eu percebi então que ela se sentiu desrespeitada por minhas ações. Não havia dúvida em minha mente de que ela pretendia me dar uma bronca sobre isso em particular mais tarde.

— Peço desculpas, Matriarca — eu disse em um tom moderado — Nunca foi minha intenção desrespeitá-la. Infelizmente, não existem diretrizes para uniões fora do planeta. Eu deveria ter optado por excesso de cautela.

Acalmada, minha mãe me deu um pequeno sorriso — Tudo está perdoado — ela colocou o pano que usou para limpar minha trança na mesma tigela que Noca segurava e começou a desfazer o revestimento.

— Eu o carreguei por dez meses. Eu te dei à luz, o criei e o transformei no grande caçador que você se tornou. Hoje eu o libero.

Minha garganta apertou quando minha mãe terminou de desembaraçar meu cabelo e depois passou os dedos por todo o comprimento. Ela se virou para Belle e gesticulou para que ela se aproximasse. Minha companheira lançou um olhar nervoso para meu pai e depois para mim antes de obedecer.

Minha mãe estendeu meu cabelo para ela. Belle aceitou com muito cuidado.

— Annabelle Parker, eu te dou meu filho — minha mãe disse, soltando meu cabelo — De hoje em diante, nenhuma mulher além de você tocará sua trança ou terá qualquer direito sobre ele. Faça uma trança enquanto repete comigo.

Belle assentiu, uma expressão nervosa se instalando em seu rosto enquanto ela cuidadosamente começava a trançar meu cabelo.

— Bayrohnziyiek Skorthetis, eu ligo você a mim, de coração, corpo e alma — minha mãe disse, com Belle a repetindo — Eu o vínculo como meu protetor e como protetor de nossa casa e de qualquer descendência com a qual possamos ser abençoados.

Mais uma vez, minha companheira repetiu as palavras de minha mãe. Mas desta vez, ela parou de olhar para o cabelo que ainda estava trançando para olhar para mim. Isso fez coisas engraçadas comigo.

— Eu o vínculo como meu companheiro de vida, como meu melhor amigo e como meu amante — continuou minha mãe — Enquanto você respirar, você é meu. E enquanto eu respirar, prometo amá-lo e honrá-lo, nutrir nosso vínculo e ser seu porto seguro.

Belle terminou de repetir a última frase ao mesmo tempo em que completou minha trança. Quando minha mãe acenou para meu pai, minha companheira lançou um olhar curioso para ele. Eu sorri quando o tão esperado momento da minha reivindicação final chegou.

Meu pai ativou o cajado curto antes de entregá-lo a Belle. Confusa no início, minha companheira ficou com uma expressão horrorizada quando o medalhão ficou vermelho e começou a emitir um calor intenso.

Ela ficou boquiaberta com meu pai — Você não pode querer que eu...

— Reivindique meu filho? — meu pai terminou por ela quando sua voz sumiu — Você queria uma reivindicação. Este é um vínculo permanente. Você deve selá-lo.

— Marcando-o?! — ela exclamou olhando primeiro com horror para meu pai antes de se virar para mim, claramente esperando que eu ficasse do lado dela.

— Sim — meu pai disse em um tom que não admitia discussões — Esse é o nosso jeito.

— Mas... Mas isso... eu não posso fazer isso!

Meus corações apertaram e minhas costas enrijeceram enquanto eu olhava para minha mulher em estado de choque — Você precisa, a menos que não queira mais me reivindicar.

— Claro que eu quero te reivindicar. Mas eu não quero te mutilar! — ela exclamou.

— Você não está me *mutilando*, você está me *reivindicando* — eu retruquei.

Por um segundo, ela pareceu sem palavras — Meu povo proibiu a prática de marcar gado para marcar a propriedade, pois ela era considerada cruel e uma forma de tortura. E você quer que eu faça isso com você?

— Gado não tem como opinar sobre o assunto. Eles não consentiram em ser possuídos ou marcados — meu pai rebateu — Meu filho escolheu sua reivindicação, com tudo o que isso implicava,

quando poderia ter se contentado com um vínculo. Todos os homens Zamorianos carregam orgulhosamente a marca de sua companheira.

Os ombros de Belle caíram em derrota. Do jeito que ela olhou para o bastão curto, você pensaria que ele era uma arma com a qual ela foi solicitada a atirar em mim.

— Seu povo não usa métodos dolorosos para marcar sua carne com o nome de seu amante, de sua prole ou apenas como adornos em seus corpos? — eu perguntei com uma voz suave — Existem inúmeros novos métodos indolores de tatuagem. Mesmo assim, muitos humanos continuam a preferir o método doloroso com agulha.

Ela franziu a testa, balançando a cabeça lentamente — Certo — ela concedeu — Mas queimar parece muito pior.

— Na verdade, leva muito menos tempo – segundos em vez de horas ou até dias com uma tatuagem – e cicatriza mais rápido — eu respondi.

— Eu só não quero te machucar — ela finalmente disse em voz baixa.

— O que vai me machucar é ser rejeitado caso você recuse ou não consiga selar sua reivindicação — eu disse, me recusando a aceitar a possibilidade de que ela realmente não pudesse prosseguir com isso.

Eu estava preocupado com o fato dela ficar com muito medo de ser uma Vaika na arena, mas não isso. Como ela pode ter adorado ser uma noiva sacrificial e agora estar aterrorizada com a ideia de colocar sua marca em mim?

Para meu alívio – e de meus pais – minhas palavras pareceram chegar até ela. Belle engoliu em seco e me deu um aceno rígido.

— Ok. Onde... Onde eu devo fazer isso?

Eu odiei o tremor em sua voz — Aqui — eu disse, apontando para o meu peito, onde meu coração esquerdo estava localizado — Bem no centro.

— Ok — Belle repetiu.

— Firme as mãos, humana — minha mãe disse com uma voz meio provocadora — Você vai querer uma queimadura limpa. Estragar tudo exigiria um enxerto de pele para consertar o dano, e então você teria que marcá-lo novamente.

Em circunstâncias diferentes, eu teria rido junto com os outros companheiros de clã que nos cercavam. Em vez disso, eu olhei para minha mãe. Embora eu tenha concordado – e até mesmo ficado grato – pelo tão necessário aviso à minha companheira, ela poderia ter lidado com isso de uma forma mais diplomática, considerando o quão traumatizada Belle já estava.

Por outro lado, nós, Zamorianos, não éramos conhecidos por sermos do tipo diplomático.

Belle lançou um olhar de “eu não precisava ouvir isso” para minha

mãe e depois voltou sua atenção para meu peito. Ela respirou fundo e com força e depois ergueu o bastão curto. O orgulho cresceu dentro de mim não apenas pela determinação que ela demonstrou, mas também pela forma inesperadamente firme com que ela pressionou a marca em meu peito.

O som crepitante da minha carne queimando e o cheiro de carne carbonizada acompanharam a dor aguda infligida pela marca. Um rugido de felicitações surgiu da multidão e dos solteiros que me cercavam. Eu levantei todos os quatro braços em um gesto vitorioso, com um amplo sorriso no rosto enquanto Belle completava o selo.

— Segure! — meu pai disse a Belle quando ela fez menção de retirar o cajado — Você só o remove quando a luz vermelha do bastão fica azul.

Enquanto ele falava, eu senti a marca esfriando e depois a sensação de formigamento das quatro pequenas agulhas do cajado me injetando um antibiótico que preveniria a infecção e aceleraria a cura. Dentro de algumas horas, a escarificação estaria quase completa.

A luz ficou azul e minha companheira removeu o cajado, olhando maravilhada para a marca perfeita de sua Árvore da Vida em meu peito.

— Você estabeleceu suas raízes, Belle — minha mãe disse com uma voz suave.

Minha companheira deu a ela um sorriso trêmulo, seus olhos marejados. Imediatamente eu imaginei que ela havia compartilhado com minha mãe o significado do símbolo escolhido.

— E ao reivindicar meu filho, você também reivindicou seu povo — meu pai acrescentou — Bem-vinda ao Clã Skortheatis, Filha.



Capítulo 9

Annabelle

E assim, o casamento Zamoriano acabou. Meu medalhão esfriou quase tão rápido quanto esquentou, e Ugrul me devolveu. Eu fiquei desapontada quando Bayron não colocou o colar em meu pescoço, me observando colocá-lo de volta em mim mesma. Ele também não colocou um anel em mim e não me marcou – não que eu quisesse isso. Além disso, ele não beijou a noiva nem fez qualquer promessa real comigo. Eu estava começando a entender o que Feidin quis dizer ao declarar seu povo um matriarcado. Na Terra, o pai da noiva a entregava ao marido. Em muitas culturas, ela entrava na família dele e assumia o nome dele.

Aqui não.

Uma mãe Zamoriana tinha que libertar a propriedade do seu filho – fosse ele homem ou mulher – antes que o seu parceiro pudesse reivindicá-lo. No caso do homem, ele passava a ser propriedade de sua esposa. Mas a esposa passava a ser propriedade da Matriarca. Skortheatis não era o sobrenome de Ugrul, mas sim de Feidin. Ao me casar com Bayron, eu me tornei uma Skortheatis através de sua mãe.

Nós não saímos da arena imediatamente. Feidin e Ugrul se juntaram a nós e a Varkuth em seu sofisticado camarote VIP. Enquanto isso, os homens solteiros que dançaram para mim levaram a carcaça do grummoll.

Momentos depois, as mulheres se espalharam pela arena, retomando o canto enquanto meus companheiros de clã de todas as idades e sexos se juntavam a elas. Eles então iniciaram um show hipnotizante digno do circo mais sofisticado. Eles não dançaram, mas houve muita música, canto, demonstrações acrobáticas – com e sem animais treinados – e o que pareciam sequências de batalha coreografadas e selvagens. Guerreiros de quatro braços eram realmente uma maravilha de se ver.

Eu percebi então que os homens solteiros não haviam retornado.

— Eles estão preparando nosso banquete de casamento — Bayron me informou quando eu perguntei.

— Oh, tudo bem — E então minhas costas enrijeceram quando

uma suspeita me atingiu de repente — Preparando o banquete com o quê?

Bayron riu, o brilho provocador em seus olhos azuis confirmando o que eu suspeitava.

— Oh meu Deus! Eles estão cozinhando o Grummoll, não estão?! — eu exclamei.

— Claro — Bayron disse como se fosse evidente — Eu te disse na Ostros que assim que chegássemos aqui, eu lhe daria refeições frescas e carne que eu mesmo caçasse.

— Certo... Mas um grummoll? — eu perguntei, incerta.

Bayron bufou — Pode não ser uma criatura bonita, mas é muito saborosa.

Quando o show terminou e fomos para o Salão Principal, eu estava com fome o suficiente para comer metade do Grummoll sozinha. Este lugar era uma versão muito maior do salão de reuniões da fortaleza de seus pais. Eles não haviam decorado como os humanos decoravam um salão de casamento, mas o banquete que nos esperava mais do que compensou. A enorme sala poderia acomodar todo o clã, incluindo os companheiros de clã de outras fortalezas.

Os homens colocaram uma mesa de honra no estrado elevado onde Bayron, seus pais, irmão e eu nos acomodamos. Ao nosso redor, o resto dos nossos convidados se sentavam em mesas onde os homens serviam a comida. Era tão estranho que eu esperava que aqueles brutos fossem do tipo homem das cavernas, exigindo ser servidos por suas mulheres submissas. Mas todos esses pensamentos desapareceram enquanto eu enchia a cara com cada prato apresentado. O Grummoll, oferecido em uma variedade de preparações, era de morrer.

Considerando o quão horrível era aquela criatura, quem poderia imaginar isso? Por outro lado, javalis, tamboris e lampreias marinhas também nunca ganhariam um concurso de beleza e, ainda assim, eram deliciosos.

A noite passou voando, quase como um sonho. Eu me lembrava de rir muito das travessuras dos homens se gabando e de suas mulheres os diminuindo um pouco. O enganosamente doce vinho Zamoriano que fluiu livremente durante a festa certamente também desempenhou um papel importante nela. No momento em que Bayron me levou de volta para nossa casa dentro da fortaleza, eu estava embriagada e lutando contra um coma alimentar.

Assim que saímos do elevador para o vestíbulo da cobertura, eu encarei Bayron e comecei a beijar e acariciar seu peito. Embora minha marca em seu peito parecesse surpreendentemente curada em tão pouco tempo – provavelmente graças a alguns nanorrobôs – eu evitei tocá-la.

— Eu não acho que você esteja em condições de acasalar, minha

companheira — Bayron disse com uma risada — Você não parece lidar muito bem com o álcool.

— Eu não estou bêbada, apenas um pouco embriagada — eu resmunguei entre dois beijos em seu peito, minha voz um pouco arrastada — Esta é a nossa noite de núpcias oficial. Os recém-casados sempre transam na noite de núpcias.

Bayron bufou — Transam?

— Mm hmm. Você sabe, brincadeiras adultas... Fazer a dança horizontal... Brincar de esconder a cobra na caverna... Bem, cobrasss no seu caso.

Bayron balançou a cabeça para mim, parecendo divertido — A única coisa horizontal que você vai fazer é dormir. Você está com jetlag e bêbada. Depois que você estiver sóbria e totalmente descansada, nós ‘transaremos’ o quanto você quiser.

Eu tentei argumentar, mas minhas próprias palavras faziam pouco sentido para mim. Mas meu marido não aceitou. Nem mesmo lembrá-lo de que ele era oficialmente meu para fazer o que quisesse o influenciou. Quando ele tirou minha calcinha depois de descartar meu vestido, eu me animei, pensando que ele finalmente tinha cedido. Ele me deitou na cama, se juntando a mim depois de tirar rapidamente as calças e as botas.

Eu ronronei alto quando a sensação ardente de seu corpo musculoso envolveu o meu enquanto ele me puxava para seu abraço. Uma parte de mim só queria me aconchegar e adormecer, mas outra estava realmente ansiosa para a ação.

Quando eu tentei ser brincalhona novamente, ele agarrou meus pulsos, prendendo-os ao lado do corpo enquanto suas mãos primárias me imobilizavam contra ele.

— Eu disse para dormir. Não é um pedido — ele reiterou com uma voz de comando que fez meus dedos dos pés se curvarem — Podemos estar oficialmente casados agora, mas eu nunca me acasalarei com você, a menos que você seja capaz de dar seu consentimento sem que sua mente seja artificialmente prejudicada de alguma forma. Nós temos o resto de nossas vidas para ‘esconder as cobras na caverna’. E eu posso garantir que pretendo fazer isso... com frequência. Durma, minha esposa. Você está segura.

Outro ronronar alto me escapou. Eu esfreguei meu rosto em seu peito, o beijei e depois descansei minha bochecha nele. Acalmada pelas batidas constantes de seus dois corações, eu deixei o sono tomar conta de mim.

Eu acordei com o som distante da chuva. Eu abri os olhos, desorientada por um segundo pelo que me rodeava, antes de perceber que não estávamos mais em Ostros, mas em nossa residência em Xoccoris. Eu me sentei abruptamente na cama, me lembrando do meu casamento Zamoriano e da noite de núpcias sem incidentes.

Minha decepção ao descobrir que Bayron havia sumido de nossa cama enorme desapareceu no minuto em que olhei pelas enormes janelas de nosso terraço privativo. Não estava chovendo lá fora. Portanto, o som abafado da água corrente tinha que ser do chuveiro.

Eu pulei da cama para ir me juntar a ele lá. Por mais irracional que algumas pessoas possam me achar, me incomodou muito o fato de não termos consumado nosso casamento na noite passada. É verdade que esta foi a segunda vez que nos casamos, mas seu povo reconhecia apenas a versão Zamoriana. Para minha própria sanidade, isso precisava ser feito da maneira certa.

Claro, eu também queria meu companheiro, mas nosso fracasso na noite passada parecia um mau presságio. Se não conseguíssemos fazer isso acontecer durante o dia mais importante de nossas vidas, o que isso prenunciava para o nosso futuro?

Sim, eu era supersticiosa.

Eu não andava por baixo de escadas. Não abria guarda-chuvas dentro de casa. E não apontava para o arco-íris ou para a lua cheia. No entanto, como eu nasci em uma sexta-feira 13, eu tinha sentimentos confusos sobre essa superstição específica. Tal combinação de dia da semana e data não poderia trazer um azar tão terrível sendo que anunciava a chegada do maravilhoso raio de sol que eu era, certo?

Quando eu entrei na sala, Bayron já estava olhando na direção da porta. Sua audição sensível sem dúvida denunciou minha abordagem. Ele mais uma vez tinha aquela expressão ilegível que me deixou nervosa. Que pensamentos estavam passando por sua mente agora? Eu estava perturbando seu momento de privacidade? Ele esperava fugir de casa antes de eu acordar? Ele-?

— Quase posso ouvir você pensando daqui, mulher. E pela sua expressão, é tudo um absurdo infundado. Venha até mim — ele disse, estendendo a mão em minha direção.

Ele bufou com a ansiedade com que obedeci. Deus, eu era patética.

— Você dormiu bem, minha esposa? — ele perguntou, me puxando contra seu corpo meio enxaguado.

— Sim, obrigada. Embora eu tenha desmaiado — eu acrescentei timidamente.

Ele riu — Nosso vinho Strovia certamente fez um estrago em você.

Eu franzi o rosto e balancei a cabeça — Sim, e arruinou nossa noite

de núpcias — eu concordei, me sentindo chateada.

Eu levantei a mão e tracei cuidadosamente o contorno do meu símbolo em seu peito. Eu não conseguia acreditar na rapidez com que ele cicatrizou, toda a vermelhidão havia desaparecido.

— Não arruinou — Bayron respondeu em um tom suave — Apenas adiou. Eu já vi vídeos de alguns casamentos humanos extravagantes. Aposto que, quando a recepção terminou, muitos daqueles casais estavam exaustos demais para fazer qualquer coisa naquela noite além de desmaiar na cama.

Ele tinha razão. Eu até participei de casamentos onde a noiva ou o noivo — às vezes ambos — ficavam tão bêbados que ficavam de ressaca por mais de dois dias.

— Tudo bem, é justo — eu concedi, ainda acariciando sua marca — Eu odiei a ideia de usar uma marca em você — eu disse pensativamente — Parecia tão cruel e violento. Eu sou um hipócrita por achar isso lindo agora e adorar ver isso em você?

Ele cobriu as costas da minha mão com a sua e a pressionou sobre a marca — Você deveria achar lindo, minha companheira, porque é. Marcar só é cruel quando feito contra a vontade de alguém e com o propósito de causar dor e vergonha. Eu quis isso. Eu quero que o mundo inteiro saiba que eu sou seu.

— Você é incrível — eu disse com a voz trêmula enquanto passava meu braço livre em volta dele.

Seu peito vibrou com uma risada estrondosa, cheia de orgulho — Isso eu sou, em mais de um aspecto. E estou prestes a mostrar o quanto. Eu te fiz uma promessa ontem à noite sobre cobras e uma certa caverna.

Meu estômago embrulhou, não apenas com suas palavras, mas também com a maneira como sua voz caiu pelo menos uma oitava enquanto ele as pronunciava. Bayron me puxou para baixo da água que batia em suas costas enquanto conversávamos. Ele se inclinou para capturar meus lábios de uma forma dominante. Meu marido beijava como um campeão. No início, eu fiquei preocupada que suas presas tornassem tudo estranho, mas ele sabia como inclinar os lábios da maneira certa para torná-las quase imperceptíveis.

Mesmo enquanto sua língua invadia minha boca, sua textura um pouco mais áspera realçando cada sensação, ele literalmente colocou as mãos em cima de mim. Uma segurou minha nuca para controlar o beijo, outra acariciou meu peito, uma terceira agarrou minha nádega esquerda, pressionando minha pélvis contra a dele, e a última deslizou entre minhas pernas para mexer em meu clitóris.

E pensar que minhas companheiras humanas achavam que os homens com múltiplos braços eram bizarros. Se elas soubessem que sobrecarga de sensações maravilhosas eles poderiam proporcionar.

— Já está molhada para mim, minha companheira — Bayron rosnou com aprovação contra meus lábios, sua língua mergulhando de volta me impedindo de responder.

Eu não precisava. Meus gemidos, os arrepios percorrendo meu corpo e meus mamilos endurecidos falaram por mim.

Bayron era um amante generoso. Na verdade, generoso demais, já que ele dificilmente me dava a oportunidade de retribuir sua ânsia de me dar prazer. Assim que ele interrompeu o beijo, eu tentei voltar a beijar seu peito no caminho até os gêmeos. Eu ainda não tinha feito um boquete nele. Cada vez que eu tentava, ele me atacava rapidamente e me fazia gritar de felicidade.

Como ele fez novamente agora mesmo.

Eu nem sequer comecei a me agachar. Ele se ajoelhou diante de mim, enterrando imediatamente o rosto entre minhas coxas, sua língua perversa indo trabalhar em mim. Em segundos, meus quadris giraram em conjunto com minha respiração cada vez mais difícil.

Nos poucos dias desde o nosso casamento humano, Bayron estudou cuidadosamente minhas respostas ao seu toque. Ele não ia mais direto para o meu clitóris, trabalhando em torno dele até que ele ficasse dolorosamente inchado e latejante, ansiando por atenção. Seus dedos grossos e longos também entravam e saíam de mim, evitando sistematicamente meu ponto G, até que ele me deixasse louca de necessidade. E então, ele se agarrava a ele freneticamente.

Bayron finalmente chupou meu clitóris ao mesmo tempo em que torceu os dedos dentro de mim. Eu decolei como um foguete. Uma luz ofuscante explodiu diante dos meus olhos e meus joelhos cederam. Em outras condições, eu provavelmente cairia no chão e quebraria a cabeça nos ladrilhos de pedra do chuveiro. Mas, como sempre, meu marido me pegou sem esforço, me mantendo em pé enquanto continuava a se banquetear comigo.

Eu nunca me senti tão segura com alguém, tão cuidada.

Ainda voando alto, eu passei meus braços em volta de seu pescoço quando ele me levantou. O braço secundário de Bayron atrás dos meus joelhos me manteve aberta para ele enquanto ele começava a esfregar seus pênis contra meu núcleo. Imediatamente eu comecei a formigar em reação aos efeitos afrodisíacos e relaxantes musculares de sua autolubrificação. Minhas paredes internas palpitararam e meu estômago se contraiu com uma necessidade ardente.

Após um momento, ele recuperou minha boca quando começou a inserir seu pênis secundário dentro de mim. Eu queria acreditar que eventualmente chegaríamos ao ponto em que ele poderia entrar diretamente com o seu principal, sem precisar daquele primeiro passo preparatório – não que eu me importasse.

O pênis secundário tinha um colar mais grosso – um colar de

protuberâncias que lembravam pérolas do comprimento das bordas laterais. Elas inchavam dentro de mim da maneira mais maravilhosa, me dando sensações extras. Assim como a ponta insana de seu pênis, cada vez que ele se inclinava dentro de mim para roçar meu ponto ideal.

Em pouco tempo, meu marido me fez falar em dialetos enquanto onda após onda de prazer crescia dentro de mim. Assim que ele sentiu que eu estava chegando ao clímax, Bayron me apertou ainda mais e acelerou seus movimentos, empurrando mais fundo e com mais força, mas ainda com moderação. Uma parte de mim queria que ele fosse selvagem comigo. E ele faria isso.

No entanto, eu percebi que ele só liberava sua paixão quando me tomava com seu pau principal. Então, prazer e dor se misturavam da maneira mais alucinante. Eu nunca imaginei que um pouco de dor pudesse ser tão extraordinário. E, no entanto, até agora, tudo com meu marido tinha sido sublime.

Meu clímax me atingiu violentamente. Eu gritei o nome de Bayron enquanto o êxtase fazia meu corpo inteiro tremer em seus braços. Ele emitiu o mais sexy dos grunhidos enquanto sua mão segurava meu cabelo na parte de trás da minha cabeça. Ele o puxou para trás, para que pudesse olhar para o meu rosto enquanto eu continuava a gozar. Essa foi outra coisa que percebi com meu marido. Ele adorava minha expressão de êxtase – sua recompensa, como ele a chamava. O rosnado vitorioso em seu próprio rosto parecia quase ameaçador. E ainda assim, isso só me deixou mais louca por ele.

Assim que eu comecei a descer, ele tirou seu pau secundário apenas para enfiar seu pau principal em um impulso poderoso. Eu gritei, mais com um leve medo do que com qualquer dor real. Mas eu deveria saber que ele avaliaria adequadamente minha capacidade de recebê-lo confortavelmente.

Ele imediatamente estabeleceu um ritmo punitivo. Sua mão apertou minha garganta. Isso não me sufocou, mas me deu outra sensação de emoção, do tipo de perigo controlado que eu desejava. Embora Bayron agora estivesse me atacando, me destruindo por dentro, eu não conseguia me cansar. Eu não sabia dizer o que precisava, mas queria mais. As propriedades afrodisíacas do seu lubrificante deviam ser a causa.

Seu pênis inferior esfregando contra a costura do meu traseiro fez minha roseta formigar. Minha respiração ficou presa na garganta quando um de seus dedos começou a provocar minha abertura proibida. Nós não havíamos discutido o assunto, embora essa possibilidade estivesse entre nós desde o início. Eu ainda não sabia se estaria disposta a ir até o fim nessa frente, mas confiei em Bayron para não me forçar além do que seria confortável para mim e não apressar

nada.

Até mesmo agora, eu podia vê-lo estudando minhas reações enquanto lutava contra seu próprio desejo de abandonar todas as restrições e deixar a paixão tomar conta dele. Mais uma vez me sentindo segura, eu me entreguei ao meu marido, deixando-o fazer comigo o que quisesse.

Um inferno assolou dentro de mim enquanto suas metidas se tornavam cada vez mais desenfreadas. Entre seu pau me destruindo e uma de suas mãos massageando meu clitóris, eu estava me afogando em muito prazer para realmente notar o desconforto inicial de seu dedo explorador. Eu esperava dor, mas o relaxante muscular de seus lubrificantes fez sua mágica.

No momento em que percebi que ele tinha dois dedos entrando e saindo do meu traseiro em contraponto ao seu pau, eu já estava no ápice novamente. A sensação estranha, longe de ser desagradável, estava me deixando mais satisfeita do que nunca. Sentindo que eu estava chegando ao limite, Bayron começou a sussurrar palavras de incentivo, misturadas com alguma conversa suja que alimentou ainda mais minha excitação.

Meu orgasmo me atingiu com a violência de um tsunami. Minha coluna se contraiu e minha boca formou um O silencioso, meu corpo chocado demais para formar qualquer som. Com os olhos revirando na parte de trás da minha cabeça, eu desabei nos braços de Bayron. Ele rugiu enquanto minhas paredes internas apertavam seu pau. Sua semente disparou dentro de mim, banhando meu interior machucado enquanto ele continuava a meter em mim com grunhidos quase selvagens.

Quando sua semente acabou, ele gradualmente desacelerou seus impulsos até parar completamente. Como era seu costume depois do sexo, meu companheiro não se afastou imediatamente, me abraçando por alguns minutos em um momento de ternura que sempre me fez sentir querida.

Eu poderia ficar assim para sempre e me senti um tanto desolada quando ele finalmente se afastou para olhar para mim. A ternura em seus olhos azuis me virou de cabeça para baixo. Nós não estávamos apaixonados um pelo outro, mas um vínculo inegável estava crescendo entre nós. Ele se inclinou para frente e me deu o beijo mais doce, desprovido do fogo que nos consumiu poucos momentos atrás.

— Transa da noite de núpcias realizada com sucesso — Bayron sussurrou contra meus lábios em um tom de provocação.

Eu comecei a rir antes de beijá-lo novamente. Deus me ajude, eu estava começando a me apaixonar pela minha fera.



Capítulo 10

Annabelle

De depois de nos vestirmos, Bayron preparou um farto café da manhã para nós e me deixou trançar seu cabelo. Antes de ficar muito bêbada na noite passada, eu passei muito tempo admirando as tranças dos outros homens para ter uma noção de como suas esposas as estilizavam.

Eu não tinha nada que fizesse o cabelo de Bayron se destacar das massas ainda. Felizmente, Feidin se ofereceu para me levar pelas lojas da cidade e me apresentar a alguns dos artesãos que poderiam fazer adornos especiais com base nas minhas especificações. Enquanto meu marido cozinhava, eu esbocei algumas coisas que esperava que pudessem ser feitas com rapidez suficiente para que as conseguíssemos antes de nossa partida, em seis dias.

Enquanto descíamos pelo elevador até a entrada principal da fortaleza, os poucos companheiros de clã que encontramos nos deram sorrisos que fizeram minhas bochechas queimarem. Considerando que já passava do meio-dia, eles não tiveram problemas em especular sobre o que nos manteve lá em cima por tanto tempo. Pelo menos, meu atencioso marido mandou uma mensagem para sua mãe enquanto eu ainda dormia para informá-la de que eu chegaria atrasada.

Eu fiquei envergonhada por isso acontecer no meu primeiro passeio de meninas com Feidin. Bayron me garantiu que ela não estava chateada, especialmente considerando que havíamos dito vagamente que sairíamos pela manhã, sem nenhum horário específico definido.

— Minha mãe irá se juntar a você no salão de reuniões — Bayron disse enquanto estávamos no corredor principal, no cruzamento que levava aos dois corredores dos elevadores residenciais — Ela disse que você não deve levar mais de duas horas para fazer suas compras. Eu tenho algumas coisas para resolver. Eu voltarei na mesma hora que você e a levarei em um breve passeio pelos arredores.

— Parece um bom plano — eu disse com entusiasmo.

Ontem à noite, eu me chutei por não usar minha câmera para

gravar Bayron lutando para me reivindicar. Pelo menos Feidin me garantiu que eles tinham sua própria gravação. Ela não rivalizaria com a grandiosidade que poderia ser alcançada com a câmera que Kayog me deu, mas seria melhor do que nada.

Minha mente fervilhava de ideias para pelo menos duas coleções inteiras, uma dedicada ao meu marido e outra tendo os Zamorianos como um todo como tema central. Eu não conseguia me lembrar da última vez que fiquei tão animada para pintar. Eu planejei tirar o máximo de fotos e gravar o máximo de vídeos possível antes de nossa partida. Como passaríamos muito tempo viajando de uma caçada para outra, eu queria ter o máximo de referências para me manter ocupada.

Para minha consternação, Bayron não me deu um beijo de despedida. Ele apenas assentiu, se virou e saiu. Esse forte lembrete do fato de que os Zamorianos não demonstram publicamente seu afeto não fez com que isso doesse menos. Enquanto eu o observava sair da fortaleza, debati se deveria falar sobre isso com ele ou apenas aceitar. Eu não queria irritá-lo sendo muito pegajosa e carente. Na verdade, além das minhas inclinações naturais para abraçar, a falta de autoconfiança alimentava em grande parte essa necessidade de contato. De muitas maneiras, isso me confirmava que a pessoa se importava.

Suspirando, eu decidi deixar isso de lado por enquanto. Além do fato de que eu poderia viver sem isso, eu já havia ultrapassado os limites de sua zona de conforto o suficiente. Girando nos calcanhares, eu fui até o salão de reuniões. Os detectores de movimento abriram as portas segundos antes de eu alcançá-las.

Uma sala vazia me recebeu, exceto por Ugrul sentado em seu trono enquanto conversava com outro membro do clã cujo nome eu não conseguia lembrar. Francamente, além dos pais de Bayron e de seu irmão, o único outro nome que eu tinha memorizado pertencia ao gigante que me assustou profundamente. Eu era péssima com nomes, mas nunca esquecia um rosto.

Quando eu hesitei na entrada, não querendo me intrometer no que poderiam ser assuntos privados, Ugrul fez um gesto para que eu me aproximasse. Antes que eu pudesse alcançá-los, eles concluíram a discussão e o homem se dirigiu para a saída. Ele educadamente acenou para mim ao sair. Eu respondi com um sorriso e um aceno tímido.

Típico de todo homem Zamoriano, os músculos se projetavam em cada centímetro de seu corpo. Assim como as mulheres usavam roupas sensuais e justas, os homens também usavam camisetas que poderiam muito bem ser uma segunda pele e calças justas que não deixavam nada à imaginação. No entanto, eu também avistei vários homens usando saias curtas, não exatamente kilts, não exatamente saias

romanas, mas totalmente masculinas. Isso me fez pensar se elas tinham algum significado ou apenas indicava um gosto de moda diferente. Eu não tinha visto uma única saia no guarda-roupa de Bayron. Eu teria que perguntar sobre isso.

Ugrul se recostou na cadeira, me observando aproximar com a expressão perturbadoramente ilegível que Bayron às vezes tinha. Embora ele tenha me chamado de ‘Filha’ ontem à noite no final da cerimônia de casamento, eu não senti que ele tivesse me aceitado totalmente, ao contrário de Feidin.

— Sente-se comigo, Belle — Ugrul disse, acenando para o trono de sua companhia.

Eu hesitei, me perguntando se poderia ofendê-la ter outra pessoa – outra mulher – sentada em seu lugar.

Como se tivesse lido minha mente, Ugrul riu — Está tudo bem. Eu não teria oferecido se isso fosse desrespeitar minha companhia. Ela não hesitaria em cortar minha trança se eu fizesse isso.

Rindo nervosamente, eu atendi ao seu pedido. Eu me sentei, levemente de lado para encará-lo, e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. Eu usei toda a minha força de vontade para não me contorcer sob a intensidade de seu olhar.

— Então, o que levou uma humana a se casar com um Zamoriano? — ele perguntou em tom de conversa.

— Um Temern — eu respondi com naturalidade — Kayog me disse que Bayron era minha alma gêmea.

Ele franziu os lábios e continuou a me encarar como se não conseguisse decidir se minha resposta o satisfazia.

Eu franzi a testa e levantei o queixo desafiadoramente diante do que me pareceu mais uma prova de sua rejeição por mim — Você tem um problema com isso? Você acha que ele está errado?

Ele não recuou nem pareceu irritado com a maneira desafiadora como eu fiz as perguntas. Ugrul simplesmente continuou estudando minhas feições enquanto parecia pensar em como formular sua resposta.

— Eu não tenho motivos para duvidar da palavra de um Temern — meu sogro finalmente admitiu.

— Mas? — eu insisti.

— Mas eu luto com o fato dele considerar uma criatura tão pequena como a companhia perfeita do meu filho.

Isso cortou fundo. Embora eu tivesse acabado de conhecê-lo, isso doeu com a familiar sensação de rejeição que eu sempre recebi de minha mãe. Mais uma vez, eu percebi o quão desesperadamente queria pertencer e ser aceita. A família de Bayron tinha potencial para eu finalmente realizar um sonho que tinha desde a infância.

Me recusando a deixá-lo ver o quanto suas palavras me afetaram,

eu levantei o queixo em desafio — É minha altura e tamanho que o incomodam você, ou o fato de que sou de outro planeta?

Ugrul bufou e cruzou o tornozelo sobre o joelho, uma expressão zombeteira tomando conta de seu belo rosto — Na verdade, ambos... Mas não pelas razões que você pensa — ele respondeu com uma voz surpreendentemente suave — Eu investiguei a anatomia humana. Sabendo como meu filho é bem dotado, francamente, não achei que você pudesse aguentá-lo. Claramente, eu estava errado. No entanto, você será capaz de satisfazê-lo a longo prazo se puder lhe dar apenas metade da experiência de acasalamento que os Zamorianos normalmente desfrutam?

Eu fiquei irritada com essa linha de questionamento tão íntima e invasiva. Isso me irritou ainda mais porque ecoou algumas das preocupações que estavam me atormentando.

— Esta é uma pergunta ou conversa altamente inadequada. O que acontece na privacidade do nosso quarto não é da sua conta!

— Calma, Belle. Você me perguntou o que eu penso sobre sua união com meu filho, estou apenas respondendo com sinceridade — Ugrul respondeu com uma leve carranca, seu tom severo me lembrando de um pai repreendendo uma criança difícil — Eu não desgosto de você, Annabelle Parker. E não tenho nenhum problema com o fato de você não ser Zamoriana. Posso ver por que você recorre a Bayron. Porém, estou preocupado com a viabilidade de sua união devido à sua anatomia humana específica. Eu não me preocuparia tanto se vocês dois tivessem consentido em se vincular primeiro. Mas eu temo a devastação que poderá ocorrer se sua reivindicação falhar.

Controlando minha raiva crescente, eu respirei fundo e tentei responder racionalmente ao que percebi serem preocupações paternas genuínas.

— Bem, Bayron e eu tivemos um casamento humano há quatro dias. De acordo com as regras da Agência Prime, nós tivemos que consumir nossa união na primeira noite — eu disse em um tom levemente entrecortado — Se tivesse sido um desastre tão grande entre nós, você realmente acha que ele teria pedido uma reivindicação em vez de um vínculo?

No entanto, mesmo enquanto eu dizia isso, eu me lembrei de como meu marido tocou em meu traseiro esta manhã, quando fizemos amor. Ele já estava cansado de poder usar apenas um pau de cada vez em vez de ambos? Nossa vida sexual já estava ficando obsoleta para ele?

— Não, ele não teria — Ugrul admitiu com uma inclinação de cabeça — E eu realmente espero que isso seja suficiente para ele a longo prazo. Mas e a prole? Você será capaz de lhe dar filhos?

Eu pisquei, perplexa com aquela pergunta — Eu sou fértil, então não vejo por que não.

— Comparada a uma mulher Zamoriana, você é pequena. Nossos descendentes são enormes, quase o dobro do tamanho de um bebê humano. Seu corpo pode lidar com isso sem ser prejudicado? — ele perguntou, a preocupação paternal gravada em seu rosto desta vez me afetando bastante.

Eu me contorci na cadeira, sem ter pensado nisso — Ok, esse é um ponto justo. No entanto, a barriga de uma mulher humana se estica bastante. Algumas mulheres carregaram ócuplos e tiveram um parto normal.

— Mas nessas gestações múltiplas, cada recém-nascido era geralmente muito pequeno. Alguma mulher humana já deu à luz um bebê tão grande como o nosso? — ele rebateu.

— Eu duvido, mas é para isso que servem as cesarianas — eu respondi com um encolher de ombros — Eles vão me abrir, arrancar o bebê e me costurar. Nada demais.

Ugrul bufou e fixou seus olhos azuis em mim, brilhando com um brilho estranho — Você tem mais coragem do que seu pequeno tamanho sugere, pequena humana. Para o nosso bem, espero que você esteja correta. Eu realmente quero que sua união seja bem-sucedida. Você não tem ideia do quanto despertou nossos instintos protetores coletivos. Por mais que eu queira que você dê ao meu filho alguns herdeiros homens para ajudar a proteger sua casa, espero que você tenha muitas filhas. A ideia de uma coisinha tão pequena e delicada agarrada a mim em busca de segurança desperta um anseio muito potente.

Minha garganta apertou com a imagem de Bayron segurando nossa menininha enquanto seu pai segurava a nossa outra.

— Um Temern nunca está errado, Ugrul. Se Kayog me considerou a companheira perfeita do seu filho, então eu sou. E se o destino quiser, nós teremos muitos pititicos para saciar seus instintos protetores.

— Pititicos? — ele perguntou, perplexo.

Eu dei a ele um olhar tímido — Desculpe. É um termo terráqueo fofo para se referir a bebês.

— Como criaturas inferiores? — ele desafiou.

— Você ficaria chocado com a quantidade de expressões humanas que quebrariam sua mente — eu disse com um brilho travesso nos olhos — Mas espero que lhe dêmos muitos netos.

Ele sorriu com uma suavidade que me confundiu. Naquele instante eu soube que realmente havia encontrado minha casa. Minhas raízes estavam se espalhando.

A abertura das portas encerrou nossa conversa. Feidin entrou com uma caminhada rápida, parando alguns passos após entrar. Embora Ugrul tivesse dito que estava tudo bem eu sentar na cadeira dela,

minha coluna enrijeceu de preocupação.

— Pare de importunar Belle, marido. Vamos lá, Filha — Feidin gritou de longe, gesticulando para que eu fosse.

Ugrul bufou divertido enquanto lançava um olhar afetuosamente para sua companheira. Eu lhe dei um sorriso de desculpas e corri para me juntar à minha sogra.

Nas horas seguintes, nós visitamos as lojas locais de artesanato. Eu fiz inúmeros pedidos, florescendo com os elogios dos artesãos quando eu lhes mostrei meus esboços. O orgulho e a aprovação de Feidin com relação às escolhas que eu fiz, desde materiais, cores e design, fizeram maravilhas para aumentar minha confiança, muitas vezes instável. Embora fosse demorar pelo menos dois dias para que meus pedidos ficassem prontos, ainda assim eu fiquei feliz por recebê-los antes de nossa partida.

Quando voltamos para casa, um milhão de novos designs – alguns dos quais eu provavelmente poderia criar sozinho – encheram minha cabeça.



Sentada ao lado de Bayron em sua nave pessoal, eu não tinha olhos suficientes para contemplar a beleza selvagem de seu mundo. A pequena nave, em formato de vírgula horizontal, tinha apenas dois assentos na frente e um pequeno espaço para carga ou armazenamento na parte traseira. Bayron colocou ali uma enorme cesta de piquenique e alguns equipamentos que ele alegou serem pranchas de surf motorizadas. Depois que ele ouviu falar de todos os esportes radicais que eu praticava, ele foi inflexível para que eu experimentasse.

Parecia algo emocionante.

Eu fiquei surpresa ao descobrir que os Zamorianos estacionavam essas pequenas naves pessoais – comumente chamadas de stingers – diretamente nas pistas de pouso do terraço de sua residência. Eu amei o quão realmente independentes nos sentíamos, apesar de vivermos na fortaleza com todas as outras famílias de sua linhagem.

Xoccoris me tirou o fôlego. Vastas florestas, montanhas majestosas, grandes extensões de água cristalina e natureza selvagem separavam os imensos complexos que serviam de cidade para os diferentes clãs. Nós sobrevoamos os clãs vizinhos mais próximos, Bayron sendo o guia turístico perfeito com histórias, anedotas interessantes e percepções cuidadosas sobre cada um deles. Ele fez alguns desvios para me dar uma ideia de alguns dos marcos de seus planetas.

Eu adoraria explorar, mas com o fim da tarde, nós nunca teríamos

tempo para surfar se não fossemos para lá agora.

— A praia fica a vinte minutos a pé daqui — Bayron explicou enquanto aterrissava a nave perto da linha das árvores de uma floresta — Poderíamos ter pousado mais perto, mas eu quero colher algumas frutas e cogumelos para a nossa refeição depois de terminarmos de surfar. Isso também lhe dará a oportunidade de admirar um pouco da nossa flora e fauna.

— Mostre o caminho, marido! — eu disse com meu entusiasmo habitual.

Ele bufou e balançou a cabeça com um sorriso indulgente. Eu adorava quando ele me dava aquele tipo de expressão doce. Depois de ativar a porta na parte de trás do stinger – que se abriu como o bico de um pássaro, Bayron pegou a sacola contendo as pranchas de surf motorizadas em uma mão, a cesta de piquenique na outra, uma sacola grande contendo sabe-se lá o quê em uma terceira, e então agarrou minha mão com a quarta.

O sorriso estúpido que apareceu em meu rosto o fez rir. Eu não precisei dizer nada para ele saber o quanto essas simples demonstrações de carinho me deixavam feliz.

Enquanto caminhávamos pela floresta, Bayron contou algumas de suas aventuras de infância com Varkuth. Quando ele me mostrou as ruínas do que antes era a versão deles de uma casa na árvore, eu coloquei minha câmera no modo roaming para que ela registrasse o que nos rodeava, mas também Bayron e eu. Eu definitivamente iria fazer alguns desenhos de nós dois dando um passeio romântico na floresta.

Meus passos vacilaram quando um pensamento me ocorreu de repente. Bayron parou de falar no meio da frase para me lançar um olhar questionador.

— Há algo de errado? — ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça — Não, absolutamente nada de errado. Mas acabei de perceber que você me levou em uma visita guiada pelos belos lugares de Xoccoris. Agora estamos caminhando pela floresta, de mãos dadas, a caminho de praticar um de seus esportes locais favoritos, e depois faremos um piquenique na praia.

— Sim e? — Bayron perguntou, confuso.

— E isso corresponde ao tipo de coisas que eu listei que os recém-casados faziam durante a lua de mel — eu brinqueei.

Bayron se irritou, a expressão indignada em seu rosto me fez cair na gargalhada.

— Isto não é uma lua de mel — ele retrucou, dizendo a expressão como se fosse suja e ofensiva — Eu estou apenas te familiarizando com sua nova casa.

— Nos obrigando a fazer coisas de lua de mel — eu respondi com

uma voz cantante — Eu sabia que havia um grande sensível por trás dessa sua aparência intimidante.

— Eu não sou sensível — ele rosnou, olhando para mim.

Meu sorriso se alargou — Sim você é. E eu amo isso em você. Você me faz sentir especial.

Bayron abriu e fechou a boca algumas vezes, antes de franzir o rosto para mim, sem palavras. Apesar de seu considerável ego e tendência para se exibir, meu homem muitas vezes ficava bastante tímido diante da gratidão ou admiração que não despertava em suas façanhas de caça ou combate.

Não conseguindo encontrar uma resposta apropriada, ele grunhiu e me puxou atrás dele.

— Ainda assim não é uma lua de mel — ele murmurou baixinho.

Eu ri e apertei sua mão. Lua de mel ou não, este foi o melhor encontro de todos. Eu estava prestes a fazer uma pergunta quando ele de repente virou a cabeça para a esquerda, a tensão endurecendo seus músculos. Suas orelhas pontudas balançaram e ele pareceu se esforçar para ouvir um som distante. A preocupação se instalou pesadamente em meu peito, comprimindo-o.

A vontade de perguntar o que ele tinha ouvido queimou minha língua. Eu a mordi para ficar em silêncio. Fosse o que fosse, poderia ter uma audição tão apurada quanto a dele. Eu não arriscaria revelar nossa posição. Um estranho ar de preocupação e confusão tomou conta do rosto de Bayron enquanto ele farejava o ar. Ele balançou a cabeça como se o que percebeu fizesse pouco sentido.

Quando ele começou a digitar algumas instruções na interface de sua braçadeira, eu lutei contra a vontade de entrar em pânico. Se ele não estivesse ao meu lado, eu estaria em pânico total agora, minha imaginação fértil imaginando uma horda de grummolls correndo em nossa direção.

Obviamente, não foi esse o caso. Eu teria ouvido o barulho de suas patas, e a floresta teria ficado em silêncio se tal perigo estivesse à espreita.

— Isso não deveria estar aqui — Bayron sussurrou incrédulo — Venha em silêncio e fique atrás de mim.

“Ok,” eu sussurrei de volta. “O que... o que é isso?”

— Um lobo de pedra — ele respondeu em um tom que deixou claro que não deveríamos falar mais nada.

O fato dele não ter tirado a adaga do cinto ajudou muito a me garantir que ele não esperava uma luta com uma criatura selvagem. Nós começamos a caminhar, fazendo o mínimo de barulho possível. Dez metros depois eu finalmente percebi o som que chamou a atenção de Bayron. Parecia ser o grito de morte de um mamífero, seguido por um gemido estridente.

Alguns metros depois, o cheiro de sangue e de carne em fase inicial de decomposição me deu um tapa na cara. Eu me preparei para o que viria a seguir, mas nada poderia ter me preparado para o espetáculo comovente que nos esperava além de uma grande árvore à esquerda.

A versão alienígena de um urso pardo de pequeno porte estava deitada de lado. Suas entranhas estavam esparramadas e o sangue coagulado se espalhava ao redor de sua garganta cortada, servindo de banquete para um enxame de vermes. A uma curta distância, um filhote de lobo de aparência estranha mal conseguia sobreviver. Meu coração se apertou ao ver as feridas profundas ao redor de sua pata traseira direita e o osso quebrado projetando-se através de sua pele cinza e coriácea.

Bayron balançou a cabeça com uma carranca de solidariedade enquanto olhava para o filhote — Como o ocaih chegou até você? — ele perguntou, na verdade não esperando uma resposta do filhote.

— Esse é o ocaih? — eu perguntei, apontando para os restos contorcidos enquanto me aproximava cuidadosamente do bebê.

— Sim. Muitas vezes eles vêm a esta área para caçar e não são uma ameaça para as pessoas. Eles geralmente comem roedores e pequenas criaturas como o equivalente aos seus coelhos. Aquele lobinho combinava com o tamanho — ele acrescentou, apontando para o lobinho com o queixo — Mas os lobos de pedra não vêm aqui nesta época do ano. Uma vez adultos, eles são criaturas cruéis. Ele deve ter se separado da mãe e o ocaih o pegou. Uma pena. Ele claramente tem um coração de guerreiro que conseguiu matar seu predador e sobreviver por pelo menos dois dias.

Eu fiquei boquiaberta, incrédula, diante dos ferimentos do ocaih antes de olhar novamente para o lobinho. Só então eu finalmente notei as garras de adaga nas pontas de suas pequenas patas, às quais o sangue e o pelo do ocaih ainda estavam grudados.

— O que você está fazendo?! — eu gritei quando Bayron tirou a adaga da bainha

Ele olhou para mim como se a resposta fosse óbvia — Dando paz a ele.

— O quê? Não! — eu exclamei, correndo para o filhote — Você mesmo disse que ele tem o coração de um guerreiro. Ele não sobreviveu tanto tempo só para ser morto desse jeito. Nós temos que ajudá-lo.

— Ele está muito ferido, Belle. Olhe para a perna dele. Está quebrada em pelo menos três lugares e as feridas da mordida estão infectadas — ele rebateu com voz suave, mas firme — Isso não pode ser consertado. Ele sempre mancará dolorosamente e não será capaz de caçar adequadamente. Sem uma matilha, suas chances de sobrevivência são quase nulas. E eles vão matá-lo se ele tentar se

juntar a eles. Este planeta se trata de sobrevivência do mais apto.

— Seguindo sua lógica, eu deveria ter sido desprezada também quando criança? — eu respondi em um tom áspero.

Bayron recuou, choque e confusão tomando conta de suas feições. Eu não esperei pela resposta dele e abri a cesta de piquenique que ele havia colocado no chão ao lado dele. Foi injusto da minha parte jogar isso na cara dele. Ele não conhecia os detalhes da minha infância difícil. Para meu alívio, ele não me pressionou, seu olhar intenso enquanto esperava que eu expandisse ainda mais essa afirmação. Eu precisava de um momento para acalmar o turbilhão de emoções que assolava meu corpo.

Eu peguei uma garrafa de água e um prato da cesta e me aproximei cuidadosamente do lobo. Depois de colocar o máximo de água possível no prato, eu o coloquei próximo à boca do filhote. Ele emitiu um grunhido patético e tentou erguer as garras no que devia ser uma tentativa de parecer ameaçador. Contudo, apesar dos terríveis danos que ele infligiu ao ocaih, eu não tive medo. O pobre bebê visivelmente não tinha força suficiente para me atacar ou ferir.

— Minha mãe sempre foi uma mulher egoísta e egocêntrica. Ela gostava de festejar e se divertir, danem-se as consequências. Ela era impulsiva e movida por tudo o que despertava sua paixão naquele momento — eu disse, surpresa com a amargura em minha voz.

Depois de todos esses anos, eu pensei ter superado o abandono de minha mãe. Aparentemente não...

Bayron não disse nada, sua expressão atenta me incentivou a continuar. Simultaneamente, ele ficou de olho no filhote, pronto para intervir ao primeiro sinal de problema.

O lobinho choramingou de uma forma de partir o coração quando eu pinguei um pouco de água em seu focinho pela primeira vez. Ele mostrou a língua fracamente, pegando um pouco da umidade. Enquanto eu continuava regando a água, ele começou a lamber com um pouco mais de convicção, estendendo a língua para a porção do prato.

— Pelo que me contaram, minha mãe engravidou de mim porque todas as suas conhecidas estavam se estabelecendo e tendo filhos. Ela achou que seria legal ter um também. Mas a gravidez não foi tão divertida quanto ela esperava. Minha mãe ficou ressentida comigo por causa dos enjoos matinais, dos membros inchados, das dores nas costas e do fato dela não poder beber ou usar drogas durante meses. A única razão pela qual ela não consumiu nada disso foi meu pai.

— Assim como era seu dever como protetor — Bayron disse com aprovação.

Eu bufei em auto-escárnio. Eu realmente nunca pensei nisso dessa forma.

— Sim, acho que você poderia dizer que ele era meu protetor. Minha mãe, claro que não — eu disse, adicionando um pouco mais de água no prato antes de acariciar suavemente o pelo fofo do topo da cabeça do filhote.

Ele se encolheu a princípio, como se temesse meu toque, mas logo não se esquivou mais dele.

— Quando eu tinha pouco mais de seis meses, minha mãe decidi que já estava farta de ficar enfiada dentro de casa cuidando de um bebê — eu continuei — Meu pai é um oficial militar de carreira, um Seal da Marinha. Ele havia partido em missão apenas dois dias antes. Como ela não conseguiu encontrar uma babá para mim, mamãe me levou da base para algum grande festival ao ar livre no meio do nada. No segundo dia, o buldogue de um dos participantes me atacou.

— Não! — Bayron sussurrou.

— Ah, sim — eu respondi com um sorriso triste — Quando conseguiram tirar ele de mim, ele havia quebrado minha perna direita e me sacudiu com tanta violência que danificou minha medula espinhal, quebrou alguns ossos e me causou sérios inchaços e sangramentos cerebrais. Eles me levaram às pressas para o hospital e eu passei a semana seguinte lutando pela minha vida.

Bayron franziu a testa, seu olhar vagando por mim com uma mistura de raiva – que eu sabia ser dirigida tanto ao cachorro quanto à minha mãe – e de admiração por como eu havia me curado.

Eu volvei a mão para dentro da cesta, meus ombros caíram quando não consegui encontrar algo para alimentar o filhote.

— Não há carne? — eu perguntei.

Bayron balançou a cabeça — Eu ia pescar para nós.

— Então precisamos levá-lo de volta para casa imediatamente. Ele precisa de comida e precisa de ajuda. Precisamos limpar esse ferimento e consertar a perna dele.

— Belle... — Bayron disse com uma voz racional.

— Não, Bayron! — eu interrompi em um tom áspero — Você vai dizer que ele está além de qualquer ajuda. Que tentar consertá-lo só vai prolongar sua agonia. Isso é o que minha mãe também disse sobre mim.

— Eu *não* sou sua mãe — ele disse entre os dentes, indignado.

— Não, você não é. Mas você também não é veterinário, assim como ela não era médica. Eles acreditavam que eu tinha uma chance, uma chance pequena, mas mesmo assim uma chance. Meu pai – que nem é meu pai biológico – foi quem disse a eles para seguirem em frente e fazerem tudo o que pudessem por mim.

Bayron recuou — Não é seu pai? Ele sabia?

Eu dei de ombros — Acho que ele suspeitava desde o início. Ele sabia que minha mãe não era fiel, mas realmente não se importava.

Ele estava sempre em missão. Suponho que ele simplesmente gostava de ter alguém em casa quando voltava. Porém, eu precisava de um enxerto de coluna e ele foi excluído como parente ou potencial doador. Minha mãe não estava preparada para lidar com os anos de recuperação que me aguardavam, então ela foi embora.

— E ele ficou com você?

— Sim, Papai ficou comigo. Ele não assinou minha certidão de nascimento quando nasci, mas me adotou oficialmente para que eu pudesse ter direito a todos os seus benefícios. A divisão de Operações Especiais desfrutava dos melhores serviços médicos disponíveis na Terra. Demorou três anos e os tratamentos médicos mais avançados, mas eles me curaram. Se eu não tivesse contado a você, você nunca saberia como eu era uma bagunça destruída — eu disse desafiadoramente.

— Você está certa. Eu nunca teria sabido. E estou eternamente em dívida com seu pai por protegê-la do jeito que ele fez — Bayron disse com cautela.

— Ele não me devia nada, mas mesmo assim se esforçou porque eu merecia uma chance. E hoje eu estou pagando antecipadamente a alguém que não me deve nada. Este lobinho lutou tanto, ele também merece uma chance — eu disse, desta vez em tom de súplica.

— Muito bem — Bayron admitiu com óbvia relutância — Só não tenha muitas esperanças, minha companheira.

Eu balancei a cabeça — O destino decidirá. Mas ainda podemos dar um empurrãozinho na direção certa.

Suspirando derrotado, ele pegou a toalha de piquenique da cesta e envolveu cuidadosamente o filhote nela. O choro de dor do pobre bebê partiu meu coração, assim como sua débil tentativa de morder meu marido. Ele parecia tão pequeno nos braços primários de Bayron.

Eu chamei de volta minha câmera e peguei a cesta de piquenique enquanto meu companheiro pegava as pranchas de surf motorizadas e a sacola de colheita com as mãos secundárias. Uma parte de mim se sentiu culpada por atrapalhar os planos de Bayron para nós. No entanto, isso era importante e a coisa certa a fazer.

Nós voltamos rapidamente para a nave. Para meu alívio, meu marido usou o kit de emergência dela para sedar o filhote. Eu o segurei em meus braços durante toda a viagem de volta à cidade. Nós não pousamos em casa, e sim no topo de um prédio que eu não conhecia, que era o centro médico do complexo. Um elevador nos levou até o primeiro porão onde ficava o departamento veterinário.

Para minha surpresa, as portas da clínica se abriram para Krogal, vestindo uma jaqueta médica branca.



Capítulo II

Bayron

Eu não conseguia acreditar que tinha permitido que minha mulher me convencesse a tentar salvar o filhote. Tudo o que eu podia ver era a vida de dor que o aguardava. Mas fazer o que eu acreditava ser melhor para a criatura teria, sem dúvida, criado uma ruptura permanente entre mim e minha companheira. Depois da história convincente das provações que ela enfrentou quando criança, recusar a conceder ao filhote a mesma misericórdia que seu pai lhe concedeu me tornaria um monstro aos seus olhos. De qualquer forma, eu não suportava a ideia de partir o coração dela recusando. Pela primeira vez, eu esperava que o destino provasse que minhas expectativas estavam erradas.

No entanto, minhas preocupações com o bem-estar do filhote e a reação de minha companheira deram lugar a um ciúme irracional assim que entramos na clínica. Mesmo com sua jaqueta médica, Krogal continuava sendo uma fera assustadora. Eu odiava o quão nervosa minha Belle parecia instantaneamente na presença dele. Eu odiava ainda mais nunca ter despertado esse nível de cautela nela. O homem mais intimidante para ela deveria ser eu.

Meu primo interrompeu a conversa com Dhalgal, a recepcionista. Dhalgal sorriu para nós antes de lançar um olhar atordoado para o pacote ainda sedado nos braços de Belle.

— Belle, Bayron, o que vocês me trouxeram? — Krogal perguntou.

Minha companheira piscou, como se suas palavras a tivessem tirado de um torpor de medo, então ela engoliu em seco.

— Encontramos um lobinho de pedra, gravemente ferido por um ocaih — eu disse com uma voz entrecortada quando Belle demorou o que achei que era muito tempo para responder.

Mal tinha passado uma fração de segundo, mas a reação dela a Krogal – por mais involuntária que fosse, e especialmente por causa disso – me irritou profundamente. Ele levantou uma sobrancelha ao meu tom. O sorriso presunçoso e conhecedor que se esticava em seus lábios me irritou ainda mais. Pelo menos, ele me poupou da ignomínia de me denunciar por essa demonstração de insegurança.

Meu primo pegou a toalha de piquenique que embrulhava o lobinho e a abriu com cuidado. Sua carranca ao ver o extenso dano na perna apenas confirmou o que eu temia. A propósito, os olhos de Belle ficaram marejados, ela provavelmente viu a mesma coisa que eu em suas feições.

— Por favor, não diga que ele está além de qualquer ajuda. Ajude-o, por favor. Por favor! — Belle implorou.

Meu estômago deu um nó e meu peito apertou. Eu odiava ver minha companheira tão perturbada. A julgar pela forma como Krogal fez uma careta, o desespero dela o afetou da mesma forma. Os homens Zamorianos não tinham problemas em lidar com a ira de uma mulher, mas a tristeza dela nos destruiu.

— Seus ferimentos são muito graves, Belle. Eu vou examiná-lo e ver o que — se é que há alguma coisa — pode ser feito.

— Obrigada! Muito obrigada — ela disse, com muita esperança.

Seu grunhido evasivo mais uma vez ecoou minhas dúvidas. Mesmo assim, ele seguiu na frente até uma das salas de exames menores, no corredor à esquerda da recepção.

Depois de colocar o filhote em uma mesa que o fez parecer ainda menor e delicado, Krogal realizou um rápido exame manual. Ele fez algumas perguntas sobre a condição em que o encontramos e o que lhe havíamos alimentado ou administrado antes de nossa chegada. Eu respondi suas perguntas, então Krogal ficou quieto enquanto continuava seu exame. Apesar de seu silêncio, seus esforços para esconder o quão pequenas ele acreditava que as chances do filhote eram falharam miseravelmente... pelo menos para mim, que o conhecia bem.

Ele então transferiu o lobo para uma cápsula médica, que realizou uma bateria completa de testes. À medida que os dados começaram a preencher a tela gigante acima da cápsula, Belle enfiou a mão dentro da minha mão principal. Eu envolvi meu braço direito secundário em volta dela e a puxei para o meu lado. Me incomodava mais do que eu gostaria de admitir que ela precisasse de conforto por causa de uma criatura que não significava nada para ela. Eu nem queria imaginar o quão devastada ela ficaria se este fosse nosso filho.

Quando Krogal finalmente se virou para nós, Belle praticamente parou de respirar enquanto aguardava seu veredicto.

— É muito ruim — meu primo disse em um tom suave, mas sério — Eu posso costurar os ossos de volta, mas não consertá-los totalmente. Ele vai mancar. Quão grave? Eu não sei dizer. Pode ser leve o suficiente para ser apenas um incômodo. Mas também pode impossibilitar a caça. Só o tempo irá dizer. Um tratamento com nanites deve fazê-lo ficar de pé e andar novamente em alguns dias ou mais.

— Essas são ótimas notícias! — Belle disse, com empolgação enchendo sua voz.

— Nessa questão, é semi-positivo — Krogal disse com uma voz cuidadosa que sugeria que as más notícias ainda estavam por vir.

— As feridas infectadas? — eu perguntei.

Krogal balançou a cabeça — A infecção não se espalhou o suficiente para ser problemática. Eu posso limpar as feridas e dar-lhe um regime de antibióticos durante os próximos dez dias que deverá erradicar todos os vestígios de infecção. O problema é o veneno do ocaih.

— Veneno? — Belle repetiu, a preocupação tomando conta de suas feições.

Meu primo assentiu — Você vê como ele está coberto por uma pele cinza e coriácea por baixo desse pelo? Se ele fosse mais velho, suas glândulas suprarrenais seriam capazes de produzir um hormônio especial que engrossa a pele. E quando em combate, ela endurece e se transforma em algo impenetrável, semelhante a pedra.

— É por isso que eles são chamados de lobos de pedra — Belle refletiu em voz alta, ganhando um aceno de meu primo e de mim — Mas o que isso tem a ver com o veneno?

— A razão pela qual a pele de pedra é tão importante para estes lobos é porque eles têm um sistema imune muito fraco — Krogal explicou — Qualquer bactéria, toxina ou vírus que entre na corrente sanguínea pode causar estragos terríveis. No caso dele, o veneno do ocaih foi direto para o sistema endócrino e atacou as glândulas suprarrenais. Eu não acho que posso salvá-las. Pelo menos, por enquanto, não vejo como. Sem elas, o menor arranhão pode resultar em infecções terríveis. Ele seria basicamente forçado a permanecer trancado em um ambiente estéril e acolchoado.

Meu peito se contraiu novamente ao ver a expressão desanimada de Belle.

— Deve haver alguns especialistas em glândulas endócrinas por aí que conheçam uma solução potencial — minha companheira argumentou em tom de súplica — A tecnologia está tão avançada hoje em dia que tem que haver um jeito!

— Eu não sei, Belle — Krogal disse com uma voz de desculpas — Os lobos de pedra são feras que geralmente nós deixamos em paz. Ninguém realizou estudos extensos sobre eles. Eu não posso prometer nenhum milagre, mas farei algumas pesquisas e consultarei outras pessoas para ver se podemos consertá-lo.

— Obrigada, Krogal. Eu realmente aprecio você fazer isso. Significa muito para mim — Belle disse, com gratidão enchendo seus olhos.

Meu primo lhe deu um sorriso gentil, misturado com timidez.

Envergonhado, ele rapidamente se virou para esconder, mas não tão rápido que eu perdesse o lampejo de desejo. Muitas de nossas mulheres esperavam reivindicar o guerreiro mais imponente em nosso meio, mas nenhuma encontrou graça em seus olhos. Minha companheira teve sucesso involuntariamente onde todas as outras falharam. Se eu não a tivesse reivindicado, acredito que ele o teria feito.

Ela o teria aceitado?

Ela não parecia mais assustada com ele. A maneira cuidadosa como ele tratou o filhote revelou o quão gentil ele poderia ser com aqueles sob sua proteção. Outra onda de ciúme cresceu dentro de mim. Eu forcei isso para fora da minha mente. Belle não me deu motivos para duvidar de seu compromisso comigo e com nossa união. Nós havíamos reivindicado um ao outro, livre e voluntariamente. Ela não era responsável pelos desejos que despertava passivamente em outros homens.

— A cápsula médica trabalhará nele por pelo menos alguns dias — Krogal explicou enquanto digitava algumas instruções na interface do dispositivo para iniciar o tratamento — Eu vou te passar atualizações regulares sobre o progresso dele.

— Obrigado, primo — eu disse com sincera gratidão.

— Sim, obrigada — Belle repetiu, sorrindo para ele.

Nós saímos da sala de exame e nos despedimos de Dhalgal ao sair. Ambos perdidos em nossos respectivos pensamentos, permanecemos em silêncio durante a viagem de elevador até o telhado do centro médico para voltarmos à nossa nave pessoal e durante nosso curto voo até nossa casa.

A essa altura, já passava da hora do jantar.

— Receio não poder preparar uma refeição para você com proteína recém-caçada, como pretendia — eu disse me desculpando.

— Não se desculpe. Fui eu quem atrapalhou seus planos — ela disse com uma expressão tímida — Obrigada por poupá-lo e por nos levar até seu primo. Krogal foi tão gentil com ele. Você acha que ele pode salvar o filhote?

Eu virei de costas para ela enquanto desempacotava a cesta de piquenique para esconder o ciúme surgindo novamente.

— Krogal é um excelente veterinário. De feras de guerra a pequenos animais domésticos, se puder ser salvo, ele encontrará um jeito — eu disse, orgulhoso por ter conseguido manter minha voz neutra.

— Isso é maravilhoso. E pensar que eu estava com tanto medo dele — Belle disse com uma risada — Ele é como um grande ursinho de pelúcia por trás daquela aparência assustadora.

Eu virei minha cabeça para olhar para ela por cima do ombro. Seu

sorriso melancólico me cortou profundamente.

— Você gosta dele, não é? — eu perguntei em um tom rosnado, imediatamente me culpando por deixar meu ciúme transparecer.

O sorriso de Belle desapareceu imediatamente, seus olhos se arregalaram de surpresa. Então o choque e a preocupação tomaram conta de suas feições.

— Eu não gosto dele do jeito que você parece insinuar — Belle disse cautelosamente.

Eu me virei para encará-la. Minha companheira sustentou meu olhar inabalavelmente.

— Você o acha magnífico, não é? Você o acha mais intimidante do que eu — eu disse, me forçando a soar factual em vez de acusatório.

Meus corações afundaram quando Belle não respondeu imediatamente. Ela mordeu o lábio inferior, parecendo estar escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Krogal é pelo menos uma cabeça mais alto do que você e quase o dobro do seu tamanho — ela disse em um tom racional — Qualquer pessoa com olhos ficaria impressionada. Sim, acho que ele é magnífico e incrivelmente assustador. Mas isso não tira nada de *você* e, principalmente, não me deixa atraída por *ele*. Eu não acho você assustador, e isso é uma coisa boa.

— Em nome de Khivolt, como isso é uma coisa boa?! — eu exclamei, ofendido.

— Porque eu nunca me casaria com alguém que me assustasse — ela disse, como se isso fosse evidente — Eu sou humana, não Zamoriana. Se você tivesse vindo até mim do jeito que ele fez naquele primeiro dia em que nos conhecemos, eu teria saído daquela estação espacial tão rápido que você teria se perguntado se eu era uma miragem. Aterrorizante não é algo atraente para mim. Você é intimidante de uma forma sexy... da maneira perfeita. Eu amo como você me faz sentir frágil, mas segura. Krogal é grande demais.

— Maior e mais forte... Isso não deveria fazer você se sentir ainda mais segura? — eu argumentei, me perguntando por que eu estava insistindo, como se estivesse tentando convencê-la de que ela deveria tê-lo escolhido.

— Bayron, maior nem sempre é melhor. Tem como algo *ser* grande demais. Eu temia nossa primeira noite juntos porque temia o tamanho dos seus gêmeos. Se o que quer que seu primo esteja escondendo for remotamente proporcional ao resto de seu tamanho, não há uma colina ou montanha alta o suficiente para que eu possa me esconder — Belle disse com um estremecimento.

Eu não pude deixar de bufar, excessivamente satisfeito com a resposta dela. Não cabia a mim revelar o que meu primo estava ‘escondendo’, como ela tão eloquentemente disse. Mas dizer que ele

era bem dotado seria um grande eufemismo.

Belle se aproximou de mim e passou os braços em volta da minha cintura. Eu a puxei, fechando meus braços possessivamente em torno dela.

— Eu já encontrei minha alma gêmea. E ela é você — ela disse.

Meu peito vibrou com um ronronar de aprovação quando me inclinei para reivindicar sua boca. Ela respondeu com um fervor que imediatamente acendeu uma chama agora familiar em minhas entranhas. Eu aprofundei, apreciando o sabor doce de seus lábios e a suavidade de seu corpo em meu abraço. Então, com muita relutância, eu interrompi o beijo. Eu precisava alimentar minha mulher em vez de saciar meus desejos egoístas.

Aliviado por ter resolvido esse problema, eu preparei nossa refeição e comemos em um ambiente descontraído.



Assim que eu entrei na sala de reunião, todos os olhares se voltaram para mim. Meus companheiros de clã – a grande maioria homens – se sentaram nos bancos ao redor do chão, alguns deles sentados diretamente nele. Uma área circular na parte central do piso havia se aberto para expor o braseiro, que ardia com um fogo encantador – um costume que remonta aos tempos antigos, quando nossos ancestrais se reuniam perto do fogo para conversar.

— Sua companheira já te expulsou? — meu irmão provocou, incitando risadas coletivas das pessoas presentes.

— Dificilmente. Eu sou um marido muito bom para isso — eu respondi no mesmo tom de provocação, o que me rendeu algumas bufadas. Eu puxei minha trança na frente do peito, exibindo o cordão de metal azul – combinando com a cor dos meus olhos – que Belle havia tecido em minha trança com pequenas contas combinando em locais estratégicos — E isso parece a trança de um homem que foi expulso — eu me regozijei.

Alguns acenos de agradecimento saudaram minhas palavras enquanto todos admiravam o trabalho prático de minha companheira.

— É realmente muito bom, especialmente para uma primeira tentativa — meu pai admitiu com um lampejo de aprovação.

Eu estufei meu peito, meu ego lendário, cheio de orgulho pela minha mulher, se manifestando novamente — É ainda mais admirável que Belle ainda esteja aguardando a entrega dos enfeites que encomendou. Ela improvisou com o que estava disponível para que eu não andasse nu até que ela pudesse executar sua verdadeira visão para

mim.

Idriks, um dos nossos artesãos mais talentosos, assentiu — Sua companheira fez alguns pedidos comigo. Eu concluí um terço deles e devo terminar tudo nos próximos dias. Estou bastante curioso para saber como ela os usará em você. Eles eram muito bonitos e inovadores.

Meu peito inchou ainda mais de orgulho — Minha companheira é uma artista. Claro, ela fará coisas exclusivamente atraentes. Falando nisso, Belle está fazendo uma videochamada com o pai e se juntará a nós depois. Ela perguntou se não haveria problema em esboçar suas caras feias durante esta assembleia.

— Duvido que ela usou esse termo — Kraslo rebateu zombeteiramente — Afinal, ela reivindicou você.

Eu juntei minha risada à deles, reconhecendo o belo golpe. Como eu suspeitava, eles deram o seu consentimento. Muitos realmente se sentiram lisonjeados por serem modelos de uma artista.

— Eu entendo que você trouxe de volta um lobo de pedra ferido — meu pai disse de repente, trazendo a sala de volta a um clima mais sério.

Eu esperava que isso surgisse e soltei um suspiro — Sim. Belle foi inflexível em tentar salvá-lo.

— Ela entende que ele não é um animal de estimação e provavelmente não pode ser domesticado? — meu pai perguntou — Supondo que ele sobreviva e se torne adulto, aquele lobo vagando pelas nossas ruas pode ser uma ameaça, especialmente para as nossas crianças.

— Eu sei, Pai. Sim, ela está ciente. Mas duvido que ela esteja preocupada com algo além de curar o filhote. Assim que Krogal tiver feito tudo o que pode, nós avaliaremos os próximos passos.

Satisfeito, meu pai grunhiu em aprovação. No entanto, eu me lembrava muito bem da maneira maternal como Belle segurou o filhote. Ela iria querer adotá-lo, como seu pai a adotou. Eu não estava ansioso pela conversa sobre soltá-lo na natureza, onde ele pertencia.

Como era habitual durante as assembleias, meus companheiros de clã se revezavam para se gabar de seu último feito, batalha épica ou duelo. O punhado de mulheres presentes balançava a cabeça afetuosamente diante da nossa necessidade de tentar constantemente superar uns aos outros.

Kraslo estava prestes a começar sua própria história quando as portas do salão de reunião se abriram para minha companheira. Toda a conversa terminou, todos os olhos fixos nela. Minha Belle franziu o rosto daquele jeito adorável que sempre fazia quando se sentia constrangida. Seu olhar percorrendo cada rosto, provavelmente para avaliar quais pensamentos permaneciam nas mentes dos meus

companheiros de clã, minha mulher segurou sua prancheta de desenho contra o peito como um escudo enquanto se aproximava de mim.

Eu sorri encorajadoramente, orgulho possessivo enchendo meus corações enquanto ela se aproximava. Belle não entendia o quão atraente ela parecia para mim e para muitos homens Zamorianos. Ela estava presa àquela definição humana de beleza que não nos atraía.

Embora eu tivesse deixado bastante espaço no banco ao meu lado para Belle, eu me movi um pouco para a esquerda para abrir ainda mais espaço. Para minha consternação, em vez de se acomodar ao meu lado, minha companheira subiu no meu colo e encostou as costas no meu peito, a cabeça apoiada no lado esquerdo do meu pescoço.

Entre as bufadas, os suspiros incrédulos e os olhares boquiabertos, eu me senti mortificado. Eu deveria ter esperado que Belle fizesse isso; ela sempre fazia em casa. Pela maneira como ela enrijeceu diante da reação de nossos companheiros de clã, eu suspeitei que ela não tivesse planejado isso e apenas sentou em cima de mim como um reflexo, como sempre fazia.

Eu quase podia ouvi-la pensando enquanto ela provavelmente debatia se deveria sair do meu colo e se sentar ao meu lado. O Zamoriano em mim queria que ela fizesse exatamente isso, mas o marido em mim não. Essas exposições públicas não eram do nosso jeito, mas eram do dela. Belle fez muitas concessões para se adaptar aos nossos costumes, era justo que eu fizesse o mesmo com alguns dos dela.

Eu envolvi meus dois braços secundários em volta dela, deixando claro que não queria que ela se movesse. Minha companheira olhou para mim por cima do ombro e eu lhe dei um sorriso tranquilizador. Toda a tensão desapareceu dela e ela sorriu para mim, grata. Por uma fração de segundo, eu pensei que ela fosse beijar meu queixo, mas ela se conteve. Acredito que ela teria feito isso se não estivéssemos em público.

— Você tem medo de que possamos machucá-la para buscar tanto conforto em seu companheiro? — Kraslo perguntou a Belle, sempre um demônio provocador.

Eu mostrei os dentes para ele, instantaneamente pronto para exigir um duelo. Meus companheiros de clã poderiam me provocar o quanto quisessem, mas minha companheira estava fora dos limites.

— Não estou com medo — Belle respondeu, como se ele tivesse feito uma pergunta idiota — Eu só gosto de abraçar meu homem. Por que deveria me contentar com um banco quando tenho meu marido aqui? Eu adoro a sensação de seu corpo ao meu redor e de seus braços fortes me segurando em segurança. Por que eu me privaria desse conforto?

O silêncio atordoado que saudou suas palavras refletiu o choque que eu também senti, embora o orgulho o tenha superado. Minha Belle já havia me contado o quanto ela gostava de se aconchegar comigo. No entanto, a julgar pela timidez que ela geralmente demonstrava perto dos meus companheiros de clã, mais uma vez eu fiquei surpreso – e lisonjeado – ao ver o quão assertiva ela se tornava sempre que alguém questionava ou desafiava seu relacionamento comigo.

Os olhares levemente invejosos que os homens lançaram em minha direção acariciaram ainda mais meu ego. Mas foram os olhares um tanto descontentes que alguns homens casados deram às suas companheiras presentes na sala que quase me fizeram rir. O olhar impressionado nos rostos das mulheres apenas confirmou que seus maridos teriam um trabalho difícil se quisessem aconchego público.

— É justo — Kraslo disse, balançando a cabeça em concessão. Ele então retomou sua história — O Clã Azamphir está furioso por eu ter derrotado mais uma vez o Campeão da Reunião em sua própria competição — ele disse presunçosamente — Desta vez, o desafio era marcar o maior número possível de raízes de shihi em vinte e quatro horas.

Belle franziu a testa, visivelmente confusa sobre a que ele estava se referindo. Ele se virou para minha companheira.

— Shihi é uma raiz amarga que só cresce na natureza sob condições específicas. Ela não pode ser cultivada. O Clã Azamphir a usa para fazer shinzan, um licor muito caro e maravilhoso do qual eles guardam a receita secreta.

Belle sorriu agradecida para ele por esse esclarecimento.

— Quão bem você o derrotou? — meu pai perguntou.

Kraslo ergueu o queixo com alegria arrogante — Eu marquei três vezes mais que ele.

Um rugido de aprovação surgiu de todos nós enquanto ele estufava o peito.

— Marqen deve estar enfurecido — eu disse com uma risada — Como você conseguiu esse feito?

— Sendo mais esperto, é claro — Kraslo retrucou — Shihi é difícil de encontrar. Embora suas raízes sejam profundas, eles têm apenas galhos pequenos, semelhantes a videiras, com folhas curtas que podem passar por folhas de grama. Como eles se escondem na vegetação rasteira, principalmente as densas, você pode passar muito tempo levantando samambaias e galhos de arbustos antes de encontrar uma raiz — ele explicou mais uma vez à minha companheira.

— Parece muito complicado — Belle disse, virando seu bloco de desenho para desenhar Kraslo enquanto ele falava.

— É isso mesmo, a menos que você seja inteligente — ele

respondeu com um brilho travesso nos olhos — Eu passei um pouco de almíscar cressok em árvores aleatórias na área onde eu iria caçar. Ele atrai pequenos roedores que se alimentam dessas raízes. Eu só tive que esperar que eles gravitassem em direção às raízes para usar meu marcador.

— Oh, isso é inteligente — Belle disse, enquanto o resto de nós expressava em voz alta nossa aprovação — Mas por que seu rival também não usou?

— Porque ele não sabe disso — Kraslo respondeu, franzindo a testa como se a resposta devesse ser óbvia, um olhar compartilhado por todos os outros na sala — Eu sou químico e mixologista. Eu passei semanas descobrindo como preparar aquele almíscar especificamente para me dar essa vantagem.

Foi a vez de Belle franzir a testa, toda admiração desaparecendo de seu rosto — Isso não é trapaça? — ela perguntou.

Minha coluna enrijeceu enquanto suspiros de choque ressoavam por toda a sala. Kraslo se endireitou em sua cadeira, seus bíceps se contraindo de raiva enquanto ele olhava para minha mulher indignado. Se ela fosse um homem, ele já estaria de pé, desafiando-a para um duelo.

— Belle! — eu sussurrei severamente.

Minha mulher virou a cabeça para um lado e para outro, atordoada por todos os olhares raivosos lançados em sua direção antes de olhar para mim por cima do ombro. Mas eu voltei meu olhar para Kraslo.

— Paz, Kraslo. Minha companheira não quis ofender. Ela desconhece nossos costumes — eu disse em um tom apaziguador.

— Eu não queria insultá-lo — Belle repetiu em voz baixa.

Acalmado, Kraslo grunhiu aceitando seu pedido de desculpas, embora sua expressão permanecesse descontente.

— Eu não trapaceio — Kraslo disse com força, a dor da ofensa persistindo em sua voz.

Pela expressão no rosto de Belle, ela estava claramente lutando para conter seus pensamentos sobre o assunto. Como um dos poucos do meu povo que vivia extensivamente fora do mundo para caçar, eu sabia bem o que os estrangeiros pensavam dos nossos costumes. Embora eu tenha aprendido a ignorar isso, doeu profundamente que Belle compartilhasse seus pontos de vista.

— Acusar alguém de trapaça é um dos maiores insultos que você pode fazer a um Zamoriano — meu pai explicou à minha companheira em tom gentil — Isso é sério o suficiente para ser considerado motivo para banir alguém de seu clã — Belle recuou, parecendo mais perplexa do que nunca — Minhas palavras a confundem. Por que, Belle? O que a faz ver o que ele fez como trapaça?

Minha mulher lambeu os lábios nervosamente e me deu um olhar incerto por cima do ombro. Eu sorri e balancei a cabeça encorajadoramente para ela prosseguir.

— Não desejo que minhas palavras sejam consideradas desrespeitosas — ela disse cuidadosamente.

Nossos companheiros de clã assentiram, toda a agressão desapareceu.

Meu pai sorriu — Não vamos nos ofender. Você é a primeira humana a vir viver em nosso meio. Nós gostaríamos de entender sua perspectiva sobre o assunto – quer concordemos ou não com ela. Fale livremente.

Belle se mexeu em meu colo, endireitou os ombros e respirou fundo antes de obedecer — Para nós, sempre que você violar as regras acordadas ou usar soluções alternativas para obter uma vantagem injusta, isso seria considerado trapaça.

— Exceto que ele não quebrou as regras — meu pai argumentou — Em nenhum lugar foi afirmado que ele não poderia aproveitar o comportamento da fauna local para facilitar a localização das raízes. Contanto que ele usasse apenas as ferramentas permitidas para preparar aquele almíscar no campo, então seria justo. Seu oponente poderia ter tentado o mesmo, se tivesse pensado nisso ou tivesse as habilidades para fazê-lo.

— E eu fiz — Kraslo entrou na conversa — Eu passei a primeira hora caçando um cressok e depois preparando o almíscar. Depois disso, passei mais uma hora espalhando o perfume em locais estratégicos. Durante esse tempo, Marqen assumiu uma liderança significativa. Se meu plano tivesse falhado, ele teria me esmagado completamente.

— Entendo — Belle disse, franzindo a testa enquanto ainda lutava com a explicação dele.

— Você ainda está preocupada, minha companheira. Por quê? — eu perguntei.

Ela se mexeu mais uma vez no meu colo, escolhendo cuidadosamente as palavras — Bem, eu entendo o que ele está dizendo. Mas para mim, para os humanos em geral, e suspeito que muitos membros da aliança galáctica, isto ainda seria considerado... antiético.

O uso dessa palavra alternativa provocou algumas risadas e olhares divertidos.

— Por quê? — Kraslo perguntou, desta vez genuinamente confuso e não ofendido.

— Porque as regras têm como objetivo colocar todos em igualdade de condições — Belle explicou — Claro, ele poderia ter tentado criar sua própria versão do seu almíscar ou um método original para lhe

dar uma vantagem. O problema é que, uma vez que todos contornam as regras, como você realmente determina quem é o melhor em uma determinada tarefa?

— Aquele que vence — eu respondi em um tom óbvio.

— Mas isso não faz dele o melhor — Belle desafiou — Sem ofensa — ela acrescentou timidamente para Kraslo — Isso o torna o mais inteligente para esta rodada específica, mas da próxima vez, Marquen provavelmente usará esse método também, então mais uma vez será uma questão de quem pode criar um novo método engenhoso.

— Exatamente! — eu exclamei, meus companheiros de clã também expressaram sua concordância — E a pessoa mais inteligente vencerá as outras novamente. Não entendo por que isso é um problema para você.”

Belle suspirou de frustração, pensando enquanto procurava uma maneira de nos fazer entender.

— Na Terra, nós temos uma grande competição atlética planetária chamada Olimpíadas. Atletas de todo o mundo competem entre si em diversas disciplinas — Belle explicou — Nós só podemos saber quem é o corredor mais rápido do mundo nos certificando de que cada pessoa corre exatamente nas mesmas condições. Isso inclui o mesmo tipo de roupa e calçado, correr ao mesmo tempo, no mesmo tipo de superfície e clima e na mesma distância. Se alguém usasse drogas para melhorar o desempenho ou sapatos de propulsão...

— Isso seria trapaça — eu interrompi — As regras tratam de avaliar o desempenho e a capacidade pessoal natural de cada participante. Usar qualquer tipo de aprimoramento quebraria a regra. No caso de Kraslo, a condição de vitória exigia apenas que o vencedor marcasse o máximo de raízes por todos os meios possíveis, usando apenas as ferramentas autorizadas para ajudá-lo a atingir seu objetivo.

— Mas ele criou uma nova ferramenta com essa ferramenta. Isso quebra a regra, não? — Belle argumentou.

— Assim como um sobrevivente que vai para a floresta com nada além de uma faca construirá para si uma tenda com galhos e folhas, uma lança afiando a ponta de um pedaço de madeira ou uma rede de pesca com cipós. Todas essas são novas ferramentas criadas a partir da inicial. Isso é trapaça? — eu perguntei.

— Hmmm. Não, não é.

— E ainda assim, você não está convencida — meu pai disse, inclinando a cabeça para o lado com uma expressão quase fascinada.

— Sinto muito, Ugrul, mas você está certo, eu não estou — Belle disse em tom de desculpas — Eu entendo que este é o jeito Zamoriano, e que para todos vocês foi justo, o que é tudo o que importa no final em Xoccoris. No entanto, pessoas de fora do mundo não compartilharão essa visão, e é por isso que seu povo tem... pode

ter uma reputação ruim.

Meu pai riu — Você não precisava corrigir sua frase. Estamos bem cientes da forma negativa como os estrangeiros nos percebem, não que nos importemos. Mas eu fico curioso para entender o motivo. Não há nada de errado com o que fazemos.

— Eu gostaria de poder explicar melhor, mas não sou muito eloquente — minha companheira disse timidamente — Eu sou boa em desenho, não com palavras.

— Então me diga uma coisa, Belle — eu disse em um tom suave — Você está ciente do incidente que me envolveu durante a primeira Grande Caçada em Trangor, três anos atrás. Você acha que eu trapaceei?

Meus corações se apertaram quando minha companheira empalideceu, a preocupação se instalou em seu rosto enquanto ela hesitava em responder.

— A Federação decidiu que não, assim como seu herói, Kayog. E, no entanto, eu posso ver que você ainda sente que sim — eu continuei no mesmo tom suave — Por quê? Fale livremente. Eu não vou ficar chateado.

Ela se contorceu no meu colo, os dedos girando nervosamente a caneta de desenho — As regras da caça eram para você reivindicar o maior número de mortes e, ao mesmo tempo, torná-las tão limpas e indolores quanto possível para as criaturas que você estava caçando. Eu vi você batalhar, então sei que caçador formidável você é. Mas em vez de matar você mesmo, você fez com que os Ordosianos fizessem isso por você. Isso não é justo. Não foram *suas* mortes.

— Em nenhum lugar das regras estava escrito que você só poderia reivindicar suas próprias mortes — eu respondi calmamente, enquanto recebia um flashback horrível de como fui forçado a me defender perante a Federação por medo de ser banido — As regras afirmavam claramente que poderíamos reivindicar qualquer Flayer abandonado e morto que não tivesse sido marcado por outro competidor. E foi exatamente isso que eu fiz.

— Sim, mas você atraiu os Flayers para os Ordosianos para que *eles* fizessem o trabalho — Belle rebateu — Estaria tudo bem se os Flayers tivessem simplesmente vagado por lá.

— Como *isso* é aceitável, mas aumentar as chances disso acontecer não é? — Varkuth perguntou, parecendo tão perplexo quanto eu e todos os outros.

— Porque você efetivamente mudou as regras — Belle disse energicamente — Aqui, entre vocês, todos esperam que a concorrência tente contornar as regras para obter vantagem. Lá fora, outros membros galácticos não. Para todos naquela caçada, ela era uma competição de habilidades pessoais de caça, não uma batalha de

inteligência sobre como contornar as regras. Todos eles queriam provar que poderiam obter o maior número de mortes limpas sobre todos os outros. Então você chegar e superar todo mundo coletando mortes que outros realizaram em seu nome foi um grande tapa na cara.

— Entendo o que você está dizendo — meu pai disse, pensativo — No entanto, quando eles perceberam como meu filho os havia enganado, por que não fizeram o mesmo?

— Porque não era para isso que eles estavam lá! Assim como os corredores olímpicos, eles vieram para competir com os melhores caçadores e provar que são os melhores no que fazem. O prêmio e o título são apenas a cereja do bolo.

— O prêmio e o título são tudo! Eles são a cereja e o bolo — Varkuth exclamou, o resto de nós concordando com ele.

— E é *aí* que todos nós diferimos. Para nós, competir significa ultrapassar os seus próprios limites, dar o melhor de si e bater o seu próprio recorde. E de preferência, isso também resulta em vencer todos os outros — Belle explicou suavemente — É uma questão de honra, mas também de ganhar o respeito dos outros.

Ela se virou para olhar para mim por cima do ombro.

— Se eles não tivessem tirado de você as mortes que os Ordosianos realizaram e que você reivindicou, você teria vencido por uma vitória esmagadora, mas todos teriam te odiado por isso. Para eles, você teria roubado aquela vitória porque não foram suas mortes, de acordo com as regras que todos os outros estavam seguindo. Você sabe quem foi o verdadeiro vencedor?

— Claro — eu disse, me sentindo irritado — Foi um humano chamado Donovan Craigh – um caçador eficiente e experiente.

Para minha surpresa, Belle balançou a cabeça — Donovan ganhou o título e o prêmio em dinheiro, mas Serena foi a verdadeira vencedora.

— O quê?! — eu exclamei, todos os meus companheiros de clã também expressaram sua descrença — Ela dispensou a vitória, mesmo depois que as mortes Ordosianas que eu reivindiquei foram dadas a ela. Isso não fez sentido.

— Não, querido, fez todo o sentido. Como os outros caçadores, ela só queria crédito pelas mortes que havia realizado pessoalmente. Para ela, reivindicar o título e o prêmio teria sido injusto com aqueles que caçavam com mais eficiência do que ela.

— Então como isso faz dela a vencedora? — meu pai perguntou, seu tom insinuando que ele estava começando a questionar a lógica da minha companheira.

— Porque ela conquistou o respeito e a admiração de todos dentro da aliança galáctica — Belle disse com um tom apaixonado — Ela

colocou sua vida em risco para proteger os fracos e os inocentes. Ela perdeu riquezas e honras por respeito às regras da caça, mesmo que todos tivessem cedido alegremente a ela. E através do seu casamento com um Ordosiano, ela ajudou a resolver o conflito com a Federação de Caça após o massacre da fauna inocente por caçadores furtivos. Todos na aliança galáctica a conhecem e a idolatram. Mas pergunte a qualquer um quem foi realmente coroado o vencedor e muito poucos fora do círculo de caçadores saberão o nome Donovan Craigh.

O silêncio inundou a sala enquanto refletíamos sobre suas palavras.

— É isso que você quer de mim? Você espera que eu não tente vencer a todo custo? — eu perguntei, minhas costas rígidas de tensão.

— Eu gostaria que você arrasasse como sempre faz e desse o seu melhor para vencer... mas seguindo as regras, não as contornando. Você diz que é o melhor caçador. Prove. Como você vai saber a real extensão de sua grandiosidade se usar métodos secundários para vencer?

— Quem se importa? — Kraslo perguntou — Vencer é vencer. Os perdedores podem se gabar de como melhoraram seu desempenho pessoal como consolo.

Meus companheiros de clã aplaudiram as palavras de Kraslo. Belle não fez comentários, seu rosto assumindo uma expressão resignada. Seria necessário mais do que isto para mudar uma mentalidade tão profundamente enraizada na nossa cultura. Embora eu entendesse o raciocínio dela, eu não acho que poderia simplesmente descartar o meu. Se eu não fizesse isso, ela ficaria decepcionada comigo? Envergonhada de mim? Me ressentir?

A nossa viagem iminente para Trangor poderá colocar a nossa união no seu primeiro teste real.

As portas da sala de reunião se abrindo instantaneamente afastaram aqueles pensamentos sombrios. Um único olhar para o rosto furioso de Rala fez todos rirem, exceto seu companheiro, Muloch. Seus ombros caíram e ele suspirou profundamente, fechando os olhos em uma expressão sofrida. Confusa, o olhar de Belle passou entre os dois.

Ao ficar na frente do marido, Rala fez um longo discurso em Zamoriano, repreendendo Muloch por uma tarefa que ele havia negligenciado.

— Estamos tendo uma assembleia, mulher! Isso pode esperar! — Muloch disse, lançando um olhar irritado para sua esposa.

— Eu estou esperando há uma semana e você não fez nada! — Rala gritou, os braços principais cruzados sobre o peito, enquanto as mãos secundárias em punho descansavam nos quadris.

— Eu comecei! — Muloch exclamou.

— Começou, mas não terminou. Leve seu traseiro preguiçoso para casa e conserte isso! — Rala disse, apontando um dedo irritado para as

portas.

— Argh! Você é impossível. Eu cuidarei disso depois da assembleia — ele respondeu, claramente irritado.

— Já chega — Rala disse com aquele tom sinistro que as mulheres adotam quando estão fartas.

Sem dizer uma palavra, Rala se inclinou para frente, agarrou a trança de Muloch e puxou enquanto ela se afastava. Nós gargalhamos coletivamente, enterrando seu grunhido de dor enquanto ele se levantava. Ele seguiu sua companheira enquanto xingava baixinho.

— O que diabos aconteceu? — Belle perguntou, espantada.

— A coleira falou — meu pai disse, ainda rindo — Quando não se consegue argumentar com um homem, é assim que nossas mulheres encerram a discussão.

Os olhos de Belle se arregalaram, então seu rosto assumiu uma expressão especulativa enquanto ela olhava para minha trança.

— Não tenha ideias estranhas, mulher — eu rangi entre os dentes de forma ameaçadora.

Totalmente não impressionada, minha companheira sustentou meu olhar inabalavelmente com uma expressão excessivamente doce que não fazia mistério de que, se necessário, ela usaria descaradamente minha coleira para me curvar à sua vontade.

Maldita mulher...



Capítulo 12

Annabelle

Os dias seguintes passaram em um piscar de olhos. Com a nossa partida iminente em uma viagem que duraria pelo menos alguns meses, Bayron me fez passear por Xoccoris. Entre as visitas guiadas, as compras e a participação em vários eventos realizados localmente ou em complexos de clãs vizinhos, eu estava tendo uma boa noção do meu novo povo.

Os Zamorianos não eram o povo bárbaro frequentemente descrito por pessoas de fora do planeta. O que outros consideravam crueldade e falta de honra era apenas um conflito cultural. Sendo eu mesma uma estrangeira, eu lutei com algumas de suas filosofias; suas opiniões sobre o que eu considerava trapaça sendo a principal delas. Ainda assim, eles conquistaram meu respeito e gratidão por me permitirem expressar livremente minha opinião divergente, sem me atacar por não ter ficado do lado deles no final.

No entanto, eu não tive problemas com seus jogos de astúcia aqui mesmo em Xoccoris. Todos jogaram com o mesmo entendimento das regras. Assistir a um deles sendo prejudicado pelo que eles acreditavam ser uma vitória certa por alguma estratégia inteligente de um rival que ninguém previu, na verdade, provou ser bastante hilário. Os Zamorianos eram extremamente espertos. E apesar de falarem mal de segundos lugares, eles reconheciam e elogiavam os “perdedores” que criavam uma tática brilhante que simplesmente foi superada por outra.

Entre outros desafios, por mais que meu eu amante de monstros estivesse ansioso para estar imerso em uma cultura alienígena, viver aqui não era só flores e arco-íris. Eu inocentemente fiz tantas coisas inapropriadas que parei de contar. Quando cada rosto que lhe dava “o olhar” o fazia com dois pares de olhos, você rapidamente começava a se sentir minúscula.

Meus primeiros erros desencadearam reações indignadas, até que perceberam que eu era simplesmente desinformada. Felizmente, a notícia se espalhou rapidamente dentro do clã. Cada vez que eu estraguei tudo depois disso, as pessoas gentilmente me esclareceram

com uma risada. Para meu total aborrecimento, alguns companheiros de clã ficavam à espreita sempre que me viam, só para ver qual seria minha próxima cagada. Os mais agravantes chegaram a fazer apostas.

Mesmo assim, eu aprendi da maneira mais difícil a não piscar o olho direito para ninguém, principalmente em resposta a uma criança que faz uma careta fofa para mim. Uma piscadela de olho direito era essencialmente um avanço sexual. Nem preciso dizer que a mãe da criança ficou louca e provavelmente teria gritado brutalmente comigo se Bayron não tivesse interferido para descobrir a fonte da ira da mulher.

Meu eu irremediavelmente inquieto também descobriu que bater distraidamente no lábio inferior com uma caneta ou um dedo em público era proibido. Basicamente, isso significava que você pensava que quem estava falando – com você ou com outra pessoa – estava mentindo ou falando merda.

Até mesmo educação tinha um significado completamente diferente aqui. As mulheres abriam as portas e deixavam os homens entrar primeiro. Se não houvesse homens com as mulheres, a mulher mais fraca abria a porta para a mais forte entrar. No início, eu pensei que fosse uma demonstração confusa de submissão. Acontece que, como você não sabia que ameaça poderia estar escondida na nova área em que estava entrando, o melhor protetor deveria entrar primeiro para protegê-la, se necessário. O fato de eu ter ido na frente de Bayron não apenas significava que eu estava diminuindo sua masculinidade, mas também insinuava que eu faria um trabalho melhor protegendo nós dois se as coisas ficassem feias.

Até parece...

Por tudo isso, eu estava amando meu novo povo e como eles me abraçaram de todo o coração, com estranhezas, erros e tudo mais.

Mas esta manhã foi especial. Quatro dias se passaram desde que trouxemos Ferach para Krogal. Eu nomeei o lobo de pedra com a palavra Zamoriana para um guerreiro invencível pela adversidade. Diante da gravidade dos ferimentos, Ferach precisou de mais tempo do que os dois dias que Krogal havia inicialmente estimado. Uma série de complicações surgiram devido ao filhote estar em um estágio inicial de desenvolvimento.

Bayron e eu entramos na clínica onde finalmente obteríamos o veredicto. Nós acenamos com a cabeça para Dhalgal, que gesticulou para que entrássemos na sala de exames, onde Krogal se juntaria a nós em breve. Eu visitava Ferach todos os dias para ver como ele estava. Ele acordava e desmaiava ocasionalmente durante esse tempo. Mas no minuto em que ele me via, seus quatro olhos brilhantes se fixavam em mim e ele tentava se mover em minha direção.

Estando muito fraco e tonto, ele falhava sistematicamente. De

qualquer forma, ele não poderia me alcançar, pois a cúpula de vidro de sua cápsula médica permanecia fechada para manter um ambiente estéril enquanto ele se curava. Ainda assim, seu aparente desejo de contato comigo me comoveu profundamente. Krogal acreditava que Ferach tinha uma ligação comigo como sua nova mãe. No entanto, ele foi rápido em apagar a alegria que despertou dentro de mim, me lembrando que os lobos de pedra não eram animais de estimação domesticados.

Tanto Krogal quanto Bayron me avisaram desde o primeiro dia que eu não seria capaz de ficar com ele, mas eu não estava pronta para deixá-lo ir. Ferach conquistou meu coração no momento em que o vi lutando para sobreviver. O fato dele ter quatro olhos azuis como o do meu marido – embora os do lobinho brilhassem – parecia ainda mais um sinal de que isso estava destinado a acontecer.

Hoje, eles mudaram Ferach para uma jaula. Assim que ele nos notou, ele se levantou, com a língua rosa excessivamente longa e pontuda pendurada enquanto abanava o rabo. Ele não fez isso da maneira rápida e frenética que os cães fazem para expressar sua felicidade. O movimento era lento, quase hipnótico, me lembrando uma cobra deslizando lentamente pela grama para evitar alertar a presa sobre sua presença, mas sem a vibração sinistra.

O brilho nos olhos de Ferach se intensificou. Eu descobri que emoções fortes e positivas provocavam o brilho, enquanto as emoções negativas diminuía o brilho ou lhe davam um tom mais escuro.

— Ele parece muito melhor — Bayron disse quando paramos em frente à jaula.

— Ele está — eu disse com entusiasmo — Krogal fez um trabalho incrível. Não vejo nem cicatriz onde o ocaih o mordeu e quebrou sua perna.

Bayron grunhiu de forma evasiva. Eu não precisava ler mentes para saber que ele estava preocupado com o fato de eu estar otimista demais.

— Ele parece feliz em me ver — eu disse enquanto Ferach pressionava o rosto contra a jaula.

— Não! — Bayron exclamou, me assustando quando eu levantei a mão para coçar a orelha do filhote através das grades — Ele não está mais sedado ou grogue. Ele pode te morder.

— Ele não vai — Krogal disse atrás de nós, fazendo minha alma quase pular do corpo.

Como diabos um homem tão grande se move tão silenciosamente?

— Pelo menos, nem ela nem eu — Krogal corrigiu com uma expressão provocadora enquanto olhava para seu primo.

Eu ri enquanto Bayron lhe lançava um olhar brincalhão e sinistro.

No entanto, toda a diversão desapareceu em favor da antecipação

quando Krogal abriu a jaula de Ferach. Assim que o veterinário o pegou, o filhote se mexeu e balançou, estendendo suas pequenas patas para mim. Meu coração se encheu de carinho pelo jovem lobo e eu estendi minhas mãos ansiosas para ele.

Apesar da preocupação óbvia de Bayron, Krogal me deu o filhote. Ferach não lambeu meu rosto como um cachorro faria. Em vez disso, ele esfregou o rosto no meu, especialmente o pelo fofo que cobria sua testa, nuca e costas. Eu queria esmagá-lo com amor.

— Por favor, me dê boas notícias — eu disse a Krogal enquanto acariciava o filhote.

Ele se apoiou no balcão sobre o qual repousava a jaula e cruzou os braços primários sobre o peito largo, com uma expressão séria no rosto.

— A infecção desapareceu e os ossos das pernas estão suturados. Foram necessárias algumas cirurgias e múltiplas reconstruções, mas parece que eu tive sucesso — Krogal disse em um tom factual, desprovido da habitual ostentação dos Zamorianos — Ele não deverá mancar ou ter qualquer efeito prolongado disso. Mas eu não posso garantir isso. Só o tempo irá dizer.

— Isso é maravilhoso!! Eu sabia que você conseguiria! — eu exclamei, sorrindo para ele antes de dar outro aperto e um beijo em Ferach no topo de sua cabeça peluda.

— Mas suas glândulas suprarrenais ainda estão uma bagunça — Krogal disse em um tom de desculpas — Eu não posso consertar isso. Eu entrei em contato com todos os meus contatos e nenhum deles pôde ajudar. A única solução seria cultivar novas glândulas a partir de células-tronco de um doador compatível, o que não temos.

— Não... — eu suspirei, desanimada — Então, o que isso significa para Ferach?

— Isso significa que ele precisará viver em um ambiente controlado, onde suas chances de lesões e infecções são mínimas ou nulas — Krogal disse — Isso também significa que sempre que ele se machucar, você precisará administrar tratamentos com antibióticos para compensar seu sistema imunológico quase inexistente.

— Eu posso fazer isso — eu disse com firmeza.

— Belle, eu não sei quão viável isso será a longo prazo — Krogal advertiu — Ele ainda é um filhote. Fazer com que ele corra ao redor de sua nave será suficiente por enquanto. Mas à medida que envelhecer e crescer, ele precisará de um espaço mais vasto, de áreas selvagens para caçar e de um território para reivindicar como seu. Se ele for privado disso, ele pode ficar inquieto e talvez até violento.

— Por enquanto, a sala holográfica da minha nave deve dar a ele aquela sensação de natureza selvagem, assim como uma experiência de caça realista, porém segura — Bayron interveio.

Eu me animei, meus olhos se arregalando de admiração ao ouvir essas palavras. Eu nem tinha pensado nisso. Na verdade, Ferach poderia ter uma experiência de caça completa com as criaturas mais selvagens, sem risco de ferimentos ou envenenamento. Eu lancei um olhar esperançoso para Krogal.

Ele franziu os lábios e assentiu lentamente — Isso deve funcionar, pelo menos a curto prazo. Mas você precisará ficar de olho nele à medida que ele envelhece, em busca de qualquer sinal de inquietação. Novamente, ele não foi feito para ser domesticado.

— Pode haver outra pessoa que possa ajudar com suas glândulas — Bayron disse em um tom cauteloso — Não tenha muitas esperanças, minha companheira. Eu demorei para tocar no assunto porque esperava que Krogal pudesse ter encontrado uma solução milagrosa. Não há garantia de que eles conseguirão ajudar, mas eles podem dar uma olhada e ver se algo pode ser feito.

— Oh meu Deus! Sério? — eu perguntei — Quem?

O rosto de Krogal refletia a mesma curiosidade.

— Os Ordosianos — Bayron disse calmamente.

Meu queixo caiu e então meu coração afundou — Os Ordosianos? Eles não querem se misturar com pessoas de fora do planeta e ninguém tem permissão para chegar perto de suas cidades.

Eu omiti a parte de que ele provavelmente era uma persona non grata para eles. Portanto, as chances deles nos fornecerem qualquer tipo de assistência eram provavelmente inexistentes.

— É verdade, mas eles também são extremamente dedicados à proteção da flora e da fauna. É verdade que o foco deles está nos de seu mundo natal, mas eles não negariam um filhote. Quando se trata de conhecimento veterinário, poucos conseguem rivalizar ou superar sua experiência.

— Tudo bem, mas como podemos convencê-los a dar uma olhada em Ferach? — eu perguntei, um pedaço de esperança querendo criar raízes em meu coração.

— Eu entrei em contato com Kayog há dois dias e expliquei a situação. Ele os contatou — Bayron disse presunçosamente — Eles concordaram em examinar o filhote quando chegarmos a Trangor para caçar em duas semanas.

O grito que me escapou assustou o lobo. Ele gritou, suas garras saindo para se agarrar a mim. Se Krogal não as tivesse cortado quando ele chegou à clínica, eu teria algumas lacerações bastante desagradáveis agora. Eu teria que me lembrar de mantê-las curtas.

Mas eu rapidamente descartei esse pensamento enquanto olhava para meu marido com admiração, meus olhos marejados de emoção. Eu me pressionei contra ele, tomando cuidado para não esmagar o filhote. Ele passou um braço em volta de mim.

— Você é incrível pra caralho — eu disse com a voz trêmula — Eu não acredito que você fez isso.

— Claro, minha companheira. É meu dever antecipar e atender às suas necessidades, lembra? — ele disse com aquela voz estrondosa que sempre me dava arrepios — Tudo o que eu puder fazer para te deixar feliz, eu farei.

— Eu não sei o que fiz para merecer você, mas estou tão feliz por ter casado com você — eu disse, sufocada pela emoção.

Ficando na ponta dos pés, eu levantei meu rosto em direção ao dele. Bayron se abaixou e capturou meus lábios em um beijo carinhoso. Embora fosse muito cedo para eu já estar apaixonada por esse homem, a sensação que deixou meu coração à beira de explodir deixou claro que eu estava no caminho certo.

Krogal pigarreou e nos tirou daquele momento de ternura. Em minha alegria e admiração por meu marido, eu esqueci completamente a presença de seu primo. A julgar pela forma como o rosto de Bayron escureceu e sua expressão mortificada, ele também havia esquecido. Eu quase senti pena de tê-lo “enganado” com essa demonstração pública de afeto. Embora eu não tivesse escrúpulos em segurar sua mão e sentar nele em público, normalmente eu o poupava da parte do beijo.

Eu sorri para Krogal — Me desculpe — eu disse sem qualquer remorso ou culpa genuína.

Ele bufou e balançou a cabeça para mim — Eu estava pensando em entrar em contato com Kayog para encontrar uma companheira. Estou começando a reconsiderar.

Eu ri — Você devia! Você foi feito para se casar com uma carinhosa. Não critique antes de experimentar!

Ele grunhiu de forma evasiva enquanto Bayron ria.

— Me mantenha informado sobre o que acontecer com os Ordosianos — Krogal disse ao meu marido — Enquanto isso, vou mostrar como alimentá-lo, cuidar dele e os exercícios que ele precisará fazer diariamente.

Nós assentimos e passamos o tempo seguinte seguindo suas instruções.



Nossos últimos dois dias em Xoccoris passaram rápido demais e ainda assim não o suficiente. Uma parte de mim odiava deixar minha nova família, e a outra mal podia esperar para finalmente visitar Trangor. Não só porque eu secretamente desejava ter sido pareada

com um Ordosiano, mas também porque eu esperava que eles conseguissem curar Ferach.

Nossa partida encontrou a mesma aparente indiferença que nossa chegada. Ninguém nos acompanhou até a nave. Nós não recebemos um único abraço, votos de boa viagem ou qualquer outra coisa do gênero. Você pensaria que estávamos apenas fazendo algumas tarefas, em vez de uma longa viagem que duraria pelo menos alguns meses.

Enquanto ele se acomodava na cadeira do piloto e eu me sentava ao lado dele na cadeira do copiloto, eu não conseguia parar de pensar nisso. Eu me abaixei e distraidamente acariciei Ferach, ocupado destruindo um brinquedo de roer.

— Por que ninguém veio se despedir? — eu finalmente perguntei quando Bayron iniciou nosso voo — Você é claramente próximo de sua família e todos os seus companheiros de clã parecem gostar de você. Eles não se importam que você esteja indo embora?

Bayron sorriu — Claro que se importam. No entanto, o que você considera uma despedida adequada ou boas-vindas, nós consideramos um convite ao azar.

Eu recuei, esperando qualquer tipo de resposta, *menos essa* — Como diabos isso é azar? O objetivo de uma despedida é desejar boa sorte. E as boas-vindas mostram nossa felicidade por você estar de volta, são e salvo.

— Você respondeu sua própria pergunta, minha companheira. Se você tem que desejar boa sorte a alguém e se alegrar por ele ter retornado em segurança, isso implica que você acha que há uma boa chance de algo ruim acontecer — ele respondeu com naturalidade — Ao tentar afugentar o mal, você chama a atenção dele para você. Ao ignorá-lo, você o priva de seu poder sobre você. Eles não se preocupam com a minha partida porque estão confiantes de que eu voltarei são e salvo.

— Uau... eu nunca pensei nisso dessa forma — eu disse pensativamente. Para uma pessoa supersticiosa como eu, isso tocou um nervo — Mesmo assim, eu gosto de como as despedidas são uma forma de lembrar à pessoa que você se preocupa com ela e que sentirá falta dela.

— Essas são coisas que devem ser comunicadas regularmente, Belle, e não apenas quando a pessoa sai. Não é quando as pessoas saem da sua vida que você deve deixá-las saber que você se importa. É enquanto elas estão ao seu lado que isso importa.

— Bem, você não me disse que se importava comigo — eu disse, meio brincando — Isso significa que você não se importa?

— Eu a reivindiquei, mulher boba. É claro que me importo.

— Ótimo, porque eu gosto muito de você, Bayron — eu não consegui tirar o sorriso estúpido do meu rosto. Eu não estava

procurando elogios. Minha boca sempre tinha vontade própria.

— Naturalmente. O que há para não gostar em mim?

Eu comecei a rir e balancei a cabeça para ele, o que fez Ferach olhar curioso para mim, depois para Bayron antes de voltar para destruir seu brinquedo. Foi bom eu ter armazenado um monte deles. Na pior das hipóteses, eu poderia criar mais com materiais seguros para ele usando o fabuloso escultor 3D que Kayog me presenteou.

— Você não tem jeito — eu disse, divertida, mesmo sabendo que ele só disse isso para me fazer rir.

Apesar de todo o seu mau humor, Bayron começou a se soltar perto de mim, inclusive fazendo piadas, o que eu simplesmente adorei. Algumas pessoas provavelmente achariam algumas delas ruins, mas eu tinha um senso de humor bobo e sempre ria de verdade. Suas piadas eram ainda mais engraçadas porque ele as fazia apenas para me fazer rir – não por algum senso de humor recém-descoberto. Bayron gostava do som da minha risada.

— Nisso, nós concordamos, minha companheira.

Nós conversamos amigavelmente por um tempo antes de eu ir para meu estúdio para começar a trabalhar nas pinturas em tamanho real dos muitos esboços que fiz em Xoccoris. Este estava para se tornar meu melhor trabalho. Embora Bayron tenha expressado claramente que preferia uma dona de casa – principalmente para que ela pudesse segui-lo aonde quer que suas caçadas o levassem – ele não teve problemas comigo seguindo minha própria carreira. Ele apoiou extremamente minha arte, chegando ao ponto de se oferecer para pagar integralmente por uma exposição para mim assim que eu completasse uma coleção.

Ele recebeu meus protestos iniciais com seu habitual olhar de “não discuta comigo, mulher”, misturado com indignação. Eu precisava constantemente me lembrar de que, para ele, suprir todas as minhas necessidades era muito mais do que um dever, mas um grande motivo de orgulho. Ele me deu acesso total ao seu dinheiro, que eu raramente gastava porque não precisava de nada. Sua considerável riqueza ajudou a atenuar minha culpa. Mesmo assim, eu queria ganhar alguns créditos para mim, pelo menos para poder comprar um presente de aniversário para ele sem usar seu próprio dinheiro para fazer isso.

Nas duas semanas de nossa viagem a Trangor, nós estabelecemos uma rotina confortável. Ferach ficava perto de mim enquanto eu pintava e se juntava a Bayron quando ele treinava ou fazia algumas simulações de caça. Nós dividimos igualmente as tarefas de cuidar do filhote, desde treinar para usar o banheiro, alimentá-lo, dar banho – o que Ferach surpreendentemente adorou – e fazer os vários exercícios que Krogal havia instruído.

Eu adorava a maneira firme, mas gentil com que ele tratava

Ferach, mesmo quando o disciplinava. Isso me deu uma visão maravilhosa do tipo de pai que ele seria no dia em que tivéssemos filhos. Embora eu quisesse muitos deles, eu não tinha pressa em começar a tê-los. Bayron e eu tínhamos que nos conhecer muito primeiro e apenas aproveitar algum tempo juntos antes que os pequeninos se tornassem nosso foco total. Cuidar de Ferach já dava muito trabalho.

Isso não nos impediu de praticar bastante como fazer bebês. Nós só tínhamos que ter cuidado e garantir que o filhote fosse trancado em um local seguro quando transávamos. No início, eu pensei que Ferach estava apenas com ciúmes, mas a postura ameaçadora que ele assumia em relação a Bayron enquanto agia de forma protetora comigo indicava que ele pensava que meu marido estava me atacando.

Algumas pesquisas revelaram como os caninos em geral não gostavam de beijos, especialmente no rosto, que consideravam uma ameaça de mordida. E pensar que eu nunca notei os sinais de desconforto deles antes de ler esses artigos. Agora eles pareciam tão óbvios.

Nós acabamos tendo que treiná-lo também para não perceber a intimidade leve entre Bayron e eu como uma ameaça. No entanto, considerando o quão barulhentos nós éramos durante o sexo, não haveria como ensiná-lo que meu marido não estava literalmente reorganizando minhas entranhas enquanto metia em mim.

Apesar de tudo isso, Ferach estava prosperando e parecia muito feliz. Olhando para ele, ninguém imaginaria que ele havia sobrevivido a um encontro muito próximo com a morte ou que estava tão vulnerável ao menor arranhão ou infecção.

Com a silhueta de Trangor surgindo ao longe, eu pude sentir que outro vento de mudança estava prestes a varrer minha vida.



Capítulo 13

Bayron

Araiva tomou conta de mim enquanto descíamos da nave até o imenso hangar do acampamento base da Federação dos Caçadores Galácticos em Trangor. Este era meu quarto ano aqui. Eu conhecia a maioria dos caçadores e tinha ouvido falar vagamente sobre os novos rostos. Mas hoje, pela primeira vez, o desprezo ou a óbvia antipatia que eles expressaram ao olhar para mim me irritaram.

Eu nunca me importei com o que eles sentiam por mim. Na verdade, eu achava bastante divertido o aborrecimento deles. Para mim, o ressentimento deles pelo fato de eu continuar a superá-los através de uma mistura de habilidades e inteligência, enquanto permanecia dentro dos limites das restrições das regras, era o maior elogio que eles poderiam ter me dado. Eu me deleitava com sua amargura.

Mas agora, minha companheira – minha companheira *humana* – testemunhando esse desprezo deu um significado completamente diferente... um significado que me cortou profundamente.

Uma mulher Zamoriana teria rido deles e acariciado orgulhosamente a trança de seu companheiro para demonstrar sua aprovação. Ela poderia até zombar deles sobre se tornarem mais inteligentes, em vez de reclamar por terem sido enganados. Mas Belle se sentiu envergonhada pelo que considerava uma rejeição pública. Ela tentou parecer corajosa, levantando o queixo e colocando uma expressão neutra no rosto. Mas no fundo, eu sabia a verdade.

Minha esposa sente vergonha por minha causa.

Eu queria bater na cabeça de cada um desses *kahbra* por lhe causarem angústia e por fazê-la pensar mal de mim por causa de coisas que eu ainda não considerava erradas. Desde a primeira vez que discutimos sobre Serena e a Primeira Caçada, eu suspeitava que minha participação nas caçadas – especialmente aqui em Trangor – poderia causar problemas em nossa união. Nunca, em um milhão de anos, eu esperei que fosse atingir tão profundamente.

Os olhares cheios de simpatia – até mesmo de pena – dos outros caçadores lançados no caminho de Belle me enfureceram ainda mais.

Como eles ousam insinuar que deveriam sentir pena de minha esposa por ter se casado com alguém como eu? Como eles ousam insinuar que eu era um marido inadequado?

Reprimindo o grunhido que me sufocava, eu levei minha companheira para fora do hangar – que também servia como sala de reunião pré-caça – e pelo longo corredor até nossos alojamentos no acampamento base. Por um momento, eu pensei em voltar para a nave e retornar à estação orbital para que pudéssemos ficar em nossa nave durante a caçada.

No entanto, eu imediatamente descartei esse pensamento. Isso não só permitiria que nossos supostos agressores vencessem, mas também nos incomodaria muito. Como Trangor não era um planeta turístico, a estação espacial servia apenas como um espaçoporto para naves maiores atracarem para que suas tripulações pudessem levar um ônibus espacial para a superfície. Não havia entretenimento ali. Belle ficaria basicamente sozinha e prisioneira em nossa nave. E eu teria que me separar dela bem cedo todas as manhãs para voar até a superfície a tempo para o início da caçada.

Além disso, o acampamento base da Federação constituía apenas um dos três edifícios extraterrestres que os Ordosianos permitiram que fossem construídos em seu planeta natal. Portanto, alugar um quarto de hotel ou outra moradia na superfície não era uma opção. Nós não tínhamos outra escolha a não ser “engolir”, como minha Belle adorava dizer sempre que eu reclamava de sua necessidade de abraçar ou fazer coisas românticas.

Nós caminhamos em silêncio, cada um de nós perdido em seus próprios pensamentos. Como eu já tinha estado aqui antes, eles pré-programaram a fechadura dos nossos aposentos com a minha assinatura biométrica. Eu rapidamente adicionei Belle à fechadura para que ela pudesse entrar e sair livremente quando eu estivesse caçando. Nós entramos então em nossos aposentos.

Assim como acontece com todos os eventos da Federação, as acomodações ofereciam muito mais espaço e conforto do que a maioria dos locais de caça menores. Ainda assim, comparado com a minha nave, e ainda mais com a nossa residência em Xoccoris, o quarto seria qualificado como modesto. Uma cama de solteiro enorme – fornecida como cortesia para caber no meu tamanho muito maior – ocupava um quarto do quarto. Um sofá de couro, mesinha de centro de madeira e telão compunham a área de estar, e uma mesa para duas pessoas ocupava o espaço do outro lado da cama, ao lado da porta que dava para a sala de higiene da suíte.

As cores branca e cinza claro das paredes e dos móveis faziam com que parecesse mais espaçoso, e a grande janela para a natureza selvagem de Trangor evitava que parecesse confinante.

Eu coloquei nossas malas e a jaula de Ferach no chão e depois o soltei. Ele imediatamente começou a explorar seu novo domínio temporário. Nas três semanas desde que o resgatamos, o filhote cresceu consideravelmente. Ele já tinha meio metro de altura. Na maturidade completa, ele teria pouco mais de um metro e meio de altura e pesaria cerca de duzentos e trinta quilos, mais com sua pele de pedra.

Belle o observou com um sorriso maternal antes de virar seus lindos olhos azuis para mim. Apesar de sua expressão neutra, desprovida de qualquer condenação ou tensão, um inegável constrangimento pairava entre nós.

— Lamento que você tenha que enfrentar isso — eu disse, quebrando o silêncio, com as costas rígidas de raiva e um sentimento de culpa com o qual não conseguia me reconciliar.

— Você não precisa se desculpar pelas opiniões e ações dos outros — ela disse com voz gentil — Eles não entendem sua maneira de pensar e de abordar a competição.

— Você entende? — eu desafiei.

— Sim. Agora que eu passei algum tempo com seu povo, entendo seus costumes e mentalidade — Belle respondeu.

— Mas você não concorda com eles — eu insisti.

Eu prendi a respiração enquanto Belle pensava cuidadosamente em sua resposta. Por mais impaciente que eu me sentisse, eu adorei que, por mais impulsiva que minha companheira tendesse a ser, quando se tratava de conversas sérias, ela sempre dava respostas atenciosas e honestas.

— Na verdade, isso não é só preto e branco — minha mulher disse pensativa — Eu não tenho problemas com seus métodos. Aqueles jogos de inteligência em Xoccoris me divertiram muito. Eu só acho que há uma hora e um lugar para isso. Como dizemos na Terra, quando estiver em Roma, faça como os romanos.

— Isso significa que, ao participar de uma caçada galáctica, faça como os caçadores galácticos fazem? — foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Belle assentiu.

Eu odiava essa perspectiva, mas simplesmente por princípio. Com meu enorme ego – baseado em habilidades comprovadas – eu me sentia confiante de que poderia vencer a caçada. Mas isso se resumiria a eles me dobrarem à sua vontade. Eles venceriam esta guerra psicológica e se convenceriam de que me envergonharam e me obrigaram a obedecer.

Mas essa derrota é tão ruim assim se deixar minha companheira feliz?

— E se eu não fizer isso, Belle? E se eu seguir meus caminhos? Você vai ficar ressentida comigo? — eu perguntei, orgulhoso por

minha voz permanecer sem confronto.

Para meu choque e alívio, minha esposa balançou a cabeça sem hesitar — Eu sabia no que estava me metendo quando me casei com você, embora não entendesse muito bem sua mentalidade naquela época. Eu não tenho o direito de *exigir* que você mude agora. Eu preferiria que você seguisse as regras galácticas? Sim. Não tenho dúvidas de que você achará isso muito mais gratificante do que pode imaginar. E então as pessoas poderiam realmente ver que você é um caçador formidável, em vez de permanecerem presas à sua abordagem diferente da competição. Mas seja qual for a sua escolha, eu sou sua esposa e estarei ao seu lado.

Meu coração se encheu de uma emoção que era muito cedo para nomear ou falar em voz alta. Mas meu rosto sem dúvida soletrou isso para mim. Belle estremeceu, uma emoção poderosa se instalou em seu lindo rosto enquanto seus olhos se enchiam de esperança. Eu a puxei suavemente para meu abraço, e meus braços secundários a envolveram enquanto minhas mãos primárias seguravam suas bochechas.

Eu estudei suas feições, ainda incapaz de acreditar que essa mulher delicada — essa humana — estava roubando meus corações.

— Estou tão feliz por ter me casado com você, Belle. O Temern estava certo. Você realmente é minha alma gêmea — eu sussurrei antes de me inclinar e reivindicar sua boca.

Justo quando eu estava aprofundando o beijo, meu comunicador tocou, assustando nós dois. Eu olhei para ele e uma estranha mistura de tensão e empolgação guerreou dentro de mim.

— Os Ordosianos estão a caminho — eu disse em resposta ao olhar curioso de Belle — Eles estarão aqui em dez minutos para ver o filhote.

— Ah, uau! Já? Como eles sabem que chegamos? — ela exclamou, animada.

Eu sorri — Eu mandei uma mensagem para eles depois que atracamos na estação espacial.

— Você é incrível! Eu sabia que você era para casar — Belle disse, me dando sua versão de um abraço esmagador, não que isso fosse esmagar alguma coisa.

Eu ri e retribuí o abraço, satisfeito por ela não poder ver meu desconforto subjacente.

Nós rapidamente preparamos uma bolsa com alguns dos brinquedos e guloseimas favoritos de Ferach, antes de seguirmos para a enfermaria, onde nos encontraríamos com os Ordosianos assim que eles chegassem. Assim que entramos, a Dra. Ahmad – a médica humana que sempre vinha prestar cuidados médicos durante as caçadas – nos cumprimentou. Ela nos levou direto para uma grande

sala de exames, geralmente reservada para tratamento veterinário das montarias que os caçadores ocasionalmente escolhiam para montar em vez de usar speeders.

Eu coloquei a gaiola de Ferach no chão de azulejos esbranquiçados da sala. Assim que abri a porta, o lobinho foi direto para a mesa de exames e, com um salto impressionante, pulou para cima. Você pensaria que ele era um felino em vez de um canino. Assim que pousou, ele se deitou sobre o lado esquerdo, estendendo a perna direita para que pudéssemos cuidar dela.

Eu bufei.

— Não, querido, não vamos tratar sua perna — Belle disse com uma risada — Temos pessoas muito legais vindo para examinar suas glândulas suprarrenais para que você possa fazer sua pele de pedra e ser o mais feroz lobo de pedra que existe.

Ela agarrou a pata dele e a sacudiu de brincadeira. Ferach emitiu um rosnado ronronante seguido de um meio latido enquanto chicoteava suavemente a mão dela com a cauda. Por mais que eu sempre me preocupasse quando o lobinho brincava com minha companheira, com medo de que ele a mutilasse acidentalmente com seus dentes afiados, eu não pude deixar de derreter ao ver o vínculo crescente entre eles. Principalmente, eu não pude resistir a imaginar que era com nosso filho ou filha que Belle estava brincando.

Minha companheira seria uma mãe maravilhosa. Ainda não havíamos discutido sobre ter filhos. Eu duvidei que o faríamos até depois do período experimental de seis meses imposto pela Agência Prime. Mesmo assim, o momento não era necessariamente ideal. Belle estava pintando sem parar durante nossa jornada até aqui. Suas peças eram deslumbrantes. É verdade que eu era tendencioso, pois aparecia em alguns deles, mas a chama que faltava inicialmente em seu trabalho anterior brilhou intensamente nesses. Eu suspeitei que ela iria querer dedicar sua energia à sua carreira florescente por um tempo.

Quanto a mim, eu nunca seria um pai ausente, mas ainda não estava pronto para diminuir minhas caçadas. No entanto, perambular constantemente pelo espaço também não era ideal para crianças em crescimento. Eles precisavam da estabilidade do clã e de estar rodeados de familiares e amigos. Ainda assim, o dia acabaria chegando, e eu ansiava por vê-la apaixonada pelo nosso filho.

Segundos antes de minha audição aguçada perceber alguém se aproximando, Ferach parou abruptamente de brincar com Belle. Pulando de quatro, ele ficou tenso e mostrou os dentes, o brilho de seus quatro olhos assumindo um tom mais escuro. E então eu ouvi um leve som de deslizamento logo antes da porta se abrir.

Eu conhecia muito bem o Ordosiano que entrou na sala. Eu

esperava que eles tivessem enviado outra pessoa, mas ele geralmente cuidava da maioria das negociações com pessoas de fora do planeta. Ver sua companheira humana ao lado dele me atingiu com força. Eu não falava com Serena desde nosso desagradável “confronto”, quando fui injustamente suspeito de ter assassinado inúmeras criaturas inocentes para fins de caça furtiva. Embora Serena tenha visitado o acampamento base nas poucas ocasiões em que ocorreram caçadas em Trangor nos últimos três anos, nós não havíamos exatamente procurado a companhia um do outro.

— Grande Caçador Szaro — eu disse em saudação enquanto ele deslizava em nossa direção, depois me virei para sua companheira — Serena.

Szaro não respondeu nem reagiu de outra forma. Seu rosto estava frio, as fendas negras de seus olhos verdes reptilianos pareciam mais estreitas do que nunca. Tendo uma longa cauda de cobra no lugar das pernas, o Ordosiano deslizou em nossa direção em um movimento lento e gracioso que ainda parecia ameaçador.

Como o predador máximo de sua espécie, Szaro era um inimigo letal contra o qual eu pensaria duas vezes antes de duelar. Nós combinávamos em altura, tamanho e força. Embora eu seja muito rápido, eu acreditava que o Ordosiano fosse um pouco mais rápido. Eu me lembrava muito bem de como ele havia destruído os Nazhrals que caçaram furtivamente durante a caçada.

A habilidade sobrenatural de sua espinha serpentina de se curvar e se esquivar, a maneira como sua cauda quebrou sem esforço todos os ossos do corpo de Djomoug e o veneno virulento que ele usou contra Tholya faziam qualquer um pensar duas vezes antes de enfrentar esse homem. E pensar que o simples barulho de sua cauda acelerava exponencialmente o efeito de seu veneno ainda me fazia estremecer. Que outras habilidades letais ele possuía?

Embora ela também não tenha falado comigo, Serena me deu um aceno rígido, seu rosto não revelando nenhuma de suas emoções. Pelo menos, até ela se virar para minha companheira, a quem ela olhou com flagrante curiosidade.

— Esta é minha companheira, Annabelle Skortheatis — eu continuei, como se eles não estivessem me dando o tratamento de silêncio — Belle, este é o Grande Caçador Szaro Kota e sua companheira Serena Bello.

— É uma grande honra conhecê-la pessoalmente — Belle disse, seus olhos brilhando com uma espécie de admiração muito semelhante à que ela lançou sobre mim quando nos conhecemos — Eu li muito sobre vocês dois. E você, Serena... errr, Sra. Bello, você é como uma mega estrela em toda a galáxia. Eu estou meio que me beliscando agora — ela acrescentou com uma risadinha nervosa.

Embora a pele morena de Serena fosse escura demais para mostrar seu rubor, sua expressão envergonhada a delatou. A expressão severa de Szaro derreteu quando ele lançou um olhar orgulhoso de lado para sua esposa antes de se virar para minha companheira. Apesar de saber que eu não deveria pensar que o Ordosiano poderia desrespeitar Belle por não gostar de mim, mesmo assim eu me senti aliviado quando ele sorriu gentilmente para ela.

— Suas amáveis palavras nos honram, Annabelle — Szaro disse — Na verdade, nós não acompanhamos as notícias galácticas.

— Bem, vocês dois se tornaram o novo conto de fadas moderno — Belle respondeu com entusiasmo — Uma heroína destemida coloca sua vida em risco para salvar os fracos e inocentes. Condenada à morte por essa ação altruísta, a heroína é salva por um dos terríveis homens de um planeta considerado selvagem, se não primitivo, que sacrifica a sua própria liberdade para que ela possa ser poupada. E desse casal mais improvável surgiu a mais romântica história de amor, superando conflitos culturais e adversidades.

Serena riu, em parte para esconder o quanto estava ainda mais envergonhada — Embora eu tenha conseguido meus felizes para sempre, acho que as pessoas estão exagerando um pouco.

— Dificilmente! Toda mulher quer ser você e gostaria de poder se casar com seu marido — minha companheira respondeu.

Desta vez foi a vez de Szaro rir — Eu disse à Serena que uma vez que você ficasse com um Ordosiano, você não teria tempo para nenhum outro homem.

Enquanto ele pronunciava essas palavras presunçosamente, ele lançou um olhar provocador para sua companheira. Serena lhe deu uma cotovelada de brincadeira em resposta.

Naquele instante, eu odiei o quanto me sentia excluído das brincadeiras amigáveis. Mesmo assim, eu fiquei animado com o fato de que qualquer amizade que florescesse entre eles facilitasse qualquer cuidado que pudessem prestar a Ferach.

Szaro sacudiu a língua bifurcada para mim e minha companheira. Essa era outra coisa que eu odiava. Os Ordosianos conseguiam reunir muitas informações apenas pelo cheiro que captavam com a língua. Isso incluía a distância de um alvo, seu gênero, estado de saúde, emoções que vão do medo à alegria, à excitação e até mesmo se alguém estava grávida. Você não poderia esconder muitos segredos deles.

Ele inclinou a cabeça para o lado com uma expressão melancólica, as fendas que lhe serviam de narinas em seu rosto reptiliano se alargando — Você não é o que eu esperava como companheira de um Zamoriano.

— De um Zamoriano ou de Bayron? — minha companheira

perguntou com um pouco de desafio em sua voz.

Szaro ergueu uma sobrancelha, surpreso com a pergunta — Ambos.

Belle deu de ombros — Você não é o único que pensa assim. Mas isso é porque nenhum de vocês conhece o verdadeiro Bayron. E a maioria das pessoas realmente não entende os Zamorianos.

Ela se virou para olhar para mim com uma expressão terna que me comoveu profundamente. Mais uma vez, minha companheira estava me defendendo contra aqueles que falavam mal de mim ou insinuavam coisas negativas sobre mim. Além de suas palavras, a convicção e a sinceridade subjacentes em seu tom me comoveram ainda mais.

Estendendo a mão para mim, Belle acariciou suavemente minha trança com uma possessividade que me fez querer ronronar. Se estivéssemos em Xoccoris, eu teria feito isso. Aqui, e especialmente diante desses dois, eu engoli em seco.

— Kayog nos considerou almas gêmeas, o que não duvido nem por um minuto — Belle disse com uma voz suave, olhando para mim com ternura antes de olhar para o outro casal — Com o tempo, espero que vocês – e todos os outros – vejam como ele é um bom homem.

Szaro e Serena me lançaram um olhar estranho misturado com confusão. Eles claramente não sabiam como responder ao comentário de minha companheira. Francamente, no lugar deles, eu também não saberia o que dizer. Felizmente, Ferach – provavelmente irritado por ter sido tão completamente ignorado – emitiu um som meio latido, meio rosnado, chamando nossa atenção coletiva.

— Não, amor, não nos esquecemos de você — Belle disse suavemente enquanto coçava a parte de trás da orelha direita de Ferach.

— Então este é o nosso paciente — Szaro disse, parecendo tão aliviado quanto eu por desviar a conversa do meu nível de simpatia.

Assim que ele começou a se aproximar dele, Ferach ficou tenso. Ele abaixou a cabeça, seu corpo tensionado enquanto ele mostrava os dentes com um rosnado baixo de advertência.

— Não, Ferach. Este é um amigo! — Belle disse, acariciando sua cabeça suavemente.

— Não se preocupe — Szaro disse à minha companheira com uma voz tranquilizadora.

Ele não parou seu avanço, levantando a ponta da cauda e começando a sacudi-la. Em segundos, a mesma profunda sensação de paz que tomou conta de mim pareceu afetar Ferach. A postura ameaçadora do filhote desapareceu e ele quase parecia tonto quando, momentos depois, Szaro gentilmente o alcançou com as duas mãos.

Ele não o pegou, em vez disso, ele procedeu a examiná-lo

manualmente. Eu já tinha ouvido falar do efeito apaziguador – quase hipnótico – do chocalho dos Ordosianos, mas nunca o havia experimentado antes. Pelo que entendi, eles poderiam usar seu chocalho para criar reações completamente diferentes nas pessoas que ouviam, desde esse efeito calmante, a criar pânico, a aumentar o efeito de seu veneno e até mesmo provocar uma excitação feroz.

Enquanto examinava o filhote, Szaro nos fez uma série de perguntas pontuais. Serena colheu algumas amostras de sangue e passou um scanner portátil no lobinho, que parecia quase sonolento.

Belle colocou a mão na minha enquanto os observava, a preocupação estampada em seu rosto enquanto esperávamos o veredicto. Eu passei meu braço em volta dela de forma tranquilizadora, meu polegar acariciando suavemente seu braço de uma forma calmante. Eu não perdi a expressão perplexa de Serena – embora rapidamente escondida – quando ela olhou em nossa direção.

Eu reprimi uma bufada. Considerando a nossa história, ela obviamente não conseguia me imaginar sendo carinhoso com ninguém, muito menos com uma mulher humana. As palavras da minha companheira de que poucas pessoas realmente conheciam meu verdadeiro eu se repetiram em minha mente. Ela não poderia ter sido mais precisa. No entanto, eu não poderia culpá-los. Os homens Zamorianos sempre projetavam uma imagem arrogante e dominante. Quando as coisas não acontecem do nosso jeito, nos tornamos barulhentos e ameaçadores. Mas isso não significa que nos transformamos em feras incontroláveis.

— O curandeiro fez um trabalho admirável na perna — Szaro disse por fim — Com base nas imagens e relatórios que Kayog nos encaminhou, nos perguntamos até que ponto isso funcionaria.

— Então ela está totalmente curada? — Belle perguntou, sua voz cheia de esperança.

Szaro balançou a cabeça — Não. Como era de se esperar, assim que Ferach começou a se mover novamente, ocorreu algum deslocamento. Mas não é nada que não possamos consertar. Espero que a perna se recupere totalmente. No que diz respeito às glândulas, isso exigirá muito mais tempo e esforço.

— Mas você acha que pode ajudar? — eu perguntei, a tensão aumentando dentro de mim com a terrível perspectiva de como uma resposta negativa esmagaria minha companheira.

Szaro hesitou — Eu não farei promessas, pois este lobo de pedra é uma espécie estranha para nós. No entanto, nós consertamos tipos semelhantes de defeitos em outras criaturas do nosso mundo. Estou bastante confiante de que, se não o curarmos completamente, seremos capazes de melhorar a sua condição o suficiente para que ele tenha uma vida normal.

— Isso é maravilhoso! Muito obrigada! — Belle exclamou.

— Não me agradeça ainda, humana. O trabalho não está concluído. Mas prometo que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para curá-lo — Szaro disse em um tom gentil, quase fraterno.

— Eu sei. Mas pelo menos agora temos esperança real — Belle disse, agradecida.

— De fato. Nós teremos que levá-lo conosco para Krada, a aldeia da nossa tribo — Szaro continuou — Apenas fiquem avisados que pode levar toda a duração da Grande Caçada para curarmos o filhote.

— Oh, uau, ok — minha companheira disse, parecendo um pouco desanimada — Mas... hmmm... eu poderei visitá-lo?

— Não.

A finalidade no tom do Ordosiano surpreendeu minha companheira. Eu sabia qual seria sua resposta, mas ainda me irritava vê-lo negando tão severamente minha mulher.

Serena colocou uma mão gentil no antebraço do marido antes de lançar a Belle um olhar de desculpas — Como você provavelmente sabe, estranhos não estão autorizados a entrar no território Ordosiano. Elas são consideradas terras sagradas. Mas eu posso organizar vídeos diários para que você possa ver como Ferach está se saindo e para que ele possa ver seu rosto e ouvir sua voz. Ele está claramente ligado a você.

— Ele está — eu confirmei, em nome de Belle — Obrigado por essa oferta à minha companheira. É muito generoso da sua parte.

— Sim, obrigada — Belle repetiu.

Serena sorriu, mais uma vez parecendo confusa ao olhar para mim. Depois de dar um último abraço em Ferach e beijar o topo de sua cabeça, Belle deixou o Ordosiano levar embora o filhote. Szaro se recusou a colocá-lo em uma jaula.

Nós os levamos até a saída do hangar sob o olhar atento dos outros caçadores que circulavam. Naturalmente, ver aquele casal interagindo conosco – ou mais especificamente comigo – de uma maneira que parecia ser amigável deixaria línguas balançando por um tempo.

Nós ficamos do lado de fora das portas do hangar enquanto eles montavam suas montarias. Nós permanecemos lá enquanto eles cavalgavam pela longa clareira em direção à floresta densa e até desaparecerem de vista.



Capítulo 14

Annabelle

A primeira semana em Trangor se arrastou um pouco para mim. Eu passei as três semanas anteriores quase constantemente ao lado de Bayron, perambulando pelo complexo com a mãe dele ou com Ferach perto de mim. Agora, com o filhote sendo cuidado pelo Ordosiano na vila de Krada, e Bayron fora durante o dia e a maior parte da noite enquanto caçava, eu me senti bastante solitária.

Eu não deveria me sentir assim. Afinal, eu fui solitária a maior parte da minha vida. Na verdade, eu suspeitava que o motivo pelo qual eu tagarelava tanto quando alguém finalmente me fazia companhia era para que eu pudesse compensar aqueles tantos dias e horas de silêncio. Mas desde que eu me casei com Bayron, eu fiquei bastante viciada nesse sentimento de pertencimento, de uma presença carinhosa ao meu redor.

Esse último pensamento realmente tocou no verdadeiro problema. Além da minha pintura me manter bastante ocupada, mesmo com os caçadores perseguindo os Flayers, o acampamento base ainda estava cheio de atividades. Vários outros caçadores trouxeram esposas com quem eu poderia tecnicamente interagir. Muitos funcionários da Federação de Caçadores também estavam por lá. Portanto, eu não deveria me sentir isolada. No entanto, eles não eram uma “presença atenciosa”, mas sim semi-hostil.

A hostilidade deles não era dirigida a mim, mas a Bayron. Como sua esposa, as pessoas agiam comigo de maneira educada e distante ou com uma comiseração que primeiro me envergonhava e agora me irritava. Eu não era vítima de um parceiro abusivo. Eu não fui enganada para me casar com ele. E eu com certeza não precisava de pena.

Eu rapidamente me distanciei das poucas pessoas que demonstraram interesse em conversar comigo. Não era por um desejo genuíno de me conhecer, mas mais para espalhar qualquer tipo de fofoca sobre Bayron e os Zamorianos em geral. Eles não responderam bem quando eu pinteí uma imagem positiva do meu marido, ou fizeram questão de tentar falar o máximo que podiam sobre ele. Qual

era o objetivo deles? Tentar fazer com que eu me divorcie dele ou pensar mal dele?

A única pessoa que teria motivos para agir de maneira tão ruim não o fez. Serena era a mulher incrível que eu imaginava que ela fosse. Ela nunca falou mal do meu marido – não que nenhum de nós tenha tocado no assunto. Ela sempre foi amigável e gentil comigo e manteve sua palavra sobre as chamadas de vídeo diárias para ver como Ferach estava.

Eu me acomodei no sofá da área de estar e liguei a tela, esperando ansiosamente pela ligação dela. Momentos depois, ela o fez.

— Oi, Serena — eu disse com um sorriso quando seu lindo rosto apareceu na tela — Você está deslumbrante! Esse top dourado só faz com que suas escamas se destaquem ainda mais!

Ela riu e assentiu, parecendo lisonjeada — Olá, Belle, e obrigada. Na verdade, é um vestido curto. Szaro adora quando eu visto isso. Ele não para de se gabar de eu ter algumas de suas escamas. A razão pela qual você sempre me vê com blusas sem mangas é porque ele me proibiu de cobrir minhas escamas. Você também notará que a maioria das minhas roupas não tem costas pelo mesmo motivo.

Eu ri — Bem, eu não posso culpá-lo. Ele é um marido orgulhoso. Você ficou assustada no dia em que lhe disseram que você desenvolveria alguns traços físicos alienígenas devido à sua união com ele?

— Claro! — Serena respondeu com uma bufada — Casar com um alienígena nunca esteve no topo da minha lista, muito menos casar com um que causaria algumas mutações físicas em mim. E, no entanto, eu não poderia estar mais feliz. Eu sou louca pelo meu Szaro.

— Fico emocionada em ouvir isso. Ao contrário de você, casar com um alienígena que possivelmente me mudaria e melhoraria sempre foi um sonho meu. Eu achei que acabaria com alguém com escamas, chifres e todos os tipos de outras características não humanas — eu disse melancolicamente — Quando Kayog me disse pela primeira vez que meu par perfeito não tinha nenhuma das opções acima, eu fiquei um pouco chateada. Mas no final, Bayron acabou sendo tudo que eu queria e muito mais. Eu estou muito feliz.

Serena estudou meu rosto por um breve instante — Você realmente se preocupa com ele, não é?

Eu balancei a cabeça com um sorriso suave — Aposto que você está chocada.

Ela se mexeu no assento, as engrenagens girando enquanto refletia sobre uma resposta adequada.

— Tudo bem. Obviamente, eu sei o que aconteceu entre vocês e por que você pode ter uma opinião negativa sobre ele. Eu não ficarei ofendida se você precisar desabafar — eu disse com uma voz gentil.

Serena sorriu com gratidão — Você é muito gentil, Belle. Eu agradeço sua oferta, mas não acredito em falar mal de alguém pelas costas, e muito menos fazer isso com sua companheira.

— Então você *pen*sa mal dele — eu insisti.

Serena se contorceu, uma leve carranca aparecendo em sua testa — Mal é uma palavra muito forte. Eu estava apenas usando a expressão comum. Bayron não está na lista das minhas pessoas favoritas. Se você tivesse me feito a mesma pergunta há três semanas, eu teria dito que não sentia nada além de desprezo por ele e deixado por isso mesmo.

— Três semanas atrás? Por quê? O que aconteceu? — eu perguntei, confusa.

Ela sorriu — Kayog, é claro. Ele nos mandou uma mensagem sobre seu filhote. Saber que ele combinou você com Bayron mudou tudo. Ele não ajudaria alguém que considerasse mau ou desprezível. E então conhecer você selou tudo, especialmente o que você disse sobre o fato de que nenhum de nós conhece o verdadeiro Bayron. Eu passei os últimos dias refletindo sobre suas palavras e sobre a maneira como ele agiu com você. Eu não achava que ele tivesse condições de cuidar de alguém além de si mesmo. Mas o carinho dele por você é inegável. Ele realmente quer te fazer feliz.

Meu rosto esquentou e foi minha vez de me contorcer na cadeira — Bayron é realmente um homem maravilhoso. Ele é tão doce, sempre me mimando e atendendo às minhas necessidades. Eu gostaria que mais pessoas vissem esse lado dele. Eu sei que é um tiro no escuro, mas eu adoraria se vocês dois pudessem passar alguns minutos conversando sozinhos. Os Zamorianos têm uma visão muito diferente sobre a competição. Mas eles não são trapaceiros. Para eles, não se trata apenas de habilidades, mas também de inteligência. É tudo uma questão de como você pode contornar as regras sem quebrá-las.

Serena franziu os lábios enquanto ponderava, depois assentiu lentamente — Sim, entendo o que você quer dizer. Cada um de nós tenta criar as melhores armas, ferramentas, armadilhas e táticas para maximizar nosso número de mortes limpas no menor tempo possível. Eu me lembro de ter ficado impressionada com o método que Donovan usou durante a Primeira Caçada para vencer. Eu não tinha pensado nisso. Mas a diferença é que as mortes foram dele, pelas suas próprias mãos.

— Eu não contesto isso — eu admiti — Como humana, eu penso o mesmo.

Ela me deu um sorriso simpático — Mas pelo que importa, seu marido não irritou muitas pessoas desde a Primeira Caçada. Ele está levantando mais algumas sobrançelas este ano ao usar feromônios mais uma vez para atrair Flayers. Pelo menos, ele está matando todos

eles sozinho. Infelizmente, como você bem sabe, basta uma coisa “ruim” para arruinar uma reputação. Mas serão necessários cem coisas boas para restaurá-la.

— E restaurada ela será — eu disse com firmeza.

Serena riu — Eu acredito que você pode fazer isso. Ele tem sorte de ter alguém tão leal quanto você.

Eu dei de ombros — Nós temos sorte de ter um ao outro. Agora, onde está Ferach? — eu perguntei, feliz por finalmente ter conseguido plantar a semente que eu queria.

Preocupação instantânea me encheu ao ver a expressão de desculpas de Serena — Infelizmente, ele está inconsciente agora e permanecerá assim pelos próximos dias, pelo menos. Basicamente, estamos aplicando ao seu sistema endócrino um tratamento de choque que, esperamos, irá estimular as glândulas suprarrenais e forçá-las a aceitar a medicina regenerativa.

— Oh, tudo bem — eu disse, com meus ombros caindo — Mas ele está bem, certo?

— Sim, com certeza — Serena disse em um tom tranquilizador — Eu ficarei triste em vê-lo partir, e meus filhos ainda mais.

Eu abri a boca para perguntar algo, mas mordi o lábio inferior para me silenciar.

Serena estreitou os olhos para mim — O quê? O que você ia dizer?

Eu dei a ela um sorriso tímido — Bem, Bayron mencionou que uma vez você veio ao acampamento base com seus filhos. Eu adoraria desenhar toda a sua família. O ideal seria que fosse diretamente em Krada, na frente da sua casa. Eu ouvi dizer que os homens Ordosianos fazem lindas esculturas na fachada da casa para homenagear os grandes acontecimentos da vida do casal. Mas eu sei que isso não é possível. No entanto, se todos vocês passarem pelo acampamento base...

Ela começou a rir da maneira desavergonhada com que eu bati os cílios para ela — Eu não farei nenhuma promessa, mas falarei com Szaro sobre isso. Em relação à casa, acho que os Anciãos ficarão bem se eu lhe enviar algumas fotos, se isso for suficiente para você.

— Isso seria incrível! — eu exclamei, batendo palmas, o que a fez rir ainda mais.

— Muito bem. Verei o que posso fazer... em relação a tudo o que discutimos.

— Obrigada, Serena. Eu aprecio muito isso.

Ela piscou para mim — Tchau, Belle. Falo com você em breve.

Dez dias depois de nossa chegada a Trangor, Bayron finalmente se sentiu confiante de que alguns dos marcos memoráveis da área eram seguros o suficiente para ele me levar em um passeio. Eu estava morrendo de vontade de fazer alguns passeios turísticos antes mesmo de pousarmos. Mas como todo o planeta é basicamente um enorme santuário animal, os Ordosianos impuseram muitas restrições sobre onde os estrangeiros poderiam circular livremente.

Nossos anfitriões realmente não queriam que perambulássemos por outras áreas além daquelas onde os Flayers estavam atualmente em debandada. Essas criaturas se reproduziam extremamente rápido. Uma vez por ano, durante o que os Ordosianos chamavam de estação dos nascimentos, Flayers doentes, idosos ou adultos solteiros eram expulsos de seu território para dar lugar aos recém-nascidos. Esses párias se espalhavam por toda parte, devastando a terra. Para proteger as espécies vulneráveis também no processo de nascimentos, os Ordosianos permitiram que a Federação dos Caçadores Galácticos viesse ajudá-los a erradicar esta ameaça.

No início, eu fiquei perplexa com o motivo pelo qual a Federação teria se envolvido. Claro, os Flayers eram criaturas “divertidas” de se enfrentar para caçadores experientes. Afinal, eles eram criaturas aterrorizantes. Mas é claro que tudo se resumia a dinheiro. A maioria dos órgãos de um Flayer tinha propriedades medicinais muito procuradas que as empresas farmacêuticas galácticas cobiçavam. Portanto, eles pagavam os maiores créditos por qualquer morte limpa que os caçadores cometessem com danos mínimos a esses preciosos órgãos.

Só de assistir às gravações da minha câmera acompanhando Bayron durante sua caçada, eu quase molhei as calças. Eu não sabia como ele e os outros caçadores faziam isso. Os Flayers me assustavam muito. Você não poderia me pagar o suficiente para ir até um e dizer oi.

A metade inferior de seus corpos parecia como se alguém tivesse cortado a parte frontal de uma centopeia e mantivesse apenas quatro pernas de cada lado. Um longo torso, que poderia pertencer a um humano gordinho, se projetava acima das patas dianteiras. Seus braços afiados como uma foice me lembravam os de um louva-a-deus com esteroides. Uma cabeça redonda, que basicamente se resumia a uma boca gigantesca cheia de dentes de adaga, pendia na ponta de um pescoço de quase um metro de comprimento. E para completar essa imagem sexy, pelo menos duas dúzias de olhos cercavam sua boca e as laterais do pescoço.

Felizmente, Bayron estava me levando para longe dos pontos críticos. Eu queria visitar os scogas – uma espécie de pequeno dragão

com cauda de camaleão que vivia nas árvores – mas eles moravam nas áreas proibidas. No entanto, eu veria um pouco da fauna incomum de Trangor.

Esse pequeno passeio foi ainda mais especial para mim porque meu marido estava sacrificando horas preciosas de caça para sair comigo. Normalmente, Bayron caçaria diariamente durante cada segundo disponível do tempo permitido. No momento, seus rivais continuariam marcando mais mortes, potencialmente ficando à frente dele. Considerando sua obsessão em vencer, o fato dele colocar minhas necessidades e felicidade acima disso significava muito para mim.

Com os braços em volta de Bayron, eu descaradamente apalpei meu homem enquanto estava sentada atrás dele em seu speeder. Ele achou que conseguiria fazer com que eu me comportasse. Sério? Como uma garota poderia manter as mãos afastadas quando tinha um conjunto delicioso de abdominais esculpidos ao seu alcance?

— Mulher, pare! Sua distração causará um acidente! — Bayron resmungou.

— Não, não vai — eu disse descaradamente entre dois beijos em suas costas — Certamente a sua grande disciplina de guerreiro Zamoriano o torna imune ao toque inocente de sua esposa? Afinal, eu não vou pegar nos gêmeos... ainda.

Eu ri de seu rosnado ameaçador. Por mais que meus dedos se contraíssem com o desejo de alcançar entre suas coxas, eu não abusaria tanto da minha sorte. Considerando a velocidade com que nosso speeder corria pela floresta, se Bayron perdesse o controle, eles teriam que raspar nossos restos mortais das árvores e do chão da floresta. Ainda assim, isso não significava que eu não pudesse brincar um pouco.

Enquanto isso, eu me deleitava com o nosso ambiente deslumbrante. Acima, um sol forte brilhava no céu azul claro, levemente tingido de tons esverdeados. Árvores de aparência pré-histórica se elevavam sobre nós. Algumas lembravam vagamente dragoeiros, algumas eram uma versão alienígena de araucárias e outras poderiam ser baobás cujos troncos foram cuidadosamente embrulhados em cascas trançadas.

Todos os tipos de pequenas criaturas corriam rápido demais para que eu pudesse dar uma boa olhada nelas. Mas eu não me importava. Eu estava em um encontro com meu homem em um planeta estranho, onde poucas pessoas poderiam se gabar de ter posto os pés.

— Chegamos — Bayron disse, quase em um sussurro quando nosso speeder começou a desacelerar.

Nós paramos alguns segundos depois e desmontamos. Me aproximando dele, Bayron ativou seu escudo furtivo. Ele tinha um raio de quatro metros, o que nos permitia alguma liberdade de

movimentos sem revelar a nossa presença. Ele também tinha um efeito de amortecimento de som para que pudéssemos falar – ainda em voz baixa – sem sermos ouvidos pela fauna próxima.

Nós deixamos o speeder camuflado ao lado de um dos ‘baobás trançados’ e seguimos de mãos dadas sempre em frente. Cem metros depois, as árvores se separaram para revelar o espetáculo mais surreal. Eu não conseguia decidir se o que mais me fascinava eram as pequenas criaturas na vasta clareira que se estendia diante de nós ou as estruturas fantásticas erguidas no rio cristalino atrás delas.

No início eu pensei que um bando de castores alienígenas estavam realizando vendas de toras em sua versão de um mercado de pulgas, embora seus corpos não correspondessem realmente a essa descrição. Por toda a margem do rio, uma única criatura, parada ao lado de uma pilha de madeira, fazia todos os tipos de sons enquanto fazia uma variedade de poses estranhas e mostrava seus longos dentes da frente. Eu levei um segundo para perceber que algum tipo de ritual de acasalamento estava acontecendo.

Bayron me puxou um pouco mais para perto para que pudéssemos ver bem o que estava acontecendo sem correr o risco de sermos descobertos. Ele se sentou na grama curta e me puxou para seu colo. Eu me aninhei contra ele, ronronando levemente de contentamento quando ele passou seus braços fortes em volta de mim. Isso o fez rir presunçosamente enquanto beijava minha têmpora.

Meu Deus, como eu adoro quando ele é carinhoso assim!

— Estas são voreas — Bayron disse com uma voz suave — Ao contrário da maioria das outras criaturas que estão atualmente na época de nascimento, estas estão na época de acasalamento. Todas as que você vê paradas perto das pilhas de madeira são machos. Eles estão exibindo seus atributos físicos – especialmente seus dentes – e cantando para atrair uma fêmea.

Eu dei uma olhada mais de perto em um deles. Após um exame mais aprofundado, eu tive que admitir que eles não se pareciam em nada com castores, exceto pelos longos dentes da frente. Sua cabeça lembrava muito mais a de uma raposa feneco, com rosto pontudo e orelhas enormes. Seu corpo rechonchudo poderia pertencer a uma pacarana, exceto pela cauda redonda e fofa semelhante à de um coelho. Embora viessem em tons diferentes, todos tinham pelo branco básico, com listras de uma cor mais escura – azul, marrom ou tons de cinza escuro ou preto – e um toque de uma cor brilhante aleatória no peito e ao redor da testa.

Eles eram ridiculamente fofos.

— Para que serve a madeira? — eu perguntei.

Mas mesmo enquanto eu fazia a pergunta, a resposta se tornou óbvia. Bayron apontou para o mesmo macho, com listras marrons

escuras e detalhes em turquesa, que chamou minha atenção. Outra criatura, que eu imaginei ser uma fêmea, havia parado na frente dele. Ela pegou um pedaço de madeira e começou a mastigá-lo freneticamente.

— Eles esculpem presentes para sua parceira em potencial — Bayron explicou — Ele está mostrando como seus dentes são fortes e afiados, como ele é rápido e eficiente em esculpir e como ele é criativo. Se ela gostar do que vê, a fêmea poderá encorajá-lo a esculpir mais algumas coisas ou deixá-lo cortejá-la.

— Isso é tão legal! — eu sussurrei animadamente — Mas por que esperar elas chegarem? Por que não ter um monte de coisas já esculpidas para que as fêmeas possam julgar como você faria em uma loja? — eu perguntei.

— Porque ele precisa provar o quão rápido ele é. Ele deve primeiro chamar a atenção dela fisicamente, depois com suas habilidades.

— Oh não! Ela está indo embora!

O pobre macho ainda estava na metade do que quer que estivesse esculpindo quando a fêmea começou a se afastar. Ele jogou o pedaço de madeira no chão, rapidamente pegou outro e chamou a fêmea. No começo, eu pensei que ela iria ignorá-lo, mas então ela parou e olhou para ele por cima do ombro. Ele mastigou a tora com um frenesi ainda maior. Eu quase temi que ele se machucasse. No entanto, o que quer que ele estivesse fazendo desta vez pareceu reter a atenção dela enquanto ela lentamente voltava para ele.

Por toda a margem do rio, outros machos também esculpiam freneticamente.

— Por quase um quilômetro ao longo do rio, as voreas ergueram sua cidade com madeira esculpida. Embora sejam arquitetos fantásticos, quando chega a época das tempestades, entre ventos fortes e águas agitadas, a estrutura fica seriamente danificada — Bayron disse — Portanto, uma fêmea vai querer um companheiro que possa não apenas transmitir genes fortes à sua prole, mas que também seja capaz de manter um teto sobre suas cabeças, seja com excelente construção ou capacidade de consertá-la rapidamente.

— Isso é incrível — eu disse admirada enquanto tirava algumas fotos — Eu gostaria de poder pegar uma das pequenas esculturas.

— Deve ser possível — Bayron disse — A fêmea normalmente só fica com quem a atraiu. Elas vão descartar o restante na beira do rio. Nos próximos dias, eu passarei por aqui quando terminar de caçar para ver o que posso pegar para você.

— Eu já te disse que você é um marido incrível? — eu perguntei, minha garganta apertando de emoção.

— Não tenho certeza se você fez isso. Talvez você devesse me lembrar? — ele disse provocativamente.

Eu ri e me virei em seu colo para encará-lo, minhas pernas de cada lado das dele. As mãos secundárias de Bayron pousaram imediatamente em meu traseiro. Ele adorava sua “gordura macia”, como ele dizia eloquentemente.

— Você é o melhor marido que eu poderia esperar. Você me faz muito feliz. E acredito que estou me apaixonando por você — eu disse.

— Como deveria — ele rosnou possessivamente, seus braços primários envolvendo minhas costas — Você é minha, Belle, até que a morte nos separe. Meus corações não aceitarão nenhuma outra além de você.

Eu derreti contra ele. Eu não sabia se os homens Zamorianos – ou Bayron especificamente – tinham alguma dificuldade para dizer aquelas três palavras especiais. Isso realmente não importava para mim. À sua maneira, ele acabou de me dizer que também estava se apaixonando por mim. De qualquer forma, ele me mostrava isso de inúmeras maneiras.

Ele se inclinou e reivindicou meus lábios daquele jeito dominante e faminto que sempre fazia meus dedos dos pés se curvarem. Um grunhido estrondoso saiu de sua garganta enquanto ele aprofundava o beijo, suas mãos em mim se tornando mais ousadas. Imediatamente excitada, eu retribuí, não demonstrando nenhuma restrição que exerci antes, enquanto andávamos no speeder até aqui.

Por um breve momento eu pensei que este não era o lugar certo para isso, com os voreas fazendo sua dança de acasalamento. Bayron e eu costumávamos fazer muito barulho, alto demais para que o amortecedor de som fizesse diferença. Mas meu marido deslizando a mão entre nós para levantar minha saia, deslizando minha calcinha para o lado e começando a esfregar meu clitóris silenciou qualquer pensamento de decoro e discrição.

Um gemido me escapou. Bayron imediatamente deu um tapa na minha nádega esquerda, forte o suficiente para arder, mas não o suficiente para doer.

— Fique quieta, mulher, ou eu vou puni-la — ele disse contra meus lábios em uma voz perigosamente grave que ressoou diretamente em meu âmago.

Minhas paredes internas se apertaram quando ele me silenciou com sua língua invadindo minha boca novamente, e o movimento de sua mão acelerou. Já molhada por ele, eu engoli um gemido de gratidão quando ele finalmente inseriu dois dedos dentro de mim. Como sempre acontece com meu companheiro, no minuto em que ele começou a me tocar, eu ansiava por ser preenchida.

Eu me apoiei em sua mão, perseguindo um orgasmo com uma ansiedade que o fez rir com uma presunção insuportável. Muito

ocupada o beijando e acariciando por cima da camisa justa que ele adorava usar, eu levei um momento para registrar que ele havia me levantado levemente. Quando ele removeu os dedos e eu senti a ponta grossa de seu pênis pressionando contra minha abertura, eu percebi que ele havia libertado os gêmeos de suas restrições.

Impulsiva como sempre, eu quase me empalei em seu comprimento. Eu gritei com a queimação deliciosa, o que me rendeu outro tapa na bunda. Longe de me deter, isso apenas atizou ainda mais as chamas do desejo que ardia dentro de mim. Eu gostava de apanhar de alguém com o nível certo de controle sobre a força usada. E meu companheiro sabia fazer isso da maneira perfeita.

Ele sabia que eu nunca ficaria quieta, mesmo que eu realmente tentasse evitar meus habituais gritos de banshee toda vez que ele me fazia ver estrelas. Eu acreditava que ele realmente queria que eu falasse alto para justificar as palmadas que ele sabia que eu gostava. De qualquer forma, com os machos vorea chamando em voz alta por potenciais parceiras, eu duvidava que eles nos ouvissem através da cacofonia que eles próprios criaram.

Eu rapidamente comecei a entrar no clímax enquanto as mãos de Bayron me moviam sem esforço para cima e para baixo em seu comprimento em um ritmo frenético. A força do meu homem nunca deixaria de me surpreender. Enquanto seu pênis secundário se esfregava em meu traseiro, mais uma vez eu quase lhe disse para ir em frente e colocá-lo. Mas este não era o momento nem o lugar. Eu definitivamente precisava de um pouco mais de preparação antes de cruzar essa ponte.

Como era de costume, meu marido interrompeu o beijo, segurando firmemente minha nuca com a mão para que pudesse olhar para meu rosto quando eu gozasse. Ele adorava a minha aparência quando eu chegava ao clímax. Ele chamava isso de recompensa por um trabalho bem executado. Sua mão livre deslizando entre nós para esfregar meu clitóris terminou o serviço. Com os dentes cerrados para silenciar meu grito de êxtase, eu acabei fazendo um som semelhante a um rosnado gutural, que ainda me rendeu mais alguns tapas na bunda.

— Quieta, sua mulher safada — Bayron sussurrou com uma voz ameaçadora, seus lábios a um fio de cabelo dos meus.

O tempo todo, seus dedos continuaram a trabalhar em meu pequeno nó enquanto a cabeça de seu pênis atacava implacavelmente meu ponto sensível. Eu nunca tive a chance de descer dessa primeira onda antes que outro clímax começasse a se formar dentro de mim. Isso me atingiu como um raio. Eu teria jogado a cabeça para trás, mas a mão dele na minha nuca me impediu de recuar. Em vez disso, eu me lancei para frente, meus dentes cravando no músculo grosso na curva de seu pescoço para silenciar meu grito de felicidade.

Um rugido meio sufocado escapou de Bayron. Seus braços se apertaram quase dolorosamente em volta de mim enquanto ele metia com tudo. Sua semente explodiu dentro de mim. Uma série interminável de grunhidos selvagens saiu de sua garganta enquanto ele se entregava ao seu próprio orgasmo.

Ele permaneceu enterrado dentro de mim, me segurando perto enquanto lentamente voltamos à realidade. Por mais que eu odiasse as roupas entre nós que me roubavam uma maior intimidade com meu marido, eu adorava como sempre nos uníamos perfeitamente. Apesar de nossas aparências totalmente diferentes, nós fomos feitos um para o outro.

Me afastando relutantemente de Bayron, eu olhei por cima do ombro para ver quanta perturbação havíamos causado. Os machos vorea ainda estavam esculpindo o máximo que podiam para deleite das fêmeas.

Eu me virei para olhar para meu marido com uma expressão presunçosa — Eu acredito que você falou mais alto do que eu. Isso significa que eu devo *te* dar uma surra?

Bayron riu baixinho, com um olhar terno nos olhos — Talvez, mas você falou alto por mais tempo. Isso equilibra as coisas.

Eu franzi o rosto com aquela resposta evasiva — Mas você ainda gritou alto. Isso significa que você realmente merece uma surra.

Seu sorriso se alargou — Você pode tentar me dar uma sempre que se sentir ousada — ele provocou.

Eu abri a boca para responder, mas um grito assustado me escapou com o rugido estridente que ressoou a uma distância muito curta daqui. Os voreas imediatamente ficaram em silêncio, dispersando de volta para suas cidades flutuantes, com todos os pensamentos de cortejo esquecidos.

Bayron e eu nos levantamos. Com as mãos secundárias dobradas para trás, os dedos da mão direita principal voaram sobre a interface da braçadeira enquanto eu arrumava minhas roupas. A tensão em seu rosto fez meu coração bater na garganta.

— O que foi isso — eu sussurrei ao ver sua expressão chocada — Um Flayer?

Ele balançou a cabeça enquanto lançava um olhar confuso e incrédulo na direção geral da floresta à nossa direita.

— Meu scanner diz que é um Nharmyth. Não deveria haver nenhum por perto daqui. Algo deve tê-lo atraído.

— Tipo o quê? — eu insisti.

— Algo que ele quer comer — Bayron disse franzindo a testa — Devemos sair daqui.

— Mas... — eu mordi meu lábio inferior, dividida entre o desejo de fugir de qualquer criatura que pudesse fazer tal som e a necessidade

irracional de proteger qualquer coisa que pudesse ser sua presa. Eu lancei um olhar para as casas dos Voreas. Nenhum dos pequenos mamíferos estava mais visível — É época de nascimentos. E se ele estiver atrás de alguns bebês indefesos?

Bayron balançou a cabeça — Nharmyths são enormes. Eles iriam atrás de presas maiores. E eu não vou te levar nem perto dele para descobrir o que ele está caçando. Eu preciso te levar para um lugar seguro.

— Oh, mas não precisamos ir lá para saber! Eu estou com minha câmera! — exclamei, tirando-a do bolso do vestido — Podemos levá-la até lá para ver o que está acontecendo. Ele nem vai saber.

— Belle... — Bayron rosnou em um tom severo de ‘Não seja irracional’.

— Por favor, querido. Por favor! — eu implorei com minha cara de cachorrinho mais patética.

Sem sequer pensar nisso, eu peguei sua trança e a acariciei enquanto olhava para ele com olhos suplicantes. Sua cabeça virou em direção à minha mão em sua trança. Ele mostrou os dentes, a mandíbula cerrada, visivelmente descontente com a ideia de me manter aqui por mais tempo do que ele considerava seguro.

Com um grunhido furioso, ele pegou a câmera de mim, inseriu algumas coordenadas na pequena interface e a enviou. Eu rapidamente removi a braçadeira do meu braço, que nos permitia controlar sua trajetória de voo, e a entreguei a Bayron com um sorriso profundamente agradecido.

— Você é o melhor marido de todos os tempos — eu disse, antes de pressionar meus lábios na marca em seu peito, sobre o tecido apertado de sua camisa.

Ele grunhiu de forma evasiva, com os olhos fixos na interface da minha braçadeira. Eu me apertei perto dele para olhar para a tela, me perguntando o tempo todo se eu estava realmente nos colocando em sério perigo. Mas, por mais que Bayron quisesse me agradar, se ele acreditasse que corríamos qualquer tipo de perigo claro e presente, ele teria me jogado por cima do ombro como um saco de batatas e me arrastado para fora daqui.

Voando em alta velocidade, a câmera rapidamente se aproximou de uma criatura ainda mais aterrorizante que o Flayer. Ela parecia uma versão de pesadelo de um Naga demoníaco. Seu corpo de cobra media pelo menos seis metros. Preta como o pecado, com uma barriga vermelho-escura, ela possuía um enorme olho de cobra preto no meio do tronco e outro no topo de uma cabeça que só tinha uma boca redonda cheia de dentes afiados e um enorme conjunto de chifres recurvados. Os estranhos membros que serviam de braços poderiam muito bem ser um conjunto de pés de cabra gigantes. Mas a parte

mais assustadora eram os tentáculos em volta dos braços e ombros que na verdade pareciam ser um bando de cobras.

— Deus tenha misericórdia — eu sussurrei enquanto um arrepio percorria meu corpo.

Mesmo com a distância relativamente segura entre nós e o Nharmyth, meus instintos de fuga ansiavam por entrar em ação. Bayron afastar a câmera da criatura para focar em seu alvo me enervou ainda mais. Não ser capaz de ver o que estava acontecendo fez com que minha imaginação transbordante imaginasse o pior.

A câmera focou em uma grande fissura em uma formação rochosa alta. Um som fraco e agudo veio além da abertura estreita pela qual o Nharmyth tentava abrir caminho com as patas de pé-de-cabra. Bayron voou a câmera pela abertura. Segundos depois, uma série de palavrões em Zamoriano saiu de seus lábios.

— O que é? O que é ela? — eu respirei, meu coração partido pela criatura visivelmente aterrorizada dentro da caverna.

Deitada sobre uma enorme laje de pedra, ela parecia um híbrido gigante de abelha, mariposa e libélula. Inúmeros ovos enchiam seu abdômen enorme e translúcido, a pesando para baixo. Não havia como ela fugir.

— Uma Rainha Atreall — Bayron rangeu os dentes, parecendo dividido.

— Mas onde está a colmeia dela? Onde estão os soldados dela? — eu perguntei.

— Em seu abdômen. Ela é uma nova rainha. Apenas uma ou duas nascem a cada geração. Pelos dentes de Kromor, por que agora?!

Ele me devolveu minha braçadeira, passou a mão nervosamente pelo cabelo e olhou para mim com óbvia preocupação.

— Nós vamos ajudá-la, certo? — eu perguntei com a voz trêmula.

— Você vai voltar para o acampamento base — ele disse em um tom que não admitia discussões.

Ele agarrou minha mão e me puxou atrás dele, andando em passadas largas que me fizeram correr ao lado dele para acompanhá-lo enquanto ele voltava em direção ao nosso speeder escondido.

— Mas...

— NÃO, Belle! Você não vai discutir. Esta criatura é perigosa demais para você chegar perto dela.

Ele desativou a camuflagem do nosso speeder e retirou algumas armas do compartimento de armazenamento sob o assento. Bayron então me fez sentar na moto flutuante. Seus dedos voaram sobre o painel de navegação enquanto ele definia as coordenadas do acampamento.

— Você voltará correndo para o acampamento em uma velocidade segura com a capa furtiva. Você *não* vai parar nem fazer *nenhum*

desvio em lugar nenhum. Assim que você chegar, diga ao Mestre de Caça para avisar os Ordosianos. Não sei se posso derrotar aquela criatura, mas espero poder distraí-la por tempo suficiente para que eles cheguem aqui.

— Você vai ficar seguro? — eu perguntei, me sentindo quase tonta de medo. Por mais que eu quisesse salvar aquela jovem rainha, eu não estava pronta para ficar viúva.

— Eu ficarei bem, Belle. Vá agora, antes que seja tarde demais — ele segurou meu rosto com as mãos principais e me deu um beijo apaixonado, quase desesperado — Eu me importo profundamente com você, minha companheira. Prometa que irá direto para a base.

—Eu prometo — eu disse com a voz trêmula.

— Vá!

Piscando para conter as lágrimas que brotavam em meus olhos, eu decolei enquanto ele começava a correr em direção ao leste, onde a fera cruel continuava gritando. Depois de apenas alguns passos, ele desapareceu de vista enquanto reativava seu escudo furtivo pessoal.

Enquanto eu corria de volta para o acampamento, uma única oração repetia em minha mente.

Por favor Deus. Mantenha meu marido seguro.



Capítulo 15

Bayron

Minhas entranhas se reviraram de preocupação enquanto eu corria em direção ao Nharmyth. Uma parte de mim queria voltar e se certificar de que minha companheira havia retornado em segurança ao acampamento. Eu nem queria imaginar o quanto isso me destruiria se Belle sofresse algum mal. A pequena humana havia se enterrado profundamente em meus corações. Até mesmo agora, o cheiro dela permanecia em meu corpo. Eu não conseguia imaginar um futuro que não a envolvesse.

Claro, Belle não era uma mulher sem noção. Em nossa jornada até aqui, e durante alguns de nossos passeios em Xoccoris, ela provou ser bastante capaz no que os humanos chamam de esportes radicais – que francamente não eram nem de longe extremos para nós. O caminho de volta ao acampamento também deverá ser totalmente seguro.

Mas esta área também deveria ser.

Além da preocupação com o bem-estar da minha companheira, eu não pude negar alguma preocupação comigo mesmo. A falta de armaduras e armas de caça adequadas me deixava vulnerável. Embora eu tivesse lido bastante sobre os Nharmyths, eu só os enfrentei em uma sala holográfica, baseado na interpretação da inteligência artificial sobre qual seria o comportamento da criatura. Mas a realidade poderia ser bem diferente.

Ao que tudo indica, sua inteligência limitada poderia me dar a vantagem que eu precisava. Apesar de seu enorme tamanho, a fera possuía um cérebro minúsculo entre os enormes chifres de cada lado de sua pequena cabeça. Impulsionado pelo instinto, o Nharmyth tinha a reputação de ser obstinado em suas buscas e implacável até atingir seu objetivo, mesmo que isso o matasse. Isto explicaria por que ele chegou tão longe a oeste do território de Nharmyths.

Se houvesse um ninho de Atreall por perto, os Ordosianos nunca nos teriam permitido perambular por esta área. Considerando que a jovem rainha parecia estar a três ou quatro dias de pôr os primeiros ovos, e tendo em conta os quatro machos mortos que jaziam nas proximidades, eu presumi que ela tivesse completado o seu voo de

acasalamento há um ou dois dias e só recentemente encontrou esta caverna para estabelecer sua colônia. O Nharmyth provavelmente a avistou enquanto ela estava acasalando e a seguiu até aqui.

Eu não deveria me intrometer nisso. Os Ordosianos deixaram extremamente claro que não deveríamos caçar ou ferir qualquer criatura em Trangor, exceto os Flayers que atacavam as áreas de caça autorizadas. Eles abriam exceções apenas para casos extremos de legítima defesa. Mesmo assim, eles esperavam que tentássemos sair da situação sem ferir a fera.

Mas os Atrealls eram criaturas extremamente raras que viviam constantemente à beira da extinção. Apenas uma ou duas rainhas “nasciam” a cada vinte e cinco a trinta anos, quando os ovos da rainha atual se aproximavam do esgotamento. Ao contrário da maioria das outras espécies semelhantes, não era possível alimentar uma larva com nutrientes especiais para transformá-la em rainha ou macho fértil. Era preciso esperar e rezar para que uma larva começasse a desenvolver espontaneamente esses atributos porque a colônia precisava deles.

A jovem rainha partiria então com um punhado de machos que acasalariam com ela e a acompanhariam até o local da nova colônia. Eles ajudariam com o trabalho básico de preparo no pouco tempo que lhes restava de vida. Depois que os machos morriam, geralmente um ou dois dias após o acasalamento, a rainha injetava neles um conservante para que ela pudesse se alimentar de seus restos mortais até que seus primeiros ovos eclodissem e se transformassem em operárias que pudessem atender às suas necessidades.

O fato de sua morte nas mãos dos Nharmyth poder levar sua espécie à beira da extinção apenas desempenhava um papel menor em meu desejo de intervir. Os Zamorianos acreditavam na sobrevivência do mais apto. As espécies vinham e desapareciam o tempo todo. Portanto, uma parte de mim apenas considerava isso um destino. O fato de Atrealls se alimentarem de parasitas intratáveis em árvores e plantas grandes, e de secretarem uma substância usada na cura de várias infecções graves, tornou importante salvá-los.

Porém, além de tudo isso, a ideia de uma mulher grávida indefesa despertou meus instintos protetores. Além disso, eu não suportaria decepcionar minha companheira. Assim como aconteceu com Ferach, Belle poderia não me perdoar por abandonar a jovem rainha.

Eu só precisava ter certeza de que sobreviveria ao encontro.

Muito focado em tentar entrar na caverna para se banquetear com a pobre fêmea, o Nharmyth não ouviu minha aproximação. Entre dois gritos impacientes, ele usou selvagemmente as mãos como alavanca para arrancar pedaços de pedras ao redor da abertura.

Aproximar-se furtivamente dessas criaturas pode ser bastante

desafiador. Além do olho primário no peito, o olho superior do Nharmyth na testa lhe concedia uma visão de 180° atrás dele simplesmente inclinando a cabeça para trás. Por outro lado, os incontáveis tentáculos de cobra em volta dos ombros e do torso lhe davam olhos adicionais em todas as direções, embora tivessem um alcance muito curto.

O maior desafio seria tentar matá-lo ou apenas atrasá-lo por tempo suficiente para que os Ordosianos chegassem aqui. Qualquer um dos dois seria uma tarefa difícil. Tanto as costas quanto a barriga da criatura eram extremamente difíceis de perfurar. Mesmo com minha pistola laser na configuração letal mais alta, seriam necessários inúmeros tiros exatamente no mesmo local para começar a causar impacto. Embora os olhos pudessem ser facilmente arrancados, as placas ósseas atrás deles protegiam o cérebro e outros órgãos vitais. Seus pontos vulneráveis se escondiam logo acima das axilas, onde os ombros se conectavam ao pescoço.

O problema era chegar perto o suficiente para esfaqueá-lo e arrancar seu coração. Tiros de pistola não funcionariam. Eu tinha que infligir um ferimento perfurante. Mas com as cobras mais longas que se estendem por quase dois metros, chegar perto o suficiente sem ser cruelmente atingido pelo seu veneno letal seria um milagre.

Parado a cerca de vinte metros atrás dele, eu retirei meu escudo furtivo e mirei em uma das cabeças de cobra pairando sobre seus ombros, como cabelos balançando ao vento suave. Eu acertei um tiro perfeito, a cabeça explodindo em uma chuva de sangue. A criatura emitiu um grito estridente enquanto as outras cabeças de cobra sibilavam enquanto se viravam em minha direção. Com eu estando fora do alcance de sua visão, o Nharmyth ergueu a cabeça, a boca apontando para o céu para que seu olho frontal pudesse identificar a ameaça por trás dele.

A fenda estreita do seu olho negro se alargou quando ele me viu.

Virando-se a uma velocidade vertiginosa para um corpo tão grande, a criatura deslizou em minha direção mais rápido do que eu esperava. No momento em que comecei a correr em direção a um denso afloramento de árvores, o Nharmyth abriu a boca de maneira impossível antes de cuspir um longo jato de ácido por pelo menos cinco metros. Felizmente, eu mantive distância suficiente entre nós para ser poupado.

Eu abri caminho pelas passagens estreitas entre as árvores, forçando a criatura a diminuir a velocidade para permitir que seus ombros largos passassem. Ao fazer isso, eu joguei quatro bangers em direções diferentes, longe de onde estava indo. Pouco antes das árvores se afastarem novamente, eu reativei meu escudo furtivo. O Nharmyth guinchou e diminuiu a velocidade, virando a cabeça para

um lado e para o outro enquanto procurava por mim.

Embora isso tenha ajudado a abafar o som dos meus passos, ele não os silenciou. Eu disparei um banger, o que estava mais longe de nós. Com um som tão poderoso, seria de esperar que uma enorme cratera fosse deixada para trás. Mas esta era uma ferramenta de distração, não destinada a causar danos à flora e à fauna próximas. A explosão apenas fez com que um pouco de sujeira voasse no ar. A criatura parou, seu torso se virou para olhar para trás.

Controlando minha respiração e mantendo meus movimentos o mais silenciosos possível, eu me aproximei da criatura. Assim que ela começou a se mover em direção à explosão para investigar, eu acionei o segundo banger. Aproveitando o barulho, eu corri para mais perto, com uma lâmina em minha mão direita principal e secundária, e meu antebraço esquerdo principal levantado diante do peito, pronto para acionar meu escudo assim que atingisse a fera.

Como esperado, a segunda explosão assustou o Nharmyth. Ele parou e virou a cabeça em direção ao barulho. O grito longo e frustrado que saiu de sua garganta cobriu ainda mais o som da minha aproximação. Eu parei a menos de um metro de distância, a essência de shamia liberada pelos bangers ajudando a encobrir meu cheiro.

Me preparando, eu esperei que a fera começasse a se mover em direção à segunda explosão antes de lançar meu ataque. Mantendo seus movimentos deslizantes, o Nharmyth balançou para a esquerda. Assim que ele começou a balançar para a direita, eu ataquei, golpeando-o com toda a minha força na axila. Ao mesmo tempo em que minha lâmina principal afundou, eu levantei meu escudo e golpeei as cabeças de cobra mais próximas, cortando duas delas.

Embora minha lâmina principal tenha causado algum dano, ela não foi profunda o suficiente para infligir um ferimento letal. O ângulo estava errado e atingiu um osso. O grito agudo do Nharmyth quase me ensurdeceu. Ele girou o braço esquerdo, batendo na lateral do meu ombro direito, me fazendo voar para trás. Apesar de pousar brutalmente com um baque que me tirou parcialmente o fôlego, eu considereei isso uma bênção. As cobras restantes – pelo menos sete delas – estavam me mordendo às cegas. Embora meu escudo de energia tenha bloqueado algumas cobras, se eu tivesse permanecido ao alcance por mais alguns segundos, uma delas poderia ter me atingido.

No entanto, o impacto causou uma pequena falha no meu escudo furtivo, dando à criatura uma breve visão da minha localização. Eu mal tive tempo de sair do caminho do fluxo de ácido que ela cuspiu em minha direção. Avançando, ela bateu aleatoriamente com suas garras cruéis no chão e na área ao redor onde eu havia pousado momentos antes.

Eu detonei meu terceiro banger para cobrir parte do som de mim me afastando. Embora o Nharmyth tenha levantado a cabeça para olhar para trás com o olho frontal, desta vez ele não se virou para me procurar. O desgraçado estava aprendendo. Ele hesitou, seu grande olho no peito movendo de um lado para o outro, procurando sinais da minha presença.

Para meu total aborrecimento, ele descartou a explosão e deslizou para frente, golpeando o ar com suas patas de pé-de-cabra, suas cabeças de cobra também mordendo aleatoriamente na esperança de me atingir na sorte. Me movendo com passos cuidadosos, eu recuei silenciosamente enquanto refletia sobre meu próximo curso de ação. Eu não tinha meu equipamento de caça adequado e não conseguia mais enganá-lo com os quatro bangers que me restavam.

No entanto, o Nharmyth voltando a pulverizar a área com seu ácido em um amplo arco me forçou a agir. Assim que eu comecei a correr, ele emitiu um grito triunfante e começou a me perseguir. Ele não conseguia me ver, mas o som dos meus pés me delatou. Cuspindo ácido em minha direção, ele se aproximou a uma velocidade impossível. Sabendo que eu nunca iria ultrapassá-lo, eu fiz uma curva fechada em torno de uma grande árvore para bloquear sua linha de visão e saltei para pegar um de seus galhos mais baixos para me içar.

No momento em que o Nharmyth me alcançou, ele não percebeu qualquer falha que meu escudo furtivo pudesse ter apresentado quando subi na árvore. Ele diminuiu a velocidade, suas cobras pararam de assobiar para que pudesse me ouvir. Eu quase preendi a respiração. Ele voltou a cuspir ácido na área circundante. O chão chiava enquanto o ácido consumia qualquer matéria orgânica que estivesse espalhada por ele.

Eu dei uma olhada na caverna localizada a cerca de cinquenta metros de distância. Apesar da abertura estreita, eu conseguiria passar por ela. Dentro de sua proteção, eu poderia impedir os esforços da criatura até que os Ordosianos chegassem. A questão era se eu conseguiria alcançá-la inteiro.

Com os corações batendo forte, eu observei o Nharmyth abaixo de mim passar pela árvore onde eu estava escondido. Quando ele parou abruptamente de borrifar ácido, meu espírito disparou.

Ele esgotou suas reservas?

Isso seria uma virada de jogo. Sem o ácido, eu seria capaz de enfrentá-lo cara a cara. Um novo plano rapidamente se formou em minha mente. Querendo testar essa teoria, eu joguei um banger não muito longe de mim e apontei minha pistola para a fera. Como eu esperava, assim que eu o acionei, o Nharmyth ergueu a cabeça para olhar para trás. Sem perder o ritmo, eu atirei, arrancando o olho de sua testa.

O monstro gemeu, baixando a cabeça tão rápido que por uma fração de segundo acreditei que ele cairia de cara. Mas ele se endireitou, agitando os braços antes de se virar furiosamente para mim. Para minha surpresa, uma poderosa corrente de ácido disparou em minha direção. Segundos antes de ser atingido, eu pulei para o lado oposto da árvore e corri.

Enfurecido, o Nharmyth me perseguiu. Sabendo que meu escudo de energia não duraria muito contra o ácido, eu não poderia me dar ao luxo de que meu próximo movimento falhasse. Eu desativei meu escudo furtivo e me virei para encarar a criatura circulando ao redor da árvore. Me mantendo firme enquanto ela rapidamente se aproximava da minha posição, eu atirei em seu olho no peito.

Pela forma como ela se dobrou, parecia que eu a tinha atravessado. Ela caiu de bruços, deslizando por uma curta distância no chão, levada pelo seu impulso. Não lhe dando chance de se recuperar enquanto gritava em agonia, eu reativei meu escudo furtivo e corri para frente. Com o escudo de energia levantado para o caso dela cuspir em mim, eu cortei outra cobra, errando a outra que também tentei decapitar.

Para minha consternação, o Nharmyth se endireitou, revelando um olho no peito ainda funcional, embora sangrando. As garras de seu braço direito quase me evisceraram, me forçando a me jogar fora de alcance. Eu caí no chão e rolei para ficar de pé, apenas para me encontrar desviando da enorme cauda da criatura. Ela girou a cauda em um movimento de golpe. Eu não sabia dizer se era uma tentativa de me atingir ou de envolver o meu corpo e esmagá-lo, como Szaro fez com Djomoug há alguns anos.

Eu mergulhei sobre ela apenas alguns segundos antes de me atingir, rolando para frente e ficando de pé. Sem parar, eu corri o mais rápido que meus pés permitiram, enquanto jogava os três bangers restantes para trás. Eu os acionei segundos depois, derrapando até parar enquanto me virava. O Nharmyth recuou, assustado com as três fortes explosões à sua frente, dando-me a abertura que eu precisava. Com uma precisão mortal, eu atirei no olho do peito duas vezes em rápida sucessão. Ambos os tiros acertaram o alvo.

A fera se dobrou novamente, desta vez mantendo a parte superior do corpo apoiada com as “mãos” tortas no chão. Enquanto ela gritava de dor, sangrando pelos olhos e pelos tentáculos de cobra decepados, eu pensei em correr novamente para acabar com ela. Mas então eu reconsiderarei. Eu não podia correr o risco de ser pego por um golpe de sua cauda ou por qualquer ácido que ainda restasse.

Eu tirei meu escudo furtivo e fiz com que ela me seguisse enquanto corria para a caverna. Eu precisava acabar com isso logo. Este não era o tipo de morte limpa que eu gostava de realizar. Não havia honra em prolongar desnecessariamente o sofrimento de sua presa. Com meu

equipamento adequado, eu geralmente completaria uma matança contra tal criatura em menos de dois minutos.

Com o alcance de visão limitado das cobras, o Nharmyth dependia do som para me alcançar, o que me permitiu entrar na caverna com tempo de sobra. A Rainha Atreall imediatamente começou a guinchar, um som agudo que seria quase imperceptível para a maioria das espécies. Eu dei uma olhada para ela, apenas o suficiente para ter certeza de que ela não era uma ameaça para mim, e então me concentrei novamente na fera.

Eu fiquei de lado perto da abertura, grato porque os chifres largos do Nharmyth impediam que sua cabeça entrasse. Ele ainda enfiou a boca para cuspir mais ácido enquanto suas garras retomavam o ataque às paredes rochosas. Por uma fração de segundo, eu considerei atirar dentro de sua boca, mas decidi continuar cegando-o para que ficasse completamente indefeso. Eu atirei na cabeça de duas cobras e acertei uma terceira com minha lâmina no momento em que a criatura estava se afastando.

Qualquer outra fera já teria recuado, mas não um Nharmyth. Eles eram muito obstinados. Nós repetimos aquela dança mais algumas vezes antes de finalmente partir para a ofensiva. Cega, enfraquecida pela perda de sangue e restando apenas duas cobras, a criatura não representava mais uma grande ameaça.

Quando ele recuou, eu me espremi para sair da caverna, agarrando seus braços com minhas mãos secundárias para evitar que me eviscerassem. Simultaneamente, eu arranquei as duas últimas cobras com minhas mãos principais. Rosnando de dor e raiva, a criatura tentou cegamente arrancar meu rosto com uma mordida. Eu desviei para a esquerda antes de agarrar seu pescoço com minha mão esquerda principal. Eu envolvi minhas pernas em volta de seu corpo enquanto ele lutava para se livrar de mim. Meus bíceps queimaram pelo esforço de tentar conter seus braços e cabeça. Mas eu os ignorei.

Puxando minha adaga, eu apunhalei sua axila direita, seus movimentos erráticos atrapalhando minha mira, uma vez... duas vezes... Na quinta vez, a lâmina afundou profundamente. O Nharmyth enrijeceu. Ele emitiu um breve e assustado som gorgolejante antes que um violento tremor percorresse seu corpo. E então ficou mole.

Eu pulei momentos antes dele cair no chão.

Com cada músculo do meu corpo gritando com o esforço, eu me deixei cair de joelhos ao lado da criatura. Enquanto recuperava o fôlego e me dava um minuto para me recuperar, eu olhei para o cadáver fedorento do Nharmyth. Não me sentindo nem um pouco impressionado com a carnificina que eu fiz em vez do meu trabalho limpo habitual, eu balancei a cabeça com desgosto e me levantei.

Eu entrei na caverna para verificar a jovem rainha. Ela estava meio

de lado, meio de costas, em uma posição visivelmente desconfortável, sem dúvida por ter tentado fugir.

Eu sussurrei suavemente para ela enquanto me aproximava cuidadosamente. Em pânico, a Atreall tentou rastejar de volta, o peso de seu abdômen transbordando mantendo-a presa. Ela obviamente também havia drenado a maior parte de sua energia com seus esforços anteriores para se esconder do Nharmyth. Embora ela tentasse me agarrar e morder meu rosto com suas mandíbulas, eu a contive com muita facilidade. Tomando muito cuidado, eu a coloquei em uma posição mais confortável na laje de pedra que ela havia escolhido para deitar.

Eu não me afastei imediatamente. Acariciando suavemente o pelo macio ao redor de sua nuca, eu disse palavras tranquilizadoras para ela até que seu tremor diminuiu. Seus grandes olhos negros me observavam com curiosidade enquanto eu movia os cadáveres de Atreall machos ao seu alcance para que ela pudesse se alimentar deles facilmente quando necessário. Cumprida a tarefa, eu me sentei em uma pedra grande a uma curta distância dela, esperando que isso a ajudasse a se sentir segura.

Eu enviei uma mensagem para Belle no meu comunicador. Para meu alívio, ela respondeu imediatamente.

— Oh, meu Deus, Bayron! Eu fiquei com tanto medo por você — Belle exclamou assim que a comunicação foi estabelecida — Não acredito que você pulou naquela criatura daquele jeito!

Meu cérebro congelou — Como você sabe disso?

— Minha câmera! Ela ainda estava naquele monstro. Eu mudei para você depois que você a matou. Ela gravou tudo.

— Certo — eu disse, tendo esquecido dela no calor da batalha. Meu coração afundou ao ter uma morte tão confusa imortalizada.

— O Mestre Bron contatou os Ordosianos. Eles estão a caminho de você. E eu também. Eu estou a bordo de uma nave da Federação com dois caçadores para trazê-lo de volta aqui — Belle acrescentou rapidamente antes que eu pudesse responder — Mal posso esperar para ver você. Eu estava tão assustada.

Por mais que eu não gostasse que ela voltasse para aquela área, eu também ansiava por senti-la em meus braços — Eu estou bem, minha companheira — eu disse em um tom suave.

Meu olhar se fixou no da rainha, que continuou me observando por mais algum tempo antes de finalmente alcançar um dos machos. Ela arrancou um de seus membros e começou a comer.

— Ela está bem? — Belle perguntou.

— Sim. Ela não se machucou. Mas os Ordosianos poderão avaliá-la adequadamente quando chegarem.

Assim que eu terminei de dizer essas palavras, a rainha estendeu o

braço na minha direção, no que só pude interpretar como um gesto de aceno.

— O que está acontecendo? — minha mulher perguntou.

— Não tenho certeza — eu disse enquanto me aproximava da rainha.

Para minha surpresa, ela enfiou o último pedaço na boca e lentamente começou a esfregar as mãos com garras em meus braços e peito, como uma mãe faria para ter certeza de que seu filho estava ileso.

— Ela está te apalpando? — Belle perguntou, parecendo mais perplexa do que com ciúmes.

— Não. Mas não tenho certeza do que...

Eu nem terminei a frase. Os lábios da rainha se separaram e, antes que eu pudesse reagir, ela cuspiu um dardo em meu pescoço. Minha garganta imediatamente ficou dormente, a sensação de formigamento se espalhando em um ritmo exponencial enquanto minha visão ficava turva.

Eu só consegui dar um passo para trás antes de cair de joelhos. Através do comunicador, eu ouvi vagamente Belle gritando meu nome. Tendo minha língua se transformado em chumbo, eu nunca tive a chance de dizer à minha companheira que a amava enquanto um véu de escuridão descia diante dos meus olhos.

A última coisa que eu vi foi o rosto da rainha descendo em direção ao meu, suas mandíbulas se abrindo e uma protuberância em forma de agulha saindo de sua boca.



Capítulo 16

Annabelle

Quando a rainha atacou Bayron, eu perdi a cabeça. Bryna, nossa piloto da equipe de extração da Federação, ordenou que seu colega Tarn fosse me acalmar. Em meu desespero, eu tive vontade de pular da nave e correr até meu marido. Como isso era remotamente lógico? Não era. Mas os pensamentos racionais me abandonaram no instante em que meu homem desabou.

Lágrimas rolaram livremente pelo meu rosto enquanto eu observava a Atreall se inclinando sobre Bayron. Eu não conseguia ver o que ela estava fazendo. Meu companheiro parecia inconsciente, com a cabeça apoiada na plataforma de pedra onde a rainha estava deitada. Enquanto seu corpo se agitava levemente, ela parecia estar comendo a carne de seus ombros ou bebendo seu sangue.

Um milhão de pensamentos passaram pela minha mente, desde amaldiçoar a criatura por trair seu salvador, até me odiar por incitar Bayron a salvá-la, até repreender os Ordosianos por ainda não estarem lá, e até orar a todos os poderes do universo para poupar sua vida. .

Depois do que pareceu um milênio, a rainha finalmente afastou a cabeça de Bayron. Um soluço sufocado me escapou quando vi que ela não o havia decapitado. Embora meu marido permanecesse inconsciente, ele não parecia angustiado. Eu só podia esperar que as listras vermelhas ao redor da mordida em seu pescoço não fossem sinais de veneno ou toxina o percorrendo.

— Quão longe estamos? — eu perguntei pela milésima vez.

— Estaremos lá em breve, Belle, eu prometo — Tarn disse com uma voz de desculpas.

Enquanto ele dizia essas palavras, a silhueta abençoada de um Ordosiano finalmente apareceu na minha câmera, e ele deslizou pela abertura da caverna.

— Oh, obrigada, Deus! — eu exclamei, enxugando as lágrimas que turvavam minha visão com as costas da mão.

Para minha surpresa, a rainha pareceu assumir uma postura protetora em relação a Bayron. Szaro, na frente, sacudiu a cauda para acalmá-la. Eu observei confusa enquanto ela parecia querer se agarrar

ao braço do meu marido enquanto dois outros Ordosianos pegavam Bayron para deitá-lo a uma curta distância enquanto Serena passava um scanner portátil sobre ele.

— Estamos começando nossa descida — Tarn disse.

Eu levantei a cabeça para olhar pela janela. Sem esperar a nave pousar, eu soltei o cinto de segurança e corri para a porta. Outro movimento imprudente, mas eu não me importei. Tarn abriu a boca, provavelmente para me dizer para voltar ao meu lugar. No entanto, minha expressão o avisou para deixar isso de lado. Seus ombros caíram em derrota. Ele fechou a boca e balançou a cabeça em desaprovação.

Assim que pousamos, eu bati repetidamente com a palma da mão na porta para forçá-la a abrir. Assim que ela começou a se abrir, eu me espremi para passar, gritando o nome de Bayron. Ignorando os restos fedorentos e massacrados do Nharmyth que ainda jaziam em frente à caverna, eu corri para dentro, batendo meu ombro direito dolorosamente contra a face da rocha em minha pressa. Eu grunhi de dor, mas não diminuí a velocidade.

Serena se levantou de sua posição agachada ao lado do meu marido quando me viu entrar — Está tudo bem! Ele está bem! — ela disse em um tom tranquilizador.

Eu quase me joguei sobre ele, me ajoelhando ao seu lado. Minha mão voou para seu pescoço, mas eu me contive no último minuto, não querendo infectar ainda mais o ferimento. Eu acariciei seu rosto e beijei seus lábios, assustada por encontrar minha Fera forte tão indefesa.

— O que ela fez com ele? — eu perguntei freneticamente, apontando para seu pescoço — O que é isso? Por que ela o atacou?

— Ela não o atacou — Szaro respondeu atrás de mim com uma voz suave enquanto se aproximava de nós — Esta marca é o seu selo real. Ela o reivindicou.

— O QUÊ?! — minha cabeça virou na direção da Rainha Atreall, que estava olhando para mim com um olhar muito estranho, suas pequenas mandíbulas trabalhando como se estivessem ameaçando me decapitar — O que diabos você quer dizer com ‘reivindicou’? — eu perguntei, lutando entre um sentimento de indignação, descrença e o ciúme mais irracional.

Apesar de ser mulher, a Rainha Atreall não poderia ser nenhum tipo de companheira para Bayron. Além de ser uma espécie completamente incompatível, ela tinha o tamanho de uma criança de oito anos.

Szaro riu e enrolou sua longa cauda atrás dele para se abaixar mais perto de mim, ainda ajoelhada no chão — Não é o que você está pensando. Ela reconheceu que ele a salvou e assim o reivindicou como

seu protetor. Esta é a marca que ela daria à Guarda da Rainha.

Eu olhei para a rainha, sem saber como me sentia sobre isso — Ele é *meu* protetor. Ela precisa encontrar o seu próprio — eu murmurei, o que só fez Szaro rir novamente e Serena sorrir — Mas por que ele está inconsciente?

Szaro assumiu uma expressão séria que me deixou em pânico novamente — Calma, Belle. Não há motivo para pânico. Esta reação é normal. Quando uma Rainha Atreall reivindica seus guardas, ela não apenas lhes dá uma marca, mas também os aprimora. Ela primeiro lhe deu um anestésico e depois implantou nele um microrganismo que atuará como uma pequena glândula.

— Oh meu Deus! Isso vai machucá-lo? Você pode removê-lo? — eu perguntei, olhando horrorizada para o ferimento no pescoço de Bayron.

Szaro hesitou — Poderíamos removê-lo, mas eu não aconselho isso.

— Por quê? Isso causará complicações?

Ele balançou sua cabeça — Não, de jeito nenhum. É seguro removê-lo. No entanto, este é um tremendo presente da rainha. Eu tenho muita inveja dessa honra.

Um pouco da tensão que enrijecia minhas costas desapareceu quando eu olhei para ele com surpresa — Sério? Por quê? O que isso faz?

— É o mesmo tipo de glândula que permite que os Atrealls se alimentem dos parasitas que sufocam a nossa flora. Suas secreções limparão seu sistema da maioria das toxinas e o tornarão imune a uma vasta gama de venenos, toxinas e bactérias.

— Uau! Ok, isso é realmente legal — eu admiti, olhando para a ferida com novos olhos — Por quanto tempo ele vai permanecer inconsciente? E como sabemos que o corpo dele não está tendo uma reação negativa a esse corpo estranho dentro dele?

— A assimilação do enxerto pode ser dolorosa, por isso a rainha seda primeiro os seus escolhidos. Os Guardas Atreall geralmente permanecem inconscientes por alguns dias, mas são muito menores — Szaro disse pensativo — Considerando o tamanho e a massa do seu companheiro, eu não ficaria surpreso se durasse mais. Ela injetou nele uma quantidade significativa de anestésico. Embora não tenhamos motivos para suspeitar de reações adversas por parte dele, nós iremos mantê-lo sob observação até que se recupere.

— O que você quer dizer com isso? — eu perguntei, minhas costas enrijecendo novamente.

— Ele quer dizer que contatamos os Anciãos e explicamos a situação para eles. Nessas circunstâncias, eles concordaram em nos permitir levar Bayron de volta para Krada para que possamos cuidar dele — Serena disse com uma voz suave.

— Eu *não* vou me separar do meu marido enquanto ele estiver ferido! — eu exclamei, pronta para lutar.

Serena sorriu — Nunca sonharíamos em pedir isso a você. Claro, você também pode vir. Salha, minha cunhada, está atualmente preparando uma casa de hóspedes para vocês dois.

O grito de empolgação que começou a subir pela minha garganta com a perspectiva de colocar os pés em Krada morreu quase instantaneamente quando um pensamento sombrio preencheu minha mente.

— Hmmm, Bayron é Zamoriano — eu disse, lançando um olhar nervoso de lado para Szaro — Tem certeza de que vocês podem cuidar das necessidades médicas dele?

— Sim, Belle, podemos — Szaro respondeu em um tom tranquilizador — Quando eu me vinculei com minha Serena, Kayog nos enviou a cápsula médica mais avançada da galáxia para garantir que suas necessidades seriam atendidas enquanto nossos curandeiros aprendiam sobre a biologia humana. Ela tem acesso a todos os bancos de dados médicos para cuidar de um Zamoriano.

— Está bem então. Sim, eu estou totalmente pronta para um período de recuperação em Krada — eu disse enquanto acariciava o rosto de Bayron, meu peito se contraindo com um amor que não podia mais negar pela minha fera.

Depois de uma breve discussão, os Ordosianos mais uma vez me surpreenderam ao concordar em deixar a equipe de extração da Federação de Caçadores levar Bayron para Krada, já que ele ficaria muito mais confortável em uma maca flutuante do que preso a uma de suas estranhas montarias drayshan.

Quando eles levaram meu marido para fora da caverna, o lamento que a rainha emitiu quase partiu meu coração. De certa forma, eu podia me identificar com o desespero que ela sentiu ao pensar que seu protetor seria tirado dela. Um Ordosiano mais uma vez a acalmou com o barulho da cauda, mas o olhar dela permaneceu na abertura da caverna muito depois de Bayron ter desaparecido de vista. Com um olhar de desculpas em sua direção, eu saí da caverna também.

Para minha agradável surpresa, Bryna e Tarn já haviam recuperado os restos do Nharmyth, guardando-o na câmara fria na parte traseira da nave. Por mais que eu odiasse saber que viajaríamos com aquela maldita coisa a bordo, eu fiquei feliz por não ter que vê-la novamente.

Depois de acomodar Bayron dentro da nave, eu fiquei feliz por Serena ter decidido voar conosco enquanto nos dirigíamos para Krada. Nós passamos pelos Ordosianos que já haviam partido montados. Bem, a maioria deles de qualquer maneira. Dois permaneceram com a rainha para vigiá-la até que alguns trabalhadores e guardas tivessem nascido e crescido o suficiente para cuidar dela.

Apesar de saber que meu marido estava bem, eu não consegui apreciar a vista deslumbrante de Trangor durante o voo de vinte minutos até a vila. Meu olhar permaneceu preso em seu rosto, procurando qualquer sinal de dor ou desconforto. No entanto, quando iniciamos a descida, a beleza estonteante de Krada exigiu minha atenção.

Um anel de montanhas cercava a extensa aldeia. Embora tivessem esculpido a maioria das moradias diretamente na montanha, inúmeras casas térreas cercavam a praça da cidade. A pedra clara com a qual foram construídas deu à vila uma sensação tropical, combinando perfeitamente elementos modernos e de alta tecnologia nas casas. Uma grande quantidade de vegetação as rodeava, desde flores coloridas até árvores exóticas. Um elegante pavimento de pedra marcava os passadiços que ligavam as ruas da aldeia.

Nas bordas esquerda e direita da praça da cidade e da área residencial, uma série de edifícios emitiam vibrações comerciais ou industriais. Eles não eram enormes como os nossos shopping centers, apenas uma versão muito maior das residências de pedra clara. A única exceção era um vasto átrio ou jardim interno à esquerda da aldeia.

Nós paramos na pista de pouso perto da clareira próxima à praça da cidade. Parecendo tão intimidados quanto eu, Bryna e Tarn levaram a maca flutuante de Bayron para fora da nave. Três Ordosianos mais velhos estavam no centro da praça, esperando por nós. Ao redor, mais Ordosianos do que eu conseguia contar ficaram em silêncio, nos observando, e mais alguns se juntaram à multidão para testemunhar nossa chegada.

Para minha consternação, os funcionários da Federação, assim que deixaram a maca na praça, acenaram respeitosamente para os Anciãos, me deram um sorriso tímido e voltaram para dentro da nave. Eu os observei decolar, incrédula, antes de voltar para os Ordosianos. Se não fosse por Serena ao meu lado, eu estaria um desastre total. Engolindo em seco, eu configurei a maca para seguir e me aproximei nervosamente dos Anciãos, andando um passo atrás de Serena.

— Bem-vinda a Krada, Annabelle Parker. Eu sou a Anciã Krathi. Esta é a Anciã Jyotha — disse a mulher mais velha, apontando para a outra mulher madura à sua direita — E este é o Ancião Iskal — ela acrescentou, apontando para o homem à sua esquerda.

— Obrigada, Anciã Krathi. Obrigada a todos vocês por se oferecerem generosamente para cuidar do meu marido enquanto ele se recupera — eu disse com uma voz mais firme do que esperava, minha gratidão era evidente — É uma grande honra, especialmente considerando o quanto vocês protegem suas terras.

A mulher mais velha sorriu, suas feições estranhas suavizando —

Ele salvou uma Rainha Atreall em um momento em que ela estava desesperadamente necessitada. Uma dívida é devida. Serena irá levá-la para a moradia que foi designada para você e seu companheiro. Durante a sua estadia, ela será seu ponto de contato.

Eu balancei a cabeça e dei um sorriso tímido para Serena. Ela piscou em resposta. Eu mal reprimi uma risada nervosa, me lembrando de como a mulher Zamoriana quase me deu uma surra pensando que eu estava dando em cima do filho dela quando pisquei para ele.

— Você não é uma prisioneira, mas uma convidada. Portanto, você é livre para entrar e sair da aldeia. Não entre na floresta ou fora dela sem escolta. Isto é para sua própria segurança — alertou a Anciã Krathi.

— Eu não vou. Muito obrigada pela sua hospitalidade — eu disse, comovida.

Os Anciãos sorriram, e então Serena fez um gesto para que eu a seguisse. Inicialmente eu pensei que ela iria para a residência em questão. Para meu alívio, ela primeiro nos levou à clínica. Meu queixo quase caiu quando Serena e a curandeira Ordosiana chamada Teichi tiraram Bayron da maca para colocá-lo dentro da cápsula médica. Eu tinha ouvido falar que o vínculo com Szaro havia melhorado Serena, mas nunca imaginei que isso a havia tornado tão forte.

Depois de uma série de testes, durante os quais sem dúvida eu testei a paciência das duas mulheres com minha inquietação constante, elas me garantiram que tudo parecia bem. Nós só tínhamos que esperar que Bayron terminasse de assimilar o presente da rainha e acordasse sozinho. Para minha alegria, a cápsula médica limpou todo o sangue restante de Bayron que eu não consegui remover em nossa jornada até aqui.

Mais uma vez, as duas mulheres moveram sem esforço meu marido gigante de volta para a maca flutuante. Serena a configurou para seguir e depois me levou até a casa de hóspedes que havia sido preparada para nós.

— Você vai achar que é bastante árido e com móveis muito minimalistas — Serena disse se desculpando — Os Ordosianos só decoram suas casas depois de acasalados.

— Ah, não se preocupe com isso. Eu não preciso de muito, desde que tenha um lugar acolchoado para dormir e o telhado não esteja vazando, eu ficarei bem! — eu disse com entusiasmo.

Ela sorriu — Podemos fazer um pouco melhor do que isso. Nós a adaptamos para atender às necessidades humanas básicas, com cozinha e sala de higiene adequada.

Eu pisquei, confusa por ela sentir a necessidade de especificar isso. Serena explicou o seu choque cultural quando chegou a Krada e

descobriu que os Ordosianos normalmente não tinham esses dois quartos nas suas casas, pois eles compartilhavam chuveiros comunitários e salas de higiene públicas semelhantes a latrinas. Como eles comiam apenas uma vez a cada duas semanas, às vezes até um mês, não fazia sentido usar o espaço de suas casas para uma cozinha. De qualquer forma, eles comiam a comida crua e geralmente engoliam inteiras as presas ainda vivas.

Eu suspeitava disso. Ter isso confirmado me fez estremecer. Embora eu ainda achasse que os níveis de sensualidade dos Ordosianos eram extraordinários, eu duvidava que fosse gostar de ver seus rostos se distendendo de maneira anormal enquanto tentavam engolir algo maior que suas cabeças.

— Quando meus pais me visitam, o que não é tão frequente, eles ficam aqui — Serena explicou enquanto abria a porta da casa.

Ao contrário das outras entradas, esta carecia de entalhes intrincados que adornassem a sua fachada. Isso era de se esperar, já que apenas os homens acasalados esculpiam essas decorações para homenagear a história, os marcos e as conquistas de sua união.

Ela me deu um rápido passeio pela casa muito simples de três quartos. Embora limpa, realmente não havia nada de memorável nela. Eles haviam esculpido grosseiramente as pedras claras das paredes. As cadeiras ao redor da mesa eram extremamente básicas, mas pareciam ter uma almofada macia, assim como o sofá da sala de estar. Uma grande tela de vídeo estava pendurada na parede em frente ao sofá. Embora prática, eu não tinha planos de assistir nada, pois queria aproveitar ao máximo minha curta estadia em Krada. Cada quarto continha uma cama grande com colchões divinos, um vasto guarda-roupa e uma cômoda.

O maior também continha uma almofada enorme que eu reconheci imediatamente como uma cama de cachorro. Serena riu quando meu rosto se iluminou.

— Sim, Ferach irá ficar com você durante sua estadia. Assim que você estiver pronta, n'ós iremos buscá-lo — ela disse.

Eu precisei de toda a minha força de vontade para não puxá-la para um abraço esmagador.

Para meu alívio, Szaro chegou no momento em que nos preparávamos para mover Bayron da maca flutuante para a cama do quarto principal. Mas minha gratidão por ter sido poupada do constrangimento de mostrar o quão fraca eu era comparado a eles deu lugar a uma alegria quase irracional quando eu notei Ferach caminhando ao lado do Ordosiano.

Seus quatro olhos imediatamente brilharam com grande intensidade. Ele emitiu um profundo e gutural meio rosnado, meio gemido enquanto corria em minha direção. O lobo de pedra pulou em

mim, me derrubando no chão. Sem fôlego pelo impacto, eu levei um momento para me recompor enquanto Ferach esfregava freneticamente o rosto no meu. Eu gostei que ele não lambia, o que não era muito higiênico, sem falar que eu odiava a viscosidade. Eu ri, fechando meus braços em volta dele, chocada ao ver o quanto ele tinha crescido.

— Uau, querido! Você está enorme! — eu disse, ainda rindo.

— E ele vai crescer ainda mais — Szaro disse — Na maturidade total, ele será grande o suficiente para que você possa, em teoria, montá-lo como uma montaria.

Eu olhei para Ferach com olhos arregalados, enquanto o fazia se acalmar um pouco — Bem, isso parece impressionante. Mas você não é uma montaria. Você é um osso duro de roer e um lobo incrível.

Isso me rendeu outra esfregada de seu rosto no meu, não que ele tivesse entendido alguma coisa do que eu disse. Ele finalmente me deixou levantar para farejar Bayron.

— Como ele está? — eu perguntei, gesticulando com o queixo para o filhote.

— Ele está melhor do que esperávamos — Szaro respondeu — Sua perna está totalmente curada. Ela não deve mais doer de agora em diante. Nós conseguimos consertar a maior parte de suas glândulas suprarrenais. Elas estão um pouco atrofiadas, mas em constante crescimento. Eu não posso prometer que algum dia elas se tornarão 100% funcionais, mas agora ele é capaz de transformar sua pele em pedra. Não é tão grossa quanto deveria ser. No entanto, deve ser suficiente para ele caçar com relativa segurança. Com o tempo, temos fé que ele vai melhorar.

— Muito obrigada por tudo que você fez — eu disse, com a garganta apertada.

O rosto de Szaro se transformou na expressão mais gentil enquanto ele sorria — O tratamento dele não acabou, mas cuidar dele tem sido uma honra. Obrigado por nos fazer descobrir esta espécie nova para nós e por nos permitir participar na sua jornada de recuperação. Nós somos os guardiões do nosso mundo. Ser capaz de levar um toque de cura além de nossas fronteiras é uma verdadeira bênção.

Eu fiz uma careta para esconder o quão emocionada estava ficando — Posso ver como você encantou Serena. Você com certeza tem jeito com as palavras.

Serena riu, com uma expressão terna no rosto enquanto olhava para o marido — Ele com certeza tem.

O casal ficou comigo mais um pouco antes de partir. Naquela noite, Serena voltou para me convidar para jantar com eles. Ao mesmo tempo, ela trouxe para mim muitas mudas de roupa e material de desenho normalmente usado pelos artistas Ordosianos.

Inicialmente, eu quase aceitei a oferta dela de ir buscar algumas das minhas coisas pessoais no acampamento base, mas decidi não fazer isso. Eles me deram uma oportunidade única de vivenciar a vida em Krada por um curto período de tempo. Eu viveria do jeito deles enquanto durasse.

Nos três dias seguintes, Serena e eu passamos bastante tempo juntas. Foi surreal sair com alguém de quem eu era fã há tanto tempo. Eu finalmente consegui desenhá-la e à sua família, primeiro diretamente em frente à deslumbrante fachada da sua casa que Szaro tão carinhosamente esculpiu em sua homenagem, e depois no seu deslumbrante terraço nos fundos.

A maldita coisa dava para um vale escondido que servia de santuário para inúmeras criaturas únicas. Naturalmente, eu também as esbocei. Eu peguei a plataforma flutuante até o vale e me sentei na grama perto do rio que atravessava aquele antigo vulcão para desenhar. Entre duas pinceladas, eu tinha que monitorar Ferach para que ele não saísse atrás da fauna local. No meio de minha peça atual, Serena apareceu com algumas bebidas. Ela se sentou na grama ao meu lado.

— Ah, uau! Isso é realmente incrível! — Serena disse, olhando para a imagem que eu estava desenhando — Você é muito talentosa.

— Obrigada — eu disse com um sorriso bobo, minhas bochechas corando de prazer — Eu estou muito inspirada desde que me casei com Bayron. Até então, eu nunca tinha sido exposta a modelos tão incrivelmente exóticos. E Trangor certamente é um tesouro de criaturas únicas e fantásticas. Eu gostaria de ter quatro mãos como meu marido para desenhar várias coisas ao mesmo tempo. São tantas maravilhas e tão pouco tempo.

Serena me lançou um olhar estranho e avaliador — Eu não sabia que você gostava de desenhar criaturas. Achei que você desenhava apenas pessoas.

— Oh, não, eu adoro desenhar de tudo — eu disse com entusiasmo. Eu folheei as páginas do bloco de desenho que Serena me deu para usar durante minha estadia aqui — Viu? Aqui está a Rainha Atreall, aquele terrível Nharmyth, os adoráveis Voreas e até mesmo Scogas! Minha câmera está ocupada gravando todas as criaturas deste santuário para que eu possa fazer ilustrações em grande escala delas na tela quando voltar ao meu estúdio. Mas como você pode ver, eu também tenho desenhado pessoas. Você e sua família, obviamente, mas também muitos do meu marido em batalha, sem mencionar todos os do clã dele em nossa nave.

Serena franziu os lábios enquanto virava as páginas, olhando para poses dinâmicas de Bayron lutando contra o Nharmyth, outras dele lutando contra Flayers, e até mesmo uma em que ele estava ajudando

a Rainha Atreall a voltar a uma posição mais confortável.

— O quê? O que você está pensando? — eu perguntei, me sentindo nervosa ao ver sua expressão pensativa.

— Estou pensando que estes são incrivelmente bons. Você realmente capturou o espírito e a intensidade da caça com esses desenhos de Bayron em batalha — Serena refletiu em voz alta — Aposto qualquer coisa que a Federação mataria para ter essas imagens como material de marketing e promocional. Você devia mostrar a eles seu trabalho. O Mestre de Caça Bron Kflen estará interessado nelas.

Eu me mexi na grama, uma sensação quente e confusa se espalhando por mim com tamanha avalanche de elogios — Você acha? — eu perguntei timidamente — Eu realmente amo o que tenho feito ultimamente. Só não tenho certeza para onde ir a partir daqui. Bayron estava me dizendo para montar uma coleção para uma exposição, mas...

— Com certeza! Se você montar uma coleção e todas as peças tiverem pelo menos metade da qualidade dessas, você será uma sensação da noite para o dia — Serena disse.

Eu bufei, lisonjeada, mas também realista — Ninguém me conhece. Fora a família de Bayron, que provavelmente apareceria para me apoiar, ou então seriam apenas grilos.

Serena acenou com a mão em desdém — Ah, não, querida. Você irá lotar o lugar. Seu marido é agora uma grande celebridade por salvar a Rainha, e você me tem como amiga. Embora eu nunca tenha gostado do estilo de vida social dos meus pais, isso não me impediu de fazer muitos contatos. Minha mãe vai exigir organizar a exibição de estreia de um novo artista em ascensão. E ela só se mistura com pessoas com bolsos fundos. Você pinta, nós cuidamos do resto.

— Oh meu Deus! Você está falando sério?! — eu perguntei em descrença.

Ela assentiu — Muito sério. Isto é muito bom. Na verdade, quando você não estiver ocupada se tornando o próximo grande nome da arte, o que você diria sobre uma colaboração comigo? Como você sabe, eu estou escrevendo uma enciclopédia detalhada da flora e da fauna de Trangor. Embora eu tenha incluído fotos de plantas e criaturas, eu adoraria algumas ilustrações dinâmicas como essas.

— Ah, uau! Isso é muito legal! Sim, com certeza! Eu adoraria.

Sempre impulsiva e incorrigível, eu a puxei para um abraço esmagador. Antes que eu pudesse surtar com minha própria ousadia, Serena começou a rir e retribuiu meu abraço.

Ciumento como sempre, Ferach enfiou a cabeça entre nós para nos forçar a nos soltarmos. Nós bufamos e o incluímos no abraço.

Minhas raízes estavam se espalhando mais profundamente.



Capítulo 17

Bayron

Minhas pálpebras se abriram. Por um segundo, eu olhei para o teto, toscamente esculpido em pedra clara, sem realmente vê-lo. Meu cérebro parecia confuso, como depois de uma noite de excessos de vinho Strovia, mas sem a dor de cabeça que normalmente o acompanha.

Normalmente eu fico alerta instantaneamente quando acordo, mas eu lutei para me concentrar por um momento. No entanto, a ausência do corpo macio da minha companheira enrolada no meu me tirou do meu torpor. Belle sempre dormia até tarde, nem sequer se mexia quando eu me desembaraçava dela para me levantar de manhã.

Eu fiquei sentado, minha mente registrando um bilhão de informações sobre o estranho ambiente enquanto analisava a enxurrada de memórias.

Onde, em nome de Khivolt, eu estou? Onde está minha companheira?

No momento em que eu pulei da cama pequena, mas incrivelmente confortável, minha mão voou para meu pescoço, tocando onde a rainha havia me perfurado com seu dardo. Meus dedos esfregaram uma cicatriz de formato estranho. A julgar pela sensação e pela ausência de dor, parecia ser uma ferida devidamente curada. Eu não notei nenhuma dor ou outro desconforto em meu corpo, além de uma leve rigidez – do tipo que se sente devido à imobilidade prolongada.

Eu estava nu, exceto por shorts pretos justos. Considerando que minha última lembrança foi da rainha me atacando, alguém me resgatou. Mas onde eu estava? Embora limpo, este quarto toscamente esculpida não pertencia ao acampamento base da Federação dos Caçadores. Isso só poderia significar...

— Não pode ser — eu sussurrei para mim mesmo.

E ainda assim, o cheiro persistente da minha companheira no quarto era inconfundível. A almofada acolchoada no canto do quarto, claramente uma cama de cachorro, só poderia pertencer a Ferach.

Como se tivesse sido chamado por esse pensamento, eu ouvi o ganido distante do lobo de pedra, seguido por seus passos que se aproximavam rapidamente. Eu fui até a porta do quarto e a abri. No

grande corredor, Ferach começou a correr quando me viu. Enquanto eu me preparava para o impacto inevitável do filhote surpreendentemente grande pulando sobre mim, eu só tinha olhos para a mulher atrás dele.

— Bayron — Belle sussurrou, seus olhos embaçando enquanto um sorriso brilhante se estendia em seus lábios.

Saltando a dois metros de distância, Ferach pulou em meus braços. Eu o peguei, surpreso com o quanto ele havia crescido desde que foi com os Ordosianos. Ele esfregou o rosto no meu, o tempo todo se mexendo animadamente em meus braços.

Mas quando Belle nos alcançou, eu o coloquei no chão e ignorei seus rosnados chorosos exigindo minha atenção. Eu puxei minha companheira para o meu abraço. Ela não se jogou em meus braços com sua habitual ansiedade excessiva. Em vez disso, ela gentilmente passou os braços em volta de mim, seu olhar fixo no meu. Minha mulher olhou para mim com tanta adoração e felicidade que meu coração doeu.

— Você voltou para mim — ela sussurrou.

— Sempre, meu amor — eu sussurrei de volta.

Uma risada curta cheia de alegria escapou dela enquanto lágrimas escorriam por seu rosto — Eu te amo, Bayron — ela disse antes de ficar na ponta dos pés para me beijar.

Eu reivindiquei seus lábios, derramando a profundidade das emoções que sentia por ela no beijo. Belle derreteu contra mim enquanto nossas línguas se misturavam. O amor, e não a luxúria ou a paixão desenfreada, nos empolgou desta vez. Eu não sabia quanto tempo durou, mas quando nossos lábios se separaram, nós nos olhamos. Minha mão acariciou suavemente sua bochecha enquanto meu olhar vagava afetuosamente por seu lindo rosto.

— Eu achei que nunca mais iria te abraçar assim — eu sussurrei com uma voz quase dolorida — Achei que nunca iria saborear o sabor divino dos seus lábios, ou colocar os olhos na perfeição que você é. Meus corações e minha alma são seus, minha Belle. Eu quase morri lá fora, sem nunca ter dito que te amo. Esse não é um erro que cometerei duas vezes.

Mais lágrimas escorreram dos lindos olhos azuis de Belle enquanto ela sorria para mim.

— Eu também te amo, Bayron. Você é meu sonho impossível que se tornou realidade. Quando a rainha te atacou, meu coração se partiu. Eu achei que morreria ali mesmo com você, de coração partido.

Meu peito se contraiu de culpa e vergonha por minha negligência ter causado tanta angústia a ela — Sinto muito, minha companheira. Eu deveria ter sido mais cuidadoso.

Ela sorriu e balançou a cabeça enquanto me apertava suavemente — Você não tinha motivos para esperar que a rainha fizesse isso. Eu só agradeço a Deus por ela não ter tido más intenções com você.

— O que ela *fez* comigo? O que aconteceu? E onde estamos? — eu perguntei, mais uma vez tocando a cicatriz em meu pescoço enquanto lançava um olhar confuso ao nosso redor.

Ela sorriu e deu um tapinha gentil em meu peito, seu polegar acariciando sua marca em mim — Deveríamos nos sentar para que eu possa atualizá-lo sobre tudo o que aconteceu.

Eu obedeci e deixei que ela me atraísse para o sofá da sala de estar. Mais uma vez, a extrema simplicidade da habitação e o mobiliário muito minimalista me impressionaram. Eu não sabia se deveria considerar isso um desprezo por eles nos darem acomodações tão básicas.

Depois que eu me sentei no sofá, Belle se acomodou em meu colo e começou a explicar detalhadamente os acontecimentos que aconteceram desde que a rainha me picou.

— Serena e os Ordosianos cuidaram de mim? — eu perguntei, incrédulo — Eles se *ofereceram* para me trazer aqui, em suas terras sagradas?

Belle riu e assentiu — Eu tive uma reação semelhante. Você não entende o quão importante o que você fez foi para eles e para o planeta deles. Ela é a única nova rainha nascida nos últimos vinte e oito anos. Desde que você a resgatou, os Ordosianos têm explorado todas as áreas onde se sabe que existem ninhos de Atreall em busca de uma segunda rainha que possa precisar de proteção. Eles não encontraram nenhuma até agora. Se ela tivesse morrido, florestas inteiras teriam seguido o exemplo. Você é um grande herói agora.

Eu dei de ombros para esconder meu constrangimento — Tenho certeza de que os Ordosianos teriam encontrado uma solução alternativa.

— Eles têm algum DNA de Atreall que poderiam usar para clonar a espécie caso ela fosse extinta, mas isso pode levar muitos anos, senão décadas, para que seja viável. E nunca há qualquer garantia de que isso não causará algumas mutações que privarão a nova raça das habilidades da atual — minha companheira disse — O que você fez foi importante para o mundo deles e para a aliança galáctica como um todo. Se alguma vez houve um momento para a sua fanfarronice Zamoriana se mostrar, seria agora!

Eu dei de ombros novamente, sem saber como lidar com isso — Nós nos gabamos quando competimos e superamos os outros com nossas habilidades e inteligência. Aqui, eu acabei de proteger uma fêmea grávida e indefesa. Era a coisa natural a fazer.

Belle balançou a cabeça para mim como se eu fosse um caso

perdido. Eu toquei meu pescoço, meus dedos traçando a cicatriz deixada pela mordida da rainha.

— Seus curandeiros podem remover esta marca? Eu gostaria que isso acabasse o mais rápido possível. Se não, vou perguntar à Dra. Ahmad no acampamento base — eu disse.

Minha companheira recuou levemente e um olhar incerto desceu sobre suas feições — Por que você iria querer removê-la? Achei que os Zamorianos considerassem cada cicatriz como um troféu de batalha?

— Essa não — eu disse em um tom cortante — Esta não foi uma batalha. Nenhuma fêmea, exceto você deveria colocar sua marca em mim.

Belle assentiu, parecendo satisfeita com minhas palavras — Eu concordo, mais do que você imagina. Mas este não é o mesmo tipo de marca. Ou melhor, a intenção dela ao fazer isso era completamente diferente. Na verdade, parece um sol brilhando sobre minha árvore em seu peito.

— Eu não me importo com quais eram as intenções dela ou com o que se parece. Nenhuma mulher me marca, exceto você. Voltar para casa com a marca dela em mim seria uma humilhação tão grande para você quanto cortar minha trança seria para mim.

Ela se encolheu e lambeu os lábios nervosamente enquanto olhava para a marca — Entendi. Hmm... Precisamos perguntar aos Ordosianos. Ela não apenas o marcou, mas também implantou algo que o torna imune a muitas toxinas e venenos. Eu gosto de saber que isso o deixa mais seguro lá fora.

— Nenhuma vantagem de caça justifica o desrespeito à minha companheira — eu respondi teimosamente.

Belle me deu o mais terno dos sorrisos e acariciou minha bochecha — Bem, vamos ver o que os Ordosianos dirão sobre isso. Eu também preferiria que a marca fosse removida, mas não os benefícios. Eu gosto de saber que você tem chances maiores de voltar ileso para casa, em vez de ter que passar mais quatro dias em coma induzido por drogas.

Eu enrijei e olhei para minha companheira com horror — Quatro dias? Eu fiquei inconsciente por quatro dias?! — eu exclamei em choque e descrença.

Belle assentiu com uma expressão de desculpas — Aparentemente, é doloroso para o anfitrião assimilar o implante que a rainha lhe deu. Considerando o seu tamanho, ela injetou bastante anestésico em você para que durasse o suficiente.

Uma série de xingamentos saiu da minha boca — Eu preciso voltar para a caça. Agora, certamente eu já perdi a liderança. Provavelmente eu até caí para o último lugar. Onde está minha braçadeira? — eu perguntei, tirando minha companheira do colo para que eu pudesse me levantar.

— Querido, você não pode sair para caçar. Precisamos que o curandeiro o examine para ter certeza de que está tudo bem — Belle interrompeu com uma expressão preocupada — Szaro também disse que precisava falar com você.

— Eu não tenho tempo para isso, Annabelle — eu disse, lutando para manter minha raiva sob controle — Eu tenho que voltar para lá.

— Mas por quê? Qual é a pressa? A sua saúde não é mais importante do que matar mais algumas criaturas? Você mesmo disse que não precisamos dos créditos — ela respondeu, parecendo ao mesmo tempo confusa e prestes a ficar com raiva.

— Eu não dou a mínima para créditos — eu retruquei — Mas pelos dentes de Kromor, eu *não* vou permitir que você fique casada com o maior perdedor da caçada!

O queixo de Belle caiu. Ela piscou e olhou para mim como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça.

— Bayron, você *não* é o maior perdedor. Não me importa o que digam as pontuações de mortes da Federação, *você* é o maior vencedor desta caçada.

— Terminando em último? — eu desafiei.

— Derrotando sozinho uma das criaturas mais cruéis de Trangor, sem equipamento de caça adequado — Belle retrucou como se fosse evidente — Salvando uma criatura extremamente rara para o benefício de todos os membros da aliança galáctica. Conquistando a gratidão e o respeito dos Ordosianos, que não são uma espécie muito indulgente. Por ser o primeiro caçador que foi convidado a entrar e residir em uma aldeia Ordosiana por pura hospitalidade, me tornando assim o primeiro cônjuge de caçador a também desfrutar desta honra única na vida. Por ser a razão pela qual Ferach tem uma nova vida. E por ser o primeiro ser não-Atreall a receber uma bênção real. Eu não dou a mínima para o que os outros pensam. Você é o maior vencedor desta caçada e eu não poderia estar mais orgulhosa de ser sua esposa.

Foi a minha vez de ficar boquiaberto com minha companheira, paralisado. Como eu poderia responder a isso? Eu não conseguia conciliar a ideia de ser um vencedor ficando em último lugar em uma competição. E ainda assim, o orgulho da minha mulher por mim não poderia ser negado.

Belle gentilmente agarrou minha trança e acariciou seu comprimento, seus olhos fixos nos meus e uma expressão terna em seu rosto.

— Eu sei que uma classificação elevada é importante para você e seu povo. Mas você é mais importante para mim. Eu não quero segurá-lo. Pelo menos para minha paz de espírito, deixe o curandeiro confirmar que você está bem. Será rápido. E então você poderá arrasar novamente. Tudo bem?

Eu apertei os lábios, mas grunhi em assentimento.

Ela sorriu para mim — Obrigada meu amor. Mas não se mate lá fora. Não se esqueça que, no que me diz respeito, você já ganhou.

Mais uma vez, eu grunhi de forma evasiva, o que a fez rir.

Enquanto me vestia rapidamente, Belle me atualizou com as notícias maravilhosas sobre Ferach. Eu precisaria encontrar uma maneira de agradecer adequadamente aos Ordosianos pelo que fizeram por mim e pelo filhote. Quando ela percebeu meu olhar crítico para as paredes ásperas do quarto, minha companheira explicou como um homem Ordosiano só polia e decorava uma casa para sua mulher depois de acasalar. Caso contrário, qualquer casa teria essa aparência de tela em branco semiacabada.

Agradei a ela por essa informação enquanto saíamos de casa. Silenciosamente, eu me repreendi por minhas suposições pouco caridosas de que eles nos colocaram em uma casa inacabada como um desrespeito dissimulado. Por que sempre pensamos o pior ou procuramos insultos em cada palavra ou ação que os outros realizavam?

Ferach nos acompanhou enquanto nos dirigíamos para a clínica. Ele não só precisava de outro tratamento, mas também queria ficar conosco. Ver o vínculo mais profundo que ele criou com minha Belle reacendeu a preocupação em meus corações. Se os Ordosianos realmente o tiverem curado, ele precisará ser solto na natureza para evitar sufocar sua natureza.

Quando entramos na clínica, uma mulher chamada Salha levou Ferach para examiná-lo. Uma mulher diferente, a curandeira chamada Teichi, fez alguns testes rápidos enquanto me bombardeava com um bilhão de perguntas. Belle estava certa ao dizer que não demoraria muito. Eles estiveram me monitorando de perto enquanto eu estava inconsciente e apenas queriam minha confirmação de que eu não sentia nenhum desconforto.

Eu saí da cápsula médica e, enquanto arrumava a roupa, perguntei sobre como retirar a marca da rainha e alisar a pele sem precisar extrair o implante.

Meu alívio por ela confirmar que isso poderia ser feito se transformou em consternação quando ela pediu que eu esperasse para falar primeiro com Szaro. Antes que eu pudesse discutir mais, o Grande Caçador entrou na sala.

— Momento perfeito — Belle disse.

Eu grunhi enquanto Szaro sorria para minha companheira — Teichi me avisou de sua chegada. Eu vim o mais rápido que pude.

A curandeira sorriu, pediu licença e saiu da sala.

— Obrigada. Meu marido está inquieto para voltar a caçar — ela disse se desculpando.

No entanto, a leve carranca de Szaro ao ouvir essas palavras deixou todos os meus sentidos em alerta máximo. O que quer que ele dissesse a seguir, sem dúvida me irritaria.

— Basta dizer o que você tem a dizer — eu disse sem rodeios — Já posso dizer que não vou gostar de ouvir.

Szaro bufou e assentiu lentamente — Você adivinhou certo. Resumindo, nós gostaríamos que você adiasse seu retorno à caça até passar algum tempo com a rainha.

Eu recuei com a resposta inesperada — Passar um tempo com ela? Para quê?

— Apesar do grande cuidado que estamos prestando a ela, ela ainda está angustiada e em pânico — Szaro explicou — Ela deveria ter começado a botar ovos há alguns dias. Com base em seus níveis hormonais atuais, ela está deliberadamente evitando fazer isso. Nós acreditamos que é porque ela está com medo.

— Mas por quê? — Belle perguntou, ecoando meus pensamentos.

— Nós só podemos especular, mas por experiência própria, seria porque ela se sente insegura e questiona seu próprio julgamento — Szaro disse franzindo a testa enquanto coçava a parte interna do capuz — Ela escolheu o local de seu ninho, que foi quase imediatamente atacado por algo que ela não poderia ter derrotado. Ela escolheu um comandante de sua guarda, que foi imediatamente tirado dela. E agora, as pessoas que tiraram dela seu protetor estão tentando convencê-la a dar à luz seus filhos. Ver você em segurança e ao lado dela deve ajudar a apaziguar a rainha e a restaurar sua confiança em seu próprio julgamento.

Eu soltei um suspiro irritado — Muito bem — eu resmunguei — Eu já perdi quatro dias. Mais algumas horas não farão muita diferença — A forma como Szaro fez uma careta ao ouvir minhas palavras imediatamente me deixou tenso — O quê?

— Ela não vai começar a botar ovos minutos depois de vê-lo — o Ordosiano disse em tom de desculpas — Neste tipo de situação, as fêmeas geralmente esperam alguns dias de estabilidade antes de se sentirem seguras o suficiente para pôr os ovos.

— Certamente isso é uma piada de mau gosto? — eu sibilei.

— Receio que não — Serena disse em um tom solidário — Acredite em mim, nós tentamos apaziguá-la para que não precisássemos incomodá-la ainda mais. Mas ela continua agitada desde que o tiramos dela. E os Ordosianos usando seu chocalho para acalmá-la só agravam seu pânico. Embora isso a acalme, ela sabe que é artificial, que está tecnicamente sendo forçada a ser dócil.

Eu cerrei os dentes e balancei a cabeça lentamente, incrédulo. Isto era uma conspiração.

— Olha, talvez possamos chegar a um acordo — Serena disse com

voz suave — Você não precisa segurar a mão dela o tempo todo. Contanto que você não saia mais de uma hora antes que ela o veja novamente, isso pode funcionar.

— Não há Flayers naquela área — eu retruquei — Quando eu voar para o local de um Flayer, eu mal terminarei de matá-lo e terei que voar de volta para a Rainha. Seria inútil.

— Nós poderíamos atrair alguns deles para um local seguro, mas próximo da caverna, para que você não tivesse que viajar para muito longe — Szaro ofereceu.

— E ser mais uma vez acusado de trapaça? — eu rosnei — Eu não darei aos outros caçadores nenhuma desculpa para envergonhar ou desprezar minha companhia.

— Isso seria diferente. Nós...

— Não! — eu disse em um tom que não admitia discussões, interrompendo Szaro — Eu *não* permitirei que ninguém traga minhas presas para mim. Eu sou um *caçador* — eu acrescentei, batendo os punhos principais no peito — Se eu quisesse presas fáceis, iria para uma galeria de tiro. Eu mesmo persigo a presa.

— Certo. Eu entendo — Szaro disse, com a voz neutra e o rosto desprovido de emoção.

Eu não olhei para Belle. Seu olhar pesava muito sobre mim. Eu já sabia que expressão suplicante encontraria em suas feições se olhasse em sua direção.

Serena soltou um suspiro com um leve ar de derrota — Bem, valeu a pena tentar. Nós vamos resolver isso.

Eu emiti um grunhido irritado e acenei com a mão em desdém — Eu vou tomar conta da sua rainha — eu disse em um tom enojado — De qualquer forma, eu já perdi a caçada. Com base nos placares atuais, mesmo que eu me matasse caçando nos próximos dias, eu ainda não terminaria acima da vigésima posição.

A raiva e a humilhação queimaram minhas entranhas com essa perspectiva. Eu nunca fiquei abaixo dos cinco primeiros. Como eu mostraria meu rosto ao meu clã depois disso?

— Obrigada por isso — Serena disse em um tom gentil misturado com gratidão genuína e um pouco de confusão — Mas sabe, você não perdeu, Bayron. Você na verdade ganhou esta caçada. Em termos de crédito, você sairá daqui com praticamente o dobro do que o vencedor receberá.

— Isso não faz sentido — eu respondi — E de qualquer forma, eu não me importo com os créditos.

Serena deu de ombros — Seja como for, a Federação de Caçadores está concedendo a você um prêmio em dinheiro por salvar a rainha, e a Coalizão Farmacêutica também está concedendo a você um prêmio em dinheiro. Além disso, a notícia de que você derrotou sozinho um

maldito Nharmyth sem equipamento de caça e salvou a última rainha de uma espécie vital se espalhou como um incêndio. Você é o assunto do momento.

— Viu?! Eu te disse! — Belle exclamou, sorrindo para mim.

— Vocês dois discutiram isso? — eu perguntei, dando à minha companheira um olhar desconfiado.

— De jeito nenhum! Nós não fizemos isso — Belle disse, balançando a cabeça veementemente — Mas eu sabia que as pessoas reagiriam dessa forma. Você mostrou a eles que você é um caçador fodão e um protetor maravilhoso. Estou tão orgulhosa de você!

Ela caminhou até mim, passou os braços em volta da minha cintura e beijou sua marca no meu peito sobre o tecido fino da minha camisa. Eu franzi o rosto, sem conseguir encontrar uma resposta apropriada para suas palavras, mas me sentindo profundamente comovido por elas.

— Vocês, galácticos, são estranhos — eu murmurei.

Todos eles riram. Mas eu fiquei imediatamente sério, me lembrando do principal motivo pelo qual eu queria falar com Szaro.

— Em relação à essa marca no meu ombro... — eu disse.

— É melhor você mantê-la até que alguns Atrealls tenham eclodido — Szaro disse, adivinhando o que eu estava planejando perguntar a ele — Se a Rainha não ver isso em você, ela pode interpretar isso como uma rejeição pessoal. Mas nós poderemos removê-la completamente para você antes de sair de Trangor.

Eu grunhi meu consentimento, ainda irritado por ela permanecer comigo por mais algum tempo.

— Pare de ser mal-humorado — Belle disse com uma risada.

Eu dei a ela um olhar sinistro, o que só a fez rir ainda mais. Mesmo com tudo isso, meus corações ainda se derretiam pela minha companheira, pelo amor incondicional e apoio que ela sempre me demonstrou.

— Antes de levá-lo à rainha, eu tenho outra pergunta para você — Szaro disse.

Eu estreitei os olhos para ele, pronto para perder o controle se ele fizesse outra exigência ultrajante — O quê? — eu rosnei.

Rindo, ele ergueu as palmas das mãos em um gesto apaziguador e olhou para mim com o tipo de expressão divertida que eu nunca esperei que um Ordosiano me desse.

— Paz, Zamoriano — ele disse provocativamente — Na verdade, é sobre Ferach.

— Oh? — eu disse, a rigidez nas minhas costas mudando de uma raiva preventiva para preocupação.

Uma preocupação semelhante tomou conta das feições de minha companheira.

— Não há nada com que se preocupar, muito pelo contrário — ele disse em tom tranquilizador — Teichi fez exames de sangue em você para ver como você estava reagindo ao implante Atreall. Ela acredita que pode obter um soro poderoso que tornaria Ferach imune à maioria das infecções e ajudaria a regenerar suas glândulas melhor do que nós.

— Sério? — eu perguntei, atordoado.

Ele assentiu — Se você consentir, ela poderá preparar doze doses para você administrar em Ferach uma vez por mês. Embora ela suspeite que ele só precisará de seis delas antes de estar totalmente curado e, de fato, melhorado.

— Isso é maravilhoso! — eu exclamei — Claro, faça isso!

— Eu não te disse que você era incrível?! — Belle exclamou — Toda vez que eu penso que vi o auge de sua grandiosidade, você me surpreende de novo!

Eu rosnei para esconder meu constrangimento.

— Oh, ele ainda não atingiu o ápice — Serena disse — Como seu companheiro, ele transmitirá um pouco de sua nova resistência a veneno e regeneração acelerada para você quando vocês forem brincar.

Incapaz de decidir se eu queria corar por ter nossa vida sexual levantada ou se alegrar ao saber que eu a melhoraria, Belle decidiu enterrar o rosto em meu peito enquanto me dava um abraço apertado. Eu devolvi, meus corações explodindo com uma notícia tão maravilhosa.

Uma batida na porta a poupou de mais constrangimento.

— Ah, Salha precisa terminar de examinar Ferach — Szaro disse.

— Que tal você e Belle irem ver como ele está? Eu vou ficar aqui e colher algumas amostras de sangue de Bayron para o soro — Serena disse ao seu companheiro, me surpreendendo.

— Boa ideia! — Belle disse, com muito entusiasmo.

Pela maneira como Szaro assentiu e lançou um olhar encorajador para sua companheira, percebi que eles estavam deliberadamente nos deixando sozinhos. Por mais que eu quisesse esclarecer as coisas com ela, eu não esperava que isso acontecesse agora e não me sentia totalmente pronto para isso.

Enquanto nossos companheiros saíam da sala, Serena foi buscar uma seringa e vários frascos. Ela apontou para a mesa de exame. Eu obedeci e me sentei na beirada enquanto procurava as palavras certas.

— Belle parece muito feliz — Serena disse em tom de conversa enquanto amarrava um elástico em volta do meu braço — Ela não tem nada além de elogios sobre você.

— Chocante, não é? — eu respondi, voltando ao meu sarcasmo confortável.

Ela bufou — Sim, na verdade. Muito...

— Talvez ela tenha domesticado a fera e me mostrado o erro dos meus caminhos — eu disse dando de ombros.

Serena franziu os lábios enquanto desinfetava a dobra do meu cotovelo — Ou talvez ela apenas tenha ajudado o resto de nós a ver quem você realmente é.

Eu abri e fechei a boca duas vezes, meu cérebro não conseguiu aproveitar a abertura que ela estava me dando.

— Ela... Belle vê meu verdadeiro eu e me ajuda a ver as coisas de uma perspectiva diferente — eu disse cuidadosamente — Nossas opiniões nem sempre estão alinhadas, mas isso é esclarecedor.

— Sim, ela certamente é excelente em fazer as pessoas revisitarem suas suposições e preconceitos — Serena respondeu, me lançando um olhar penetrante que deixou claro que ela estava falando sério sobre suas suposições sobre mim.

Eu engoli em seco e endireitei os ombros — Eu não sei se os Flayers que a forçaram a invadir o território Ordosiano eram do rebanho que eu atraí. Eles não deveriam ter sido capazes de vagar tão ao norte. Mas se forem, eu quero que saiba que sinto muito pela angústia e pelas dificuldades que isso lhe causou. Eu tenho meus defeitos, mas eu nunca colocaria deliberadamente a vida de ninguém em risco, muito menos de mulheres e jovens. E embora você não conheça nossos costumes, pela minha honra, eu juro que não trapaceio.

Eu fiquei surpreso com a maneira gentil como ela olhou para mim. Eu esperava que ela rejeitasse minhas palavras.

— Se você tivesse me contado isso naquela época, eu não teria acreditado em uma palavra. Mas agora eu sei — Serena disse suavemente — Belle me contou sobre a cultura Zamoriana e algumas das maneiras como você vê a competição. Desde que eu me casei com Szaro, eu tive que repensar muitas coisas que considerava normais ou corretas. Na verdade, eu aprendi que você não deve julgar alguém, a menos que realmente entenda de onde essa pessoa vem ou pelo menos tente ver a situação através dos olhos dela.

— E eu tenho muitos olhos — eu brinquei.

Ela bufou — Isso, você tem...

Eu me peguei sorrindo. Ela sorriu de volta antes de enfiar a agulha no meu braço.

— Fico feliz em ver que você está feliz com seu companheiro — eu disse.

Ela sorriu para mim — Eu estou extremamente feliz. Quando aquela bagunça aconteceu, eu pensei que minha vida tinha acabado de ser arruinada. Mas eu não demorei muito para perceber que era a maior bênção que eu poderia ter esperado. Embora eu também não

saiba se aqueles Flayers vieram do rebanho que você atraiu, eu estou grata por eles terem me forçado a entrar no território proibido. Sem isso, eu teria terminado a caçada e deixado Trangor sem saber que minha alma gêmea estava aqui.

Eu balancei a cabeça — Ele claramente te adora. Mas... você sente falta das caçadas?

Ela balançou a cabeça com firmeza enquanto enfiava um novo frasco na ponta da agulha — Eu obtive o melhor dos dois mundos. Eu ainda caço com a tribo quando necessário, mas eu sempre quis ser uma patrulheira. Cuidar da fauna aqui é a realização de um sonho.

— Aquece meus corações ouvir isso. Eu... me preocupei por ter arruinado sua vida involuntariamente — eu admiti em um tom resmungante.

Ela riu e me lançou um olhar travesso — Eu gostei de deixá-lo pensando assim. Mas não, você não fez isso.

— Você está bem, Bayrohnziyiek Skortheatis. Cuide bem da sua esposa. Ela é uma verdadeira joia — Serena disse, depois de tirar a agulha do meu braço e colocar um pequeno curativo sobre o ferimento invisível — Agora, vamos levá-lo para aquela caverna. Você tem uma rainha para tranquilizar.

Eu assenti e fiquei de pé.



Capítulo 18

Annabelle

Eu nunca esquecerei a reação da Rainha Atreall quando Bayron e eu entramos na caverna. O guincho longo e agudo que ela emitiu ao ver meu marido quase partiu meu coração. Nem mesmo ele conseguiu ficar indiferente à alegria que ela sentiu.

O ciúme que eu esperava sentir nunca veio. Quando Bayron foi ficar ao lado dela, a rainha deu uma patada nele como se não pudesse acreditar que ele estava realmente ali, tocando a cicatriz em seu pescoço várias vezes. Minha garganta se contraiu ao vê-la agarrada a ele como uma criança assustada. Eu nem surtei quando ele passou um braço em volta dela, acariciando suavemente o pelo em volta de seu pescoço enquanto falava suavemente com ela em Zamoriano.

Embora eu ainda estivesse muito longe de ser fluente em sua língua nativa, eu aprendi o suficiente nos últimos meses para entender o que ele estava dizendo. Meu coração se encheu de amor por ele enquanto ele falava palavras de encorajamento, lhe assegurando que ela estava segura.

Após aquela comovente reunião, nós decidimos que Bayron realmente teria que passar a maior parte de seus dias na caverna até que a rainha estivesse totalmente apaziguada. A nave da Federação nos trouxe todos os tipos de conforto, desde cadeiras almofadadas, uma cama inflável que poderíamos dobrar em um sofá de dois lugares, uma pequena mesa e equipamentos de caça de ponta. Eles também nos deixaram uma pequena nave pessoal para que pudéssemos viajar facilmente de um lado para o outro, se necessário.

Bayron queria que eu voltasse para o acampamento para ficar mais à vontade, mas eu estava me divertindo muito aqui na selva, desenhando sem parar. Eu gostei especialmente de capturar as interações da rainha com ele e os Ordosianos que vinham em rotação para ajudar.

Como era de seu costume, Bayron ia caçar carne fresca para nós em todas as refeições, dando uma porção para a rainha, outra para Ferach e guardando o resto para nós. No início, eu surtei quando o lobinho se juntou a ele nessas caçadas. Mas sem o Nharmyth, as outras

criaturas próximas não representavam uma ameaça. De qualquer forma, o soro derivado do sangue de Bayron tornou Ferach praticamente invencível. Entre sua pele de pedra, que aumentava a resistência a venenos e infecções, e sua regeneração acelerada, nosso lobinho não tinha nada a temer.

Embora as boas-vindas dos Ordosianos para permanecer em sua aldeia ainda estavam de pé, Bayron e eu decidimos dormir na caverna. Eu acampeei bastante – tanto para sobrevivência quanto para recreação com meu pai – e gostei bastante dessa fuga improvisada com meu homem e meu lobinho. Nós tomávamos banho no rio, a leste da cidade flutuante dos vorea.

No quinto dia, a rainha começou a botar ovos.

Dois dias depois, com a bênção dos Ordosianos, nós voltamos ao acampamento base com o entendimento de que Bayron apareceria pelo menos uma ou duas vezes por dia durante pelo menos trinta minutos. Como ele passava cada vez mais tempo longe da rainha e com ela ocupada cuidando dos ovos, ela não era mais tão grudenta com ele.

Foi a nossa primeira vez de volta ao acampamento em mais de duas semanas. Assim que saímos da nave, os caçadores nos cumprimentaram com uma ovação de pé. Assustado, a pele de Ferach virou pedra quando ele assumiu uma postura protetora diante de nós. Isso e esta recepção inesperada me viraram de cabeça para baixo. Cada caçador, seu cônjuge e a equipe da Federação de Caçadores estavam presentes no hangar, comemorando e aplaudindo para Bayron. Ao me agachar ao lado de Ferach para acalmá-lo, eu olhei para meu marido. Sua expressão me emocionou ainda mais.

Ele estava lutando contra o tipo de emoção que seu povo consideraria um sinal de fraqueza. Eu não conseguia imaginar como isso era para ele. Bayron estava acostumado ao desprezo, à antipatia geral ou à polidez fria e relutante – o que não é bem-vindo para este herói. Mas a imagem projetada na tela gigante atrás do estrado, de onde o Mestre de Caça Bron se dirigia aos caçadores, me deixou sem fôlego.

O desenho que eu tinha feito de Bayron segurando a rainha assustada nos braços, a tranquilizando quando voltamos para a caverna, estava totalmente exposto. Serena me disse repetidamente como ele era bom, até me convencendo a enviá-lo para o Mestre Bron. Eu nunca esperei que ele usasse isso dessa maneira. E desse tamanho, ele *era* impressionante.

— Bem-vindo de volta, Bayron — disse o Mestre de Caça Bron, acenando para que nos juntássemos a ele no estrado.

Confuso e um pouco desconfortável com todo aquele barulho, Ferach seguiu em silêncio, sua pele de pedra ainda ativa enquanto

vigiava todas as pessoas excessivamente empolgadas ao nosso redor.

— Obrigado, Mestre de Caça Bron — Bayron disse, parecendo um pouco perplexo quando o alcançamos.

— Não vamos mantê-lo por muito tempo, pois você provavelmente está ansioso para voltar para o conforto e a privacidade de seus aposentos depois de tal provação — o Mestre de Caça Bron disse com entusiasmo — No entanto, em nome da Organização dos Planetas Unidos, da Federação dos Caçadores Galácticos, da Coalizão Farmacêutica e de todos os membros da Aliança Galáctica, nós agradecemos sua coragem e seu sacrifício altruísta para um bem maior.

Pela maneira como Bayron franziu o rosto, eu imediatamente soube que ele estava se preparando para fazer um comentário constrangido como ‘Eu não fiz isso para um bem maior ou para qualquer uma dessas organizações’ enquanto ele abria a boca. Ele olhou para mim. Eu sorri inocentemente enquanto meus olhos davam a ele o olhar de ‘Comporte-se’ com o qual ele estava acostumado.

Embora ele não tenha feito nenhum som, eu quase pude ouvir o grunhido interno de aborrecimento que ele engoliu.

— Obrigado, Mestre de Caça Bron. Qualquer um de nós teria feito o mesmo — Bayron murmurou graciosamente.

Bron balançou a cabeça com um brilho de aprovação nos olhos — Qualquer um de nós gostaria de fazer o mesmo, mas *muito poucos* conseguiriam o que você fez, sozinho e com equipamento tão limitado. Você provou mais uma vez porque está consistentemente classificado entre os melhores caçadores da galáxia. Ao colocar as maiores necessidades dos outros e a proteção da flora e da fauna das quais todos dependemos antes de sua personalidade e desejos altamente competitivos, você também provou que incorpora o espírito da Federação de Caçadores Galácticos.

Eu pisquei, meu rosto sem dúvida refletindo o choque que meu marido sentiu visivelmente. Além da salada maluca de palavras que acabou de sair da boca do Mestre de Caça, a reviravolta completa de cento e oitenta graus em suas opiniões sobre ele deve ter sido como uma chicotada para Bayron.

— Por esta razão, eu tenho a honra de lhe apresentar esta placa de bravura e valor em nome da OPU e da Federação de Caçadores Galácticos — o Mestre de Caça Bron disse, estendendo-lhe a placa holográfica de tamanho médio, que Bayron instintivamente pegou — Ambas as organizações e a Coalizão Farmacêutica também combinaram seus recursos para conceder a você uma recompensa de cinco milhões de créditos como forma de agradecimento.

Os gritos e aplausos que saudaram as palavras de Bron abafaram meu suspiro chocado. Cinco malditos milhões de créditos?! Isso era

demais para apenas fazer a coisa certa. Tinha que haver mais em jogo. Bayron parecia tão chocado quanto eu. Claro, Serena mencionou que ele receberia uma recompensa em dinheiro, mas isso era mais que o dobro do que o vencedor receberia.

Então eu notei Tarn nos filmando.

Isso é algum tipo de publicidade?

— Isso é excessivamente generoso — Bayron argumentou — Eu não procuro créditos. E certamente não preciso ser recompensado por fazer a coisa certa.

— E é exatamente por isso que você merece esse reconhecimento. Nós já transferimos os créditos para sua conta — o Mestre de Caça Bron acrescentou rapidamente quando Bayron abriu a boca para discutir mais um pouco — E com sua permissão, Belle, a Federação adoraria apresentar esta ilustração impressionante de seu marido cuidando da jovem rainha em nossa próxima publicação.

Eu fiquei boquiaberta para ele, e depois lancei um olhar atordoado para Bayron. Para minha surpresa, sua expressão chocada deu lugar ao orgulho.

— Claro, ela consente — Bayron respondeu em meu lugar, seu tom e comportamento arrogantes voltando com força total enquanto ele possessivamente apertava seu braço em volta de mim — Minha companheira é a artista de ação mais talentosa que existe. Até Serena Bello solicitou uma colaboração com ela para a enciclopédia de Trangor que ela está publicando.

Com minhas bochechas queimando de prazer, eu dei ao Mestre de Caça Bron um sorriso tímido como confirmação de que estava realmente feliz em deixá-los usá-lo. Que tremenda honra e exposição insana isso seria para mim!

— Foi o que eu ouvi. Nós também buscaremos uma colaboração semelhante — Bron acrescentou com um amplo sorriso.

Apesar de registrar suas palavras, minha mente estúpida ficou presa em como o sorriso o deixava bonito. Como todos os Edocits — uma espécie semelhante à uma dríade — o Mestre de Caça Bron mantinha uma aparência jovem mesmo agora que se aposentou da caça ativa por causa de sua idade. Eu adoraria desenhá-lo e capturar a forma como as flores em seu cabelo parecido com uma videira floresciam em reação ao seu humor alegre.

— Estou ansiosa por essa colaboração — eu disse com uma risadinha nervosa.

— Excelente. Bem, nós já os seguramos por tempo suficiente. Uma garrafa de champanhe Edocit espera por vocês em seus aposentos. Aproveitem a noite.

Nós agradecemos a ele, ainda um pouco abismados com tudo isso. Quando descíamos do estrado, ainda aplaudidos pela multidão, a Dra.

Ahmad nos interceptou. Ela se ofereceu para cuidar de Ferach naquela noite. Surpresa no início, eu quase recusei. Mas o olhar travesso em seus olhos e seu sorriso astuto rapidamente me calaram. Ela riu do tom vermelho das minhas bochechas.

— Obrigada — eu disse timidamente, antes de lançar um olhar de lado para Bayron.

O calor em seus olhos fez meu estômago revirar. Já fazia muito tempo que não conseguíamos brincar adequadamente. Como havíamos deixado Krada menos de duas horas depois de Bayron recuperar a consciência, e passamos os dias seguintes na caverna com a jovem rainha, as oportunidades foram escassas. É verdade que nos acariciávamos e nos beijávamos quando nos lavávamos no rio próximo e sempre que podíamos ter um momento a sós. No entanto, com a interferência ciumenta de Ferach, nós nunca podíamos ir até o fim.

Em nossos alojamentos relativamente pequenos, teríamos que trancar Ferach na sala de higiene. Assim que eu começasse a gritar, ele iria arrombar a porta, pensando que eu estava sendo atacada. Uma noite selvagem com meu marido parecia exatamente o que eu precisava.

Depois de nos despedirmos de Ferach, seguimos para nossos aposentos enquanto a multidão se dispersava.

— Isso foi incrível — eu disse, tentando ignorar a chama na boca do meu estômago — Agora todo mundo finalmente vê o que eu vi em você.

Ele grunhiu com desdém.

— Não há problema em admitir que eu estava certa e que você gostou de ser elogiado — eu acrescentei provocativamente.

Ele me lançou um estranho olhar de lado, claramente pensando em algo — É sempre bom ser aclamado — ele admitiu em tom sério, longe da ostentação que eu esperava — O Mestre de Caça Bron também não estava errado ao dizer que a maioria dos outros caçadores não teria sido capaz de fazer isso em circunstâncias semelhantes. No entanto, isso é principalmente uma jogada de marketing.

Eu fiz uma careta, perturbada por ele repetir alguns dos pensamentos que passaram pela minha cabeça — O que você quer dizer com isso?

— Acredito que a recompensa excessiva vem de um lugar genuíno — ele respondeu, pensativo — A OPU, a Federação de Caçadores e a Coalizão Farmacêutica estão extremamente gratos por esta nova rainha e por tudo que fortaleça o relacionamento com os Ordosianos. Este planeta é um tesouro para a pesquisa médica e a indústria farmacêutica.

— Certo. Então você acha que isso está encorajando outros

caçadores a agirem como você, na esperança de uma recompensa tão grande? — eu perguntei.

Ele balançou sua cabeça — Na verdade não. É claro, os caçadores de classificação mais baixa adorariam receber um estoque tão grande de créditos. Mas aqueles com habilidades para fazer algo assim já têm mais créditos do que precisam. Trata-se de cortejar outros planetas “primitivos” como Trangor, onde os habitantes locais relutam em negociar com a OPU e a Federação de Caçadores. A ilustração que você fez de mim cuidando dos Atreall é bastante impactante. Suspeito que eles pedirão mais peças semelhantes de você, mostrando as faces heroicas e altruístas de nossas caçadas.

— Isso faz sentido — eu disse quando chegamos à porta, que Bayron abriu antes de entrar primeiro — Mas seja qual for o motivo, fico feliz que você tenha feito tudo isso acontecer. Você é meu super-herói.

— Não — Bayron rosnou, fechando a porta atrás de mim — O que eu sou é seu marido, que perdeu muito o tempo a sós com você.

Eu ri com aprovação, meu estômago tremendo quando ele me pegou sem esforço. Seus lábios reivindicaram os meus avidamente enquanto eu envolvia minhas pernas em sua cintura. Mesmo com nossos lábios travados e suas mãos me apalpando, Bayron se movia pela sala com passos confiantes. Ele parou ao lado da cômoda, colocando a placa holográfica em cima, antes de começar a tirar minhas roupas.

Meu marido não tirou totalmente meu vestido. Assim que ele passou da minha cabeça, ele deixou que eu o descartasse. Sua boca ansiosamente recuperou minha boca enquanto suas mãos trabalhavam freneticamente em meu sutiã. Ele quase o rasgou de mim, jogando-o em algum lugar da sala enquanto me inclinava para trás. Me segurando com suas mãos secundárias, ele chupou e lambeu meu mamilo direito, parando apenas o tempo suficiente para que suas mãos primárias removessem sua camiseta.

Eu o senti tirando os sapatos e tirei os meus, minhas mãos deslizando entre nós para desfazer os fechos da cintura de suas calças. Eu engasguei contra sua boca quando ele firmemente puxou minhas mãos. Dobrando-as nas minhas costas, ele segurou meus pulsos com uma única mão enorme. Meus dedos dos pés se curvaram diante desse desamparo imposto. Eu me rendi de bom grado ao domínio de Bayron.

Meu estômago deu outra cambalhota quando seus dedos roçaram meu núcleo. Sua língua silenciou meu gemido frustrado quando percebi que ele estava apenas se desfazendo as calças de couro. Elas escorregaram pelas pernas com o som suave do tecido. Bayron interrompeu o beijo quando saiu delas, seus dentes à mostra de uma forma quase ameaçadora enquanto ele olhava para mim tirando a

braçadeira.

Eu adorava o jeito faminto e quase selvagem com que ele sempre olhava para mim, como se eu fosse a mulher mais sexy e desejável do universo. Ele parecia simplesmente não conseguir resistir ao desejo de me ter, de me devastar e me devastar de todas as maneiras possíveis. E eu queria isso.

— Eu vou fazer coisas indescritíveis com você — ele rosnou, como se tivesse ouvido os pensamentos passando pela minha cabeça.

Ele me carregou para dentro do chuveiro. O tamanho muito menor, comparado aos de sua nave e de nossa residência em Xoccoris, forçou uma maior proximidade entre nós, não que eu me importasse. Minhas costas enrijeceram com a sensação fria dos azulejos brancos contra minhas costas, contrastando fortemente com o calor da pele de Bayron ao meu redor.

Ele abriu a água, deixando chover sobre nós, enquanto continuava a me beijar e a me tocar. Com ele ainda segurando minhas mãos atrás das costas, eu não pude fazer nada além de aceitar seu controle sobre mim. Um gemido necessitado me escapou quando seus dedos roçaram meu clitóris, antes de mergulhar dentro de mim.

Ao contrário de sua habitual construção lenta de prazer, intercalada com muitas provocações, Bayron parecia impaciente, como se estivesse sob uma necessidade muito poderosa de longas preliminares. Em vez de me assustar, isso me excitou ainda mais. Minhas paredes internas palpitavam em torno de seus dedos enquanto eles entravam e saíam de mim. Eles imediatamente se concentraram no meu ponto G. Normalmente, eu tinha que implorar para ele parar de evitá-lo enquanto ele me submetia à tortura mais requintada.

Se ele quisesse que eu chegasse ao clímax rapidamente, eu não negaria. Girando meus quadris, eu descaradamente montei sua mão enquanto o prazer crescia dentro de mim. Seus dentes mordendo o botão duro do meu mamilo direito me fizeram crescer rapidamente. Para minha surpresa, quando eu estava prestes a descer, Bayron puxou a mão. Meus olhos se abriram de indignação.

Qualquer palavra que eu pudesse ter falado foi varrida por um grito gutural quando meu companheiro enfiou seu pênis dentro de mim em um impulso poderoso. Deslizando os braços secundários atrás dos meus joelhos, Bayron me apoiou um pouco mais alto. Sua mão direita principal ainda prendia meus pulsos, enquanto a esquerda segurava minha nuca daquele jeito dominante que ele sempre fazia para olhar para meu rosto.

Com os lábios entreabertos, respirando pesadamente entre dois gemidos, eu me senti à beira de entrar em combustão quando Bayron imediatamente estabeleceu um ritmo punitivo, bombeando para dentro e para fora de mim. Com a fricção de seu pênis principal

esfregando contra meu clitóris, eu nunca tive chance. Eu gritei, varrida pela felicidade. Os espasmos que sacudiam meu corpo eram quase imperceptíveis em seu abraço apertado.

Restringida como eu estava, eu só podia aceitar tudo o que ele tinha para dar. Eu adorava me sentir impotente, como se ele estivesse me usando para seu prazer. E ainda assim, todo o seu foco estava no meu prazer. Ele não se permitia chegar ao clímax até que me fizesse gritar pelo menos uma segunda vez. Um inferno se alastrou dentro de mim enquanto seu pau batia implacavelmente em meu ponto ideal, enviando choques elétricos pelas minhas pernas. Seus dedos começaram a sondar meu traseiro alimentando ainda mais as chamas que me consumiam por dentro.

Meu orgasmo começou como uma maré lenta que rapidamente se transformou em uma tempestade, me deixando mole nos braços do meu marido. Só então Bayron soltou meus pulsos e me libertou dessa posição restrita.

Ainda enfiando dentro de mim, desta vez em um ritmo muito mais suave, ele cobriu meu rosto com beijos carinhosos enquanto eu continuava a atingir meu orgasmo.

— Você tem alguma ideia de como você fica de tirar o fôlego quando desmorona por mim? — ele sussurrou com uma voz estrondosa ainda mais profunda pela luxúria — Você tem alguma ideia do quanto eu te amo?

Ainda meio atordoada por causa do êxtase, eu olhei para ele através de olhos semicerrados, meu coração se enchendo de amor pela minha Fera. Eu apertei minhas mãos trêmulas atrás de seu pescoço e sorri.

— Espero que pelo menos metade do quanto eu te amo — eu falei arrastada, olhando para ele com adoração.

— Meu amor... minha alma gêmea — ele sussurrou, me beijando.

Foi lento e terno, cheio de devoção e nada da fúria anterior que ele havia desencadeado sobre mim. Ele saiu de mim, inserindo cuidadosamente seu pênis principal. Bayron começou a fazer amor comigo suavemente, a parte inferior de seu pênis esfregando contra a costura da minha bunda.

Nós trocamos beijos e carícias, uma parte de mim desejava que estivéssemos na cama para poder explorar ele por completo. E, no entanto, eu não gostaria de percorrer a distância necessária para fazer isso. Eu nunca me cansaria de ser envolvida no forte abraço do meu marido. O aroma fresco do nosso sabonete levemente perfumado fez cócegas em meu nariz enquanto as mãos de Bayron percorriam meu corpo. Ele não estava usando tanto o sabonete para me lavar, mas sim para tornar cada carícia mais sedosa.

Eu segurei seu rosto com as mãos e fixei os olhos nos dele, meus

lábios a um fio de cabelo dos dele.

— Coloque o segundo — eu sussurrei.

Bayron enrijeceu, arregalando os olhos — Minha companheira? — ele perguntou, se perguntando se tinha me ouvido direito.

Eu sorri e balancei a cabeça — Coloque-o. Eu quero ser totalmente um com você. Eu quero você todo dentro de mim.

— Vai doer, meu amor — Bayron insistiu.

Eu beijei seus lábios e esfreguei meu nariz no dele — A primeira vez que fizemos amor doeu um pouco também, mas você rapidamente tornou isso incrível. E agora eu não me canso de você. Você está me preparando há um tempo. Vá em frente, meu marido. Eu confio em você para cuidar de mim, como sempre faz.

— Se for demais, me diga, ouviu? — ele avisou com uma voz severa.

Eu sorri e pressionei meus lábios nos dele, e ele imediatamente assumiu o controle. Sua língua dominou a minha enquanto ele se afastava da água. Ele não começou a se empurrar imediatamente. Em vez disso, eu senti o familiar efeito de formigamento de seu autolubrificante relaxando meus músculos.

Apesar do meu desejo de que ele continuasse, eu fiquei tensa quando ele removeu seu pênis principal. Me levantando um pouco mais alto, ele começou a inserir a ponta de seu pênis na minha bunda. Não foi muito longe antes dele encontrar resistência. Ignorando a vizinha irritante me dizendo que isso tinha sido uma má ideia, eu me concentrei no sabor de seus lábios, na sensação de seu corpo e na minha confiança cega nele.

Seus dedos no meu clitóris ajudaram ainda mais a distrair o desconforto. Cada vez que ameaçava se tornar doloroso, seu autolubrificante me entorpecia, fazendo meus músculos relaxarem. Com estocadas superficiais, ele gradualmente se inseriu, sussurrando palavras de amor e encorajamento. Foi uma sensação estranha, agravada pelo colar de “pérolas” ao longo dos lados do seu pênis.

— Você conseguiu, minha companheira — Bayron sussurrou de repente, sua voz misturada com admiração e empolgação.

Chocada, eu percebi que ele estava realmente totalmente embainhado, seu pênis principal ereto pressionando contra meu clitóris — Eu disse que podia confiar em você para me tratar bem — eu sussurrei de volta — Eu te amo.

— Eu te amo mais, minha esposa — ele respondeu antes de me beijar novamente.

Ele começou a se mover em um ritmo extremamente lento, se certificando de que não estava me machucando, e então acelerou gradualmente. Logo, a fricção de seu pênis principal contra meu clitóris me fez desejar mais. Quando ele finalmente empurrou dentro

da minha vagina, eu pensei que iria estourar. Deus do céu! Eu nunca estive tão cheia. Felizmente, ele fez uma pausa, me dando um momento para me acostumar a ter seus dois pênis dentro de mim.

Minhas paredes internas se contraíram em torno de seu pênis principal e lhe deram o sinal de que eu estava pronta para alguma ação. Assim que ele começou a se mover, um tsunami de sensações se abateu sobre mim. Entre as cristas em forma de pérola de seu comprimento, a cabeça giratória roçando meu ponto ideal a cada golpe e as propriedades afrodisíacas de seu autolubrificante me deixando louca de necessidade, eu mergulhei de cabeça em um turbilhão avassalador de prazer. Lava correu pelas minhas veias, incendiando cada uma das minhas terminações nervosas.

Um gemido estrangulado após o outro saiu da minha garganta enquanto eu agarrava meu homem, precisando de mais e ainda temendo que minha mente se despedaçasse com esse excesso de felicidade.

— Tão bom... bom pra caralho — Bayron rosnou de repente como se estivesse sob forte tensão.

Com ambos os seus pênis dentro de mim, dobrando seu prazer, eu não conseguia imaginar o que ele sentia. Um único olhar para seu rosto me fez desmoronar. Com os olhos fechados, as feições contraídas quase com um ar de extrema dor, Bayron parecia estar lutando para não perder o controle. Eu já tinha visto suas expressões de felicidade antes, mas nunca tão intensas.

Eu cheguei ao clímax com um grito agudo, uma luz branca ofuscante explodindo diante dos meus olhos. Bayron rugiu, me apertando dolorosamente enquanto algo se quebrava dentro dele. Ele cedeu à sua paixão desenfreada, me tomando forte e rápido. A Fera foi realmente libertada enquanto expressava seu êxtase em sons guturais, um meio termo entre gemidos e grunhidos quase selvagens. O nó na base de seu pênis principal inchou parcialmente, quadruplicando a sensação das cristas ao redor de seus eixos. Eu me senti como uma boneca de pano arrastada por um turbilhão de prazer e dor, que arrancava de mim um clímax após o outro.

Quando Bayron finalmente se rendeu ao êxtase, minha voz falhou e minha mente quase desapareceu. Depois de um longo abraço durante o qual meu marido me encheu de palavras de amor e devoção, eu senti vagamente que ele se afastava de mim. Ele nos lavou, secou e nos levou para a cama.

Completamente destruída, eu adormeci nos braços fortes da minha alma gêmea, me sentindo segura e querida.



Epílogo

Bayron

Duas semanas após nosso retorno ao acampamento base, a Grande Caçada terminou. Todos os caçadores deixaram Trangor, alguns indo para a próxima caçada, outros fazendo uma merecida pausa. Mas não Belle e eu. Embora a Rainha Atreall – que Belle havia chamado de Maya – tivesse posto centenas de ovos, todos eles ainda estavam na fase de pupa. Levaria mais dez a quinze dias até que as primeiras Operárias Atreall atingissem a maturidade.

Os Ordosianos não precisaram me dizer que seria preferível que eu ficasse por aqui até que os primeiros soldados pudessem assumir seu dever em algumas semanas. Uma vez cercada por seu exército, a rainha não precisaria mais da minha presença para continuar se sentindo segura. Considerando que minha próxima caçada só aconteceria dentro de trinta dias, eu não me importei com o atraso na partida, pois isso ainda nos daria tempo suficiente para chegar lá antes do início. Eu tinha planejado levar minha companheira para fazer compras em alguns dos melhores centros de recreação do caminho, mas poderíamos adiar isso para depois.

Como vantagem adicional, como o acampamento base estaria fechado até a próxima caçada, nós recebemos um segundo convite para ficar com os Ordosianos enquanto eu completava meu papel com a rainha. Eu suspeitei que Serena tivesse desempenhado um papel significativo para que isso acontecesse. Como eu estive inconsciente durante a nossa estadia inicial aqui, eu finalmente pude experimentar a vida em uma aldeia Ordosiana.

Apesar de passar anos viajando por vários mundos e me misturando com inúmeras espécies estrangeiras, pela primeira vez eu mergulhei realmente em uma cultura diferente. Por fim, eu percebi como é possível passar muito tempo trabalhando ao lado de pessoas e não saber nada sobre quem elas realmente são. Eu não conhecia meus colegas caçadores mais do que eles me conheciam.

O choque cultural me atingiu com força. Enquanto os Zamorianos eram extremamente sociáveis, com assembleias regulares, refeições comunitárias frequentes no salão de reuniões e inúmeras atividades

competitivas, os Ordosianos eram exatamente o oposto. Como os adultos comiam apenas uma vez a cada duas semanas ou até um mês, eles não se reuniam para as refeições, nem mesmo com suas unidades familiares. Eles normalmente só se reuniam para eventos específicos, sendo um deles uma dança de ginástica rítmica que Serena apresentava para nós e para toda a aldeia. Geralmente, eles mantinham as atividades em sua unidade familiar, e a maioria deles tinha carreiras que giravam em torno da proteção de seu mundo.

E eu tive a honra de vivenciar tudo isso ao lado deles. Enquanto Serena e minha companheira aproveitavam a oportunidade de nossa estadia para iniciar sua colaboração, Szaro levou Ferach e eu para explorarmos com seu povo. Esse era um termo amplo que incluía ajudar criaturas feridas ou em situação precária, eliminar ou realocar predadores que percorriam seu território e avaliar ameaças à flora local. Claro, nós também realizamos algumas caçadas adequadas às criaturas mais insanas, algumas das quais eu nunca tinha ouvido falar. Nós consumimos totalmente todas as mortes. O que não podia ser comido, eles usavam para fazer armas, materiais de artesanato ou remédios.

Além de abrir meus olhos para um novo modo de vida – não que ele servisse para mim – isso também deu a Ferach a oportunidade de treinar suas impressionantes habilidades em um ambiente real de caça. Ao me reconhecer como seu alfa, ele se adaptou a mim, seguindo minhas instruções. Ele se agachava em sua pele de pedra para parecer uma rocha coberta de musgo marrom-escuro antes de saltar sobre uma presa desavisada que estava ao seu alcance.

Foi com pesar que eu vi a nossa estadia chegar ao fim. Embora eu não defina a evolução do meu relacionamento com Szaro como amizade fraterna, nós desenvolvemos um respeito mútuo honesto. Contudo, o afeto fraterno entre nossas companheiras me comoveu profundamente. Até mesmo deixar a jovem rainha parecia estranho. Mas eu passaria por aqui para ver como ela estava se saindo daqui a seis meses, quando voltássemos aqui para outra caçada.

Na manhã de nossa partida, enquanto a curandeira Teichi removia a marca da rainha em meu pescoço, Belle coletou os incontáveis enfeites de cabelo que ela pediu aos artesãos Ordosianos fazerem para ela – que tecnicamente eram para mim. Eu mal podia esperar para voltar para casa e mostrar minha trança para todos.

Quando nossa nave deixou Trangor, uma parte de mim mudou irrevogavelmente.



Quando eu conheci Kayog na Terra na esperança de formar um casal, eu nunca imaginei o quão completamente isso mudaria minha vida e superaria todos os meus sonhos mais loucos. Nenhum conto de fadas se comparava ao meu felizes para sempre.

Primeiro, eu me casei com o marido perfeito, com um corpo de matar de inveja, que me fazia sentir o tesouro mais querido do mundo e que me dava sequências de orgasmos alucinantes como se tivesse uma cota para manter. E minhas partes femininas aprovaram totalmente.

Em segundo lugar, eu tinha visto e experimentado pessoalmente mais mundos, mais culturas estrangeiras e muito mais criaturas insanas do que a maioria das pessoas jamais tinha ouvido falar. Antes de Bayron, minha carteira não me permitia sair da Terra, muito menos viajar muito. Minha Fera fez questão de me levar por toda a criação entre as caçadas.

Terceiro, todas essas viagens alimentaram uma carreira maluca que eu nunca sonhei ser possível. Meu marido estava certo sobre eles usarem minha ilustração dele cuidando da jovem rainha como uma jogada de marketing. Eles regularmente me encomendavam mais peças, algumas apresentando diferentes caçadores e muitas com Bayron como herói.

Inicialmente, eu fiquei preocupada que eles não tivessem me contratado pelo meu talento, mas sim para aproveitar a fama que se abateu sobre meu marido depois que ele salvou a rainha. As pessoas adoravam uma boa história de redenção. Como Bayron adivinhou corretamente, a OPU e a Federação dos Caçadores o estavam usando para cortejar espécies primitivas relutantes em recebê-los em seus mundos. Ele tendo resolvido suas diferenças com Serena e a amizade que floresceu entre ela e eu só contribuiu para essa bela narrativa.

No entanto, o sucesso retumbante da exibição das minhas coleções pessoais, organizada pela mãe de Serena, acabou com a minha síndrome do impostora. Eu me lembrei dos dias em que quase tinha que implorar às pessoas que me contratassem, e agora eu estava recusando pedidos a torto e a direito. Entre meu trabalho nas enciclopédias de Serena, meu contrato com a Federação e o trabalho em minhas próprias novas coleções, eu não tinha tempo para trabalho freelance.

Francamente, eu considerei abandonar a Federação. Mas, além do salário incrível e da exposição incomparável que eu obtive com essa colaboração, Bayron gostava muito de ser um dos rostos da Federação de Caçadores. Vê-lo se pavoneando, estufando o peito e se gabando para seu clã toda vez que eles publicavam uma de minhas ilustrações com ele me deixou em estado de choque.

Mas minha Fera tinha muito mais do que se gabar.

Graças aos materiais exóticos e aos enfeites que eu adquiri nos vários mundos que visitamos e aos que eu mesmo criei, a trança de Bayron virou uma sensação. Na ilustração dele cuidando de Maya – que eu intitulei A Guarda da Rainha – eu incluí os adornos Ordosianos que teci em sua trança. Depois que a Federação o publicou e se tornou público, as tranças adornadas começaram a virar tendência.

Algumas empresas de cuidados com cabelos e acessórios para cabelos abordaram Bayron sobre acordos de campanha. Uma delas até se ofereceu para vender minha própria linha de acessórios. Eu considerei seriamente, mas acabei recusando. Além de projetá-los, a empresa esperava que eu mantivesse um blog com vídeos de instruções, dicas rápidas e truques para a vida. Eu não tinha tempo para isso. Isso não impediu que blogueiros de moda compartilhassem regularmente fotos do último penteado do meu homem. Embora isso tenha se tornado uma pressão adicional para eu continuar criativa, eu adorei o orgulho que isso provocou nele e, especialmente, os olhares de inveja que isso lhe rendia toda vez que voltávamos para casa. Ver seus companheiros de clã exibindo estilos de tranças semelhantes a algumas de minhas criações anteriores me fazia desfilir tanto quanto Bayron.

A vida era boa.

Durante os primeiros cinco anos de nosso casamento, nós viajamos por toda a galáxia, com Ferach nos acompanhando. Além de se recuperar totalmente, o lobo de pedra ficou maior e mais forte do que a maioria dos machos de sua espécie. Das patas à cabeça, ele media um metro e meio e pesava cento e cinquenta quilos. Na forma de pedra, ele pesava mais de trezentos quilos. Embora ele aproveitasse a vida conosco e agora se juntasse a Bayron na maioria de suas caçadas, nós podíamos senti-lo ficando cada vez mais inquieto.

Perto do nosso sexto aniversário de casamento, Bayron reduziu radicalmente suas caçadas para que pudéssemos passar mais tempo em casa, em Xoccoris, e constituir nossa família. No minuto em que eu removi meu implante anticoncepcional, eu engravidei imediatamente. Com a gente ainda transando como coelhos, isso inevitavelmente aconteceu rápido.

Como Ugrul havia avisado, os bebês Zamorianos eram enormes. Como eu nunca conseguia fazer as coisas da maneira mais fácil, eu acabei tendo gêmeos. Foi tudo diversão e brincadeiras até que eu fiquei tão grande e tão inchada que a caminhada mais curta me deixava sem fôlego e com fortes dores nas costas. Como todas as gestações Zamorianas, a gestação durou dez meses. Apesar dos vários desconfortos físicos com os quais eu tive de lidar, eu valorizei cada momento dessa experiência.

Bayron me mimou com um zelo que beirava a obsessão, atendendo a todas as minhas necessidades, antecipando a maioria delas, alimentando meus desejos mais estranhos e me dando as massagens mais insanas com aquelas quatro mãos. E então todo o clã também interveio. Sua preocupação e cuidado genuínos me comoveram profundamente. Eu achei que finalmente tinha encontrado uma família quando me casei com Bayron. Eu nunca imaginei que isso se estendesse a um clã inteiro. Minhas raízes se espalharam larga e profundamente.

A única nuvem escura naquele céu perfeito era Ferach nos deixando. Nas últimas semanas da minha gravidez, toda vez que Bayron o levava para caçar a carne fresca do dia, o lobo desaparecia na floresta por períodos cada vez mais longos. Quando ele começou a se arrastar por horas de ausência, Bayron lhe deu uma coleira frouxa, com um toque discreto que lhe diria que era hora de voltar. Isso funcionou algumas vezes, mas eventualmente Ferach não voltou.

Por mais que isso tenha partido meu coração, nós sempre soubemos que, eventualmente, o chamado da natureza seria demais para ele resistir. Nós ainda apreciamos os anos que ele passou conosco e o conhecimento de que lhe demos uma chance de um futuro.

Um mês depois, eu dei à luz nossos gêmeos fraternos, uma linda filha que chamamos de Astrasaya — Astra para encurtar — e um filho primogênito chamado Rygarsayek — Rygar para encurtar, que significa invencível em Zamoriano. Ambos eram totalmente Zamorianos, com o dobro de tudo, suas feições eram uma mistura perfeita das do pai e das minhas. Enquanto Rygar tinha meus cabelos loiros indisciplinados, Astra herdou o cabelo preto-azulado do pai.

Nascida pequena para os padrões zamorianos, com o rosto mais fofo, Astra foi ridiculamente adorada por seu pai e seu avô. Bayron ainda teve que acabar com algumas discussões acaloradas entre companheiros de clã — homens e mulheres — brigando para ver quem brincaria com ela e cuidaria dela quando precisássemos de uma babá.

Naturalmente, chamar nossos filhos de “gêmeos” estava fora de questão. Eu me encolhia toda vez que alguém se referia a eles dessa forma, para diversão maliciosa de Bayron. Ele chamou isso de vingança por eu ter apelidado seus pênis dessa forma durante anos, contra sua vontade. Eu os chamava de *dananns*, a palavra Zamoriana para gêmeos.

Nua em frente ao espelho, exceto pela calcinha, eu estava tentando decidir o que vestir para a assembleia daquela noite. Eu comecei a me vestir como as mulheres Zamorianas, com tops curtos e saias longas ou curtas com fenda alta na lateral. Nos anos em que eu morei entre eles, eu superei a vergonha de minha barriga. No entanto, desde que eu dei à luz meus bebês enormes e depois perdi a gordura da gravidez, essas

inseguranças voltaram com acuidade exponencial. Embora a cicatriz da cesariana tivesse sido suavizada até um ponto em que nem era possível vê-la, muita pele extra agora havia se juntado à rede expandida de estrias que agora havia triplicado.

Bayron entrando em nosso quarto me assustou. Instintivamente eu pressionei uma saia na frente da barriga, meu rosto estúpido esquentando como se tivesse sido pega fazendo algo ruim.

— Desculpe por fazê-lo esperar. Eu estou quase pronta. Só me dê um minuto — eu disse, correndo em direção à sala de higiene.

— Belle! — Bayron chamou, sua voz severa e imperativa.

Eu parei e lancei um olhar curioso para ele por cima do ombro. Uma carranca profunda apareceu em sua testa enquanto ele olhava para mim, claramente descontente.

— Chega disso — ele disse em um tom de castigo enquanto caminhava em minha direção.

Surpresa, eu me virei para encará-lo — Chega de quê?

— Abaixе a saia — ele ordenou, ignorando minha pergunta.

Eu imediatamente me contorci, meu cérebro lutando para produzir uma boa desculpa para desviar o assunto — Por quê? Vamos nos atrasar para a assembleia. Deixe-me ir...

— Belle... Abaixе. A. Saia — ele repetiu em um tom que não permitia discussão.

Eu franzi o rosto e apertei os braços em volta da cintura, pressionando ainda mais a saia na minha frente. Meus olhos arderam com uma necessidade irracional de chorar. Bayron nunca me fez sentir pouco atraente. A paixão que ele ainda demonstrava por mim provava que seu desejo por mim não havia diminuído de forma alguma. Mas a cada dia que passava, eu ficava cada vez mais insegura. Perder a gordura da gravidez fez minha barriga parecer pior.

Para minha surpresa, a raiva de Bayron diminuiu tão rapidamente quanto apareceu, substituída por uma expressão profundamente magoada que me atingiu profundamente.

— Você realmente duvida tanto assim do meu amor por você? — ele perguntou.

Eu recuei, pasma com essa pergunta — Não, claro que não! Mas...

— Mas nada! Eu te amo, Belle. Você *inteira*; barriga e estrias incluídas. Você está ainda mais bonita para mim hoje por causa delas — ele disse com força.

Eu fiquei boquiaberta para ele, atordoada demais para resistir quando ele gentilmente abriu meus braços com as mãos principais e tirou a saia de mim com as secundárias. Eu engoli em seco, me sentindo vulnerável e exposta enquanto ele olhava para a pele flácida e esticada ao redor da minha barriga. Meu cérebro não conseguia processar o ar de admiração e adoração em seu rosto.

Ele lentamente se ajoelhou na minha frente, duas de suas mãos mantendo meus braços abertos ao lado do corpo enquanto as outras duas acariciavam minha barriga.

— Estes são o lembrete de que dois pequenos seres perfeitos, meus filhos, agora vivem graças a você e estão sendo mimados por minha mãe enquanto falamos. Ninguém pensou que você seria capaz de dar à luz uma única criança Zamoriana, muito menos duas. E, no entanto, aqui estão elas, fortes e saudáveis — Bayron disse apaixonadamente — Estas são as suas cicatrizes de batalha, os troféus que testemunham a força e a coragem que você demonstrou durante dez meses carregando meus filhos. Use-as com orgulho. Mostre-as ao mundo. Lembre-os de que você, Annabelle Skortheatis, carregou os gêmeos de Bayron sem vacilar.

— *Dananns*, não gêmeos — eu corriji com a voz trêmula, minha garganta quase apertada demais para falar.

Ele bufou e sorriu ternamente enquanto olhava para mim — Não esconda sua beleza de mim, minha companheira. Eu amo tudo em você, especialmente estas.

Lágrimas de alegria rolaram pelo meu rosto quando ele se inclinou e beijou minha barriga antes de esfregar o rosto nela. Eu não tinha ideia do que tinha feito para merecer esse homem, mas jamais seria capaz de agradecer a Kayog e a todos os poderes o suficiente por tamanha bênção.

Um som agudo ressoou em três rápidas sucessões, nos tirando deste momento de ternura. Bayron se levantou e lançou um olhar preocupado para a interface de sua braçadeira. O choque rapidamente o substituiu.

— O que é? — eu perguntei.

— Vista-se rapidamente. Eu tenho um palpite... — ele respondeu enigmaticamente.

Perplexa, eu quase insisti para que ele me contasse, mas seria uma perda de tempo e energia. Eu coloquei a saia e a regata, com as estrias à mostra, e calcei um par de sapatos. Nós entramos em nossa nave pessoal no terraço e voamos para fora do complexo. Para minha total surpresa, muitos dos guerreiros do nosso clã se reuniram fora das muralhas da cidade em uma posição defensiva. Eu levei um momento para perceber o que motivou tal resposta.

A quinhentos metros de distância, perto da linha das árvores da floresta, uma matilha de pelo menos duas dúzias de lobos de pedra olhava para a cidade. Meu coração pulou no peito.

— Ferach... — eu sussurrei, reconhecendo-o facilmente pelo colorinho enquanto ele estava na frente do bando.

É claro, ele nos deixou para se juntar ao seu povo.

Não, não para se juntar a eles, mas para lidera-los.

Ele parecia muito maior que os outros, sem dúvida graças ao aprimoramento que o soro de Bayron lhe deu. Todos esses anos caçando com meu marido também fizeram de Ferach o maior predador. Não me admira que nenhum de seus colegas pudesse desafiá-lo como alfa. O mais estranho orgulho maternal aqueceu meu peito.

Bayron pousou a nave a uma distância relativamente segura — Fique aqui dentro — ele me avisou — Não saia até que eu diga.

Eu balancei a cabeça. Eu não tinha medo de Ferach, mas não tinha ideia de como o resto da matilha reagiria à nossa presença. Felizmente, a postura deles não era ameaçadora.

Assim que Bayron desembarcou, Ferach olhou para a matilha por cima do ombro e emitiu um único latido. Os outros lobos não reagiram, permanecendo imóveis enquanto ele começava a caminhar em direção ao meu companheiro. Lágrimas brotaram dos meus olhos quando os dois se abraçaram. Ferach esfregou a bochecha na de Bayron antes de olhar para a nave, seus olhos brilhando em um azul brilhante.

Meu companheiro gesticulou para que eu fosse. Eu quase corri, dando um abraço apertado em Ferach.

— Obrigada por nos informar que você está bem — eu disse com a voz trêmula.

Ele esfregou sua bochecha contra a minha antes de se afastar. Eu achei que ele iria embora, mas ele emitiu um breve uivo na direção de sua matilha. Meu queixo caiu ao ver uma fêmea se aproximando com três filhotes atrás.

Eu pressionei a mão no peito, mais lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Meu Deus, eu era um bebê chorão patético.

— Não admira que você tenha ido embora, meu amigo — Bayron disse em tom de aprovação — Você tem uma família para proteger.

Ferach nos apresentou sua companheira e sua prole. Enquanto a fêmea permanecia um pouco distante, os filhotes vieram até nós com a curiosidade ousada e descuidada dos jovens e inocentes. Meu peito se contraiu ainda mais, parecendo uma avó orgulhosa.

Antes de nos separarmos, Bayron apontou para a coleira ainda enrolada no pescoço de Ferach. O lobo levantou a cabeça, expondo o pescoço para que Bayron pudesse removê-la. Para nossa surpresa, Ferach retirou a coleira, segurando-a na boca.

— Você quer ficar com ela? — Bayron perguntou.

— Acho que ele quer que você possa chamá-lo, se você quiser — eu disse com uma voz suave.

— Talvez — Bayron respondeu.

Nós fizemos uma carícia final em Ferach e depois o observamos voltar para dentro da floresta, sua família e sua matilha seguindo seu

exemplo. Eu me apertei contra Bayron, que passou um braço protetor em volta dos meus ombros.

Sim, minhas raízes estavam profundamente enterradas, até mesmo na região selvagem de Xoccoris.

FIM



Quer ver mais casamentos incomuns e divertidos de conveniência entre uma mulher humana e um alienígena primitivo? Então dê uma olhada em [Casei Com Um Dríade](#).



BAYRON





GRUMMOLL





STONE WOLF





VOREA





NHARMYTH





ATREALL



OUTROS LIVROS DE REGINE ABEL

GUERREIROS XIAN

Doom
Legion
Raven
Bane
Chaos
Varnog
Reaper
Wrath
Xenon
Nevrik
Rogue

AGÊNCIA PRIME

Casei Com Um Homem-Lagarto
Casei Com Um Naga
Casei Com Um Homem-Pássaro
Casei Com Um Minotauro
Casei Com Wonjin
Casei Com Um Tritão
Casei Com Um Dragão
Casei Com Uma Fera
Casei Com Um Dríade

O NEVOEIRO

Nevonauta
Pesadelo

CONTOS SOMBRIOS

A Maldição do Barba Azul



Sobre o Autor

A autora bestseller do *USA Today*, Regine Abel, é uma viciada em fantasia, paranormal e ficção científica. Qualquer coisa com um pouco de magia, um toque de inusitado e muito romance a fará pular de alegria. Ela adora criar guerreiros alienígenas gostosos e heroínas radicais que evoluem em novos mundos fantásticos enquanto embarcam em aventuras repletas de mistério e reviravoltas que você nunca imaginou.

Antes de se dedicar como escritora em tempo integral, Regine havia se entregado a outras paixões: a música e os videogames! Depois de uma década trabalhando como Engenheira de Som em dublagem de filmes e shows, Regine tornou-se Designer de Jogos Profissional e Diretora Criativa, uma carreira que a levou de sua casa no Canadá para os EUA e vários países da Europa e Ásia.

[Facebook](#)

[Website](#)

[Grupo de leitura Regine's Rebels](#)

[Newsletter](#)

[Goodreads](#)

[Bookbub](#)

[Amazon](#)

[Loja Etsy](#)